

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO**

INEILDES CALHEIRO DOS SANTOS

**NEM MULHERES, NEM NEGRXS, NEM QUEER OF
COLOUR (QOC) NA LIDERANÇA DO FUTEBOL
BRASILEIRO!:**

A INTERSECCIONALIDADE NO ESPORTE

Salvador
2021

INEILDES CALHEIRO DOS SANTOS

**NEM MULHERES, NEM NEGRXS, NEM QUEER OF
COLOUR (QOC) NA LIDERANÇA DO FUTEBOL
BRASILEIRO!:**

A INTERSECCIONALIDADE NO ESPORTE



Orientador: Prof.º Dr. Ivaldo Marciano de França Lima.

Salvador
2021

Santos, Ineildes Calheiro dos.

Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol brasileiro! : a interseccionalidade no esporte / Ineildes Calheiro dos Santos. - 2021.

215 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Ivaldo Marciano França Lima.

Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2021.

1. Discriminação nos esportes. 2. Futebol. 3. Gênero. 4. Raça. 5. Mulheres negras. 6. Sexismo. 7. Teoria queer. 8. Futebol - Mulheres. 9. Futebol - Liderança. I. Lima, Ivaldo Marciano França. II. Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento. III. Título.

CDD 796.334 - 23. ed.

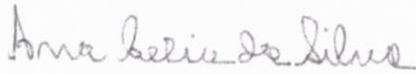
INELDES CALHEIRO DOS SANTOS

Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (Qoc) na liderança do futebol brasileiro!: a interseccionalidade no esporte

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, como requisito para obtenção do título de Doutora em Difusão do Conhecimento. Áreas de Concentração: Modelagem da Geração e Difusão do Conhecimento. Linha 3 – Cultura e Conhecimento: transversalidade, interseccionalidade e (in) formação.

APROVADA EM: 13/04 / 2021

BANCA EXAMINADORA:



Dra. ANA CELIA DA SILVA, UNEB

Examinador(a) Externo(a) à Instituição



Dra. ILEANA WENETZ, UFES

Examinador(a) Externo(a) à Instituição



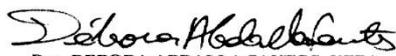
Dra. LUDMILA NUNES MOURÃO, UFJF

Examinador(a) Externo(a) à Instituição



Dr. ALEX ANDRADE COSTA, UFBA

Examinador(a) Interno(a)



Dra. DEBORA ABDALLA SANTOS, UFBA

Examinador(a) Interno(a)



IVALDO MARCIANO DE FRANÇA LIMA, UNEB

Presidente

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, em memória:

Seu Justino e Dona Rocha (Laurinda).

Realizo o meu sonho, tornar-me doutora, apesar de me esbarrar com o racismo, não sendo um percurso tranquilo. E também, ultrapasso a realização do modesto sonho do meu pai (com 12 filhos/as), ver uma de suas filhas professora. Além de ter um grande significado para ele, em sua experiência de vida negra era o máximo que uma mulher negra alcançava. Sei que ele não sabia o que era mestrado e doutorado, para quem tornar-se professora já era tudo.

Não tão satisfeito com minha graduação, pois, apesar de ter realizado o sonho de ter um dos filhos com nível superior, não me via na classe social correspondente, porém, sentia orgulho de mim, falando aos amigos que tem uma filha professora. Cardiopata, o velho não velho se foi aos 72 anos de idade, meses depois que iniciei o mestrado, em 2014.

Meu pai, de estatura pequena e franzino, nunca apresentou fraqueza. Trabalhou sem parar e nunca o ouvi dizer que estava cansado. Mas, o racismo lhe perseguia. Certa vez, ao voltar do trabalho, uma mulher no ônibus disse que ele a roubou. Foi detido, ainda jovem e já casado. Foi liberado ao comprovar com seus materiais de eletricitista que era pai de família e trabalhador.

Eram adeptos da Igreja adventista do Sétimo Dia, aliás, eles pregavam em público, protagonizavam. Minha mãe, cuidadora do lar, nunca falou em inferioridade física, empoderada, falava alto e forte, comandava a pequena instituição filial, a igreja da favela, em um comunidade próxima, ensinando-me e oportunizando possibilidades mais amplas do que aquelas que estavam dispostas para meus semelhantes na comunidade. Ainda adolescente comecei a pregar, falar ao público; cantar em solo e em grupo, protagonizar peças teatrais, dominar o microfone, perder os medos, obter autonomia, força e empoderamento - elementos imprescindíveis para a minha caminhada na academia.

Dois anos após a partida do meu pai para o Orun, defendo o mestrado e adentro ao doutorado. Também presencio o enfraquecimento de minha mãe, em decorrência da perda do companheiro desde sempre, casada aos 15 anos de idade (com quem teve 11 filhos), partindo ao seu encontro, em janeiro de 2017, meses após minha entrada no doutorado. E, igualmente parte com 72 anos de idade. Como diz Zibia Gaspareto: “nada é por acaso!”. Como também não é por acaso o não convencimento do laudo médico sobre a causa do óbito.

Pois, tratava-se de uma matriarca negra, que nunca sentiu sequer dor de cabeça, mas, o tratamento do hospital público, por dias largadas no pátio no setor de emergência, à sua própria sorte, sem direito ao internamento e acompanhamento médico. Isso sim, deu dor de cabeça em todos nós, filhos/as, amigos/as e os tantos de gente que lhe queria bem e entre nós. Dona Rocha se foi, vítima do abandono do Estado – o racismo institucional, mas que não dá no laudo.

Por fim, mas é o começo, encontrando forças entre uma perda e outra, além do enfrentamento ao racismo, o sexismo e outras violências que não vale a pena citar, essa tese é resultado de muitas vitórias e superações, construída à base de muita força, sobretudo, apoiada na força vital, a ancestralidade vivida no próprio corpo.

Portanto, esse doutorado é merecidamente dedicado aos meus pais.

Dona Rocha e seu Justino.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, sinto-me honrada em ter sido contemplada por esta renomada instituição de fomento de Pesquisa, contribuindo para a minha permanência no curso. Às colaboradoras, interlocutoras da pesquisa: Rosana Vigas, Dilma Mendes, Lívia Ferreira, Laura Rodrigues e a ativista militante do MNU Ana Célia da Silva.

Às professoras e ao professor da banca Examinadora, (doutoras) Ana Célia da Silva, Ludmila Mourão, Ileana Wenez, Débora Abdalla Santos e Alex Costa, por aceitarem compor a banca de defesa, pela leitura e avaliação, contribuindo com as sugestões.

À minha extensa família, pelo carinho e apoio, em especial às minhas irmãs, me acolhendo aos fins de semana, espaiecendo-me com boas lembranças familiares e comidas gostosas. Ao meu sobrinho-neto, Kevin, que nasceu junto com este doutorado, suprimo a lacuna da perda da minha mãe, reconstruindo minhas energias, dando-me alegria e força para seguir – simbolizando caminhos prósperos. E ao mais novo sobrinho, Raique, nascido na pandemia, simbolizando nova caminhada e boas energias nascentes.

À minha sobrinha, jornalista e escritora Amanda Julieta de Souza, a quem devo muito, continuamente comigo colaborando nas leituras do texto, transcrição das falas e auxílios tecnológicos, bem como à sua mãe (minha irmã) Jociene Calheiros pelo apoio em meio as dificuldades nessa pandemia, e à sua (nossa) neta, Laura Yasmim de 7 anos de idade, quem, fazendo-me dançar junto me ensinou que “Jesus é um Deus grandão!”. E, de forma especial, agradeço aos meus pais e aos guias espirituais, estes que estiveram (e estão) cotidianamente tirando as pedras e limpando o caminho para que eu pudesse passar.

Essa tese teve amplas contribuições, e em termos oficiais-acadêmicos, foram três grandes mestres/a (doutores/a): Suely Messeder, Eduardo David Oliveira e Ivaldo Marciano. Respectivamente: gênero, feminismo/sexualidades; cultura/tradição; e, modernidade. É com carinho que vos agradeço. Grata ao professor Duda (Eduardo), e com o carinho que sai do âmago, à professora Suely Messeder, orientando-me no mestrado com afeto e generosidade, contribuindo na construção do meu caminho social, acadêmico-intelectual, sobretudo concernente a gênero e feminismo, sugerindo-me a “interseccionalidade no esporte”, imprescindível para que esta tese pudesse ser esta.

Por fim, agradeço enormemente ao orientador Ivaldo Marciano França, pelo seu carinho, paciência e apoio para além da sua competência profissional e intelectual, a quem tenho apreço, admiração e com quem tenho aprendido muito.

Obrigada a todxs!

Poema: corpo-lugar

*De volta a “casa”, caderno sem capa
Se tem comida, não sei, mas sei que tem baba,
A pelada na rua, árvore, muro pra saltar
jogar descalçx, o chão, os pés
na pedra furar, comer a dor para o jogo fluir
jogo e corpo, corpo é jogo, tudo que se tem
E o samba toca, corpo dança tam-(tão)bém
jogando e dançando, dançar resistência
amanhã que não vem
tesoura, chapa, voadora, ca-be-ça-da
O tempo ócio, capoeira convém
carrinho, cabeceio, bicicleta no ar
a simbiose em-pre-ga-da está*

*Trabalhar cedo
lavar carro de branco, vender amendoim
pau da polícia, baculejo violento
experimento ruim
E mulher negra?
roupa de ganho, doméstica, babá,
eis a sina que há
Desviantes ganha a rua e aprende a jogar.
Duro processo “brincante”, corpo-negro a dri-blar
gingar no mundo, no futebol estrear
força, ginga, drible, finta, é o corpo o lugar*

*Brancx vem de outro mundo? privilégio provar
Biológico, gene, natureza, assim justificar
Nada compreende, como subjetivar?
E essx negx danadx,
não pode ir muito longe
A colonialidade no jogo, o modelo, padrão
E qual é a modelagem?
Corpo ginga esconde.*

Poema da autora/pesquisadora (Ineildes Calheiro).

SANTOS, Ineildes Calheiro dos. *Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol brasileiro!: a interseccionalidade no esporte*. 215f. 2021. Tese (Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

Esse trabalho, intitulado “*Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol brasileiro!: a interseccionalidade no esporte*”, baseou-se na hipótese de que não há mulheres, pessoas negras e sujeitxs (caracterizadas como) queer/s (LGBTQI) nas funções de mando, liderança, poder, no futebol brasileiro, consistindo esse problema em resistência para tais inclusões e fortalecendo, assim, a desigualdade de gênero, racial e a heterossexualidade como norma neste setor. Como forma de mostrar esses aspectos, observando as influências, motivações e persistências, esse trabalho, de abordagem qualitativa e descritiva, se apoiou na interseccionalidade e interdisciplinaridade e contou com análise documental (relatórios, recortes de jornal e da web), entrevistas, além de revisão de literatura específica. Para isso, destacaram-se as seguintes perguntas de pesquisa: Por que não há mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) nas funções de mando e poder do futebol? E que fatores influenciaram para naturalizar estas desigualdades nos esportes? O objetivo foi analisar a diversidade no esporte brasileiro, especificamente as categorias mulheres negrxs e queer/s, por meio da interseccionalidade em gênero, raça, classe, território e sexualidades, recortando a modalidade futebolística, destacando as influências coloniais, socioculturais, raciais e políticas que se abatem sobre o povo negro. Os resultados deste processo demonstraram a força do racismo que, ao contrário de se erradicar, volta com força, bem como o sexismo, ambos naturalizados. Apesar de mudanças nas relações entre os sexos no que concerne a alguns espaços no esporte, a resistência à igualdade se mantém nas funções de poder, porém, velada e escamoteada sob o manto do discurso da democracia. Ademais, aparecem com força a influência do discurso de ódio que se atualiza, o androcentrismo e a manutenção da colonialidade de poder. Em suma, um olhar interseccional sobre o esporte brasileiro mostrou que não há mulheres, nem negrxs, nem queer of colour no poder no campo do futebol, enfatizando a múltipla opressão na categoria racial negra.

Palavras chave: Interseccionalidade no Esporte; Gênero/Raça; Queer no Esporte; Treinadoras Negras; Liderança no Futebol.

SANTOS, Ineildes Calheiro dos. Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol brasileiro!: a interseccionalidade no esporte. 215f. 2021. Tese (Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

ABSTRACT

This work, entitled “Neither women, nor blacks, nor queer of color (QOC) in the leadership of Brazilian football!: intersectionality in sport”, was based on the hypothesis that there are no women, black people and subjects (characterized as) queers (LGBTQI) in the functions of command, leadership, power in Brazilian football, this problem consisting of resistance to such inclusions and thus strengthening gender and racial inequality and heterosexuality as a norm in this sector. As a way of showing these aspects, observing the influences, motivations and persistences, this work, with a qualitative and descriptive approach, being based on the intersectionality and interdisciplinarity, conducted documentary analysis (reports, newspaper and web clippings), interviews, in addition to specific literature review. For this, the following research questions were highlighted: Why are there no women, neither blacks nor queer of color (QOC) in the functions of command and power in football? And what factors influenced to naturalize these inequalities in sports? The objective was to analyze the diversity in Brazilian sport, specifically the black and queer women categories, through the intersectionality in gender, race, class, territory and sexualities, profilinng the football modality, highlighting the colonial, socio-cultural, racial and political influences that slaughter the black people. The results of this process demonstrated the force of racism, which, instead of being eradicated, returns with strength, as well as sexism, both naturalized. Despite changes in the relations between the sexes with regard to some areas in sport, the resistance to equality remains in the functions of power, however, veiled and concealed under the cover of the discourse of democracy. However, the influence of the current hate speech, androcentrism and the upkeep of coloniality of power comes to surface strongly. In short, an intersectional look at Brazilian sport showed that there are no women, neither black nor queer of color in power in the football field, emphasizing the multiple oppression in the black racial category.

Keywords: Intersectionality in sport; gender/race; queer in sport; black trainers; leadership in football.

SANTOS, Ineildes Calheiro dos. Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol brasileiro!: a interseccionalidade no esporte. 215f. 2021. Tese (Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMEN

Este trabajo, titulado “¡Ni mujeres, ni negrxs, ni *queer of colour* (QOC) en el liderazgo del fútbol brasileño! la interseccionalidad en el deporte”, está basado en la hipótesis de que no hay mujeres, personas negras y sujetxs (caracterizadas como) *queer/s* (LGBTIQ) en las funciones de mando, liderazgo, poder en el fútbol brasileño, consistiendo ese problema en resistencia para tales inclusiones y fortaleciendo, así, la desigualdad de género, racial y la heterosexualidad como norma en este sector. Como forma de enseñar esos aspectos, observando las influencias, motivaciones y persistencias, este trabajo, de abordaje cualitativo y descriptivo, se ha apoyado en la interseccionalidad e interdisciplinaridad y contó con un análisis documental (informes, fragmentos de periódicos y de la web), entrevistas, además de una revisión de literatura específica. Para tanto, se destacan las siguientes preguntas de investigación: ¿Por qué no hay mujeres, ni negrxs, ni *queers of colour* (QOC) en las funciones de mando y poder del fútbol? Y ¿Qué factores han influenciado para que se naturalizaran esas desigualdades en los deportes? El objetivo fue analizar la diversidad en el deporte brasileño, específicamente las categorías de mujeres negrxs y *queers*, a través de la interseccionalidad en género, raza, clase, territorio y sexualidades, recortando la modalidad futbolística, destacando las influencias coloniales, socioculturales, raciales y políticas que afectan al pueblo negro. Los resultados de ese proceso demostraron la fuerza del racismo que, al contrario de erradicarse, vuelve con fuerza, igual pasa con el sexismo, ambos naturalizados. A pesar de los cambios en las relaciones entre los sexos en el que concierne a algunos espacios en el deporte, la resistencia a la igualdad se mantiene en las funciones de poder, pero, de manera velada y oculta bajo el manto del discurso de la democracia. Además, aparecen con fuerza la influencia del discurso de odio que se actualiza, el androcentrismo y el mantenimiento de la colonialidad del poder. En suma, una mirada interseccional sobre el deporte brasileño señaló que no hay mujeres, ni negrxs, ni *queer of colours* en el poder en el campo de fútbol, enfatizando la opresión múltiple en la categoría racial negra.

Palabras Clave: Interseccionalidad en el deporte, Género Raza, *Queer* en el deporte, Entrenadoras negras, Liderazgo en el Fútbol.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | | |
|--------|----|---|-----|
| QUADRO | 1 | Quadro Sinóptico geral do material empírico | 21 |
| FIGURA | 1 | Cartografia do futebol - O campo de jogo..... | 24 |
| FIGURA | 2 | Avançando no território democrático..... | 44 |
| FIGURA | 3 | Protesto no Brasil pela democracia..... | 44 |
| FIGURA | 4 | Velocista Melania Luz..... | 91 |
| FIGURA | 5 | Encontrando Irenice | 92 |
| QUADRO | 2 | O quadro Sinóptico das interlocutoras | 100 |
| FIGURA | 6 | Rosana Vidas. Interlocutora..... | 101 |
| FIGURA | 7 | Dilma Mendes (Dilminha). Interlocutora..... | 115 |
| FIGURA | 8 | Pôster com lista de jogadoras veteranas..... | 122 |
| FIGURA | 9 | Torneio das veteranas na Arena imbuí/Savador..... | 123 |
| FIGURA | 10 | O jogo rolando no projeto | 123 |
| FIGURA | 11 | Laura Rodrigues. Interlocutora..... | 125 |
| FIGURA | 12 | Ineildes. A pesquisadora | 138 |
| FIGURA | 13 | A pesquisadora em jogo | 140 |
| FIGURA | 14 | Livia Ferreira. Pesquisadora..... | 149 |
| FIGURA | 15 | Dilma treinando os homens: é Campeã | 167 |
| FIGURA | 16 | Dilma na liderança: coordenação e troféus..... | 167 |
| FIGURA | 17 | Rosana em atividade de poder: cartão vermelho | 169 |
| FIGURA | 18 | Atividades juntas: Rosana e Ineildes | 171 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|--|
| QOC | QUEER OF COLOUR |
| LGBTTQI | LÉSBICA, GAY, BISEXUAIS, TRANSEXUAIS, TRAVESTIS, QUEER, INTERSEX |
| CIS | SUJEITA/O IDENTIFICADA/O COM O SEXO NASCIDO |
| AGG | AGENDA GLOBAL DE GÊNERO |
| ANCO | ANÁLISE COGNITIVA |
| FBF | FEDERAÇÃO BAIANA DE FUTEBOL |
| CBF | CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL |
| FIFA | FEDERACION INTERNACIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION |
| MNU | MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO |
| CEDAW | CONVENÇÃO SOBRE A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER |
| CERD | CONVENÇÃO INTERNACIONAL PARA A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL |
| IBGE | INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA |
| M/C | MODERNIDADE / COLONIALIDADE |
| FUT 7 | FUTEBOL SOCIETY |
| ASERCEM | ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA RECREATIVA CULTURAL E EDUCACIONAL PARA MULHERES |
| MMA | MIXED MARTIAL ARTS/ARTES MARCIAIS MISTAS |
| UFC | UTIMATE FIGHTING CHAMPIONSHIP |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|---|----|
| | APRESENTAÇÃO | 15 |
| 1 | CARTOGRAFIA DO FUTEBOL: PANÓPTICO E ANTIPANÓPTICO | 24 |
| 1.1 | AQUECIMENTO PARA INICIAR O JOGO PANÓPTICO: A ESTRUTURA DO CAMPO | 25 |
| 1.2 | COLONIALIDADE DE PODER NO ESPORTE: PANÓPTICA, BIO E NECROPOLÍTICA EM CAMPO | 26 |
| 1.3 | A DIVISÃO RACIAL E SEXUAL DO TRABALHO NO FUTEBOL E A HIERARQUIZAÇÃO, TERRITORIALIZAÇÃO | 34 |
| 1.3.1 | O território e o jogo de valor: entre o Sul e o Norte | 38 |
| 1.4 | O FUTEBOL COMO PLATAFORMA PARA A VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO E A TECNOLOGIA DA PANELA: O PANELAÇO | 40 |
| 1.4.1 | O conceito de gênero e a “cismoldura”: crítica à ciência-CIS | 50 |
| 2. | ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA E A BIOMITOGRAFIA NO FUTEBOL BRASILEIRO | 54 |
| 2.1 | INSERÇÃO E ASCENSÃO DO NEGRO NO FUTEBOL: REFLEXÃO SOBRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM MÁRIO FILHO E O FUTEBOL BRASILEIRO | 58 |
| 2.2 | NEGRX ENTRE ASPAS: ENTRE PARDX E MESTIÇX, RACIALIZAÇÃO E RACISMOS | 64 |
| 2.2.1 | Cenas de racismo | 72 |
| 2.3 | TREINADOR NEGRO | 78 |
| 3. | MULHERES NO ESPORTE. | 85 |
| 3.1. | MULHER NEGRA NO ESPORTE E O CORPO POLÍTICO | 88 |
| 3.2. | MULHER BRANCA NO ESPORTE E A VANTAGEM DA COR: O CAPITAL SOCIAL DE GÊNERO | 93 |

| | | |
|-------|---|-----|
| 4. | BIOGRAFANDO AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS DO FUTEBOL DA BAHIA: A INTERSECCIONALIDADE NO ESPORTE | 97 |
| 4.1 | ROSANA VIGAS: CLASSE, TRABALHO E RACIALIZAÇÃO | 101 |
| 4.1.1 | A racialização | 105 |
| 4.1.2 | O fim da safra “negrx mesmo” no futebol brasileiro | 111 |
| 4.2 | DILMA MENDES (DILMINHA): ESTRUTURA DO FUTEBOL E TECNOLOGIAS DE GÊNERO | 115 |
| 4.2.1 | Refletindo sobre tecnologias de gênero | 119 |
| 4.3 | LAURA RODRIGUES E A COMUNIDADE: DO CRUZEIRO AO ARVOREDO | 125 |
| 4.3.1 | O assassinato de Nalva: a morte dos sonhos? | 133 |
| 4.4 | INEILDES CALHEIRO (A PESQUISADORA): LÉSBICA NEGRA E O QUEER OF COLOUR | 138 |
| 4.4.1 | Lésbica negra: queer of colour/ QOC, queer latinx | 141 |
| 4.5 | LÍVIA FERREIRA E O ATIVISMO LGBTTQI: QUEER NO ESPORTE | 149 |
| 4.5.1 | Transexualidade no esporte | 154 |
| 5. | TREINADORAS, GESTORAS E O ANTIPANÓPTICO: FUNÇÕES DE PODER NO FUTEBOL, O LIMITE DO CAMPO E A INSUBMISSÃO | 159 |
| 5.1 | A TRAJETÓRIA DE “DILMINHA” COMO TREINADORA DOS HOMENS | 164 |
| 5.2 | A TRAJETÓRIA DE ROSANA NO COMANDO | 168 |
| 5.3 | O ANTIPANÓPTICO NO ESPORTE E A MULTIRREFERENCIALIDADE NOS CORPOS: A SIMBIOSE – FUTEBOL, CAPOEIRA E DANÇA | 171 |
| 5.4 | POLÍTICAS PÚBLICAS NO ESPORTE: CHEGA DE PROMESSAS! | 176 |
| 5.4.1 | “(…) Solicitar que esse departamento tenha pelo menos 50% de mulheres”: Cotas de gênero - O projeto que queremos nos esportes? | 182 |

| | | |
|----|--|-----|
| 6. | CONCLUSÃO | 186 |
| | REFERÊNCIAS | 196 |
| | APÊNDICES | |
| | A ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA | 213 |
| | B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 214 |
| | C TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM | 216 |
| | ANEXO | |
| | PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA - CEEP | 217 |

APRESENTAÇÃO

“*Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol brasileiro!: a interseccionalidade no esporte*”, discorre sobre questões de gênero, raça, classe, sexualidades e território, ao mesmo tempo em que problematiza o contexto das mulheres negras no âmbito do futebol, e os modos como a interseccionalidade aborda o problema do androcentrismo, sexismo, a racialização e o heterossexismo normativo, que impedem a diversidade nos esportes. Como explícito no título, a tese implica na problemática em que as mulheres não possuem espaços nos esportes, limitadas à função de atletas, com algumas exceções rasuradas. Preteridas nos setores de maior valor, prestígio e poder, há ainda a racialização, vantagem e o privilégio racial.

E quanto ao uso do “x”, utilizo como uma vogal, transgido as regras, substituindo as vogais “a/o”, quando convier. Kilomba (2019, p. 96) alerta que “a construção do sujeito negro como ‘masculino’ é polêmica porque invisibiliza experiências de mulheres e pessoas LGBTQTIA+ negras”, e tendo como problemática o androcentrismo nas linguagens e suas influências na materialidade do discurso.

Dialogando com a ancestralidade corporificada, aqui ressignificada, desenvolvida na experiência do corpo diaspórico: lugar, rua, chão, natureza, cultura - a “sociovivência”: a experiência imbricada com tudo (conceito que construo nessa busca) no contexto da desigualdade social, que implica em ação e criação possibilitando a construção dos corpos e a arte-corporal na motricidade da vida social: força, ginga, finta, abordando a categoria LGBTQTI negrx, QOC- *queer of colour*, em sua conjuntura. “*Queer*” remete às categorias identitárias Lésbicas, Gays, Transexuais, Travestis, Intersex, enquanto a categoria *QOC* remete à des-universalização do queer ocidental e ao pensamento queer africanx, queer negrx, queer latinx. “*Queer*” é conceituado como o que é estranho, a categoria abjeta, desenvolvida por Judith Butler e aparece no Brasil através de Guacira Louro. No entanto, a corrente decolonial sinaliza de forma crítica sobre a origem do conceito e a influência da América Latina por meio da Chicana Glória Anzaldúa.

Diante do problema do racismo e sexismo na sociedade e da falta de inclusão no esporte, trago como hipótese o próprio título: “nem mulheres, nem negrxs, nem queer (QOC) na liderança do futebol brasileiro”, trata-se da não inclusão das minorias: mulheres, pessoas negras e queer/s neste setor. E sou movida pela pergunta norteadora: Por que não há mulheres, nem negrxs, nem queer/s of colour (QOC) nas funções de mando e poder do futebol: treinadorxs,

gestorxs, e funções importantes da comissão técnica? Que fatores influenciaram para naturalizar estas desigualdades nos esportes? E como melhorar esses problemas?

Com o recorte do futebol, apesar da categoria “trabalho” não ser aqui central, mas, se discute as diversas funções como campo de lazer e trabalho, o amador e o profissional, e verifica-se a força da categoria “trabalho” nesta esfera, vistos nas atividades exercidas (ou não) pelas minorias, como na comissão técnica, em especial as funções de treinadoras e gestoras. Nesse sentido, aludo de forma não aprofundada, a categoria trabalho. A análise se dá entre o futebol nas comunidades, como lazer, amadorismo, e o institucional/trabalho com a ideia do profissionalismo, trazidos nas narrativas das mulheres (colaboradoras) do futebol da Bahia, minibiografadas como produto deste estudo. Pois, embora haja invisibilidade elas são lideranças na Bahia, participantes desde o marco histórico desse esporte neste Estado – que tem os anos 1970 como momento especial.

De jogadoras a treinadoras, árbitras, gestoras e/ou envolvidas de alguma forma com a política do Estado, seja como trabalhadora, candidata ao parlamento, ou ativista encabeçando movimentos, são elas ocupantes de múltiplas funções. O movimento para mudanças e a tentativa de organização deste esporte faz dessas mulheres o carro chefe da permanência do futebol de gênero. Não somente em Salvador. Exercendo influências diretas na formação das jogadoras, incluindo as integrantes baianas da seleção brasileira, bem como sendo e dando as bases para os debates em prol de melhorias.

Assim sendo, destaco suas trajetórias e influências, lutas e conquistas. Com elas contamos um pouco da história do futebol de mulheres na Bahia (e em parte no Brasil), já iniciada, mas, ainda escassa. A partir daí alcançamos a discussão na função de treinadoras e gestoras, que tem início nos bairros, nas comunidades e impulsiona para a luta de igualdade com os homens.

Essa pesquisa foi realizada no PPGDC (Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento), na linha “Cultura e Conhecimento: transversalidade, interseccionalidade e (in) formação”, e o estudo se insere no campo da AnCo – Análise Cognitiva, com a qual aprofundo o debate da interseccionalidade e multirreferencialidade, destacando a diversidade no esporte. E de acordo com Teresinha Burnham (que encabeçou este programa) - em entrevista, a proposta deste programa de doutorado é buscar pluralidade e encontrar possibilidades de interfaces e conexões, que permitam interação entre grupos e comunidades que trabalham com o conhecimento, procurando estabelecer diálogos que reduzam a territorialização e a privatização do conhecimento. (RIOS, 2012).

Este estudo tem uma relação de continuidade com a pesquisa anterior (SANTOS, 2016) e, naquele momento, inclinei o olhar para o setor exclusivo de arbitragem, investigando a participação de mulheres árbitras de futebol profissional, considerando minha experiência nesta função. Na citada pesquisa me aprofundei na teoria da desconstrução, natureza/biologia e cultura observados no pós-estruturalismo, discuti sobre os corpos construídos e compreendi haver uma “política de gênero no esporte”. Pois, uma vez que se alega diferenças biológicas entre os sexos a fim de impedir a participação de mulheres em igualdade com os homens, visto quando se utiliza testes físicos e regras iguais, mas oportunidades diferentes, trata-se de dominação, estratégia e poder.

Desta forma, interpretei como “estratégias” que justificam as exclusões de gênero nestes setores, em que se limita as oportunidades, porém não cabíveis (SANTOS, 2016), porque a igualdade pela qual lutam os feminismos tem caráter social e não física. Contudo, observei que as funções de gestorx e treinadorx, diferente da arbitragem e de atleta, não exigem aptidão/condicionamento físico, ou seja, são atividades que requerem ótima saúde, mas, nas quais não se faz necessário correr, e, no entanto, as mulheres também não estão representadas nesta função.

E assim, foi elucidado a força do poder androcêntrico que adentra às hierarquizações de raça, com um padrão presente no campo e a força do território/região. Essas descobertas me moveram para investigar com afincos esses outros espaços e funções, a questão étnico/racial e outras sexualidades, a fim de complementar a pesquisa. Para este fim, imediatamente adentrei ao doutorado.

Como motivação para realizar esta pesquisa, além da influência dos resultados que citei, houveram lacunas e brechas possibilitando seguir adiante, e outros fatores que justificam a relevância deste estudo, sobretudo sociais, como o racismo, sexismo e homofobia no esporte. Conta-se também o meu envolvimento neste campo como profissional, licenciada em Educação Física (em 2007), ex-atleta de futebol, jogadora e árbitra. Neste campo desde os anos 1994/5, quando iniciei como atleta de futebol e segui como árbitra na função de assistente/bandeirinha (em 2003-2015), integrando a Federação Baiana de Futebol e a Confederação Brasileira (de 2007 a 2014)¹, e como mulher negra me esbarrando com a múltipla opressão: gênero, raça e classe, sexualidade, região (Nordestina), experienciando sexismo e racismo na própria pele.

¹ Sobre a minha exclusão no campo da arbitragem, relato na dissertação de mestrado (publicada), na qual abordo minha trajetória como árbitra, explicitando as atuações, inclusão e exclusão. Apenas farei menção aqui, quando convier. (SANTOS, 2016; CALHEIRO, 2017).

De tal modo, a interseccionalidade veio à tona ao nosso favor, como teoria, método e experiência - ponto de vista, corroborando para a compreensão das questões dispostas nestes contextos anteriormente citados. Percebendo que o problema ultrapassa a categoria “mulheres”, afetando outras como raça e queer/LGBT, adentrei ao doutorado para investigar a questão ampliando para à diversidade. Tendo a interseccionalidade no esporte como objeto de estudo², e o futebol como modalidade esportiva escolhida, em vista de que o “esporte” no Brasil se insere no âmbito do trabalho, ocupação e renda, sediando megaeventos nos últimos anos, ao mesmo tempo em que exclui, veta, segrega e/ou limita as participações das ditas “minorias” nas funções de liderança e poder.

Afirma-se na história do futebol no Brasil a ideia recorrente de que há uma ascensão dos negros neste setor, assim como de que existe a inserção das mulheres no esporte (que vem sendo construída) justificados na ideologia da democracia, sobretudo racial. No entanto, flagra-se a falsa democracia, observando-se que mulher não é uma categoria universal e o racismo prossegue com força nesta sociedade.

Contudo, nas diversas funções do futebol permanece legitimidades e o pertencimento exclusivo dos homens e brancos nos espaços de maior prestígio. Sabendo-se que no Brasil, ao mesmo tempo que se reconhece o racismo, ele é negado, compreender as experiências com o racismo foi determinante para o entendimento do sexismo no desenvolvimento desta pesquisa. Desta maneira, este estudo se preocupa não somente com o problema de gênero e sexismo, mas, igualmente com o privilégio e a vantagem racial.

Objetiva-se analisar a diversidade no esporte brasileiro, especificamente as categorias mulheres, negrxs e queer/s, por meio da interseccionalidade em gênero, raça, classe, território e sexualidades, recortando a modalidade futebolística, destacando as influências coloniais, socioculturais, raciais e políticas que se abatem sobre o povo negro, bem como descrever e interpretar narrativas e analisar o material documental elaborando minibiografias das interlocutoras.

Relaciono “povo”, a um lugar e experiências compartilhadas, como “um projeto de ser uma história [...] às vezes aproximando e convergindo, às vezes distanciando-se e seguindo em direções opostas, é interceptada, interrompida pela força de uma intervenção externa [...]” (SEGATO, 2012, p.112).

²Sugestão da orientadora do mestrado (prof. Suely Messeder), situando-me no campo do gênero, feminismo e sexualidades, e no que concerne ao fazer pesquisa com subjetividades, desde dentro, com o corpo, a “experiência/ponto de vista”. A qual também teve muitas contribuições nesta pesquisa.

A metodologia deste estudo focaliza o conceito de encruzilhada: “cruzamento” e “entrecruzamentos de caminhos” - refere-se á forma como realizei esta pesquisa de abordagem qualitativa-descritiva, seguindo o caminho multirreferencial, intersexual, interseccional e interdisciplinar – Entre e intercruzando. É um estudo INTERSEX por indicar a sua múltipla intersecção que desemboca no campo do gênero, pensando saberes e sentidos do corpo, generificado, racializado, sexualizado, territorializado, classificado.

Trago como recorte o campo esportivo, destacando a modalidade futebolística, e como fonte principal realizo entrevistas semiestruturadas com mulheres que lideram no campo do futebol da Bahia, nas funções de (ex) jogadoras, treinadoras e/ou gestoras comunitárias, e me utilizando destas narrativas, interpreto e construo minibiografias. Todas são mulheres cisgênero(cis)³, negras, nordestinas, ativistas e líderes neste esporte. Duas conheceram o mundo profissional do futebol das mulheres e dos homens no Brasil, enquanto as outras duas dedicam-se às comunidades, sendo uma delas integrante do movimento LGBTQI que insere o futebol no contexto queer.

Chamo atenção para o fato de que neste estudo não há queer não-cis, intersex e transexual do futebol, por eu não encontrar uma interlocutora dessa categoria que contribuísse para o alcance dos objetivos – o que não quer dizer que não há jogadoras futebolistas trans na Bahia, considerando que há transexuais que se autodeclaram lésbicas, gays e/ou bissexuais (BENTO, 2006, p.154). Por tanto, não desejei apenas constatar a existência de trans no esporte, mas mostrar os problemas que impedem tal existência existir neste setor.

Nesse processo realizei quatro entrevistas com interlocutoras do esporte, incluindo-me quando convém, por ser parte desta história, processo conhecido como a pesquisadora desde dentro. Também foi realizada uma entrevista com a ativista Ana Célia da Silva, militante do MNU — Movimento Negro Unificado da Bahia, escritora e pesquisadora das relações raciais, contribuindo para elucidar algumas questões como o racismo atual, considerando sua vasta experiência e trajetória. Incluo a revisão de literatura específica do campo e, como fonte secundária, utilizo o método documental (observatórios, recortes de jornais e de redes sociais além de um documentário) incluindo as modalidades de atletismo e lutas.

Ao detectar a escassez de estudos no Brasil sobre este objeto, o conjunto diversificado de material empírico o conceituei de “encruzilhada metodológica”. Isto é, a múltipla intersecção

³ Quando as pessoas não mudam o sexo com o qual nasceu são caracterizadas “CIS” (homens cis/ mulher cis) independente da sua sexualidade (ou orientação sexual). Mas esse conceito é complexo porque existe pessoas transexuais que não desejam mudar de sexo e se autodeclaram “trans”, como vimos em Berenice Bento (2006, p. 226) sobre reivindicação do direito á identidade de gênero sem cirurgia.

que desemboca na estrada do gênero, dando robusteza a pesquisa, pensando saberes e sentidos do corpo. O que chamei de “metodologia da encruzilhada” surgiu por ter sido construída num emaranhado de ferramentas e materiais empíricos, relacionando objetividade e subjetividade, saberes, experiências, narrativas e epistemologias alternativas, pelo viés da “pesquisa qualitativa” (CAMPOS, 2004 apud SILVA et al., 2007, p. 27-8). Optei pela história de vida tópica (BONI; QUARESMA, 2005), por conduzir o recorte por meio de entrevista semiestruturada devido a esta forma combinar perguntas abertas e fechadas, construindo, assim, as biografias das interlocutoras, fundamentada na experiência – nos caminhos do corpo.

Entrevistas-narrativas-biográficas são um método centrado em sujeitxs. Trata-se de um “study up”, o que significa que é um estudo em que x pesquisadorx investiga membros de seu próprio grupo social ou com status similar (ESSED, 1991; MAMA, 1995 apud KILOMBA, 2019, p. 82). O “study up” juntamente com o método do ponto de vista permitem o fazer pesquisa com reciprocidade, em que ambas as partes se distanciam, não umas das outras, mas, do exclusivismo da objetividade, ao mesmo tempo em que a subjetividade científico-metodológica não substitui a objetividade – ambas não são mutuamente exclusivas, mas, se complementam para a melhor consolidação da pesquisa.

Desta maneira, as epistemologias alternativas guiam os caminhos dessa pesquisa, uma metodologia polilógica, plural, não destituída da objetividade, mas de disciplinas, sendo, assim, uma forma de pesquisa de “desobediências epistêmicas” (MIGNOLO, 2008).

Os conceitos de multirreferencialidade (BURNHAM, 1998, 2012) e a polilógica (GALEFFI, 2003, 2013) centram-se na discussão crítica, portando-se contra a ciência hegemônica, monológica e dominadora, ressignificando-as, centradas no “saber-sendo”. A multirreferencialidade foi relevante para repensar a teoria do ser – teoria dxs sujeitxs na alteridade – e conduz a pensar na multirreferencialidade focada nos corpos construídos na rua, na desigualdade social, no chão, na subjetividade, na experiência imbrincada com tudo. Nesse pensamento crítico pauta-se a decolonialidade (BALESTRIN, 2013), epistemologia que foca x sujeitx localizadx, o território não-ocidental, autorxs (des) autorizadx na experiência, os movimentos sociais, xs sujeitxs-comunidade. É desta forma que a decolonialidade dialoga com a multirreferencialidade.

Reflito sobre o esporte desconfigurado e reconfigurado como palco de guerra e tensionamentos raciais, sexuais e de gênero no Brasil. Os cenários de protestos atuais, ocorridos a partir de 2013 são trazidos por coincidirem com os megaeventos esportivos no país, mas que, todavia, não é mera concidência. E como corpo-testemunho e corpo-memória “derridiano” (RIBEIRO, 2015), testemunhei, participando dos movimentos – Assim, sou partícipe desta

história, do futebol e esportes como local político, concomitantemente experienciando a interseccionalidade e estereótipos no próprio corpo, vivenciando a múltipla opressão na própria pele. Contudo, chamo de *transdução* o ato de transformar marcadores de exclusão em ato de criação.

Teoricamente flerto com o multiculturalismo e o pós-colonial, e fundamento-me nos estudos de gênero, feminismo negro, literatura negra, de escritas nos corpos, estudos queer e de raça, além da Educação Física versando sobre corpos, histórias dos esportes e do futebol, esfera utilizada como meio de aflorar o ódio à diversidade, desarticular movimentos, mas também, como ferramenta de luta, revolução, insubmissão e combate aos estereótipos e como meio de denúncia e conquistas, temáticas discutidas como colonialidades, panoptismo e antipanoptismo no esporte.

Nesta modalidade esportiva se inseriu a modelagem arte, possibilitando a simbiose dos elementos sagrados nos corpos: força, ginga, finta, dança, construídos na rua, como força vital, contudo, combatidos em meio a colonialidade de poder nos corpos (o panoptismo), mas, afrontando e confrontando sendo corpo-político - o antipanoptismo. O corpo negro, corpo-mulher, lésbico e queer são lidos como estrutura política autônoma, confrontando-se com o racismo, sexismo e homofobismo. E, por último, apresento o quadro sinóptico do material empírico que será desenvolvido, a estrutura do texto e uma síntese sobre cada parte.

Quadro1. Quadro sinóptico do material empírico

| CATEGORIA | QTDE | DESCRIÇÃO |
|---|------|---|
| Imagens | 08 | 02: revolução/antidemocracia; 06: mulheres no esporte e suas práticas |
| Documentário | 01 | 1 documentário (procurando Irenice/atleta negra, olímpica). |
| Cenas da Website/rede | 08 | Casos de racismos, sexismo, homofobismo no esporte e na mídia/ redes sociais e observatório racial. |
| Narrativas | 05 | São 4 Interlocutoras - do futebol e me incluo (a pesquisadora). |
| Entrevista com pesquisadora em estudos raciais | 01 | Ana Célia da Silva Pesquisadora, escritora, militante e ativista das relações raciais |

Quadro elaborado por mim, a autora da pesquisa.

Analiso cenas sobre preconceito e racismo no esporte, baseada na website e no observatório racial neste setor, abordo sinteticamente influências de duas corredoras olímpicas, e faço um resumo do significado da atleta negra, do documentário. Realizo revisão de literatura específica do esporte focando o futebol e a Educação física, e sigo para as narrativas com as entrevistas com quatro interlocutoras do futebol. Assim, dando conta dos objetivos da pesquisa,

na qual me incluo nesse repertório, quando convém. Utilizo partes da entrevista por por mim realizada com a Professora Dra. Ana Célia da Silva, militante do MNU — Movimento Negro Unificado da Bahia, escritora, pesquisadora das relações raciais e ativista, contribuindo para elucidar algumas questões como o racismo atual e maiores explicitações sobre as políticas afirmativas para além dos registros publicados, que se tem conhecimento, a fim de saber se as cotas cabem aqui no esporte, considerando sua vasta experiência e trajetória.

Mediante a pequena quantidade de materiais científicos relacionados com a temática abordada, o material empírico diverso foi enriquecedor. E nesse percurso investigativo gerou-se alguns conceitos, como: “sociovivência, cismoldura e minitura”, que deixo para xs leitorxs apreciarem. E assim, essa pesquisa contribui na visibilidade de nossas histórias e do protagonismo em gênero nos esportes, na modalidade futebolística, e em especial concernente às mulheres negras, trazendo experiências e dialogando com estudos da área, contamos uma parte de nossa história e mostramos alguns problemas sociais. Também apresento ideias de intervenções e formas de melhorias, em vista de projetos do bem que visam combater os de natureza tóxicas que mantêm a sociedade nas desigualdades.

Sobre a estrutura - Organizado em cinco capítulos, começo com a apresentação e no capítulo I me inclino sobre a colonialidade de poder no esporte, versando sobre o panóptico, bio-e necropolítica relacionando com a estrutura do campo e ponderando sobre a divisão do trabalho racial e sexual. Sigo discutindo sobre o esporte com o futebol como palco de guerra e ódio, e destaco uma forma criativa, da população na pandemia, requerendo democracia – com a panela: é o panelaço. Com este tópico ligo ao conceito de gênero e feminismo explicitando a “cismoldura”, fazendo uma introdução ao pensamento queer/LGBT e a uma ciência inclusiva.

No capítulo II discorro sobre a “biomitografia” no esporte e a Educação Física – com uma revisão de literatura lanço crítica aos clássicos, confrontando o discurso da ascensão dos negros no futebol e articulo com o racismo, destrinchando o material empírico, o observatório racial, as redes sociais, e outras fontes secundárias, destacando em formas de cenas. Aqui se insere os homens negros, jogadores e a função de treinador demonstrando o limite do campo, lançando um debate teórico sobre racismos, mestiçagem e polarização racial.

O capítulo III é destinado às mulheres no esporte, lançando mão na interseccionalidade neste processo crítico, mergulhada na análise documental, com o documentário, revisão de literatura e outros materiais empíricos, abordo a intersecção entre racismo e sexismo, enfatizando a categoria - mulheres negras, adentrando ao privilégio e vantagem racial e ao conceito de “capital social” com o recorte de uma influente atleta branca.

No capítulo IV dou o mergulho nas narrativas, biografando, biógrafo-me (as minibiografias). Neste formato que me permito formatar relaciono cada interlocutora a uma temática dos objetivos propostos: historicizando o futebol das mulheres entrelaçando raça/racismo e classe, trabalho, organização do futebol, tecnologias de gênero, as influências da comunidade, o lazer e o amadorismo, com essas colaboradoras abordo as perdas, conquistas, o território, as sexualidades. E adentro a temática queer, QOC, destacando a lésbica negra, a partir de minha experiência, dividindo este debate com a ativista LGBT insiro a categoria transexual no esporte, fomentando esse debate que foi espaço aberto na pesquisa anterior.

No último capítulo retomo o debate sobre as mulheres nas funções de poder – aprofundando exclusivamente as funções de treinadoras e gestoras, discutindo conquistas, em especial das mulheres-negras, como resiliências, sendo elas próprias as responsáveis por suas inserções, apesar da instabilidade neste setor, não solidificado para o gênero. Compreendi como rasuras e campo de luta, utilizando com o corpo despadronizado a insubmissão, afronta ao poder. Este fator me levou a pensar o antipanoptismo, com o corpo, criação, liberdade, rua e arte, articulando a construção, ligando antipanoptismo e ancestralidade – Faço essa reflexão.

Por esse prisma é a ancestralidade movimento: o corpo político, o corpo ação, movimento, embebido de luta. A construção dos corpos na rua como sendo o que explica o corpo desvencilhando-os duma perspectiva geneticista, naturalista, biologicista, e até mesmo culturalista. Nada disso cabe aqui, no corpo político de estrutura autônoma – que é uma estrutura de corpo autoconstruído na subjetivação, um aporte para a sociovivência - ao mesmo tempo em que é individual, é também coletivo.

É preciso políticas públicas!

Fecho com o debate das Políticas Públicas no esporte, introduzindo a discussão das cotas para afrodescendentes a pensá-la no esporte - considerando que gênero não é sinônimo de mulher, e raça no Brasil é polarizada, no contexto da opressão e múltipla opressão há categorias ainda mais lesadas. E chego ao fim do jogo com a tese “nem mulheres nem negrx, nem queer of colour/QOC no esporte brasileiro” alcançando os objetivos e confirmando a hipótese, mas, não é o fim.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa com sujeitxs, e possui autorizações das colaboradoras (assinadas).

1. CARTOGRAFIA DO FUTEBOL: PANÓPTICO E ANTIPANÓPTICO

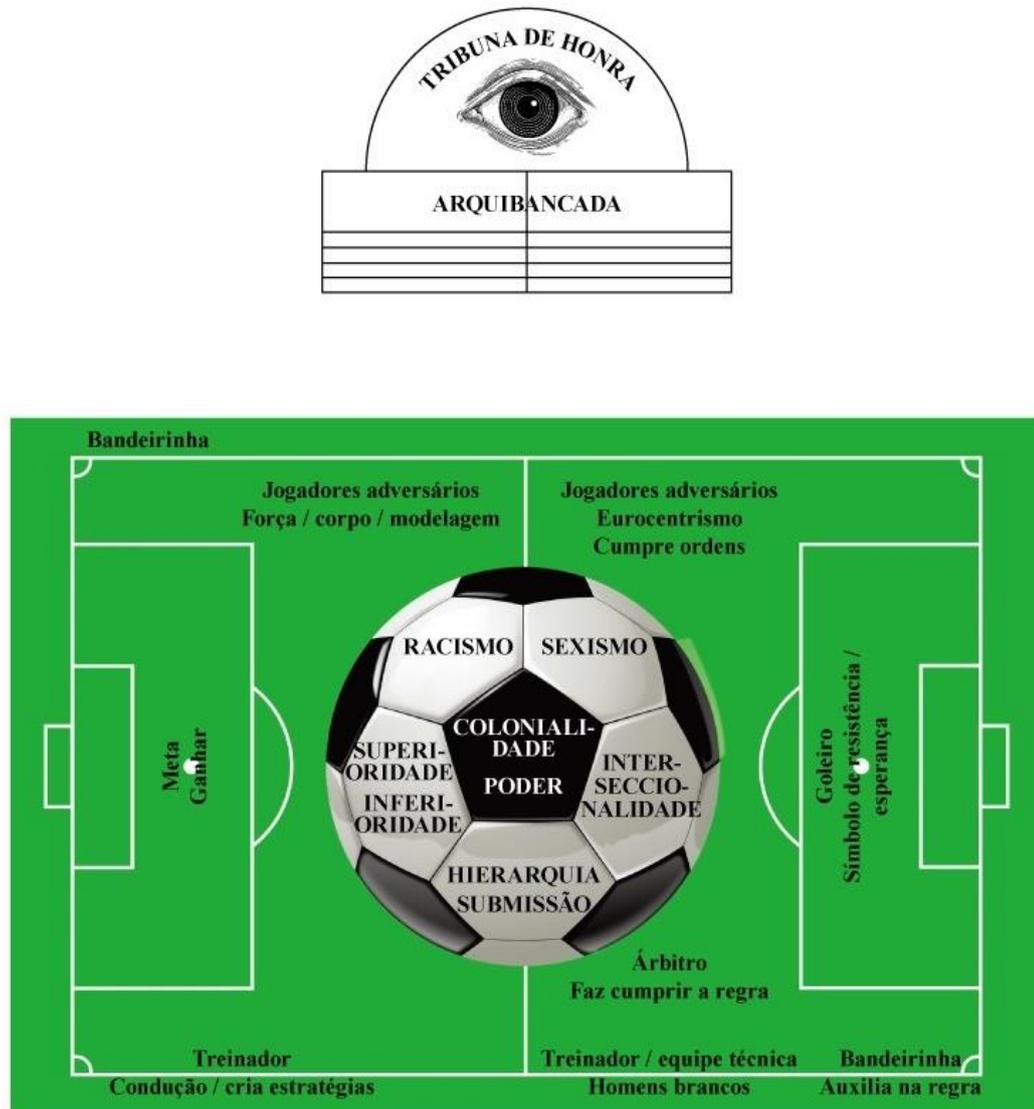


FIGURA 1. Design: Asuka Sawa. Elaborado pela autora da pesquisa.

1.1 AQUECIMENTO PARA INICIAR O JOGO PANÓPTICO: A ESTRUTURA DO CAMPO

A cartografia do futebol apresentada, evidencia o esporte panóptico e a colonialidade de poder, que não se encerra na produção do conhecimento, dando-se em todas as esferas, a exemplo do que ocorre no esporte, sitiado, indicado na cartografia do campo-futebol-jogo, mostrando na contemporaneidade sua forma panóptica, bio e necropolítica, e a exigência da remodelagem do futebol arte para o futebol força. A força que adentra com força no esporte brasileiro se dá por intermédio da ditadura militar e articula-se no futebol do final dos anos 60, quando se inicia a jogada “arte contra força” - nos termos de Roberto DaMatta (1982, p. 109-10).

A colonialidade de poder é presente em todas as esferas sociais, cercado por todos os lados – O estado de sitio no jogo e o campo sitiado, compartilhado aqui, com o conceito de necropolítica de Achille Mbembe (2018). Assim sendo, este debate abre a discussão que visa responder: por que não há diversidade de gênero e raça nos espaços de poder do esporte brasileiro? Por que nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol? E quais as influências socioculturais e políticas?

Desta maneira, cheguei aos conceitos de biopolítica e necropolítica que ajudou a compreender como a colonailidade de poder se deu no esporte brasileiro. E nesta cartografia do jogo, em sentido global o triunfo histórico é para o Norte, este lugar do globo que triunfa e trunfa – em que um prevalece sobre os outros. (Vence em detrimento de valores, por meio de subjugação e aculturação)⁴. E no contexto local? Interligo o debate com essa questão.

O que chamei de panóptico no esporte trata-se do projeto velado que se revela no biopolítico, fenômeno que traz a força das normatizações, e aos olhos de Michel Foucault, tem origem no século XVIII, partindo do discurso, e se agencia de forma concreta constituindo “a grande tecnologia do poder no século XIX: o dispositivo da sexualidade será um deles, e dos mais importantes” (FOUCAULT, 1999, p.132). Teria sido fonte de inspiração para as formações de nações, como países da América Latina, e em particular o Brasil? E, nesse processo, em que se insere a necropolítica?

⁴ O termo aculturação remete à Subjugações culturais, implantação de culturas hegemônicas em detrimento de culturas locais.

1.2 COLONIALIDADE DE PODER NO ESPORTE: PANÓPTICA, BIO E NECROPOLÍTICA EM CAMPO

Uma vez aquecidxs, começa o jogo com a cartografia do campo-futebol-jogo apresentada no design representando a colonialidade. A panóptica, a bio e a necropolítica ajuda a compreender e mostra que há uma interligação dos processos da vida social, cultural, regional, racial, sexual e política dentro e fora do campo e todxs fazem parte do jogo: torcedores - representando a população (segregadxs em lados opostos na arquibancada), há mulheres e queer/s, mas, cada qual no seu quadrado. Desta maneira, inquietou-me saber, em que se inserem os corpos e como se seleciona.

Na cartografia do jogo aparece o poder: as instituições e o Estado representado pelas Federações, Confederação e FIFA, além dos meios de comunicação e os representantes políticos. Invisível (para muitos) que vigia, organiza, fiscaliza a ordem do poder. A arquibancada é representada pelo torcedor, que é o povo, a massa, os pagantes, os que mantêm, de certa forma, a economia do esporte e apresentam tensionamentos em várias dimensões: classe, raça, sexo, geração, deficiências físicas.

Todos ficam juntos e, ao mesmo tempo separados na divisão da arquibancada, implicando na naturalização das desigualdades invisibilizadas. O campo de jogo e suas linhas demarcatórias, não são as fronteiras? O campo não é o espelho da sociedade? A sua estrutura quadrada disfarçada em retangular (suas metragens não são quadradas)⁵. Não seria o campo representação do território, o espaço? As linhas limítrofes do campo é o território, e o campo é sitiado, controlado.

Foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral [...]; se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas [...]. (FOUCAULT, 1999, p.132).

O estádio, a arena e a vigilância - a estrutura, que também é presente e visível na “instituição escolar refletindo na educação brasileira” (LOURO, 2014) fiscalizando os corpos, moldando e os controlando, e por meio da estrutura fechada, enfileirada, organizada, se estrutura os corpos. A hierarquia – a ordem nos corpos, do gestor para o treinador: treinar nos

⁵ Ver: livro de “Regras de futebol” (2009/2010). Publicado pela ANAF – Associação Nacional dos Árbitros de futebol. Regra 1 - o campo de jogo: dimensões (para partidas nacionais) – comprimento da linha lateral: mínimo 90m e máximo 120m; largura: mínimo 45m e máximo 90m. (p.8/9). Vemos que não são lados iguais.

molde do jogo de poder – é destreinar, desmemorar o corpo experiência, treinar a modelagem imposta e adestrar os corpos driblantes, que gingam e fintam, esquiva-se. Mas, as instituições estão de olho. O olho do poder. Os treinadores, a comissão técnica, os gestores – constituídos de homens brancos (TONINI, 2010)⁶, cuja função é executar o projeto e fiscalizar - o olho do poder não pode ser mulheres, negrxs, nem queer.

Os atletas, eis a sua função: dentro do campo, com espaço delimitado, os jogadores são adversários, disputam entre si, superior e inferior, cumprem as ordens, as regras, as normas, os corpos controlados pelos técnicos – os treinadores. Não cabe desobediência e insubmissão, e para a colonialidade não há insubstituível, há substitutos. Estes amedrontam com sua presença, havendo comando para isso. É jogo de poder. Os jogadores representam o corpo-espetáculo.

A polícia em posição de combate – ideologicamente a ideia é pensar se tratar de paixão pelo futebol. Amor à camisa (torcedor) e amor à chuteira (jogador). Tudo supostamente por amor. E, por amor, vale tudo. Mas, o amor é o que não há, de fato, no campo do jogo e no jogo social. Há ordens, normas, regras e controles.

Árbitros, treinadores e sua comissão técnica - representando o poder exercido por baixo (FOUCAULT, 2004), cada categoria com suas tarefas. A equipe de arbitragem não é neutra, nem invisível - os “homens de preto” têm brilhante e importante papel nesse processo: faz cumprir as regras, com a figura do árbitro também masculina em sua grande maioria. Não pode ser questionado, é representado como o juiz de direito, tem o poder maior no jogo. O juiz, se questionado, pode expulsar a equipe técnica, incluindo o treinador (SANTOS, 2016; CALHEIRO, 2017).

E os meios de comunicação, junto com os representantes institucionais futebolísticos, representam a ordem do poder - o Estado se exerce por baixo, mas vem de cima. Na distribuição geográfica do campo/estádio de futebol localizados acima de todos, o que se denomina de tribuna de honra é o panóptico no esporte.

Afinal, o que é o Panóptico?⁷

⁶ O autor, na dissertação de mestrado e tese de doutorado, pesquisa sobre racismo em várias funções no futebol: atleta, arbitragem, treinadores (na tese foca somente em atletas vivendo como jogadores em vários países), e apesar de não tratar de ambos os sexos em suas pesquisas, centrada no sujeito masculino, mostra as funções de poder, no futebol brasileiro, regidas por homens brancos.

⁷ Em “*Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*” (FOUCAULT, 2013, original de 1975) o autor investe na descrição e compreensão do Panóptico. Anos depois, em “*Microfísica do poder*” (Foucault, 2004, originalmente publicada em 1979), no capítulo XIV “o olho do poder”, p. 209-227, há um debate sobre o tema, entre Foucault, Michelle Perrot e Jean-Pierre Barour, no qual adentra ao biopoder, biopolítico.

É um projeto de prisão modelo. É o progresso da criminalidade. Todavia não é apenas um projeto de prisão modelo para a reforma dos detentos reintegrados ao circuito da produção ou às fileiras do exército, como explicita Michele Perrot (2008), é também um plano exemplar para todas as instituições educacionais, de assistência e de trabalho. Seu autor, Jeremy Bentham, jurista inglês, nasceu em Londres, em 1748. Por ter sido uma decepção para o seu genitor, por não ter atuado como advogado e não logrado cargos políticos, era tido como um inútil. Portanto, elaborou esse projeto utilitarista, e se inclinou a desenvolver o projeto da violência nos corpos.

O inventor do Panóptico, ou da casa de inspeção, é utilitarista e, a priori, é o próprio inspetor (PERROT, 2008). Universalizou o projeto investindo por meio do que chamou de *methodization* - Explicando o método, Jacques-Alain Miller (2008, p.109-10) informa que trata-se da importância da vigilância manter os registros cronológicos, as tabelas da população, levantamentos de estoques, relatórios de conduta moral e de sanidades, registro de reclamações, de punições, etc.

Pensado e arquitetado na Inglaterra, mas é adotado em outros territórios. Segundo Michele Perrot (2008), na França, Bentham propõe o Panóptico: um plano de um imenso cárcere para dez mil pessoas, que deveria reunir todas as categorias de condenados e todos os tipos indesejáveis, tratava-se de uma espécie de prisão-jardim. O panoptismo conquistava os arquitetos franceses, universaliza-se se estendendo em rede: EUA, Europa, com a França tornando-se o modelo de Administração (PERROT, 2008, p.144-5). A regra e o modelo foram seguidos em suas variáveis, formas e dimensão. É o Plano inglês aperfeiçoado. O panoptismo toma o poder.

Para Foucault (2004, 2013) não se trata apenas de um esboço arquitetônico submetido à escolha dos homens de Estado, mas uma dessas utopias pela anarquia dos fluxos da produção e do comércio. Os significados do Panóptico são múltiplos – compreende Perrot (2008, p. 127). O panóptico é o projeto ocidental, do controle dos corpos, a prisão dos que estão fora dos padrões. É velado, invisível, escondido, camuflado – tem uma visão panorâmica de onde se vê, cujo objetivo é ver sem ser visto, e violentar através do controle, sem ser combatido (FOUCAULT, 2004, 2013; PERROT, 2008). Os corpos foram separados por especificidades, ditos incapacitados, loucos, delinquentes.

Uma grande questão do Panóptico era o caráter secreto - a máquina sigilosa do poder: o estado jurídico, legislativo, executivo, classificando os ditos improdutivos, vagabundos, desempregados, mendigos, e os perseguindo. Contudo, assinala Foucault, sob o projeto: duas classes políticas foram constituídas: os adeptos e os opositores. Em *“Vigiar e punir – história*

da violência nas prisões” (FOUCAULT, 2013)⁸ o panóptico que parece utópico, entretanto é o discurso materializado, onde o autor aborda os elementos desse desconhecido projeto, e que funcionou nas sociedades.

No sentido estrito do termo, o Panóptico não chegou a ser realizado, mas modificou pouco a pouco o sistema e a arquitetura (penitenciária) com o princípio de vigilância central. O modelo, a casa/edifício, a forma e dimensão, etc. (PERROT, 2008, p.152) é adotado na sociedade, e para se tornar um projeto invisível e possível, dentre as estratégias estava em não difundi-lo – trata-se do sigilo. A obra Panóptica escrita jamais foi difundida em livrarias, porém, se disseminou como ideologia, em todos os cantos, derivando no que esta autora compreendeu como “o Panóptico na encruzilhada” (p. 157).

Divergindo de Foucault quando este entende que as mulheres foram partícipe deste projeto de dominação, com a forte influência da igreja, internato, escola, hospitais ficando por parte das mulheres (freiras, professoras, entre outras), Perrot observa que nessa conjuntura as mulheres não foram poupadas. A discussão de gênero no projeto Panóptico é alavancada pela autora, para quem, essas mesmas religiosas, nos famosos internatos do século XIX desempenharam um papel importante na criação de uma mão-de-obra feminina. Assim, sua discussão se inclina sobre mulher e divisão do trabalho. No entanto, no debate entre xs autorxs a raça e o racismo são subsumidos.

Quando analiso o estudo de Lyn Ossome (2018, p. 59) elencando xs “sujeitxs” mais vulneráveis em território africano: xs “outrxs abjetos”: imigrantes, criminosxs, soropositivxs, prostitutxs, moradores de rua, sendo estes xs descartadxs dos territórios do continente africano – observo que nenhum lugar foi isentado do plano panóptico e do biopoder, e não se trata tão somente de lugar, mas de corpos, e não somente de corpos, mas, de corpos racializados e sexualizados.

Contudo, o biopolítico, entre origem e desenvolvimento, tem uma linha imaginária e parece esconder o real. E nisso se insere a necropolítica. Achille Mbembe vê o real, e entende que a biopolítica, o biopoder limita-se, e com “o imaginário europeu, coloca a questão crucial da domesticação da guerra e criação de uma ordem jurídica europeia” (MBEMBE, 2018, p.33). Para este autor camaronês no corpo político “o real se apresentará tal como ele é verdadeiramente” (p.23-4). E a política da raça está relacionada com a política de morte. Conforme o autor, “necropolítica” amplia as noções de biopolítico por não dar conta das formas de submissão da vida ao poder da morte. Dando um mergulho mais profundo, discute no seu

⁸ Publicada originalmente em 1975.

tempo, contemporâneo, mostrando a raça como fator determinante. De certa forma me permitiu encaixar a interseccionalidade.

Nota-se o desenvolvimento do biopoder, biopolítico, atingindo em seu conjunto – a população e as sociedades, investindo na estrutura. Estrutura-se. No entanto, há corpos que desestabiliza a estrutura. Contudo, não escapa as consequências. Sendo o Pós-estruturalismo a corrente de pensamento que mostra que os corpos se formam e se constroem (LOURO, 2014), convém observar como estes corpos são construídos ou reconstruídos na colonialidade de poder.

Tornando-se corpos potentes, de estrutura política-autônoma, com suas vozes - vozes do corpo, no confronto afronta através do corpo as normatizações, com o qual combate o jogo da colonialidade de poder panóptico e necropolítico, no campo do gênero e do sexismo, da raça/etnia e do racismo, da classe e do capitalismo, do território e regionalismo, da sexualidades e do homofobismo e os seus tantos “ismos” que a interseccionalidade permite ver. Mas não sem as consequências.

Viviane Silveira (2013) discorre sobre a tecnofabricação dos corpos nos e através dos esportes como forma de dominação, e por outro lado, de tecnologia de gênero. E assinala o espanto institucional aos corpos que fogem as regras – sem ter como regular tais corpos, a saída é banir-lhes dos esportes – a exclusão. Violência que atinge de forma majoritária as mulheres. E o surgimento do doping - formas veladas e atuais de controles dos corpos e das sexualidades. Longe da preocupação com a saúde e/ou do fair play (ética) - jogo limpo. O corpo esportista, para as instituições, significa: corpo de homem e de mulher, e a fiscalização de doping, é o discurso que esconde a tecnologia de gênero.

Trazendo um cenário e articulando corpo, jogo, cultura, vida, colonialidade de poder e corpo sitiado no futebol, é oportuno abordar um feito ocorrido com o jogador baiano, negro, de corpo encapetado - O capeta Edilson. Na história, antes mesmo de entrar já está fora: é expulso da seleção brasileira. O seu corpo artístico o expulsa, não o poder examente. Assim se manteve o discurso de poder. Portanto, não é compreensivo, até porque, como diz, o ato criativo era elemento de praticidade. O ator do corpo-arte, multimotor, pluralístico, desabafa sobre este momento.

“Edílson relembra embaixadinhas⁹: 'O ruim é que eu fui cortado da Seleção'.

⁹ Embaixadinha é compreendida como o domínio e controle da bola nos pés, mantendo-a no ar, sem a deixar cair.

___ Eu fazia muito isto no treinamento e fiz sem pensar nas consequências, mas acabou tendo esta confusão toda. Eu fui cortado da Seleção e o Ronaldinho Gaúcho foi no meu lugar - lembrou o ex-jogador.¹⁰

Sobre o ocorrido, se deu no confronto entre duas equipes de elite – Corinthians e Palmeiras. O ex-jogador afirma nesta reportagem que sempre fez essa “arte-corporal” com a bola e nunca foi proibido. Sem compreender (naquele momento) Edilson parece se espantar, mas, é a forma como se apresenta a colonialidade de poder no esporte. Substituído (por Ronaldinho Gaúcho), entra o substituto.

Conceituado para a seleção brasileira e ao mesmo tempo cortado do elenco por ter realizado a arte da embaixadinha – o domínio e controle da bola nos pés, no ar, ou seja, manifestação de domínio de bola, habilidades motoras corporais, futebolísticas, que dar uma ideia de autodomínio. É o ato de comandar o próprio corpo. No entanto, foi visto pelos agentes do poder como uma questão negativa, afronta ao adversário. Violência. Ou se trata de afronta ao panóptico e a bio-necropolítica? Com a simbiose nos corpos interligando tudo, não teria, o jogador, sido visto como estimulador de movimento-corpo-insubmisso?

Eis o panóptico e o bio-necropolítico no esporte que age sobre os corpos construídos na rua (CALHEIRO; OLIVEIRA, 2019).

Não quero aqui entender precocemente esse dado como constitutivo de um projeto que visa remodelar a seleção da “boa aparência”, esta, que desde o fim da década de 1960 vem se remodelando na força. Contudo, por acaso, o substituto, negro de tonalidade mais clara, com seu comprido cabelo, é menos capeta do que o “capeta real”?

O fato é que, essa vertente do limite imposto aos corpos ocorreu em território brasileiro, racialmente polarizado, e aqui, tudo passa pela raça, logo, é também precoce afirmar que este fator não está associado a raça. Nisso convém o compartilhamento do conceito de “necropolítica”, em que: “biopoder, estado de exceção e estado de sítio é o que concatena a formação mais original do terror (MBEMBE, 2018, p. 31). O corpo sitiado no Estado de exceção e a soberania.

Para este autor a população inteira é alvo do soberano, a vida cotidiana é militarizada e é outorgada liberdade aos comandantes militares, para usar seus próprios critérios: disciplinar, biopolítico e necropolítico. “Essa combinação possibilita ao poder colonial dominação absoluta

¹⁰Edilson relembra embaixadinhas.

Consultado em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/arena-sportv/noticia/2011/10/edilson-relembra-embaixadinhas-o-ruim-e-que-eu-fui-cortado-da-selecao.html>. (14/11/2017).

sobre os habitantes do território ocupado” (MBEMBE, 2018, p. 48). Um questão que é particular ao país é sua exclusão racial, sexual e a liderança branca e androcêntrica.

linguagens aparecem nesse ato embaixador de Edilson, como forma de não se abaixar á colonialidade de poder. A “embaixadilha”, que é o domínio da bola, vem acompanhada da ginga, drible, finta, esquivas e força, e que é o comando de si, supõe-se múltiplas saídas, fugas e antipanoptismo. E que relação esta cinestesia tem com a ancestralidade? Ao falar de múltiplas saídas é falar de saberes, multirreferencialidade – esta que é flagrada nos corpos. O corpo multirreferencial, antipanóptico¹¹.

O futebol bonito, da ginga, do drible e da finta que ganha o cenário em campo e se apresenta na Copa do Mundo desde sua origem (1930), perde a beleza para a força do capital, globalização, capitalismo, dominação e violência, imposta na remodelagem dos corpos dos jogadores de futebol, que, no Brasil, se inicia como esporte de homens brancos (SANTOS, 1981; MÁRIO FILHO, 2010) e tem a “força” como técnica e tática (FLORENZANO, 2014). Muda para a modelagem-arte quando os negros são inseridos. (SANTOS,1981; MÁRIO FILHO, 2010; RISÉRIO, 2007). Por isso a relação futebol-arte com os negrxs. E, desta forma, o episódio da exclusão do ex-jogador, traz estranhamento.

Pergunto: o “preto” é capeta ou o “capeta” é preto? Aqui há um elemento alusivo ao debate que encadeou esta pesquisa no processo da encruzilhada – e o meu intento, com isso, é provocar para se pensar religião e ciência. Os elementos característicos da/das religião (religiões) como possibilidade de cientificar os caminhos que se entrecruzam e inter cruzam-se, na subjetividade em meio a subjetivação, importante para se constatar um fenômeno e perceber o corpo nesse emaranhado.

Diferença, identidade e representação é alvo do poder. No trato com o corpo as culturas se imbricam com os paradigmas da diferença, identidade e representação, ao mesmo tempo em que o elemento “cultural” é um fenômeno propulsor de forças destrutivas, é também desarticuladora, tornando-se arma potente de confronto. “A cultura é o germe da contestação” (CABRAL *apud* VILLEN, 2013, p.186). Compreendendo “cultura” como jogo de poder, para Muniz Sodré (1988, p. 53) este termo se constitui na metáfora do movimento do sentido, entendida como busca de relacionamento com o real, lugar de extermínio do princípio de identidade.

¹¹ O debate relacionado ao antipanóptico e a multirreferencialidade será aprofundado no final deste estudo.

Nesta “interpretação das culturas¹²”, pondero no fenômeno que chamei de “sociovivência” — termo que indica não tão somente experiência, vivência social, mas a modelagem “vida”: o corpo-movimento-no-movimento-social. O termo/conceito foi aqui criado em alusão à experiência social e suas intersecções subjetivas, em meio às ações corporificadas, aos movimentos que nos movem, às transformações, ao novo, baseando-me no pensamento crítico da cultura/tradição e modernidade (HOUTUNDHI, 2008).

Considerando as relações entre desejo, poder e subjetividade (SPIVAK, 2010), esse corpo-ação-acionada é pensado como subjetivação, elemento antipanóptico. Preto-capeta, capeta-preto. A representação do capeta. Este estereótipo negativo que se conceitua como “diabo”, e tem relação com tentação – atentado e atentador. Ao mesmo tempo alude ao preconceito religioso em relação aos elementos sagrados da religião afro-brasileira de matriz africana.

O candomblé (SIQUEIRA, 2006), remetendo-se ao Orixá “Exu” e suas características que agrega amplo movimento e arte (mal) interpretado como astúcia. Ou, o conceito de “astúcia” (esperteza) foi ressignificado como diabrura. “Capeta” e “Exu” são sinônimos, entretanto, Exu é o Orixá da Comunicação (OLIVEIRA, 2007). Comunica-se corpo, matéria, céu, espiritualidade, cultura, terra, movimento, ancestralidade.

“O estado de sítio e o muro ocidental” (MBEMBE, 2014), o controle do Estado de exceção, o corpo sitiado, a dominação através dos corpos (MBEMBE, 2108) é a necropolítica. Como afirma o autor (MBEMBE, 2018) tal conceito se justifica pelo fato do biopolítico, biopoder não dar conta de compreender em sua totalidade, apesar de que, mira os corpos, não enfatiza a raça e os territórios.

O autor ao analisar o biopolítico observa a importância de avançar nessa compreensão e insere o Estado de sítio e de exceção nesse fenômeno. Introduzindo o jurídico, o lugar, o espaço, a vila, as cidades sitiadas, delimitada, cercada, isolados do mundo, e explicita sua proposição sobre formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte – a necropolítica.

A cartografia do futebol é o retrato da sociedade, colonizada nos termos da colonialidade de poder (QUIJANO, 2002, 2005). Neste panorama panóptico-bio-necropolítico, tem aí seu deslocamento em termos de projeto. Sua inserção, a priori é invisível, contudo atravessa as fronteiras e ganha dimensão e visibilidade. No entanto, há corpos que desestabilizam a estrutura. E, conforme interpreto, na necropolítica o estado sitiado interseccionou os corpos. A

¹² Fazendo alusão ao texto clássico “A interpretação das culturas” (GEERTZ, 1978).

raça, o gênero, a classe, as sexualidades, o território – sendo o corpo movimento, moveu-se, move-se, insurgiu, surge, subverteu, subverte.

As vítimas acusadas de corpo-infração são expulsas: a nadadora, atleta da análise de Viviane Siveira (2013) e o atleta jogador de futebol. A expulsão eterna e o trauma, a dor. A proibição da fluidez do corpo que extravasa as fronteiras do próprio corpo, múltiplo-motor, corpo-arte produtor, que ao mesmo tempo que domina a bola, dança, mas é dominado. É agora um problema no esporte. Corpos-problema.

O que tem no corpo? Força (vital)? Dança? A moçambicana Paulina Chiziane (2004) descreve os mistérios da música, canto, poesia e dança como fator de modo de vida, uma relação de descendência e ancestralidade: dança é sagrada. É magia, é para a leveza da alma, para esquecimentos e memórias.

Enquanto eu soluço a imagem dança. Paro de soluçar e fico em silêncio para escutar a canção mágica desta dança. É o meu silêncio que escuto. E o meu silêncio dança, fazendo dançar o meu ciúme, a minha solidão, a minha mágoa. A minha cabeça também entra na dança, sinto vertigens. Estarei eu a enlouquecer? [...] Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para o fundo da terra todos os males que me torturam. A dança liberta a mente das preocupações do momento. A dança é uma prece. Por que é que não danças? Dançar a derrota do meu adversário. Dançar na festa do meu aniversário. Dançar sobre a coragem do inimigo. Dançar no funeral do ente querido. Dançar à volta da fogueira na véspera do grande combate. Dançar é orar. Eu também quero dançar. A vida é uma grande dança (CHIZIANE, 2004, p.16).

A pisada da dança é para mandar para debaixo da terra os pesares. Para essa escritora moçambicana dança-se para comemorar as alegrias e para afastar as desgraças. Dança-se para a vida.

1.3 A DIVISÃO RACIAL E SEXUAL DO TRABALHO NO FUTEBOL E A HIERARQUIZAÇÃO, TERRITORIALIZAÇÃO

O futebol, no Brasil, é uma modalidade esportiva inserida na esfera do trabalho profissional desde os anos 1933 (SANTOS, 1981; MÁRIO FILHO, 2010; FRANCO JÚNIOR, 2007; OLIVEIRA et al, 2011), categoria exclusivamente profissional para os homens, porque o futebol das mulheres, historicamente se encontra fora do mundo do trabalho e dos respectivos direitos trabalhistas (MORAES, 2014; JORAS, 2015). E, devido a força das fábricas e

indústrias no que tange às competições futebolísticas, esta modalidade de esporte tornou-se conexas ao mundo do trabalho.

“Formou-se uma tradição de futebol amador praticado em clubes de fábrica criados por intermédio dos próprios trabalhadores, mas com o apoio das empresas [...]”. (ANTUNES, 1994, p. 104). Os operários foram também jogadores quando bons de bola. Ainda assim, rememorando a escravidão e o pós-escravidão, bem como, o início do futebol no país que coincidiu com o fim do regime escravocrata, e que na real, nem foi o fim, de fato, é importante questionar: de que homens estamos falando?

O estudo de Mário Filho (O negro no futebol brasileiro) me permitiu interpretar que ao destacar-se como bom jogador de futebol, muitas vezes essa habilidade significou inclusão para os homens negros no mercado de trabalho, no setor das fábricas e indústrias. Entretanto, essa correlação: trabalho e futebol não me pareceram sistemática para a categoria “homens brancos”, estes que, pelo privilégio racial caracterizava o perfil do trabalhador formal, institucional, incluído, sem, necessariamente ser bom de bola para trabalhar.

A divisão racial e sexual do trabalho analisada por Lélia Gonzalez (1979) levou a constatação de dois grandes grupos de trabalhadores no Brasil: a massa marginal (excluída, desempregada, ou trabalhadores informais, de funções manuais e trabalhos de força, sem renda fixa, ambulantes, autônomos) e a massa incluída (trabalhadores assalariados, reconhecidos, servidores públicos, etc.). Essa mesma categoria incluída aparece em superioridade racial, e é que vai progredir na globalização, beneficiando-se dos créditos bancários e demais vantagens cidadã (GONZALEZ, 1979), caracterizando a população da classe média brasileira, na formação desta, como discutiu o geógrafo brasileiro e negro, Milton Santos (2000).

Por meio da geografia, território, lugar, comunidade, economia, povos e democracia (ou corpos), Milton Santos entendeu haver uma geopolítica, uma geograficidade – geografia, sociedade e espaço (FARIA, 2009) advogando “*por outra globalização*” (SANTOS, 2000), compreendeu que esta, não chegou para todos os povos brasileiros. De tal modo, o país foi se estruturando e naturalizado, isto é, fincado na desigualdade racial, pelo fato de a desigualdade social ser de teor racial. Desta maneira, raça, gênero e classe se interseccionam – e o conceito de interseccionalidade melhor se encaixa para tais compreensões.

O treinador, pode ser mulher? E pode ser negrx? Sendo o futebol o esporte viril e de masculinidades (EUSTÁQUIA; ALTMANN, 1999), igualmente sendo o esporte ideologicamente considerado dxs negrxs, e “conforme os discursos hegemônicos homens e mulheres negros/as possuem a força [...] mas quando direcionamos o olhar para a liderança

desse esporte, o cenário muda de lógica e de cor. Nessas funções os/as negros/as não dispostam.” (CALHEIRO, 2017, p. 216-7). A divisão racial do trabalho.

E discutindo sobre a divisão sexual do trabalho e a compreensão da desigualdade (sexual), para Helena Hirata e Danielle Kergoat (2007) no ofício das profissões há dois princípios organizadores da divisão social do trabalho, válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço: o princípio de separação - trabalho de homens e trabalho de mulheres; e o princípio hierárquico – trabalho de homem vale mais que trabalho de mulher (p. 596-7), ainda que o mesmo trabalho seja realizado pela mulher o valor diminui. Para estas autoras a desigualdade do trabalho reflete na utilização da diferença sexual para hierarquizar as atividades na distribuição do trabalho, criando um sistema de gênero (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.597).

Observo que o gênero é aí limitado, e se ampliarmos esta noção não o vendo como sinônimo de mulher conforme assinala o feminismo, pessoas transexuais e categorias humanas fora dos padrões também devem ser inclusas nesse sistema. Por estas razões, categorias humanas criam pensamentos e movimentos alternativos visando causas particulares, por não serem compreendidas ou por serem toleradas - uma categoria diferente, sem direito à legitimidade, e destaco dois pensamentos: o feminismo negro (COLLINS, 2017; BARBOSA, 2010) e o transfeminismo (BENTO, 2006; JESUS, 2014).

Angela Davis (2016) aborda o trabalho à luz da escravidão e do capitalismo e impulsiona a refletir que, se o trabalho doméstico, na maioria das vezes, não remunera as mulheres e, ainda assim, passa a ser inserido pelas feministas como trabalho, luta esta, que ainda está em jogo, mesmo que não sendo uma competição mas um direito inerente aos direitos humanos. Igualmente é preciso ver, que o trabalho escravo, da pior forma possível, articulando patriarcado, colonização, modernidade e escravidão colocou as mulheres negras na linha de frente no mundo do trabalho. E isso vale para todas as sociedades. Sem pretender ignorar a luta e opressão da categoria camponesa, feminismo e gênero no campo.

Na divisão do trabalho no esporte e em particular o futebol, as ex-jogadoras são limitadas à função de atleta sem direito a ter direitos iguais ao sexo oposto. Além da função de atletas, a comissão técnica e a arbitragem estão inseridas no campo do trabalho, ocupação e renda, funções rentáveis no esporte. Esta última categoria foi sancionada no campo do trabalho formal, no Brasil, em 2013, pela Presidenta Dilma Rousseff.

Sobre o reconhecimento da profissão, recentemente essa atividade passa a ser incorporada no âmbito formal das ocupações, através da Lei Nº 12.867, de 10

de outubro de 2013, na qual, segundo expressa a presidenta da República: “[...] o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei” que regula a profissão de árbitro de futebol e dá outras providências (SANTOS, 2016, p.55).

Conforme analisei nesta pesquisa anterior, as mulheres negras e as da região do Nordeste tendem a ser mais afetadas e excluídas pelas hierarquias racial e regional, enquanto que o padrão de beleza (a loirização) entrou em ação, revelando-se no campo do esporte, apesar de sempre ter estado lá de forma velada. Marcel Tonini (2010) discorrendo sobre a vida de negros no futebol mostra que o comando é de homens e brancos. A ideologia da superioridade racial influencia neste cenário de cor, notável no estudo de Carlos Alberto da Silva e Sebastião Votré (2006) discutindo a ideologia do embranquecimento no Brasil e o racismo, destacando as imagens racistas das Copas.

Do outro lado o sexo e o poder do macho estruturou o campo esportivo segregando o trabalho, como esclarece em seu relato com sabor de desgosto, a ex-jogadora Olímpica Aline Pellegrino, no comando do futebol das mulheres. Sem direito a autonomia revela o que ocorre nos bastidores - a dificuldade de implantar sua metodologia: “[...] a grande dificuldade é isso [...] da minha parte, eu colocava isso em prática, mas você ter a outra turma, o preparador físico, o preparador de goleiro, o diretor, o presidente, que pensam de uma forma diferente por N motivos.” (PELLEGRINO, 2014, p.3 apud JORAS, 2015, p. 93).

Compreende-se, quem seria “a outra parte”, quando a mesma conclui seu relato listando as funções no gênero masculino: o preparador físico, o... o... o... . Por fim, relata que pediu demissão do comando técnico, seu primeiro suposto trabalho na área, após a aposentadoria (como atleta) sem esse direito reconhecido, sem os direitos trabalhistas, sem assistência, largada à própria sorte, visto com Pamela Joras (2015).

E, na Bahia, essa mesma situação foi encontrada na história de Solange, ex-jogadora futebolista olímpica (MORAES, 2014) – igualmente largada à própria sorte, sem direitos legais volta para a casa dos pais a tentar a sorte. Assim sendo, ainda que na função de atleta, no trato com os direitos iguais, “futebol é coisa para macho?” (FRANZINI, 2005).

A ordem histórica de gênero na manutenção da machocentricidade. É a normatização em sua normalidade. O comando no campo é lugar de macho, branco e heterossexual? Isto porque o macho é mais que homem, pois extrapola o limite do sexo. Nesse emaranhado de corpos ainda se constata o “homem de verdade” (MESSEDER, 2009; FRAY, 1982). A centralização do macho e a “heterossexualidade compulsória” (DORNELLES, 2013). E

evidencia-se que a negação aos direitos iguais não é drama, é real – a simbiose político-estatal. O poder. E se exerce de todas as formas, nos territórios, sobretudo, no território do corpo.

1.3.1 O território e o jogo de valor: entre o Sul e o Norte

A colonialidade de poder do gênero, raça e território se evidencia no esporte. E, enquanto o futebol feminino no país luta (historicamente) pelo igual reconhecimento do sexo oposto, o futebol masculino é crescente, transformado em várias modalidades: futebol campo, futebol sete/Society, de salão, bit soccer – até mesmo o vôlei virou futebol, com o futevôlei. Além disso, há aumento em número de equipes, clubes e competições, divididas nas séries A – a principal, em ordem de valor –, B, C, D e competições de divisão de base (não profissional).

Desagregados por séries as competições de mulheres estão incluídas no grupo de base (não profissional), e diferente do crescimento do futebol dos homens, só há time de mulheres em alguns clubes¹³. Vale notar que recentemente ocorre algumas melhorias, impulsionada pela CBF, sendo implantado séries no futebol das mulheres, porém, a questão é se isto se tornará efetivo, reconhecido e remunerado de forma equânime com o sexo oposto, ou se trata de mais um engano? Uma vez que esta modalidade não é reconhecida e outorgada como profissão.

Refletindo entre o Sul-Sul e o Norte Regional (interno), a maioria dos clubes de futebol masculino se encontram nas regiões Sul e Sudeste. A fim de exemplificar, apresento os estados da Bahia e São Paulo para observamos os dois extremos, o que vale para todas as regiões: no período da pesquisa, no Estado da Bahia havia um grupo de 16 clubes, com a maioria invisibilizada como time menor, e apenas duas equipes integram a Série A nacional, tendo como luta manter-se nestas competições.

A saber sobre suas temporalidades e origens, o Esporte Clube Vitória foi fundado em 1899¹⁴ e o Esporte Clube Bahia em 1931¹⁵. O futebol de mulheres nesses clubes tem uma realidade histórica de desigualdade de gênero, apesar de ocorrer a sua implantação nos clubes em períodos diferentes, nos quais, em alguns destes como no Bahia, Ypiranga e Baiano de Tênis

¹³De acordo com o período da pesquisa. Notícia encontrada no sítio da internet. ><http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Dilemas/noticia/2015/06/marta-e-ney-mar-desigualdade-de-salarios-e-apoio-no-futebol-brasileiro.html>> consultada em junho de 2017.

¹⁴ VITÓRIA. Consultado em; https://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Clube_Vit%C3%B3ria.

¹⁵ BAHIA. Consultado em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Clube_Bahia. Consultado em Junho de 2017.

(clubes esportivos do estado da Bahia), elas aparecem há muitos anos atrás e desaparecem. Um pouco desta história é contada pelas interlocutoras no decorrer deste estudo.

Nesse escopo, Vitória, Bahia e São Paulo na categoria masculina representam esporte, clube, território e valor em relação ao “Outro”. O sobe e desce (entre as séries A e B) e as idas para a zona de rebaixamento desses dois primeiros e a supremacia deste último, corresponde ao território, lugar. O Esporte Clube Bahia¹⁶ se tornou um dos clubes mais populares do Norte-Nordeste do país, possuindo, em toda a sua trajetória, dois títulos no Brasileirão. Seu segundo título brasileiro foi conquistado em 1988. O que aconteceu? Por que parou?

Fazendo uma breve comparação, o *São Paulo Futebol Clube*¹⁷ (fundada em 1930), é uma das equipes mais bem sucedidas do Brasil, em termos de títulos nacionais e internacionais, avaliando-se que (no período da pesquisa) no Estado de São Paulo há em torno de 77 clubes de futebol (entre primeira e segunda divisão), é oportuno relacionar estas diferenças.

[...] Logo, hierarquia e supremacia por território. Por conseguinte, para ambos os sexos, a arbitragem obedece ao critério hierárquico de valor regional. Desta forma, esse estudo levou-nos a ampliar o olhar para além das diferenças e desigualdades sexuais e de intragênero no trabalho de liderança nos esportes, sobretudo na arbitragem em futebol, não havendo tão somente uma política de gênero, como uma política de valor. Deste modo, a naturalização das regiões que se sobrepõem às outras é questão para se refletir e discutir no âmbito do esporte (SANTOS, 2016, p. 96).

O São Paulo Futebol Clube é o retrato da superioridade regional, pela via do esporte. O Norte no Sul? Com o “São Paulo-Norte” trago a ideia de território e valor, mas, o clube aqui tem sentido explicativo e ao mesmo tempo figurado. Conforme Fátima Antunes (1994, p.103) expressa: “introduzindo em São Paulo no final do século passado como esporte de elite, o futebol foi, aos poucos, se popularizando e fazendo adeptos por todas as camadas sociais”. Vemos que este lugar não é neutro no futebol brasileiro, bem como, os estudos clássicos sobre esta história ignora a Bahia e os jogadores baianos.

Mário Filho (1966) na obra “*Viagem em torno de Pele*”, informa um jogo em que o Rei jogou contra uma equipe baiana, no entanto, na obra sobre “*o negro no futebol brasileiro*”, a Bahia é invisibilizada. E, embora a equipe do Rei não tenha levado o triunfo, essa não é a questão, mas, o Nordeste no jogo. Quantificando, a Região Norte/Nordeste juntas, comportam

¹⁶ Consultado em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Clube_Bahia>. Consultado em Junho de 2017.

¹⁷<https://2016.futebolpaulista.com.br/Clubes>.

(e) https://en.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_FC.

16 Estados e o Sul/Sudeste Juntos, formam 7, na coluna do meio o Centro Oeste com 4. No entanto, o quantitativo não tem vez na escala de valor, é o qualitativo que conta.

Ser campeão de competições nacionais e internacionais deixou de ser a meta dos clubes do Nordeste, pois a realidade é manter-se no grupo da elite. A naturalização das regiões hierarquizadas nos termos de valor. O excerto refere-se ao Norte como Hemisfério, no qual faço apologia ao Norte/Sul como Regiões brasileiras correlacionando ao Norte/Sul Global e inserindo os Clubes esportivos no campo da representação: geografia, lugar, território, nos termos pensados por Milton Santos (2000) em relação a geopolítica. Para além, o debate permite articular com o território do corpo¹⁸.

Os clubes do Nordeste inseridos, lutam pela manutenção na série-A como objetivo possível. Sendo esse o topo, retratam a luta pela sobrevivência na colonialidade de poder revelando a falta de democracia, ou a sua crise, esta, observada por Milton Santos (1987) em: “*O espaço do Cidadão*” (da cidadã), visando refletir sobre a crise estrutural da democracia no mundo e especialmente no Brasil. Neste território vivemos diante de discurso e narrativa de democracia, violências e invasões no território do corpo, e o esporte, por meio dos mega eventos, constituindo-se como plataforma para a tomada de direitos, valores e manutenção de colonialidades. É o jogo do poder.

DaMatta (1982) entende que o futebol não é o ópio do povo, mas um drama de justiça social, que mostra hierarquizações e privilégios elitistas contidos na sociedade. No entanto, diferente em um ponto: “no futebol tem democracia” (DAMATTA, 1994). Sobre o drama, igualmente interessa saber em que se insere a cena. O jogo (no campo) não me parece drama, cena, mas vida real. O retrato do futebol, não é representação, dramatização, é real. O drama de justiça social, não é o discurso da democracia? Ou seja, a antidemocracia real? Adentremos a esse debate sobre democracia, antidemocracia, política e gênero, conectado entre o esporte e a sociedade.

1.4 O FUTEBOL COMO PLATAFORMA PARA A VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO E A TECNOLOGIA DA PANELA: O PANELAÇO

No Brasil o futebol é um esporte vivido como jogo. A palavra “jogo”, nesta sociedade, tem amplo significado: é mito e rito, tem relação com sorte, azar, destino (DAMATTA, 1982).

¹⁸ O “território do corpo”, conforme penso, tem correlação com a ideia de lugar, não-lugar, de acordo com o pensamento de Conceição Evaristo e se diferencia do “corpo-território”. Este último, se enquadra no pensamento de Carolina Maria de Jesus (2014) o corpo como o “quarto de despejo”.

Há o jogo esportivo relacionado ao real, lazer e trabalho, e observo que o jogo tem relação com a formação da nação, é jogo da vida. Há um jogo no campo que retrata o jogo da vida, e, me utilizando do antropólogo, há o jogo real e o jogo místico e simbólico. Pois há uma constante busca de mudança de destino: para ser incluídx na sociedade, para ser cidadão/cidadã, para ter ou mudar de classe, para sair da solidão, da invisibilidade, da negação.

Roberto Da Matta advoga contra o futebol como ópio do povo, abordando as concepções do conceito, ambíguo – é e não é o ópio do povo. Em sua análise, destaca-se duas perspectivas: de um ângulo é visto para desviar a atenção do povo e dos problemas básicos, e do outro, é visto como “laço de oposição” militando de algum modo contra a sociedade brasileira e seus “reais interesses” (DAMATTA, 1982, p.22). Sobre esse dilema, para o autor, o futebol e o esporte em geral, no Brasil, é uma atividade da sociedade e não deve ser vista como oposição, uma competição com a sociedade. (p.24).

“O esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte [...]. Impossível compreender-se uma atividade [...] sem referência a totalidade na qual está inserida. E [...]”. Esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda [...]” (DAMATTA, 1982, p. 23). Mas, quando ele expressa que nesta sociedade se combina aspectos modernos e coloniais, mas é no drama do futebol que se retrata a realidade brasileira, uma estrutura em que se revela e se esconde, requer umas série de indagações: nesta sociedade, há democracia? Ou a democracia é um drama? O fato é que, a democracia está no jogo. Não no jogo do futebol, mas, no jogo de poder.

O Panóptico – esse projeto ocidental, dissimulado (descrito anteriormente), constituindo-se como “espaço sem cidadãos” (cidadãs), (SANTOS, 1987), atravessou fronteiras, e, parece a ferramenta que deu fundamento para o modelo de nação brasileira – dissimulada, o país malandro, sendo a sua face real a nação racista, sexista, classista, misógina, heteronormativa, homofóbica. O biopolítico, o biopoder atingiu o corpo-população, sociedades inteiras. E os conflitos políticos atuais fazem vir á tona tais categorias identitárias: mulheres, negrxs e queers.

Destacando-se os mega eventos esportivos: Copa das Confederações (em 2013), Copa do Mundo (em 2014) e Olimpíadas (em 2016). Estes dois últimos, mostrou-se palco para atizar guerra contra as mulheres (e o gênero em geral) no poder – vimos ataques misóginos á presidenta da República, na Copa do Mundo¹⁹, a mesma, devido a tramitação do que se tem

¹⁹Consultado em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/copa-2014/noticia/2014/06/Dilma-e-xingada-por-torcedores-apos-abertura-da-Copa-no-Itaquerao-4524983.html> (18/07/ 2018).

sido compreendido como “golpe” - a sua expulsão da presidência, não compareceu as olímpíadas²⁰, apesar de ter preparado estes três citados mega eventos no país, liberado uma verba considerável, dos cofres públicos, para sua melhor realização.

Especialistas informam que o TCU – Tribunal de Contas da União contabilizou um gasto de 25,5 bilhões de reais com a Copa do Mundo no Brasil. (CALHEIRO, 2017, p. 88) e recursos públicos, igualmente foram repassados para às Confederações Esportivas para os megaeventos (DAMIANI, 2014). Mas não houve inclusão das (ditas) minorias, como p.exp., mulheres e negrx na arbitragem; preliminares de partidas de futebol de gênero, uma competição de caráter oficial do calendário, entre outras ações. Os gastos proporcionou em 2013 o movimento de uma grande parcela da população. Mas, as vaias e os xingamentos neste evento, evidenciou a força da misoginia na sociedade, mostrou a força do androcentrismo e a violência política de gênero.

Esta onda de violência de gênero está relacionada com o cenário de crise política no mundo e correlacionada á misoginia, e o ódio crescente vai ser deflagrado lá na frente, no desenrolar político e no quadro social. As vaias que saem das arquibancadas atravessam o campo, a cobertura midiática do evento – a TV e internet - e chegou às casas, à população, e atravessou fronteiras. O Brasil, nesse período, mostrou a força da misoginia, do racismo e da homofobia, estourado no futebol e nos eventos esportivos, escancarados nas redes sociais, “homofobia e racismo no esporte” (MANERA et al, 2015, 2016). A misoginia ganha força, a homofobia compartilhada e o racismo velado se revela.

Onda de conflitos políticos tem invadido o país nos últimos anos após-2013 havendo um conjunto diversificado de categorias que protestam, ocorrendo a maior greve dos professores no país, com ataques, espancamento e humilhações aos grevistas, pela força militar (MODELLI, 2015, p.19). Anos depois, se fortalece discursos de democracia, entretanto, sendo atitudes antidemocráticas, destacando-se os projetos neoliberais. Por democracia entende-se como “um tipo de organização da sociedade na qual todos os sujeitos possuem os mesmos direitos perante a lei [...] trata-se de um valor, um bem que precisa ser expandido para várias esferas da existência humana” (RIBEIRO, 2013 apud HOLANDA, et al, 2021, p. 03).

Essa onda de crise política no país gera revolta da população que reage de diversas formas, sendo as vaias advindas de torcedores, um ato muito comum. Temer (o vice-presidente do governo Dilma que assumiu a cadeira de presidente) é também vaiado na abertura das

²⁰Dilma critica Vila Olímpica e explica o porquê de não ir à abertura do Rio 2016. Consultado em:> http://www.espn.com.br/noticia/616833_dilma-critica-vila-olimpica-e-explica-o-porque-de-nao-ir-a-abertura-do-rio-2016 (27/07/2016.).

Olímpiadas/ Rio 2016²¹, embora não tenha sido visto xingamentos e qualquer correlação baseado no sexo. Contudo, destaca-se a Copa do Mundo como cenário escolhido como palco de protestos, mas, também de guerra: o “lançar fogo”. Em 2013, meses antes da Copa das Confederações, a população foi às ruas em massa.

Dentre os manifestantes haviam famílias inteiras e de vários arranjos, desejosos de mostrar consciência política, unindo-se interseccionalmente os diversos movimentos em prol de vários objetivos, envolvendo gênero, raça, classe, sexualidades. A juntada das categorias humanas e os vários seguimentos protestando em coletividade.

Os povos tentam vetar os grandes investimentos do cofre público, discutidos como um dos maiores na história das Copas, exclusivos para a Copa do Mundo, desejando que as verbas fossem direcionadas para a educação, saúde, investimentos nos hospitais, e elencando-se tantas outras questões como a necessidade de inclusões das minorias – visto em tantos cartazes reivindicativos – nas ruas.

Todas as reivindicações vieram juntas, e a maior delas, talvez, tenha sido a tentativa de impedir a realização da Copa do Mundo, devido aos altos investimentos, principalmente para as reformas de estádios, que, obviamente, ficam para poucos se servirem depois do evento, servindo muito mais para ampliar o enriquecimento dos cartolas do que para ampliação de emprego, entretenimento e lazer do povo. Se é que, “povo” quer dizer todxs - uma ideia abrangente.

Apesar dos direitos aos protestos garantidos na Constituição, a polícia nas ruas extrapolou e perdeu as estribeiras na greve dxs professorxs em Paraná e São Paulo, na Bahia, no Brasil, e atravessou fronteiras: na América Latina, nos Estados Unidos, na Europa. Não se trata aqui de disputas de oposição, mas o compartilhamento na proibição à igualdade, avançando território. A ditadura negada. Contudo, todx cidadão/ã consciente sabe, no mínimo pela experiência, que a polícia age em nome e a mando do Estado.

O neoliberalismo em alguns Estados começa suas ações; a presidenta (em questão) se encontra encurralada, sem voz, perdendo autonomia; o seu vice insurge com amplos poderes; e, o único bem nessa parafernália toda, é que os povos acordam, percebendo o poder da unidade,

²¹ No início da cerimônia, a presença de Temer não foi anunciada. O presidente em exercício, Michel Temer, foi vaiado durante a cerimônia de abertura da Olimpíada do Rio, na noite desta sexta-feira (5), no estádio do Maracanã, ao declarar abertos os Jogos. Consultado em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/temer-e-vaiado-durante-abertura-da-olimpiada-no-rio.html>. Consultado em: 13/9/2018.

do corpo, dos protestos, do movimento. Exceto a parcela que aproveita o frágio cenário e a fragilidade político-democrática para violentar xs que estão fora das normas e fora dos padrões.

O povo sai de casa – é agora ou nunca! O povo nas ruas, com simples e valiosos cartazes listando o que o Brasil estava precisando no momento – e não era de Copa do Mundo. “Ou faz hospital ou faz Copa?” Disse um proeminente e admirado jogador brasileiro e desconhecedor político do assunto. O fato é que os povos exigiam posições urgentes e emergentes da mulher presidenta da República, a mesma que perdia autonomia pela força androcêntrica dos partidos. Aqui, gostaria de mencionar minhas experiências como participante dos protestos anti-copa-Brasil, e, para além das observações e do acompanhamento nos meios de comunicação, testemunhei cenas e episódios sendo em algum momento a própria vítima.

Fui vítima de uma polícia educada para combater movimentos sociais (pacíficos) com violência. Em 2013, na manifestação na Bahia, no trajeto a caminho do destino – o Estádio da Arena Fonte Nova – estávamos parados na rua, em manifestação, perto do Dique do Tororó (local histórico da cidade do Salvador), nas proximidades da Arena, impedidxs de passar por uma barreira de policiais munidos com armas, escudo e spray de pimenta. Fizeram uma barreira com o próprio corpo. Uma espécie de muro. O muro da violência. “Avançando no território do povo”. “A ideia de território abrange a definição e a manutenção de fronteiras muitas vezes estabelecidas de forma fixa [...]” (VINHAS, 2014, p. 177).

Manifestação, greve e violência do Estado. Projetos de armas bélicas contra projeto de paz.



Fonte: Revista Caros Amigos (2015, 2016)

O policiamento pronto para guerra, enquanto estávamos munidxs de projetos de paz. Ainda assim, parte da mídia, apoiando a ação violenta da polícia noticiou que éramos vândalxs, baderneirxs. Diante da muralha, paramos. Esperamos um comandante para nos informar até que local poderíamos ir nos arredores da Fonte nova. Enganamo-nos. Tratava-se de proibição de manifestação. Uma proibição silenciosa. Sem esse diálogo, fomos recebidxs pelos agentes, o policiamento, com spray de pimenta nos olhos.

Participando do movimento, por um momento, no entanto, experienciei uma escuridão, irritação e dor. Os olhos ardiam e tiros para cima, disparados – de borracha? Não sei bem, mas descontrolavam a multidão, que corria assustada. Fui seriamente afetada (o que me tirou da manifestação) e se isso não me causou um problema mais sério, foi porque uma moça no então movimento tinha um medicamento na bolsa e me ajudou. Para não ser pisoteada pela multidão que corria desenfreadamente, empurrando, derrubando, me refugiei atrás de uma árvore.

Os “movimentos sociais emergem como contestações populares da legalidade da participação. Portanto, aspiram a redefinir e estender o espaço e os limites das formas ‘aceitáveis’ de engajamento político, social e econômico na sociedade” (OKECH, 2018, p. 37). Em 2015 e 2016 ampliam-se os movimentos, mas, apesar do discurso que se trata de democracia, os conflitos e as forças armadas empregadas comparam-se aos eventos de ditadura. Portanto, se trata de uma ditadura negada?

Como protesto dos movimentos: “Não queremos Copa, queremos hospitais, escolas...” (e as exigências básicas iam sendo listadas). Esse slogan eu o vi repetidas vezes no primeiro momento do movimento (em 2013). Inclusive, eu mesma esportista, futebolista defendi esse slogan, pois a Copa das Confederações e a do Mundo, evento androcêntrico, não insere as mulheres: árbitras, treinadoras, preparadora física e demais funções, e as jogadoras não participam (CEVA et al, 2014; SANTOS, 2016; CALHEIRO, 2017) sequer em apresentação preliminar. Ou seja, mulheres - Fora!

Numa entrevista, a deputada Jandira Feghali ressalta a violência de gênero ocorrida: “Vaca”, “piranha”. A virada. E o estranhamento. O que aconteceu com o povo brasileiro? “A própria Dilma ser chamada de ‘vaca’, ‘piranha’, isso também não é uma questão de gênero?” (NABUCO et al, 2015, p.13).²²Estranhamente, a misoginia compartilhada se alavancou na sociedade, na Copa do Mundo. Um ódio à imagem da sociedade comandada pela mulher. Foi nesta Copa que o mundo testemunhou as sociedades unidas para ataques sexistas e misóginos,

²² Revista Caros Amigos - Entrevista com a deputada Jandira Feghali (PCdoB).

direcionados à presidenta, vaiada antes mesmo de pronunciar qualquer palavra na abertura deste evento – brutalmente silenciada.

O ataque diz respeito às categorias de gênero e foi um anúncio da guerra identitária “nem mulheres, nem negrx, nem queer”, instituída no planeta. Daí uma ponte para o desenvolvimento do ódio ao PT e ao esquerdismo. Na Copa do Mundo, para além do jogo, o Brasil, país do futebol, esporte falsamente-racialmente democrático e cuja seleção da CBF (que deveria ser do povo) tem sido comandada, em toda a sua história, pelos hegemônicos homens brancos – perde de 7 X 1 para a Alemanha. Diga-se de passagem, nem Dilma, nem as outras mulheres, nem indígenas, nem tantas outras etnias, negrxs, nem queer, tiveram nada a ver com isso.

A abertura da Copa foi outro momento de manifestação que se deu diretamente na mídia, dentro dos Estádios e pela elite do mundo. Nesse caso, não se tratavam de grupos de minorias, os que combatiam a homofobia, lutavam pela educação de gênero na escola, ampliação das políticas raciais (com a raça não representada no parlamento), os que exigiam mais hospitais e mais educação, e que foram ouvidxs pela presidenta, colocando as demandas possíveis, na pauta.

Se fizermos uma retrospectiva dos valores cobrados pelos ingressos para adentrar aos estádios, na Copa, e se relacionarmos aos estudos de Bernardo de Holanda (2014) e Flávio de Campos (2014), em que o primeiro discorre sobre “O fim do estádio-nação?”, e o segundo, fala sobre “Arquitetura da exclusão”, veremos que a burguesia, a classe média e alta, branca, heterossexual, cristãos (e muitos falsamente cristãos) e masculina, por, esta, ser a maioria percentence ao mundo do futebol, foi a representatividade que silenciou a presidenta e estimulou a ideia de impeachment (sem histórico de cidadania manchada, nem de antidemocracia, sem corrupção verificada em sua trajetória política, sobretudo em exercício de gestão).

A democracia é descoberta como arma para atacar e sendo um código, e desta forma ressignificada sob ações antidemocráticas, enquanto que gênero, raça, trabalho/trabalhador são manchados e intoxicados – transformados em termos/elementos tóxicos. Essa ação (antidemocrática, racista e misógina) ganhou força na mídia e desencadeou a mudança de atitudes da população, corrompidas por ideologias, contrariando o que se via pouco antes, em 2013, nos protestos unidos, que antecedeu a Copa das Confederações. Para se caracterizar a democracia “devem ser considerados os sujeitos em todas as suas dimensões, garantindo o respeito às diferenças e à pluralidade, características tão caras às sociedades democráticas” (HOLANDA et al, 2021, p. 08).

A ex-ministra Eleonora Menicucci²³, em entrevista, alertou sobre a possibilidade de retrocessos em relação aos ganhos evidentes no país, com o que classificou como “golpe”: o impeachment ocorrido com a presidenta Dilma. A ex-ministra advertiu que todos os ganhos poderiam ser interrompidos. Segundo ela, o sinal foi dado com a decisão do governo Temer (na tomada do governo) de extinguir o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (PRIMI et al, 2016). Por tudo o que aconteceu naquele período no país, como: a destituição da mulher presidenta, especialistas entendem como golpe; a prisão política do ex-presidente Lula, espantou e continua a espantar a população que deseja entender – o que está acontecendo. Retrocessos e perdas de direitos conquistados?

No pós-Dilma “a sociedade brasileira assistia ‘a retirada de seus direitos e um franco caminhar para um regime antidemocrático estimulado por setores conservadores e empresariais [...]’” (HOLANDA et al, 2021, p. 12), o que previu a ex-ministra citada materializou-se e o esporte serviu de plataforma para a montagem de estratégias, não imediatamente de partido, mas violência de gênero, antidemocracia, e para a elaboração de uma cartografia que levou ao impeachment da primeira mulher eleita presidenta da República no Brasil, e o retorno à norma que havia sido balançada a ponto de insinuar descofigurar-se – o homem branco no poder.

Por um lado, “o povo”, sujeito de uma história, acorda e vai às ruas em unanimidade, reivindicando seus direitos, muitos escondendo os preconceitos, e de outro lado, o povo patrocina o próprio declínio, assume a face preconceituosa, abraça o conservadorismo (uma parte), “volta para casa”, “fica em casa”²⁴ e não se une ao “panelaço” – fazer barulho da janela com a panela para mostrar que não perdeu a memória. A força do ativismo e a criatividade mostra que não há como voltar atrás.

“Panelaço” é uma ação realizada pela população revolucionadora, que, por diversos motivos, inclusive de proteção à saúde (visto a pandemia no mundo pela onda do Corona Vírus/ COVID 19) não pode estar nas ruas, no entanto, o protesto acontece dentro de casa, e ocorre pelas janelas (mostrado nas mídias e jornais), fazendo barulho, batendo panela, palavras-mudas que falam, que significam conscientização e posicionamento político contra as perdas e/ou ameaça à perdas de direitos e da democracia, e sobretudo, revelando que há uma ideia

²³ Ex-Ministra da SPM – Secretaria de Política para as Mulheres, em entrevista a Revista Caros amigos (2016).

²⁴Faço alusão à pandemia da COVID 19 – Coronavírus que se espalhou no mundo, e no Brasil deflagrado no início de 2020 (até esse momento encontramos-nos manifestando-se em casa, e pelas redes ou escritas) e teve como medida de segurança à saúde, o isolamento. Não me posiciono contrário à ficar em casa na pandemia, e me refiro ao gesto de ficar em casa em movimento, e atentxs.

antidemocrática no interior do conservadorismo que alude ao termo “democracia” – criando uma democracia tóxica.

Barulho e panela têm significados múltiplos nesse conflito político e pandêmico: movimento, povo, gênero, criatividade e unidade e tornou-se um dos principais recursos de manifestação. Pode-se compreender como um movimento político-autônomo-unificado, no qual não cabe limitações de geração, espaço/território, classe, identidade de gênero, raça/cor/etnia, cinestésico/corporal, nem segregações de correntes de pensamento e dos feminismos. É uma tecnologia de panela, a tecnologia do barulho que visa resgatar e resguardar a democracia fragilizada.

O uso da panela se dá anteriormente, lembremos: contra a mulher-presidenta, quando a população se arma de violência de gênero nas tecnologias, também visto em charges e imagens espalhadas nas redes sociais e em celulares, como os disparos nos grupos em WhatsApp, em ofensa, desrespeito, agressão e violência. Imagens com panelas e microfone associadas á cenas de violências sexual e a figura da presidenta, indicando a ideia de estupro corretivo para aquelas que fogem ás normas de gênero – a ordem da submissão e a força do casamento parece está aí em jogo, e o ódio á ideia de independência das mulheres, ocupações em espaços importantes e de poder que vem ocorrendo nos últimos anos no Brasil.

Essa manifestação que ocorreu em 2014, na abertura da Copa, não decorreu da rua, mas, de uma cobição entre ambiente segregado (os estádios de futebol) e ambiente virtual. Havendo a construção ideológica combinada por internet e rede de televisões. Logo, não se tratava de povos, população que desejava equidade social, oportunidades e inclusão, mas de uma elite que defendia o poder e o privilégio, e se fortaleceu com a mídia que se utiliza dos aparelhos ideológicos de poder para formar opinião e construir ideologias.

A tecnologia e ferramenstas computacional, a cibernética, o ciber-espaço, redes sociais e a website como um todo, exerceu, nesses megaeventos de cenário de crise política, grande influência, mostrando-se como uma poderosa ferramenta para destruir em tão pouco espaço de tempo, o que precisou de uma história inteira para se construir. No entanto, tais ferramentas devem ser igualmente poderosa para auxiliar na reconstrução de nações destruídas, e para as relações humanas, inter-relações e interculturalidades. Pensando em um mundo sem fronteiras para se erigir uma arquitetura única de paz. Um monumento antipanóptico que caiba não somente 10 mil (o plano panóptico benthaminiano), mas, todxs e muito mais.

O governo se revela androcêntrico, crendo que é possível retroceder e a sociedade voltar a retórica sexista e machista em que “lugar de mulher é na cozinha”. Visto, na composição dos parlamentares e ocupantes dos órgãos do governo – a força do macho e branco. Quando a

presidenta é atacada pelo sexo e imposições de gênero toma o cenário, nós, feministas, entendemos como uma mensagem para todas as mulheres. E, criativamente a panela é reutilizada, e dessa vez como arma de defesa, em plena pandemia da nova Coronavírus – a COVID, em meio ao isolamento social. O panelaço tornou-se uma medida política e criativa, no momento de impossibilidade às ruas, como resistência contra o governo e ações ditas democráticas, no entanto, não o sendo, ainda que negadas.

Que categorias identitárias e geracional aderiram ao panelaço? Este ato que se concretiza como símbolo feminista em defesa da verdadeira democracia – pois, “panela” faz alusão à mulheres na cozinha – o lugar que o androcentrismo e sexismo impôs ao gênero. Logo, este movimento do “panelaço” ironiza a ideia de retrocessos de gênero – não tem como retroceder, pois, empoderamento não se desfaz com a caneta.

O sentido de empoderamento trazido por Agela Davis (2017, p.15) é ao mesmo tempo individual e coletivo, “[...] organizado em grupos voltados a desenvolver coletivamente estratégias que iluminem o caminho rumo ao poder econômico e político para nós mesmas e para nossa comunidade”. Fundamentado em Zygmunt Buman, para o autor Wagner Vinhas a noção de comunidade envolveria a manutenção de laços fortes com seus membros. “Pode se dizer que o termo comunidade carrega significado e sensações variados [...]” (VINHAS, 2014, p. 174).

No tocante ao que está acontecendo no país: crise política, caneta e canetadas azul nas caladas da noite, apropriando-se da onda da pandemia, com o povo fora das ruas, o panelaço traduz-se, de um lado, como movimento pela democracia, e do outro, como um movimento de feministas – feminismo no plural não significa próprio de mulheres, mas, de um pensamento contra a dominação masculina e dominação sexual heteronormativa em todos os seguimentos.

Panelaço - é um movimento sem corpo, sem nome, mas criativo, tendo a panela como ferramenta, e aparece na mídia através da janela de casa, por não poder aparecer na rua, em respeito as orientações do Ministério da Saúde para ficar em casa – não quer dizer ficar mudo/a, em silêncio, aceitar imposições, retrocessos e permitir banalizações dos gabinetes parlamentares. O panelaço é a tecnologia da contestação com a panela, e configura-se como ato criativo-insubmisso. Luta pela democracia e grito por insatisfação, simbolizado no bate-panela.

Chama-se atenção parlamentar, informando (via barulho) que ninguém está dormindo, e ao mesmo tempo requer ativar a população que dorme na pandemia - se é que há alguém que dorme, pois o “barulho” não permite. O panelaço remete, rememorando, criticando á onda de violência política de gênero, misoginia, lesbo-homofobia que aflorou a população – e se traduz

na seguinte mensagem: *Panela não só faz comida, também faz barulho! Faz política, faz democracia, revoluciona.*

1.4.1 O conceito de gênero e a “cismoldura”: crítica à ciência-CIS

O feminismo entra no campo da complexidade e ganha outros contornos, devido a uma parte das feministas entenderem que o “nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo a nossa localização dentro de relações globais de poder” (BRAH, 2006, p. 341). Segundo a autora, que aborda o poder centralizado e universalizado no feminismo, o objetivo principal do feminismo tem sido mudar as relações sociais de poder imbricadas no gênero. Poder para quem? Quem pode ter poder? É a pergunta que nos move.

O feminismo tornou-se pluralístico e internamente tensionado. Pensar gênero nos tensionamentos é pensar poder e articular-se com o multiculturalismo (Hooks, 2013)²⁵ como corrente de pensamento que esclarece os tensionamentos dados pela via da cultura pluralística, inserindo os estudos da raça e da mulher no currículo e na academia. Mas, é nos Estudos Culturais que se dá a virada linguística e a inserção da cultura de massa, popular, marginal, que se iniciam nos anos 1950 (CEVASCO, 2008).

Estas correntes de pensamento colocam em pauta as noções de raça, sujeito e subalternidade, sendo o gênero e a raça os eixos que estruturaram os estudos culturais (HALL, 2003) impulsionando as noções de desconstrução e natureza/cultura, que culmina com o pós-estruturalismo – a desconstrução radical, seguindo para a vertente pós-colonial. No entanto, se fundamentam em autores e territórios europeus, impulsionando crítica (SPIVAK, 2010) em prol da descolonização do pensamento (REA; AMANCIO, 2018) e a decolonialidade (BALESTRIN, 2013).

Esta última corrente visa territórios não ocidentais, com força na América Latina, valorizando as comunidades, experiências, movimentos. Considerado projeto radical, surgindo no final dos anos 1990 (BALESTRIN, 2013) e tido como desobediência epistêmica. É nesse sentido que me move experiências e subjetividades, mas também, objetividades – essa junção que se complementa, descolonizando pensamentos sem reivindicar permuta de categoria de

²⁵ O nome da autora é utilizado em minúsculo, em vários textos, e não se trata de erro técnico-acadêmico, mas de desobediência epistêmica, e que a academia não pode se portar contra, nem recusar. Pois, seria a comprovação da violência epistêmica, já constatada. A autora norte americana negra, do feminismo negro, assina pelo pseudo e como afirma não se refere a pessoa, mas, a identidade de sua escrita, como uma autora da descolonização do pensamento, logo, se traduz na escrita política e como desobediência epistêmica.

dominação: de mãos masculinas para as mãos femininas; de mãos brancas para mãos negras, étnicas, mestiças e pretas; de corpos heteros e cis para corpos homos e trans. Contudo, reivindicando igualdade, inclusão de fato e participação de todas as categorias humanas.

Adentrar ao campo multicultural é repensar os conceitos de cultura, vendo-as no plural, desabando a unicidade, a legitimidade, o binário, desmanteladora de essências, identidades e diferenças como formas de manter o legítimo e o outro (HALL, 2003, 2015). Cultura não tem conceito unânime (SODRÉ, 1998) e se imbrica com identidade. Mas não se separam, se formam, são mutáveis e se inserem na multiplicidade. É construção e reconstrução. A cultura abre brechas para contestar essencialismo, e o multiculturalismo é a própria contestação.

A cultura assinalada como jogo de poder (SODRÉ, 1998). “A verdade seduzida” de Muniz Sodré, me seduziu ao flagrar o jogo da violência do ocidente e o papel da cultura no discurso e sua materialidade. A afronta, a insubmissão é contestação, pelo direito a ter direito, pela inclusão de fato daqueles e daquelas que estão de fora: “o pessoal político²⁶” do feminismo (COSTA, 2005), o povo negro, o povo queer. Povo é sujeitx. “Essa perspectiva nos conduz a substituir a expressão “uma cultura” pela expressão “um povo”, sujeito vivo de uma história [...]” (SEGATO, 2012, p. 112).

Nos estudos feministas, “gênero” tornou-se o eixo norteador para discutir os tensionamentos e, nesses termos, aparecendo globalizado no trato com o sexo e relações de poder foi criticado, sendo o poder racializado, sexualizado e territorializado. Desta maneira, nos estudos do feminismo negro a raça é o determinante. Assim, a interseccionalidade (CRENSHAW, 2002) foi desenvolvida como conceito que acopla vários marcadores, mas que interligam-se as categorias raça/etnia.

A heterossexualidade é tensionadora e tensiona no interior do gênero pela sua naturalização, legitimidade e essencialismo, levando a categoria queer/LGBTI a lutar contra as noções de gênero binarizada e ao feminismo global, entendo que heterossexualidade é por si só compulsória e estrutura a sociedade binária. Sendo heterossexual a pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica (JESUS, 2012), porém, não é indicativo de legitimidade.

Resulta-se que “heterossexualidade compulsória” requer comportamentos e masculinidades tóxicas, misogenia, violência de gênero, lesbo-homofobia, queerfobia, feminicídios e lesbocídios. A relação que trato aqui é a ideia do binarismo homem/mulher nos termos da heterossexualidade como uma imposição, e que gera feminilidades tóxicas perpetrada

²⁶ “O pessoal é político”, foi o slogan que moveu a luta feminista em direção á inserção ao público.

pela tecnologia de gênero (SILVEIRA, 2013; SANTOS, 2016; CALHEIRO, 2017) e uma moldura cis na sociedade é estruturada. A cismoldura - termo que construo nessa caminhada investigativa.

“Gênero” se conceitua como relações tensionadoras entre categorias humanas e os marcadores sociais e identitários correspondentes que nos cercam, baseada na experiência territorial própria. Conceito que vai de encontro ao pensamento da indiana Avtar Brah (2006). Em territórios africanos parece outra vertente: Gênero e mulher são vistos em pensamentos de autoras africanas em termos de complexidade, como em Oyěwùmí (2017) e Ifi Amadiume (2005). Em territórios africanos “gênero” é complexo e apresenta vertentes e pensamentos divergentes: igualdade e desigualdade de gênero (CALHEIRO; OLIVEIRA, 2018a). Isso talvez, pela multirreferencialidade presente e multiculturalismo vigente, os diversos modos de vida.

Essas concepções de gênero impulsionaram a compreender o conceito “ciscgênero” relacionado ao cissexual - “Conceito ‘guarda-chuva’ que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (JESUS, 2012, p. 14). Naturalizante e biologizada, o termo “cis” corresponde à pessoa nascida com o sexo correspondente ao gênero, tornando-se a ciência, a escrita, a pesquisa e o debate um campo de luta das denominadas “outras” mulheres, outras categorias, lésbicas-queer (entre outras), outras etnias, outros territórios. E a “intersexualidade” reporta-se a pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido.

Quanto ao termo “*CISMOLDURA*”: enquanto “*cis*” refere-se à sexualidade binarizada, homem e mulher, essencialismo imposto como padrão normativo, rejeitando outras identidades, e pode ser traduzido como natureza dos corpos/ corpos biológicos, como o padrão, o termo “*moldura*” (no dicionário) significa cercadura, caixilho, bem como é motivo de embelezamento, saliência que completa, para proteger ou para ornamentar (FIGUEIREDO, 1913).²⁷.

Na junção dos dois termos - *cis e moldura*, vê-se a ciência cis-emoldurada, ou ciscgênero, essencialista e em lugar de embelezamento tira a beleza e a harmonia da proposta inter/transdisciplinar como propõe a “polilógica” (GALEFFI, 2003) e a “multirreferencialidade” (BURNHAM, 1998).

A *Cismoldura* se concebe como crítica á ciência cis, que, quando insere as mulheres, torna-se essencialista, sexualizada, biológica, territorializada e racializada. Não cabe aquelas

²⁷ Referente ao Dicionário português.

fora dos padrões nos termos canônicos, de território sem valor ocidental. Se desloca para diversas questões, lados, modos de vida, relações e vivências. Visa ponderar a partir da ciência cis-generificada e ressignificá-la. Por uma ciência que deseja aqueles comprometidos com as mudanças sociais, com os excluídos e os que pensam em primeira instância nos sujeitos, nas pessoas, criando uma nova moldura - “trans” em lugar de “cis”, a uma moldura sexuada e legitimada, que necessita desmoronar.

Logo, não me coloco contra a biologia, porque ela existe e não há como negar, fato é que a biologia está em todos os corpos e não exclusivamente nos das mulheres, enquanto que os corpos masculinos são, ironicamente, culturais. Os corpos não são somente constituídos biologicamente, mas em interseção e interação com tudo o que há no mundo que habitam²⁸. Nesse sentido, me coloco contra uma sociedade biologizante e a biologia como norma, padrão, estratégia, histórico e discursivamente como forma de hierarquizar, delimitar, excluir, violentar e violar direitos.

Pelo exposto, meu modo de pensar gênero é como um conceito que engloba o múltiplo social, fundamentado com o multiculturalismo e o pensamento decolonial, pois se questiona, se multiplica, muda e se transforma, tendo as diversas categorias humanas envolvidas como uma teia, articulando relações, direitos, vivências e desenvolvimentos. Assim, advogo pela ciência trans, transgênero, queer, estranha, mas se trata de abertura do campo, inserção, logo, é inclusiva e fora da caixa, mas que encaixa a diversidade.

Trans tem o sentido figurado e pluralístico, de transpassar/transpassar, “ir além de”, e dá ideia de múltiplo. Refere-se a um conjunto amplo de variações dos corpos sexualizados. E para o termo “transgênero” não há consenso no Brasil, “reconhecendo-se a diversidade na forma de viver o gênero” (JESUS, 2012). Conectadas, trans e cis, imbricadas, juntas, se complementam, se protegem. Moldurá-las multiplicadamente, uni-las, vinculá-las e experimentá-las por um objetivo maior: o progresso da sociedade - caminha para desterritorializar, dessexualizar, desbiologizar, desracializar. Pela modelagem transgênero.

Desta forma, como intersexualizar, des-androcentricizar e des-racializar os espaços de poder nos esportes?

²⁸ Sobre corpos construídos, não traço esse debate, mas o faço na dissertação de mestrado, em que me fundamento em autoras/es pós-estruturalistas.

2. ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA E A BIOMITOGRAFIA NO FUTEBOL BRASILEIRO

A (EDF) Educação Física brasileira construiu-se sob o pensamento de Spencer e Darwin, a partir da teoria evolucionista, reforçando as teorias pautadas na existência das raças humanas, e de que estas possuíam primazias uma sob as outras, o que justificava o imperialismo e as dominações de alguns povos sobre outros (SILVA, 2009; MATTOS, 2010). Essa questão já pertence a história da Educação Física, portanto, não pretendo retomar, nem recontar, não na perspectiva que já se contou. No entanto, proponho revisitar clássicos realizando a crítica, problematizando abordando raça e gênero na perspectiva da interseccionalidade, temáticas escassas nessa área.

A Educação física, como componente curricular, foi permeada de influências alheias à realidade deste território, e os esportes no Brasil são constituídos de *biomitografias* - Termo utilizado por Audre Lorde²⁹ (2019, p. 144), conceituado como uma mistura de história, biografia e mitologia. A Educação Física abordou questões ocultadas pelos cronistas esportivos, como visto nas brilhantes obras: “*A história que não se conta*” (CASTELLANI FILHO, 2004) e “*A influência europeia no Brasil*” (SOARES, 2007), as quais norteia metodologicamente a historiografia da EDF neste país. Este componente seguiu os padrões militarizados advindos da Alemanha, e as tendências francesas e suecas, como frisou Carmem Lúcia Soares (2007).

Considera-se como referências que interligam essa historiografia, aquelas que inserem raça, gênero e sexualidades, como flagrou-se a ideologia científica conduzida pela força médica e militar em detrimento da igualdade entre os sexos, impondo normatizações e biologizações, implantando o padrão racial, o modelo branco, e sexuado, por meio da EDF, no início do século XX (GOELLNER, 2003; SILVA, 2009; MATTOS, 2010) essencializando as diferenças de corpos e de papéis entre os sexos, nos esportes, nos exercícios e atividades físicas (SOARES, 2007), impescindindo a heteronormatividade compulsória (DORNELLES, 2007, 2013) tornando-a tóxica.

A história do futebol no Brasil tem suas bases no clássico Mário Filho, em “*O negro no futebol brasileiro*”, influenciado por Gilberto Freyre, na célebre obra dos anos 1930 “*Casa grande & Senzala*”, e no artigo referente ao ano de 1938, publicado no *Diário de Pernambuco* (TONINI, 2010) que articula a existência da ideia de uma harmonia racial. Outro influente autor

²⁹ A autora foi professora, intelectual ativista, poeta, escritora negra, feminista e que se autodeclara mulher negra, lésbica, poeta e mãe.

é o alemão, radicado no Brasil, Anatol Rosenfeld, com o clássico “*Negro, macumba e futebol*” (publicando seus estudos fora do país, e aqui aparece depois, nos anos 90).

O esporte foi significativo para a formação da nação brasileira e o futebol, em particular, para o discurso da democracia racial, tal qual, apoiados principalmente nos ideias de Gilberto Freyre, discorrendo sobre a harmonia racial, serviu como projeto espelho para países colonizados por Portugal (FLORENZANO, 2014), é confrontado e considerada “falsa democracia” (GONZALEZ, 1979, 1988; NASCIMENTO, 2009), uma vez que as estatísticas apresentavam (e apresentam) inequidade social entre as raças, exclusão racial do povo negro, privilégios para o povo branco (ou considerados brancos), seguido para as vantagens dos mestiços ou mulatos e, no outro extremo, os sujeitos pretos, isto é, de tez mais escura, fixados no último lugar da pirâmide social.

Após Mário Filho e sua crônica, a discussão da raça no futebol reaparece somente no fim da década de 70, com novas pesquisas retomando a discussão (TONINI, 2010, p. 47). Esse fator, como bem lembrou Marcel Tonini, coincide com o ressurgimento do movimento negro, em 1978, mas (ele diz), é após os anos 1980 que começa novos olhares, novos estudos em EDF com posições divergentes das crônicas e clássicos, e também, neste período se insere com mais força os pesquisadores da área em questão.

A construção de uma ciência social do esporte tem forte expressão em 1993 quando pesquisadores da história dos esportes, lazer e da EDF no Brasil reuniram-se pela primeira vez no país, na Unicamp (Universidade), para discutir essas questões. A discussão evoluiu para a história dos esportes em alguns grupos por dentro das academias brasileiras (GEBARA, 2002, p.15-6), corroborando para o desenvolvimento teórico deste campo.

No Brasil, muitas críticas no campo esportivo e estudos sobre esportes se deram com intelectuais de áreas científicas distintas, como jornalistas, cronistas, antropólogos, sociólogos e historiadores. Tais estudos e críticas realizadas diretamente pelos profissionais da área de Educação Física, é o desafio.

Considerando o crescimento de estudos em gênero e sexualidades no esporte brasileiro, é visto que a categoria gênero e raça é escassa, como alerta Fabiano Devide (2005). A esse fim contribui o estudo de Ivanilde Mattos (2010), mulher negra, da área da Educação Física, em cujo estudo reflete sobre o corpo negro na educação física e nos esportes, no Brasil, destacando feminilidade e masculinidade, a segregação dos esportes por gênero e raça, relacionando com as influências do racismo científico e a literatura racista.

Convém enaltecer as ações que envolvem a luta antirracista no esporte por militantes e pesquisadores de outros campos científicos, como o renomado Kabengele Munanga, que em

2010 organizou o Seminário sobre futebol e racismo na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FLORENZANO, 2014, p. 145) contribuindo para esse debate e produções concernentes ao problema da raça, apesar da continuidade da lacuna do gênero e sexualidade nesses encontros.

O Brasil que apareceu de “cara nova” desde os anos 1930, através da Copa do Mundo, com brancos, negros (mulatos e pretos) “inseridos” no futebol, ganha fama em 1950 ao sediar este megaevento e pela brilhante atuação na competição, que ficou na história e na memória do povo brasileiro. Apesar de não ter levado a taça, perdendo-a para o Uruguai, no entanto, conquistou a Copa de 1958.

No conjunto de representações do estoque brasileiro: carnaval, futebol, samba e sexo (ORTIZ, 2013), com os homens negros e as mulatas representando este cenário (GONZALEZ, 1988). Conforme Joel Rufino dos Santos (1981)³⁰ e Mário Filho (2010) o novo esporte que aqui chegou (o futebol) no fim do século XIX, em 1894 (seis anos após a abolição), era universitário e burguês.

Esses estudos permitiram-me ver, que de forma gradual é que se inserem no futebol os homens mestiços e mulatos, e apesar da tez mais clara não foram insentos dos ataques racistas. Nessa trajetória, a estreia da raça no futebol brasileiro ocorreu em 1912 com Carlos Alberto, no campo do Fluminense do Rio, apelidado de “pó de arroz” (SANTOS, 1981, p. 16) e “[...] não podia ser preto, naturalmente; nem procurado pela polícia. Mulatos serviam, desde que fossem excepcionais com a bola no pé (e, como o célebre Carlos Alberto, pudessem embranquecer com banhos de pó-de-arroz) [...]” (p.18).

Essa prática de embranquecimento implantada pelo então jogador, é igualmente assinalada por Jorge Soares (1999, p. 137), e não era só no futebol, mas, na sociedade, conforme Makota Valdina (PINTO, 2015): o pó-de-arroz na pele, a brilhantina no cabelo dos homens, grampos no cabelo das mulheres grampeados. O enbraquecimento se incute na pele e na cabeça, segundo denota-se em Abdias do Nascimento (2009).

Nesses termos, intelectuais discutem que apesar da multiracialidade e o pluralismo racial, somos resumidos em dois brasis: o Brasil branco e o Brasil negro, socioeconomicamente desigual por raça/cor (GONZALEZ, 1979); o Brasil desenvolvido, coincidentemente é branco, e o Brasil pobre, coincidentemente é negro (SANTOS, 2004, 2008). Este último autor exemplifica este debate comparando a Roma negra Salvador e a branca Florianópolis. Para

³⁰ Militante negro, intelectual e docente, brasileiro nascido no Rio de Janeiro (1941-2015). De acordo com sua biografia, são mais de trinta obras e textos publicados, ganhou diversas vezes o Prêmio Jabuti de Literatura, o mais importante no país.

esse debate, discutimos anteriormente em um estudo mais aprofundado (CALHEIRO; OLIVEIRA, 2018b).

A mídia exerceu e exerce importante influência para disseminar estereótipos racistas e preconceitos. As novelas brasileiras, nas quais, de um lado, artistas negrxs (de ambos os sexos), frequentemente estavam (estão) naturalizados nas piores funções e estereotipados (ARAÚJO, 2000). Do outro lado, a inserção dos negros nas novelas ocorreram depois do futebol. Era 1941 quando, tanto no teatro como na sociedade tentava-se apagar a existência física da cor negra, ou então, apresentá-la na ficção do piche [...]” (LEAL, 2008, p. 2) sem a presença dx negrx. E além da cor, o sexo adentrou ao projeto de dominação naturalizada. Neste mesmo ano, ocorreu proibições para as mulheres nos esportes (LESSA, 2005; LESSA, VOTRÉ, 2013; SILVEIRA, 2013).

De forma contrária ao aqui exposto sobre a mídia, o futebol exerceu forte influência disseminando o valor do negro e influenciando no campo sociocultural, econômico e político - tudo indica ter sido o primeiro espaço geográfico no pós-abolição, de luta de combate aos mitos e estereótipos negativos dos negros, e de interculturalidade, com as exportações de jogadores fora do contexto da escravidão e um dos setores que contribuiu para quebrar o mito do homem negro e branco – uma ideia suja e universal, flagrada no chamado Ocidente/Oriente,.

Essa ideia alia corpo, sexo, sexualidade e território – o pênis do africano, que tornou-se o pênis do homem negro”, o estuprador em potencial (FANON, 2008; MUNANGA, 2012; DAVIS, 2016). É igualmente, o homem-negro-fobogênese (FANON, 2008).

Através do jogo bonito, o corpo atlético do homem negro, os gols que resultam em valorização para quem o faz e a arte de jogar, promovido pelo futebol-arte, o corpo do homem negro passa a ter outra conotação – constituído de valor: inteligente, belo e útil, embora que esses valores sejam reportados ao corpo separado da mente – a jogada inteligente, como Pelé é reportado, em Mário Filho (1964) “*Viagem em torno de Pelé*”, em lugar de: o inteligente.

No futebol brasileiro, a imagem negra se configurou positiva, como rei, herói, estrela, diamante negro, bailarino, acrobata, fenômeno, imperador, cuja valorização influenciou nas relações afetivas interracialis de jogadores negros com mulheres brancas, ponto enfatizado por Kabengele Munanga (2012), a fim de questionar e mostrar a dubiedade da mestiçagem, delimitando a força da mestiçagem positiva, e até mesmo no discurso sobre “o homem negro”.

O mito do pênis avantajado, o desmarcado, hipersexuado, 100% ereto, o fobogênese (que aterroriza, causando medo), violento, agressivo, estuprador foi desmascarado como elemento do discurso. A história real da escravidão revela a função do homem branco e sua proporção mediante a violência sexual às escravizadas. E, não obstante o ínfimo percentual de

relações interraciais no Brasil (MOUTINHO, 2004), impressiona, como nessa questão não há preocupação das famílias e das mulheres brancas, com o mito do homem negro. Nessa descoberta, algo vai de encontro com as experiências das mulheres brancas francesas dos estudos de Simone de Beauvoir, fazendo um chamado para o trabalho, aos seus pares, dispostas ao casamento.

Mostra a autora o significado do casamento desta categoria de mulheres neste território: voltado para melhorias socioeconômicas, entretanto à base de violência dos homens brancos franceses para com as mulheres brancas francesas, e, em quatro paredes, nos quartos, nas noites de núpcas e na vida conjugal cotidiana, resultando, muitas vezes, em perdas de saúde destas mulheres, como depressão, desespero, e/ou suicídio, desgosto e violências sofridas. Mas, há também traição da parte das mulheres casadas, pelo descontentamento com o parceiro, desejo sexual, ou mesmo, por nada de moral, no entanto, se fortalece o mito da moral da mulher branca, sobretudo a francesa – o padrão.

Por sua vez, a mulher negra é forte e hipersexualizada, sedutora e reprodutora, útil para destacar a concepção positiva do hibridismo para o projeto da mestiçagem legalizador da exploração sexual de mulheres negras, durante e após a abolição, como exemplifica-se no Brasil, com Lélia Gonzalez; em Cuba, com Olga Cabrera; e no Sul dos Estados Unidos, com Angela Davis (GONZALEZ, 1988; DAVIS, 2016; CABRERA, 2017).

A exploração das mulheres negras se constitui como fator importante para a construção e consolidação da moral e respeito da categoria “mulheres brancas” universal (Hooks, 2019), quer seja por meio da religião, quer seja pelos crescentes feminismos hegemônicos, combatentes do patricariado branco, sem compreender que patriarcado e racismo juntos cravou as mulheres negras, étnicas e indígenas num processo chamado de múltipla opressão, que influencia no estruturalismo da exclusão.

2.1 INSERÇÃO E ASCENSÃO DO NEGRO NO FUTEBOL: REFLEXÃO SOBRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM MÁRIO FILHO E O FUTEBOL BRASILEIRO

No que tange aos aspectos de governo/nação, o futebol serviu como elemento importante para a inserção do Brasil-Nação no bloco mundial. Este território desvalorizado, exclusivamente explorado, sem características condizentes para agregar-se ao Bloco mundial que se formava, e para a Globalização (ORTIZ, 2012, 2013), era urgente a necessidade de mostrar a riqueza brasileira, que se dava no campo artístico-cultural e étnico em termos

pluralísticos. A literatura brasileira se incumbiu dessa tarefa através do discurso da região, clima, vegetação, hibridismo, religião e culturalismo.

A rejeitada nação “atrasada” adentra ao megaevento da Copa do Mundo e, concomitantemente, se insere no Bloco mundial. Os influentes corpos negros fazendo a diferença no esporte, com os corpos construídos no tensionamento, o futebol-arte foi apresentado ao mundo como modelagem brasileira, embora prioritariamente a inserção se deu para os mulatos, mestiços.

Os negros no futebol foram utilizados como estratégia importante para o reconhecimento mundial de brasilis, e para apagar a negatividade da terra não vista como nação, pela força “do macaco” humano que os europeus implantaram na região, discurso fortalecido pelos argentinos enviesado no confronto futebolístico que se dá desde o início do século XX (PEREIRA, 2014), pois, não era somente os negros, os macacos, mas, todos os brasileiros.

Visto pelos europeus como inóspito, de produtos autóctones, o Brasil se ergue como nação atrativa e turística. E o futebol estereotipado pelos estrangeiros de fora, é visto não como arte, mas como “acrobático” (MÁRIO FILHO, 2010) surgindo o jogo bonito do futebol brasileiro, escondendo o jogo sujo na formação da nação, aderindo á globalização, para alguns.

O país diferente, racialmente harmônico e de pluralismo cultural, se projeta no Bloco dos Estados-Nação consolidando o discurso da harmonia racial e o futebol representado como “modelo de democracia”, idealizando a ascensão dos negros.

Para esta questão foi importante o estudo de Mário Filho (1908-1966), publicado nos anos 1940. Carioca, aos 19 anos de idade o jornalista revolucionou o jornal por meio do futebol. Modalidade esportiva conhecida como: originada na Inglaterra, chegou no Brasil através da imigração com o inglês Charles Miller. O objetivo era ampliar o lazer dos brancos de posse.

Há contradições sobre a origem do futebol – “fruto da evolução histórica de inúmeros jogos com bola praticados por diferentes povos em diferentes épocas [...] o futebol e o rúgbi modernos são descendentes de um conjunto de jogos populares com nomes variados em diversos países europeus [...] (DUNNING, 2003 apud OLIVEIRA et al, 2011, p. 20).

Sobre esta controvérsia, Franco Junior (2007), ao escavar essa história mostra que há manifestações de jogos com bola nos pés, em tempos remotos, na China, Japão e América Central, e problematiza o autor, ao expressar que o Brasil tem a tradição de eleger personalidades da elite para serem os protagonistas de sua história. Eu diria, ainda, personalidades brancas. Há um problema racial evidente e enraizado no país.

Antonio Soares (1999, p. 119) elenca três principais momentos do futebol na narrativa das produções, ou em quase todas elas, como afirma. A saber: a chegada do futebol no Brasil,

inglês e elitista, enfatizando a segregação dos negros e dos pobres; a sua popularização, ressaltando as lutas e resistências; e por fim o papel central dos negros nesse processo, com a destacada democratização, ascensão e afirmação do negro no futebol. E, Mário Filho (2010) frisa a democracia do futebol brasileiro e ascensão dos negros, no entanto, Rufino dos Santos (1981) e Antônio Soares (1999, 2002) refutam essa ideia além de refutar a assertiva do futebol como “modelo de democracia”. Ambos correlacionam “identidade nacional e racismo” (SOARES, 2002).

A desigualdade racial e econômica no jogo é revelada, como a “[...] a exploração de jogadores negros que, como Fausto, morreram na miséria e doentes no sistema do amadorismo marrom (semiprofissionalismo) [...]” (SOARES, 1999, p.137). Esse tipo de amadorismo foi a revelação de que durante todo o tempo na trajetória do futebol não profissional os jogadores brancos ganhavam dinheiro para jogar, tidos como profissionais apesar de não serem.

Ainda que, abordando e reconhecendo o racismo no futebol, Mário Filho, em lugar do racismo, culpabiliza a cachaça e outros vícios como comprometedor na ascensão dos negros no futebol, e conseqüentemente da desigualdade, e quando revela que os jogadores brancos recebiam premiações valiosas, como p.ex., automóvel, nos fins das competições e/ou nos jogos importantes, apesar dos negros terem sido as revelações, e de direitos ao prêmio. Os tensionamentos raciais internos aparecem nestes estudos. Garrincha, por exemplo, marcou a vida de Pelé, logo quando este jogador ingressou, aos 17 anos no escrete brasileiro, o apelidando de macaco.

Conforme Mário Filho (1964, p. 153) ao ver Pelé pela primeira vez, Garrincha expressou: “Chita!” e, compreende o autor que “Pelé não se ofendeu”. Impressiona nos dias de hoje a afirmação do autor, quando este entende que alguém não se ofenderia em ser vítima do racismo, ao ser chamado de macaco. E assim, escancarou-se o racismo velado no escrete, como se a polarização racial causasse tensionamento no futebol. Mas, a forma como o autor compreende o racismo no futebol vai mudando ao longo da narrativa, do início para o final.

Os negros passam pela “provação” (a provação do negro), mas chegou lá, em pé de igualdade com o branco. Embora na trajetória do futebol narrada pelo clássico, um único treinador negro ocupou este cargo, finaliza a obra com o capítulo “a vez do preto”. E Joel Rufino dos Santos (1981) assinala que a ruptura dos homens negros com as proibições no futebol se deu á base de conflito e enfrentamento ao racismo, mas que a desigualdade com os brancos permaneceu ainda que tenha profissionalizado o futebol.

O estudo clássico de Mário Filho fincou-se como “verdade”, afirmou a “ascensão do negro no futebol”, confirmado na inclusão posterior do capítulo “a vez do preto”, e motivou

críticas nesse sentido, de alguns autores, como Rufino e Jorge Soares, pelo entendimento de que, inserção não é sinônimo de ascensão. Além disso, as desigualdades interracial neste esporte foi evidente tanto com Mário Filho quanto com Anatol Rosenfeld. E, por entendermos que se x atleta ascende socialmente a família também ascende, no entanto, o recorte temporal da obra analisada mostra que o povo negro na sociedade, permaneceu na desigualdade social.

Desta forma, ser jogador negro, de futebol, não condizia com ascensão da raça, e/ou, o quantitativo de jogadores negros, da época, não condizia com um percentual que pudesse contribuir na redução da desigualdade racial neste país. Na atualidade, ainda é pouco o número de jogadores que ganham salários a ponto de manter toda a família com qualidade de vida (VIEIRA, 2003).

A observação, de outras modalidades esportivas neste mesmo período, as quais deixaram a desejar no tocante á inserção de pessoas negras (ROSENFELD, 2013), igualmente abordada pelo autor de “*o negro no futebol brasileiro*” que menciona a exclusão dos negros e o racismo no atletismo (da época), são fatores que corroboram para a interpretação da dita ascensão como discurso.

Além da classe os marcadores sociais gênero e sexualidades são flagradas na historiografia futebolística nas clássicas crônicas futebolísticas, quer seja direta, quer seja indiretamente. Discursos de gênero, como pureza, fragilidade, amabilidade e moral são destinados á categoria mulheres brancas, sobretudo torcedoras (MÁRIO FILHO, 2010; ROSENFELD, 2013) - O mito da mulher branca brasileira.

Uma questão reveladora de vantagem³¹ racial, de classe e o mito da mulher branca aparecem em “O negro no futebol brasileiro”, e, certamente foi narrado, pela vítima ter sido a família do autor da obra. Ao narrar o trágico episódio do assassinato do seu irmão, trabalhador do jornal, assassinado a tiro de revólver por uma mulher de classe alta, casada com um renomado médico, ao qual traía com outro homem, Mário Filho (2010) relaciona com as perdas socioeconômicas, morte do seu pai e demais dificuldades enfrentadas, como a perda da empresa jornalística. Apesar de que, justiça não feita, mas, o jornalista seguiu empregado em um excelente jornal, famoso da época, lhe permitindo assumir a chefia do lar, de extensa família.

O flagrante da traição e a revelação, da mulher, futura assassina, foi parar nas primeiras páginas do jornal (de propriedade da família do autor), resultando na vingança da criminosa,

³¹Sobre privilégio e vantagem, articulo neste estudo que não é experienciado igualmente o privilégio para homens e mulheres brancxs, devido a opressão do sexo, embora que homens brancos pobres carreguem o marcador da classe oprimida, isso não lhes tira o privilégio da possibilidade de ascensão. E as mulheres, experienciam a violência de gênero, exclusivo para o sexo. Nesse sentido, haveria vantagem intragênero.

que não contou dois tempos, tudo, por ela resolvido em alguns minutos do primeiro tempo. E, ainda que comprovado judicialmente, ocorreu a sua absolvição. Consequentemente, morre o pai do autor Mário, ainda jovem e saudável, em consequência do brutal assassinato do filho.

Ainda que indiretamente, é mostrado o campo de jogo esportivo sendo o lugar social para a caça às mulheres, e caça aos homens, ambos em busca de marido/esposa e casamento, e se davam os namoros e encontros às escondidas, apesar das proibições familiares e da parte da igreja (MÁRIO FILHO, 2010; ROSENFELD, 2013).

As mulheres brancas, mais velhas e casadas, fazem parte da história, representadas como auxiliadoras dos maridos, donos e/ou responsáveis pelos times. Fazem o lanche ou refeição baseados em cardápio de nutrição. Mas, a história vai mais além, se permitido outros olhares, como: na passagem do século XIX para o século XX, a frequência das mulheres nas partidas, seguido do banimento, bem como, as mulheres negras não estavam mortas. Pelo contrário, eram bem ativas na sociedade, como o são. E no futebol, não? A bola está em jogo.

As mulheres negras, são subsumidas e invisibilizadas nestes estudos, mas aparecem em outro contexto, um dos quais, como madrinha de times compostos por jogadores negros, nas comunidades, e como fornecedoras de mingau, visto na obra do jornalista em questão. E as diferenças de papéis entre os sexos são notáveis (ROSENFELD, 2013), e ilustra-se a participação de mulheres em diversas modalidades esportivas, porém, voltadas para o gênero, como p.ex. o voleibol.

Apesar destes autores universalizarem a categoria “mulher” quando não destacam a raça/cor, é evidente a racialização quando tratam das relações afetivas dos jogadores e namoros, a representação das mulheres torcedoras, caracterizando os figurinos destas e os lenços que seguram, levados para conter os desatinos de gritos, que alguém do grupo dos cronistas classificou como histeria. Além disso, quando descrevem as praticante dos esportes e os públicos, deixando entrever que são mulheres brancas.

Anatol Rosenfeld (1912-1973), sociólogo e antropólogo, o alemão refugiado no Brasil devido ao nazismo, no clássico *“Negro, macumba futebol”* destaca a desigualdade racial nesta modalidade e na sociedade brasileira. Influente no debate cultural brasileiro, pesquisa sobre a temática futebol e religião de ritos afro-brasileiros, interseccionando futebol e candomblé, se reportando com o termo “macumba”, analisando os aspectos de corpo, fusão e magia.

No estudo do autor se constata a exclusão racial, verificadas em várias esferas de trabalho, e afirma que os negros ocupavam a parte de baixo da escala social, os piores postos, recebendo os menores salários. As diferenças de papéis e desvalorização no campo do trabalho demarca a hierarquização.

Associando capitalismo e região com a discussão da metrópole, e sem fechar os olhos para a questão da violência no futebol, o Dossiê “Futebol”, assinala que para além de aspectos psicanalíticos, futebol significa tensionamentos nas relações.³² Um dos autores desse Dossiê, José Sérgio Lopes (1994), em “*A vitória do futebol que incorporou a pelada*”, reitera a ideia de que o futebol aproximou as classes e os universos profissionais, e fortalece a ideia da emancipação social dos negros e das classes populares pela via do esporte.

Evidencia-se também, a oposição entre futebol nos estádios – o profissional, e nas comunidades – o amadorismo requer pensar a pelada, o baba (a pelada), a rua. Em “*O futebol na ponta da caneta*”, Francisco Costa (1994) lança seu olhar para o tensionamento racial e elabora crítica que mostra a realidade que vivemos na atualidade.

Realizando uma retrospectiva demarca um momento relevante dos estudos em futebol, com notáveis críticos, denominando de “atacantes que defesa nenhuma gostaria de ter pela frente: Lima Barreto, Graciliano Ramos e Oswald de Andrade”, com efervescentes disparos e ataques destes ativistas contra o futebol. Lima Barreto é citado como raivoso quando o assunto é futebol, atacado pelos então críticos como: “escritor sem berço, injustiçado e mulato”. Mulato porque negro, negro porque não-branco.

A meu ver, trata-se de relacionarem os mulatos de classe média, e nesse caso, os escritores, com o complexo de inferioridade. Nas interpretações de Francisco Costa, o militante e mulato justifica sua repugnância a esse esporte por ver tantas desgraças: briga, violência, suicídio, onde os mais fracos perecem (COSTA 1994, p. 86-7). Desta forma, a raiva de Lima Barreto surge como “raiva do racismo” (LORDE, 2019), raiva ao discurso da harmonia racial e da narrativa da ascensão do negro?

Trazendo novos olhares, Marcel Tonini (2010, 2016) e José Jairo Vieira (2003) apresentam que as hierarquias raciais continuam no futebol, as diferenças de papéis mostraram-se racializadas nas diversas funções, com a função de atleta/jogador sendo determinante para o homem negro, e o racismo ganha diversas formas, e continua cada vez mais forte. Contudo, os estudos abordados no âmbito da biomitografia sobre esporte e futebol não trazem discussão de gênero e raça, resgata os clássicos para retomar os velhos debates e mantém o androcentrismo nos estudos futebolísticos.

³²No Dossiê “Futebol” (Revista USP, ano 1994) o futebol é discutido nos termos antropológico e sociopolítico, e a incorporação desse esporte que vai de amador ao profissional abordando sua relação com o mundo social, histórico, político e econômico. O Dossiê foi impulsionado pela Copa de 94. Mostra a visão dos clássicos futebolísticos em relação às significações simbólicas e o nacionalismo denota-se a força dos estudos sobre a história do futebol brasileiro que obscurecia a realidade, não discute temáticas como gênero e sexualidade no futebol, nem racismo.

Assim, na trajetória do futebol é evidente que este esporte contribuiu na inserção e, em parte, combatendo a desvalorização racial, mas, não significou ascensão dos negros brasileiros. Fazendo-se necessários relacionar os estudos dos esportes aos debates pós e decoloniais, as colonialidades de poder, tratando dos aspectos de gênero, sexualidades, racismo e sexismo. Nesse sentido, com o intuito de adentrar á discussão sobre mulheres nos esportes abordando as problematizações raciais e sexuais, discuto a seguir, sobre raça, racismo e a polarização racial do Brasil, a fim de entender como o esporte brasileiro é racializado e hierarquizado.

2.2 NEGRX ENTRE ASPAS: ENTRE PARDX E MESTIÇX, RACIALIZAÇÃO E RACISMOS³³

Da teoria do racismo científico (MUNANGA, 2006; SCHWARCZ, 2008; MATTOS, 2010) elabora-se o pensamento social brasileiro, que é “o mito da mestiçagem” (OLIVEIRA, 2003) para alguns autores, contudo, me parece real e adotada, mudando de forma. A meu ver, mito, porque não há superioridade e inferioridade humana, mas, inferiorizou-se e superiorizou-se. Outrxs autorxs compreenderam as relações interracialis presentes em Gilberto Freyre, como ideias e discursos que se previu harmônicas, logo, confrontando-as, compreendidas como exploração sexual (GONZALEZ, 1979; OLIVEIRA, 2003; MUNANGA, 2006).

Patrícia Villen, mostra que países colonizados pelos portugueses, como os de territórios africanos, utilizou o pensamento de Freyre a fins de mudar a forma colonial, nos termos ideológicos, assim, servindo de projeto modelo para as colonizações das nações africanas colonizadas por Portugal (VILLEN, 2013).

Conforme estes críticos de Freyre, em seu pensamento há ideia de harmonia racial democrática que tornou-se discurso aceito como verdade. Alguns destes revelaram a falsa democracia a partir da constatação de dois brasis, da divisão racial do trabalho e exploração sexual (GONZALEZ, 1979; SANTOS, 2004, 2008), constatando a falsa democracia, desarmonia e violência racial, exclusão e genocídio negro (NASCIMENTO, 2009). É o projeto “panóptico” da exclusão dos delinquentes, os marginais, os perigosos, aparecendo por aqui?

³³ Uma versão mais embrionária deste estudo foi apresentado em Congresso e publicado em nos anais. O Brasil preto, o Brasil branco e os racismos: mestiço ou pardo, o projeto continua... (Anais). XIV ENECULT. (CALHEIRO; OLIVEIRA, E., 2018b.).

O projeto tóxico, importado do Ocidente, direto para as Américas, em especial para o Brasil, investindo-se em forma de discurso (CALHEIRO; OLIVEIRA, 2018b), que virou verdade e naturalizou-se.

A nação multicolor diferencia-se da América, dos Estados Unidos. Considerando que os recenseamentos demográficos deste citado país, contabilizam somente brancos e negros, ao mesmo tempo em que mostra estas duas raças não tão somente na perspectiva biológica, mas também sociopolítica (MUNANGA, 2006, p. 19), e no Brasil se sustenta a polaridade racial com a tonalidade da pele e as gradações, como discutiu Oracy Nogueira (2006), sobre a estratificação social da cor da pele, pretos e pardos e a substituição das cores da tradição que ressignifica a teoria da mestiçagem, com a inserção parda no sistema brasileiro.

Devido a ambiguidade nas teorias sobre hibridez a mestiçagem se apresenta ora positiva, ora negativa (MUNANGA, 2006), pensar o pardo para substituir o mestiço ou o mulato faz parte deste movimento brasileiro. Desta maneira, o termo “pardo” é uma categoria tipicamente brasileira que aparece como substituição ao mestiço, este que se mantém com força em vários países da América Latina, no Brasil perdeu a força por seu conceito ambíguo, crítico e político. Pardo/a é uma saída para a continuidade da mestiçagem. E se trata de uma prática característica do país que dribla, ginga, finta, nega e dissimula.

Pardo/a, ou “pardal”, “pardagem”? Pois a semelhança com o animal se mantém. Mestiço ou mulato tem relação com animal, hibridez e mula (KILOMBA, 2019; MUNANGA, 2006). “Pardagem” é o termo que tem relação com mistura de cor e ao mesmo tempo continua a pensar o animal — o pardal, ao mesmo tempo relaciona com camuflagem, uma espécie de camaleão (CALHEIRO; OLIVEIRA, 2018b).

A alta valorização do pardo, ou a substituição do termo negro pelo pardo no Brasil foi fator importante e se justifica pela ressignificação da miscigenação (o brasileiro seria a mistura de uma raça superior e duas inferiores — o negro e o índio), passando do negativo para o positivo (ORTIZ, 2013).

A questão da mestiçagem como identidade brasileira revela a complexidade brasileira pautada na marca, no sistema complexo de cores, mas é utilizada para exclusão e inclusão social por meio da polarização, que se dá pela via do corpo/cor - o documento de identidade. Pardo é invenção do Brasil – a sociedade do engano, mas é a ressignificação da mestiçagem no país multicolor, inserindo a criatividade brasileira, pois valoriza umas, reconhece outras e desvaloriza a cor preta.

A teoria da mestiçaria induz a colocar em debate os números e percentuais apresentados pelo IBGE do ano 2017, que apresenta em torno de 8% de pretos no Brasil. Ao mesmo tempo,

ora todo mundo é negro, ora negro é preto, ora é pardo. Para Carvalho (2002, p. 63) do ponto de vista do Brasil, a mestiçagem implantou obrigatoriamente a cor parda nas certidões dos negros, incluindo os pretos, porém, quanto mais escura a cor maior o nível de exclusão. Lola Ferreira (2018) mostra percentuais por cor no topo da educação brasileira, na categoria doutores/as, e, destacando raça e gênero com a categoria mulheres pretas, nos apresenta números baixos e insignificantes, quando comparado entre as professoras e as raças.

Ao contrário do que diz o preconceito: que não há mulheres pretas qualificadas, esta autora revela o racismo – com as pretas qualificadas de fora. Nada mudou, se observarmos o estudo de Carvalho (2002) do início do ano: 1% de professores negros na UNB (Universidade de Brasília) – Essa é a cara do Brasil multirracial?

Essa vertente leva à problemática, no Brasil, da valorização/desvalorização, inferioridade/superioridade das pessoas vistas a partir da cor da pele, surgindo neologismos raciais, como a loira e a “negra entre aspas” e “negra real”, para pensar em como se dá as formas de desigualdades sociais. Ana Celia da Silva, a autora, ativista do movimento negro, entrevistada para esta pesquisa³⁴, a fim de contribuir para as compreensões de raça, racismo e desigualdades fala do gradiente de cor e destaca os neologismos: “*negra entre aspas*”, “*negra mesmo*” e “*negra real*”.

Você vê, dentro da própria raça negra, esse gradiente de cor interfere muito, né? O acesso é de acordo com o gradiente de cor do povo negro. Você vê, um exemplo bem simples... As novelas, as misses. Ah, porque a miss é negra. Mas, quando você olha, ela é uma negra da pele não muito negra. Houve um ano que colocaram uma Globeleza negra real. A reação foi a pior possível pra cima dela porque ela era negra mesmo. Começaram a chamar ela de macaca, dizer que ela era feia, o que ela tava fazendo ali? “Mas todas as globelezas são negras. Por que é que eu não posso ser?”. Ela era negra mesmo. Não era negra, entre aspas, mulata. Como eles chamam, né? (...) (ANA CÉLIA DA SILVA, Entrevista. 2017).

A militante do movimento negro, nesta entrevista, expressa que a cor da pele tem influência nas inclusões e questões de inserção no Brasil. E trazendo o exemplo da Globeleza, incita o debate da mestiçagem e a associação da formação da nação brasileira. Negra entre aspas é entendida como a mulata, e “negra mesmo” é a preta, que é a “negra real”. Trata-se da diferenciação da polarização racial e compara o nível de aceitação social da mulher negra (e homem negro) na sociedade brasileira, no conflito das culturas transformadas em conflito das raças. “Negra entre aspas” também está associado a uma cor que, no Brasil é mais aceita, e ao mesmo tempo é parte do preconceito quando se compara ao padrão branco.

³⁴ Entrevista concedida em 2017.

“Negra real e entre aspas” contribui para compreender e atualizar o debate do hibridismo, que se desenrolou em substituição a degeneração reconfigurada por teorias de regeneração (MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, 1999)³⁵, foi quando “o hibridismo permaneceu como figura central da maior parte das utopias bio-culturalistas presentes na América Latina” (p.127): a nossa América-mestiça, a raça cósmica, a cor cubana, a democracia racial, a transculturação, o café com leite e o real maravilhoso (Expressa a autora citada). Mediante a problemática racial, convém saber: o que é ser negro?

“[...] Ser negro é estar entre aqueles cuja presença é ‘vigiada’ — no sentido de controle social, e ignorada, no sentido da recusa psíquica — e ao mesmo tempo, sobre determinado — projetada psiquicamente, tornada estereotípica e sintomática [...]” (BHABHA, 1998, p. 326-7 *apud* SILVA, 2011, p. 29). Portanto, ser negro real não significa tonalidade da pele, mas a experiência e articulação com tudo: raça, gênero, classe, sexualidade, território, religião. A cor mais marcada.

Ser negro, no entanto, tem a ver com um conjunto de fatores: marcado no corpo e marcado na sociedade, marcas de exclusão, de estereótipo, de preconceito. O “outro”. Ser negro é viver em constante resistência, buscando uma forma própria de sê-lo, seja na música, na dança, na religião, no esporte ou em outra função. Desta maneira, raça e negro tornaram-se ferramenta política e instrumento de combate ao racismo.

Nesse sentido, advogo pelo uso da categoria raça como história, certa de que, abolindo a categoria raça não se abolem as práticas racistas, nem seus efeitos sobre os atingidos pelo racismo. (NASCIMENTO, 2009). Para Abdias do Nascimento, “racismo é a primeira contradição social no caminho do negro. A ela se junta outras, como a contradição de classes e de sexo. (2009, p. 210).

No tensionamento, para ataques históricos, resistências históricas. Assim, resistência negra, às vezes, é vista como racismo às avessas. No entanto, não há racismo às avessas, porque, como afirmou Léliz Gonzalez, o grupo negro não é padrão de referência. O que parece haver é assimilação ideológica da negação de si — do ser negro, em relação à afirmação do outro, branco.

Conceituando o termo: “racismo é um fenômeno eminentemente histórico ligado a conflitos reais ocorridos na história dos povos” (MOORE, 2007, p. 38). Hoje tem se globalizado

³⁵ Autodeclarada mulher caribenha, critica o Atlântico negro (*The Black Atlantic*) de Paul Gilroy (1993), cujo autor neste clássico, além de ter o Norte como lugar de fala remete a diáspora negra ao Norte, e se refere primeiramente aos Estados Unidos. Como se Jamaica e Estados Unidos pudessem representar a totalidade das Américas, e especificamente a totalidade da diáspora afro-americana (p. 134 e 141).

uma sociedade racializada historicamente e que herdamos, e o racismo se enraíza no imaginário social (p. 48). Racismo é também conceituado como “a crença na inerente superioridade de uma raça sobre outra [...]. Racismo é a primeira contradição social no caminho do negro” (NASCIMENTO, 2009). Segundo Abdias do Nascimento, o racismo se tornou uma arma apontada contra nós - contra o povo negro.

Conforme o supracitado, raça biologicamente pura não existe e nunca existiu. Compreendamos que – “raça” não é um conceito que possa ser definido segundo critérios biológicos, porém, raça existe sociopoliticamente: é uma construção sociopolítica, o que não é o caso do racismo, um fenômeno que antecede sua própria definição (MOORE, 2007, p. 38). Nesse contexto, “raça é signo” (SEGATO, 2010). Em meu entendimento, negro é o signo de uma raça socioculturalmente multimarcada e nele se desenvolveu o preconceito racial e o racismo.

Das marcas de origem inscritas no corpo do sujeito a partir de eventos ocorridos nesse espaço-tempo, falo da leitura racial, e dessa leitura dependerá sua inclusão ou sua exclusão no ambiente social [...]. Nesse sentido, raça é *signo*, e, enquanto tal, é necessário reconhecer sua realidade (SEGATO, 2010, p. 27. Tradução e grifo meus).

O exposto excita a seguinte inquirição: **preconceito, discriminação e racismo**, é tudo a mesma coisa? Nessa conjuntura de desigualdade destacam-se três os conceitos interseccionados citados. Para Hélio Santos (2008) os dois primeiros são confundidos como similares, porém, diferem entre si, e o *racismo* “é mais amplo em seu sentido do que o preconceito racial”. Vale lembrar que na Constituição Federal Brasileira de 1988, a discriminação racial tornou-se crime imprescritível (QUEIROZ, 2002, p. 70) e o racismo se constituiu como o “crime perfeito” (MUNANGA, 2013), porque pode ser invisibilizado, camuflado e não constatado. Nesse sentido, faz-se relevante melhor compreender essas diferenças.

Conforme Santos (2008), *o racismo* ocorre quando se atribui a um grupo determinados aspectos negativos em razão de suas características físicas ou culturais, portanto, preconceito e racismo são atitudes - é a externalização da atitude, ocorrendo uma ação, comportamento realizado de forma a prejudicar. *Quando transformada em manifestação é que se constata que houve a discriminação.*

O mesmo ainda explicita que *o preconceito*, de qualquer tipo, é uma atitude negativa em relação a alguém — Atitude antecipada contra algo. **O preconceito racial**, especificamente, ocorre quando uma pessoa ou um grupo sofre uma atitude negativa por parte de alguém que tem como padrão de referência o próprio grupo racial.

Essas categorias, tidas equivocadamente como similares, levam a dificultar e impedir o cumprimento das leis antirracistas, que enquadra o crime do racismo como injúria racial e, com isso, ao invés de erradicar o racismo no Brasil se desenvolvem outros tipos. E, como o povo brasileiro é criativo, a parcela racista se utiliza da criatividade nata para continuar no crime. Observemos os seus vários tipos - classificados por Jones (2000 *apud* GOÉS, 2014), destacando-se três tipos - institucional, pessoalmente mediado e internalizado. Vejamos como os conceituam:

Racismo pessoalmente mediado — definido como preconceito e discriminação. O primeiro termo significa suposição diferencial sobre as habilidades, motivos e intenções; o segundo significa diferencial das ações em relação aos outros de acordo com sua raça. E racismo *internalizado* — conceituado com aceitação da população de raças estigmatizadas de mensagens negativas sobre suas próprias habilidades e valor intrínseco, identificado na baixa autoestima.

O ***Racismo institucional*** — conceituado como ausência de acesso aos bens, serviços e oportunidades de uma determinada população por motivo de raça/cor/ etnia e cultura. Este termo é muito utilizado no Brasil para explicar as desigualdades raciais, sendo este amplamente discutido hoje, é destacado por Cidinha da Silva. Conforme explica, o Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI), implantado em 2005 no Brasil, definiu este tipo de racismo como:

O fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho, os quais são resultantes do preconceito racial, uma atitude que combina estereótipos racistas, falta de atenção e ignorância (SILVA, 2014, p. 51).

O conceito do racismo institucional é exposto de mesma forma por Sueli Carneiro (2011, p. 25) que amplia a explicitação. Para ela, pode ser visto ou detectado em processos, atitudes e comportamentos que contribuem para a discriminação por meio do preconceito não intencional, ignorância, desatenção e estereótipos racistas. Mediante este estudo noto que esse tipo de racismo está presente na mídia e nos esportes.

Vale notar outras classificações de racismos: ***o racismo explícito, declarado ou direto***, desferido contra as pessoas negras, por meio de sentimento de ódio e que volta com força através da mídia, das redes soais e websites; além do ***racismo dissimulado ou camuflado*** (MUNANGA, 2013) e que tem outro nome — o “*racismo à brasileira*” (TELLES, 2003). E Lélia identificou mais um tipo de racismo: O “***racismo latino-americano***”, mantendo negros e

indígenas como subordinados (GONZÁLEZ, 1979, p. 15). Para ela, esse tipo tem como fruto o projeto ideológico do branqueamento, que resultou no apagamento do uso dos indicadores raciais nos seus censos e outros documentos. O fato é que o racismo se fortalece e ganha novas formas neste processo, mas não se erradica.

Grada Kilomba (2019), se reportando a Philomena Essed (1991), aborda quatro tipos de racismo em seu estudo: institucional, genderizado, cotidiano e estrutural. O **racismo genderizado** (p. 99) é relacionado a gênero e raça, e se refere à opressão racial sofrida por mulheres negras como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero.

O *racismo cotidiano*, por sua vez, refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares. A autora se refere ao fato de que essas experiências não são pontuais, são experiências de vida, e como ela nomeia de “padrão contínuo de abuso” (KILOMBA, 2019, p.78), por exemplo, o atendimento prioritário e pioneiramente às pessoas brancas nos estabelecimentos, na padaria, no mercado, em que os/as brancos/as são atendidos primeiro em ações discretas, mas que é a norma — nós negrxs somos a/o outra/o.

E o *racismo estrutural* exclui as pessoas negras (de cor) da maioria das estruturas sociais e políticas, colocando as pessoas dessa categoria racial fora das estruturas dominantes (KILOMBA, 2019, p. 77). O racismo resultou em estereótipos no esporte, com ênfase para “ladrão e macaco” nos quais destaco as cenas. Isso se deu no futebol brasileiro exercendo influências nos estereótipos negativos dos negros, e fortaleceu as ideologias de superioridade e beleza do branco.

Contudo, a memória do futebol guarda e revela o que representa a Copa do Mundo para os negros: uma conquista importante para a raça. Na história da inserção racial no futebol o negro na Copa do mundo, ao contrário de democracia racial, é a denúncia do país velado e da falsa democracia. Mas, o racismo existe e se fortalece, não se erradica. Na tentativa de esconder o racismo no futebol, não se discute o problema.

Ladrão! Cuidado... ladrão!!!

Enquanto “ladrão” tornou-se elemento do caráter do povo negro, o “macaco” é elemento de desumanização. “Negro não é gente”. Obviamente que, no jogo, ladrão é uma estratégia de desestabilizar o adversário. Ladrão é um estereótipo racista. “Cuidado, ladrão!” É uma expressão que transita dentro e fora do jogo. Da escola de Nina Rodrigues para a escola de futebol. Sendo comum no jogo de futebol universalizado: Ladrão! Cuidado... ladrão!!! É indicativo de alerta da presença de qualquer adversário que se aproxima, e que visa tomar (roubar) a bola. Conforme Rufino Santos (1981), o termo foi cunhado pelo racismo no futebol

brasileiro, quando os negros foram adentrando ao jogo, ao aproximar-se para disputar a bola era surpreendido: Ladrão!!! Cuidado... ladrão!

O ladrão aparece no futebol brasileiro concomitante ao aparecimento do homem negro. Arthur Friedenreich é considerado o primeiro negro no futebol brasileiro, porém mestiço, filho de um alemão com mulher negra (MÁRIO FILHO, 2010; MANERA, 2015, p. 21) e Carlos Alberto, apelidado de “pó-de-arroz” (SANTOS, 1981), cuja fama se deu não só pelo empenho futebolístico, mas por trazer á tona o problema racial da nação através do futebol na tentativa de embranquecimento.

Ladrão no futebol difundiu-se subsumindo seu caráter racista, pois, não mais se refere somente á chegada dos negros no futebol e nem tão somente ao futebol masculino, é referido a qualquer raça/cor e sexo, que chega subitamente, de surpresa, ou, corajosamente, mas, para roubar a bola do/a adversário/a. E assim, a alerta gritante: ladrão! Que é o corpo estranho. A alerta para a precaução, para tomar todos os cuidados. E, toda via, que conseqüências o termo pode provocar?

“[...] Foi o estereótipo que nos tirou do mercado depois da abolição, não é?... “Eles são incapazes...” [...].”

A explanação crítica é de Ana Célia da Silva na entrevista concedida. A professora ativista fala sobre a ideologia instituída na sociedade, refletindo na extinta teoria do racismo científico, mas que materializou-se em desqualificação dos negros e justifica-se a exclusão racial e desigualdade social no mercado de trabalho, educação, cujo estereótipo dá as bases para assimilação e narcisismo.

O estereótipo é uma forma de naturalizar o racismo pela via das características sempre relacionadas á coisas, animais, desumanizando a personalidade. “O estereótipo é uma visão simplificada e conveniente de um indivíduo ou grupo qualquer, utilizada para estimular o racismo” (SILVA, 2004, p.47). E segue a autora ativista explicitando: “por outro lado, os estereótipos influenciam negativamente a autopercepção das pessoas, desde que essas pertençam ao grupo ao qual se atribuem características desumanizadas e estigmatizadas”. Discursos, ideologias e materialidades que desfazemos combatendo: “se eles fazem eu desfaço” (SILVA, 2004).

2.2.1 Cenas de racismo

Em formas de cenas destaquei alguns casos de racismo, complementando o debate. São quatro grupos de cenas. Nesta parte elaborei três, concluindo no subtema seguinte (2.3). E em cada grupo apresento dois casos. Utilizei o Observatório racial (de 2015 e 2016) e a website e recortes de redes sociais.

| CENA I | CENA II |
|--|--|
| O caso da goleira Bárbara | O caso Rafaela Silva, Judoca, brasileira |
| <p>“Eu odeio preto, mas essa goleira do Brasil tinha chance”³⁶. Mensagem nas redes sociais, postada pelo membro do CFA - Conselho Federal de Administração. Sobre a goleira da seleção brasileira de futebol. Uma jovem, negra de olhos claros/esverdeados.</p> | <p>Na Olimpíada de Londres 2012, a tentativa de um golpe irregular e a consequente eliminação na luta preliminar dos Jogos quase encerrou sua carreira. A derrota foi seguida de comentários racistas nas redes sociais, que abalaram tanto a atleta que ela precisou ser convencida a voltar aos treinos. (MONIZ, 2016).³⁷</p> |

A cena I foi extraída do Observatório de discriminação racial, de 2016. O caso ocorreu por intermédio dos jogos Olímpicos-Rio/2016, as diferenças de valores do corpo, cor e sexo evidenciado pelo ataque racista, e mostra exploração sexual á mulher negra vigente na sociedade. Devido a polêmica nas redes sociais, em decorrência disso, o CFA declarou repúdio á declaração do conselheiro e que trataria internamente do caso, e a coordenação da seleção minimizou a repercussão.

Na Cena II, a judoca Rafaela Silva, mulher negra moradora da Cidade de Deus, nas Olípiadas de Londres, 2012, é apresentada como esperança de medalha para o Brasil. Mas, o que era para ser a consagração virou um episódio violento - o racismo. Aqui, não se interpreta como sendo comentários racistas, mas, o racismo como munição para matar: preconceito, discriminação e racismo, tudo junto.

Quatro anos depois, a atleta entrou para a história ao conquistar para o Brasil a primeira medalha de ouro / Rio 2016. Rememorando a agressão e violência ela expressa, derramando lágrimas, que significam memórias de dor: "O macaco que tinha que estar na jaula hoje é

³⁶https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2016/RELATORIO_DISCRIMINCAO_RACIAL_2016.pdf. Campeonato: Jogos Olímpicos, Rio 2016 – Jogo: Brasil x Austrália – Data: 13/08/2016.

³⁷Rafaela Silva. O primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil. https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470695638_790195.html. consultado em 05/12/2017.

campeão. Falou à TV Globo após a conquista da categoria peso-leve”.³⁸ Segundo a fonte, foi preciso tratamento especial para a atleta retornar ao esporte de luta.

Esse depoimento da atleta foi visto na conferência na Bahia, no Fórum de mulheres no esporte, em 2018, promovido pela Secretaria Estadual do Trabalho, Renda e Esporte, através da secretaria Olívia Santana. Nesse evento houve a participação de atletas de várias modalidades e funções: boxeadora, judoca, nadadora, treinadora de futebol, jornalistas esportivas e pesquisadora, no qual participei como ouvinte. Nas falas foi notório as explanações sobre racismo, negação de direitos, assédio sexual, imposição de gênero, falta de patrocínio, e, muitas emoções junto à perspectivas de melhorias.

Essas cenas conduz ao debate da diferença como cilada. Rita Segato (2012) alude pela substituição do termo “diferença” porque este pressupõe que há um legítimo e um “outro” que deve ser aceito. Aceitar a diferença, tolerar o outro passa a ser a luta dos “diferentes”, logo, luta sem fim. Guacira Louro (2014, p. 48) igualmente defende que “diferente” supõe que há o normal, e pergunta: “Sendo assim, o que é ‘normal’ e o que é ‘diferente’?” (p.53).

As noções pós-estruturalistas de identidade são de caráter não fixo, se formam e são plurais. Na explicação de Stuart Hall (2015), assim como “cultura”, a identidade acompanha as transformações da sociedade e se transforma – muda de forma. Recuperar a própria identidade, como proposto por Amílcar Cabral, tornou-se utopia (VILLEN, 2013, p.182).

Passemos ao segundo grupo das cenas.

CENA III: Jogador

O goleiro Aranha³⁹

O goleiro Aranha, do clube do Santos, em 2014, diante da vitória contra o Grêmio. uma torcedora o chamava de macaco (flagrada pela câmara), outros faziam gestos do animal, e havendo outras expressões: preto fedido, seu preto, cambada de pretos. Afetando a atuação do goleiro no jogo. O jogador recorre ao árbitro para tomar providências. A coisa ganha dimensão e a equipe da torcedora racista sofre consequências, mediante a denúncia do racismo.

CENA IV: Jogador

O caso Kanu do Vitória da Bahia

O jogador negro sofre agressão por Lucas Fonseca (jogador branco do Esporte Clube na Bahia). O duelo é o clássico BaVi, ocorrido em abril de 2017, na Arena (antiga Fonte Nova), palco da Copa do Mundo de 2014.

O zagueiro do Bahia, o branco Lucas Fonseca, tapou o nariz, apontou para o preto Kanu, zagueiro do Vitória, e disse “você tem bafo”, abanando as mãos para sinalizar um suposto odor. O fato foi flagrado na transmissão e tratado como piada e mera reclamação (CARIBÉ, 2017).⁴⁰

³⁸ Notícia da website. Agosto, 2016. Gustavo Moniz.

³⁹ Consultado em <<http://esportes.terra.com.br/santos/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio,a35122e4c2f18410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>.

⁴⁰ <https://arenarubronegra.com/artigos/fala-rubro-negro/ba-x-vi-racismo-nao-e-motivo-para-piada/>.

O goleiro Aranha (cena III) ficou por um tempo desempregado depois de denunciar o racismo sofrido pela torcida do Grêmio. Punido com o desemprego. A punição da vítima. Na outra cena há o caso do racismo sofrido do jogador negro (do Vitória), Kanu, pelo branco do Bahia e agenda refletir sobre os efeitos da colonialidade global para a colonialidade interna, ao se passar entre duas equipes da mesma região – o Nordeste, mesmo estado e cidade, e um jogo clássico.

A atitude de tapar o nariz expressando com o corpo que o homem negro fede, foi debatido na mídia como algo natural e corriqueiro de um dado jogo, de corpos suados, desvirtuando do racismo. Tendo outro olhar, o jornalista Caribé vê racismo, estereótipo e expressa: “Nesse caso, esquecemos que umas das estratégias mais recorrentes na história é rebaixar o corpo negro a algo fétido”. Bafo, fedor, estereótipos racistas reaparecem no futebol e a cumplicidade também, juntamente com a teoria do racismo científico em cena, no campo.

Clamando por discussão do racismo na imprensa do futebol mundial, Pedro caribé lembra que Kanu enfrentou também o racismo fora do Brasil, na Bélgica, e o jornalista, diante da situação citada reduzida à avacalhação, piada e graça, abre a boca: “racismo não é piada” (CARIBÉ, 2017). Racismo e xenofobia no futebol, vivenciado pelos homens negros, ganha o mundo (TONINI, 2016).

Diante do agravamento, ativistas se agregam para combater o racismo no futebol brasileiro. Sueli Carneiro. no texto “*Cartão vermelho*”⁴¹ explana um caso que repercutiu na mídia envolvendo um juiz negro, de futebol, e um coronel (branco) de polícia militar de São Paulo, no clube dos oficiais da PM em 2005. O coronel recebe cartão amarelo e revida com racismo:

Ensandecido, o coronel reage à punição agredindo racialmente o juiz: “Você tinha de ser dessa cor de merda para fazer isso!”, grita, passando os dedos pela pele do braço. “Preto! Macaco! Olha a sua pele, cor de merda!”, é o que diz o coronel e, em consequência (sic) é expulso da partida. [...] Dizia ele: “Não sei o que esse preto está fazendo aqui. Vou pedir que o coronel Cacau [...] mande esse preto embora”. Assustado, o juiz entende o tamanho do problema. Diz ele que, “a partir dali, o Ensandecido, o coronel reage à punição agredindo racialmente o juiz: “Você tinha de ser dessa cor de merda para fazer isso!”, grita, passando os dedos pela pele do braço. “Preto! Macaco! Olha a sua pele, cor de merda!”, é o que diz o coronel e, em consequência (sic) é expulso da partida. [...] Dizia ele: “Não sei o que esse preto está fazendo aqui. Vou pedir que o coronel Cacau [...] mande esse preto embora”. Assustado, o juiz entende o tamanho do problema. Diz ele que, “a partir dali, o coronel já

⁴¹ Sueli Carneiro. “Cartão vermelho”. <https://www.geledes.org.br/cartao-vermelho/> Consultado em 2018.

estava se referindo ao meu trabalho, não mais à minha atuação como juiz”. (CARNEIRO, 2008).⁴²

Desencorajado para denunciar, pelas autoridades competentes, ouve várias ponderações sobre os riscos de uma ação penal contra o coronel: de as testemunhas se recusarem a depor a seu favor, da perda do emprego, de tornar-se réu por acusação da parte do coronel de danos morais no caso de não conseguir caracterizar a agressão. Sueli Carneiro rememora a “carteirada”, que desmotiva as denúncias e a vítima é amedrontada a virar réu.

A punição, nestes casos, é da vítima, levando Munanga a compreender que no Brasil o racismo se constitui em crime perfeito (MUNANGA, 2013). Para a autora, estes são alguns dos mecanismos que conformam a pedagogia de um cotidiano racista. No entanto, o juiz consumou a denúncia (CARNEIRO, 2008).

Passemos ao grupo III.

O racismo explícito na mídia volta a atacar, e as vítimas em potencial são as celebridades, atrizes, jornalistas e atletas, onde destaca-se a combinação: tez preta e cabelos crespos, as características fenotípicas mais direcionadas, fatos ocorridos com as renomadas Taís Araújo e Maju Coutinho, ambas funcionárias da Globo.

Cena V⁴³

Ataque racista à Taís Araújo (atriz)

“Te pago com banana”.
 “Me empresta seu cabelo para lavar louça”.
 “Pode ser mais clara?”.
 “Como pode alguém achar bonito esse cabelo de Bombril?”.
 “Com esse cabelo dá pra lavar a Globo inteira”.
 “Não sabia que no zoológico tinha câmera”.

Cena VI⁴⁴

Ataque racista à Maju (jornalista)

Em 2015, dia 3 de julho, dia nacional de combate à discriminação racial.
 Diversas mensagens ofensivas e de conteúdo racista têm sido direcionadas à jornalista Maju nos comentários do post.
 Denunciados por ofensas, um 'verdadeiro exército', (diz Ministério Público).

⁴² Idem.

⁴³ <http://www.metropoles.com/vida-e-estilo/celebridades/injuria-racial-contratais-araujo-pode-levar-a-3-anos-de-prisao>. Agência Estado 03/11/2015 18:17 (consultado em 04/12/2018). Injúria racial contra Taís Araújo pode levar até 3 anos de prisão.

⁴⁴ WILL SOARES. (G1. SÃO PAULO). <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/denunciados-por-ofensas-maju-tinham-verdadeiro-exercito-diz-mp.html>.>consultado em 16, 08, 2018).

De acordo com a fonte da web, muitas pessoas curtiram os insultos. Em contra partida a mensagem de Taís de repúdio ao racismo foi endossado por muitas pessoas: 900 mil internautas. Isso mostra o número crescente dos que combatem o racismo, e que optam por engrossar formações antirracistas.

Ocorreu com a atriz, muito reconhecida no protagonismo, quando ela apareceu na mídia com o seu cabelo “natural” (crespado). E com a jornalista, quando a sociedade ver: raça, intelectualidade e classe bem desenvolvida, tudo junto. A parcela racista, que, obviamente não deseja a igualdade, se espanta e ataca. A força do ataque cresce nas redes sociais devido os agressores e criminosos entenderem que não há corpo e matéria, logo, não há punição. Contudo, ambos os casos foram classificados como crimes de “injúria racial, previsto no Código Penal, associada ao uso de palavras que depreciam a pessoa pela cor da pele, raça, etnia, origem e religião”.

Manera et al (2015, p. 49), no relatório do observatório da discriminação racial que ocorreu nos anos 2014 e 2015, informa que o Código Penal prevê pena de prisão de um a três anos, além de pagamento de multa para os crimes de injúria. E o crime de racismo, previsto na Lei Federal 7.716/1989 é inafiançável e imprescritível.

Vejamos os insultos: No relatório/observatório racial, mostra-se vários casos de racismo no esporte e no futebol. Em 2015 levantou mais de 35 casos incluindo homofobia e xenofobia. O esporte reverbera o retorno do racismo explícito. As olimpíadas em diversas modalidades, e a última copa do Mundo em 2018 com a acusação aos negros brasileiros, responsabilizados pela perda da Copa, quando a velha arma é disparada – macacos. Esquecendo-se a democracia racial. Cadê a democracia? E por onde anda a harmonia racial?

O futebol brasileiro constituído multicolor, de raças misturadas (como ressalta os cronistas), polarizados racialmente, poupa os brancos e os de pele clara, estes que, quando convém, também são negros, mas diante do racismo, quer seja como violência, quer seja para inclusão experienciam privilégios e vantagens. A história do futebol materializa o pensamento social brasileiro e revela a geografia do lugar – a selva e os macacos. O racismo, para além da nação/região, é sofrido por jogadores brasileiros atravessando fronteiras – vários casos são citados (MENERA, 2015; TONINI, 2016).

Busquei uma explicação para a força do uso de ofensas como “macaco”, que retornaram ao contexto, juntamente com o racismo violento nos últimos anos, que coloca o racismo velado debaixo do tapete e retoma suas modalidades mais expressivas e agressivas. E observei duas grandes questões: as tecnologias digitais e redes sociais, que pode esconder o corpo e o agressor/

agressora; e a cultura, meio que contribuiu para naturalizar preconceitos e estereótipos vinculados à modos de vida.

O fato conduz para problematizar a noção de cultura, ainda que seja no pluralismo das culturas. Desta forma, Kilomba (2019, p. 55-6) abre mão do conceito de cultura e a este faz alusão com uma crítica contundente, embora não aprofunde esse debate, afirmando que cultura é um conceito racista, relacionado à colonização, descobrimento, para quem a ideia de descobrimento de África é inventada durante a “Expansão Europeia”.

Essas descrições agenciam para a compreensão da concepção de “morte da cultura”. Segato (2012) analisa modos de vida dos povos andinos, e percebe que a tradição se modificou pela via da colonização, intoxicada de processos ocidentais, mas a tradição se mantém linguisticamente intocável, presa a antigos conceitos/linguagens. Cultura, tradição, identidade, diferença, interculturalidade, entre outros, são termos por ela criticados.

Para compreender tradição e morte cultural e ao mesmo tempo resignificação, me aproprio de Paulin Houtondhi (2008) que retoma o debate do pluralismo como duplo pressuposto: virtude e perigo, ao mesmo tempo em que defende o pluralismo como algo valioso, frutífero para pensar o progresso, e defende que, com o pluralismo há vida e não morte da cultura africana. Nesse sentido, aludir à morte da cultura é contestar essencialismos, identidade, diferença e representação, é ponderar em construções, resignificações e no “novo”, inserindo a tradição no campo da memória — a memória ancestral.

Macaco e banana remete à ciência, civilização, implantando o racismo e territorialização na cultura. As estratégias dos jogadores em comer a banana ou enganar está permeada da ideia de que alguns vieram da África e todos do macaco, mas não funcionou. Contudo, estes ataques no esporte chamou a atenção de pesquisadores, ativistas e organizações, instituições.⁴⁵ E atitudes como: “somos todos macacos!” ou comer a banana, indica o desespero diante da violência racista.

Cidinha da Silva, escritora e ativista, lembra que o clube identificou o torcedor do Villarreal responsável pela atitude racista contra Daniel Alves, a época jogador do Barcelona, no campeonato Espanhol, punindo-o com a suspensão do carnê de sócio e o banindo do Estádio El Madrigal pelo resto da vida (SILVA, 2016, p, 200). Advertindo sobre os riscos, com a

⁴⁵Diante desses episódios racistas corriqueiros, cotidianos, os movimentos sociais negros no Brasil tomaram posição na Copa do Mundo de 2014. As lideranças negras, cujas negociações contaram com as presenças da saudosíssima Ministra da Igualdade racial Luiza Bairros, e de instituições responsáveis pelo futebol, se mostraram preocupadas com as práticas racistas e discutiram sobre medidas punitivas em que o “secretário propõe penalidades severas para crimes de racismo nas Copas. (ver site): <http://fbf.org.br/noticias/2014,secretario-propoe-penalidades-severas-para-crimes-de-racismo-nas-copas.html>>consultado em: 25 de janeiro de 2013.

possibilidade de contaminação, cujo jogador ao comer a banana mostra que “não teme a ingestão de veneno”. É mais um ganho ver as mulheres do movimento negro comprometidas de forma direta com o combate ao racismo no esporte brasileiro, crendo que será uma luta fragmentada sem agregar o setor esportivo, em especial o futebol. O fato remete à histórica rejeição do sujeito negro no poder, nas funções de liderança e mando nos esportes.

2.3 TREINADOR NEGRO

Fecho esse capítulo discutindo sobre a função de treinador de futebol para a categoria homem negro, abrindo com continuidade as cenas: 7 e 8. O intuito é trazer o debate qualitativo-descritivo, e não se trata de quantitativo, por isso o recorte das cenas tem característica estético-artístico. E assim, fecho com poemas de minha autoria. Em seguida, vamos para o segundo tempo com a parte das mulheres no esporte.

O problema que trago sobre a falta de participação efetiva das “minorias” nas funções de comando nos esportes, conforme o título desta tese, “nem mulheres, nem negrx, nem queer/of colour”, é retratado na função de treinadores. As cenas indicam tipos de racismos cometidos diretamente aos treinadores negros.

Passemos ao quarto e último grupo das cenas.

CENA VII: Treinador

Cristóvão

Após derrota por 2X0 do Palmeiras e pressão da torcida, Cristóvão é demitido: 'Me chamou de Mourinho do Pelourinho'. E quando treinava o Flamengo enfrentou problemas com racismo por parte de membros da diretoria. (web site /idem)

CENA VIII: treinador

Andrade/treinador negro

Andrade, desde que saiu do Flamengo, campeão em 2009, não conseguiu mais treinar clubes de elite. (mesma fonte).

Apesar de ser comum a demissão de treinadores de futebol quando a equipe não está bem na tabela e competição, as cenas mostram o racismo agregado de estereótipos, tornando comum a espera por outra oportunidade ou a não contratação de treinadores negros em outro clube ou categoria do mesmo nível de valor. Ex-jogadores negros, ainda que possuindo vários títulos como campeão, comprovadamente competentes na função como Andrade, se encontram na espera por uma vaga que talvez nunca chegue.

O Campeonato Brasileiro da Série-A de 2016 ilustra bem essa questão, quando se iniciou com apenas dois treinadores negros entre os vinte. Estes eram do Grêmio e América-MG, Roger e Givanildo, respectivamente. Givanildo foi demitido ainda no início da competição. Neste período Cristóvão Borges, treinador negro, entra como treinador do Corinthians (anteriormente foi treinador do Flamengo).

Sobre a relação da contratação de Cristóvão Borges e o Corinthians mostra-se a desigualdade racial estrutural na sociedade pela via do esporte - o futebol. Pela primeira vez em 24 anos, o clube voltava a ser comandado por um técnico negro.⁴⁶ Ainda que a maioria da população brasileira seja negra (Conforme o IBGE do ano 2017), e a representatividade de jogadores negros na história futebolística seja alta, quando a função é para liderar, comandar, gerir, de status e poder, a situação inverte para baixa representatividade, se confirmando o racismo institucional no esporte, aliando-se a outros tipos de racismos.

Sobre o treinador Roger fora do futebol do seu nível de competência, conforme provooco o debate – Algumas pessoas podem não ver o racismo nesta cena específica, mas vale a indagação: e se Roger não fosse negro? Teríamos esta cena? É comum que o racismo não seja visto nesta cena, porque, as diferenças de papéis racializadas estão naturalizadas. Esse tipo de racismo combina o “institucional” e o “á brasileira” (descrito anteriormente), todavia, não mais velado porque desmascarado.

Há treinadores negros prontos para ocupar uma vaga nesta função, mas não ocupa. Sendo demitido não sabe aonde vai trabalhar e com quem contar. Considerando a intolerância e a desigualdade racial, quando os treinadores perdem o jogo, é comum que, quando é negro se depara com sanções, p.ex., o desemprego, repressões e ataque racista.

Os homens brancos, apesar de “fortes para o esporte”, sendo a categoria determinante nestas esferas no Brasil, não tem força para os trabalhos braçais - lugar dx negrx. Nesse sentido, Guido Barbujani (2007) contribui ao mostrar falsificações metodológicas no esporte, destacando um cientista que se utilizou do esporte, exclusivamente o atletismo e do atleta negro-africano como ferramenta e recorte de constatação, para correlacionar gene, biológico, natureza com o lugar dx negrx. Imutável?

⁴⁶https://www.meutimao.com.br/noticia/215772/corinthians_tem_primeiro_tecnico_negro_em_24_anos_e_por_que_isso_e_importante.

O treinador Roger Machado (em outubro de 2019) em entrevista⁴⁷ fala sobre o racismo. Respondendo se existe racismo neste setor, alude a representatividade do treinador negro no Brasil: "*Existe porque só eu estou aqui*".

Democracia e ascensão no futebol? Ou rasura negra?

Além da escassez e exclusão, é de suma importância comparar os salários de treinadorxs negrxs e brancxs, e de ambos os sexos. Ainda que não haja números de negrxs inclusxs nesta função, que seja possível a pesquisa.

Lélia Gonzalez (1979, p. 16) afirma que o combate à falsa democracia racial começou nos anos 1980, com a volta dos exilados pela ditadura militar. Este processo político que foi a ditadura na América Latina numa conjuntura internacional da Guerra Fria, ocorreu no Brasil entre 1964 e 1985. Os movimentos negros no Brasil foram retomados na década de 1970 e de forma mais abrangente destaca-se o MNU — Movimento Negro Unificado, fundado em 18 de junho em 1978. Nesse processo foi instituído o "*20 de novembro*" (BAIROS, 2000) como memória e consciência racial. Para Lélia, denunciadora mundo a fora da falsa democracia racial, na década de 1970 os negros começam a sair da invisibilidade, conquistando espaços políticos.

Comparando com o sexo oposto, o racismo perpetrado às mulheres no esporte parece invisível, no entanto não o é, quando conhecemos diversos tipos de racismos observamos sua revelação: é interseccionado com o sexo e se confunde com invisibilidade porque as mulheres negras não estão representadas, sequer, como atletas nos esportes – situação mais deprimente do que o quadro dos homens negros. Assim sendo, é importante saber se houve mudança. O que mudou na história, em relação ao racismo? Ana célia da Silva, na entrevista concedida contribui para esta compreensão:

Ele está mais agressivo porque... E mais combatido. Mais agressivo e mais combatido. As pessoas estão tendo coragem de denunciar a discriminação. E mais agressivo porque agora ele está matando de uma maneira muito violenta. Você vê que esse extermínio da juventude negra é racismo. Eles nunca deram a oportunidade de trabalho, de educação. O que nós temos é com nossa própria luta. E agora estão vendo que o resultado de não dar direitos humanos, cidadania, educação a essa população negra... O resultado é o aumento da marginalidade... Eles optaram pelo assassinato (do povo negro).

Então, a forma mais violenta do racismo pra mim hoje se manifesta no extermínio do povo negro. Primeiro, se abandonam à própria sorte. E eles preocupados porque se abandonam e a gente consegue sobreviver, a gente consegue estudar. Eles ficam sem entender. Quê? As pessoas conseguem fazer doutorado, conseguem fazer mestrado, tem bacharéis negros, tem médicos

⁴⁷<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/10/12/roger-fala-sobre-racismo-em-coletiva-existe-porque-so-eu-estou-aqui.htm>.

negros e não sei o quê. Não como deveria, se dessem oportunidade. Mas sem quase nenhuma a gente consegue tudo isso. Então, eles têm medo desse povo. Não é? Porque é um povo que tem um poder tão grande, civilizatório, de organização, que mesmo com esse desprezo, esse abandono todo, consegue chegar onde chegou. E é um povo que aparece. É um povo que brilha, um povo que faz tudo.⁴⁸

O genocídio negro é registro de racismo, consequência do desespero, despreparo e da falta de novas estratégias do Estado, em continuidade com as forças armadas e a bala sempre “perdida” acertando o alvo, que é comprovação de incompetência. Como o racismo não se erradica e não para, apenas muda de forma, adentro á mídia e os bastidores, e observo a cor do protagonismo que tem relação com eventos futebolísticos. Por sua vez, Cidinha da Silva (2016, p. 199) na obra “Parem de nos Matar”, mostra o racismo em muitos setores da sociedade e sem refutar o esporte, recorta o futebol.

O mercado cultural, os meios de comunicação, a Televisão (RIBEIRO, 2000; SANTOS, 2008; CARNEIRO, 2011), os mega eventos esportivos e a mídia compartilham o racismo apesar de negarem. A cobertura da Eurocopa para o sorteio da Copa de 2014 é trazido para o debate do racismo por Cidinha da Silva (2016), reiterando mais um episódio de racismo institucional por omissão e participação.

Este evento se configura como recorte, quando uma das duplas indicada como apresentadora da festa (ocorrida na Bahia), seria negra: Lázaro Ramos e Camila Pitanga, no entanto, não tão “simpática” para a FIFA⁴⁹, que se encanta com a denominada de “simpatia” do casal loiro escolhido: Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert (SACRAMENTO, 2013)⁵⁰. A escolha gerou polêmica, como questão de racismo. Apesar dos organizadores mostrarem outras participações de pessoas negras, como cantores, justificando não se tratar de racismo, mas de escolha pela “simpatia” do casal.

O termo “simpatia” substitui o velho truque da “boa aparência” (MATTOS, 2010), que, por sua vez, significa padrão branco. Além disso, vemos que a cerimônia transmitida para 193 países é um fator que convém interpretar com relação ás normatizações de dominação racial e diferenças de papéis, sobretudo hierarquizadas, porque, a liderança e mando branco se mantém

⁴⁸ Entrevista com Ana Célia da Silva, 2017.

⁴⁹ Bruno Freitas, Fernando Duarte e José Ricardo leite. UOL Cops. UOL, na Costa da saúpe (BA). Copa do mundo. <http://www.copadomundo.com.br/noticiasredacao/2013/12/02/geo-ironiza-polemica-de-racismo-em-escolha-casal-do-sorteio-da-copa.htm>. uol.com.br.> Globo diz que polêmica sobre racismo em sorteio é “bobagem”. Consultado em: < 04 de dezembro de 2016.

⁵⁰><http://www.diariodocentrodomundo.com.br/no-sorteio-da-copa-a-mulata-globeza-nao-tem-vez/>.Postado em 06 Dec 2013.

na ordem do dia. Vemos aí a representatividade nesse quadro de protagonismo na mídia e liderança no futebol.

Nesta última esfera, há o tipo de jogo em que um entra e o outro sai, um sai e o outro entra, havendo o controle. Sobre esse problema de representatividade no esporte, foi investigado exclusivamente entre os sexos, com Heidi Ferreira, observando que tem se classificado o termo/conceito de representatividade: *é quando o percentual não passa de 15%* (FERREIRA, 2012).

No caso da raça/cor, bell hooks (2019) se inclina sobre o conceito de representação em corpos negros e o analisa no mercado cultural, percebendo como as pessoas negras são representadas: estereotipificadas, negativizadas, ridicularizadas. E quando absorvem esses elementos para si, reproduzem e se tornam como são percebidos. Riem de si mesmos, no cinema (Conforme hooks), na TV, assistindo sua debilidade social, os estereótipos impostos.

Nessa questão entre representação e representatividade, aparece o “real”, e a encenação torna-se a própria representação que se despede de si. O real toma esse lugar. Passa-se a ser como é percebido e conceituado, e não conceitua-se. Por fim, não há mais representação como um desenho, uma cópia – mas o real.

Visa-se questionar “representação” como ato de encenar ou assumir o lugar do outro, numa visão estética que prefigura o ato de performance ou encenação (SPIVAK, 2010, p.15), ou como elemento figurativo daquilo que parece, mas que não é. Encenar-se como sendo outra pessoa, representar-se como o que não é, desprepara para o confronto e resulta em lamentos e lamentações. A valorização de si é fenômeno para a afronta, é arma e munição. Porque, racismo, quando não mata, causa destruição.

A opressão racial é tão vil e eficiente no Brasil que consegue fazer com que um jovem destacado de sua comunidade de origem, o jogador Neymar, visivelmente, notadamente, escancaradamente afrodescendente (sem a opção do escapismo moreno), nome-se como macaco, mas não se reconheça negro (SILVA, 2016, p. 200. destaques da autora).

A citação se refere ao slogan: somos todos macacos! Reação do jogador “negro entre aspas” no Brasil, experienciando a concepção de raça biológica na europa: quem não é branco é negro. Consequentemente se deparando com o racismo violento na pele. E a permuta de Neymar, do Barcelona para o Paris San German, teve um preço alto e o encontro com a identidade negra, da pior forma possível.

As críticas europeias voltaram-se para os estereótipos racistas. O jogador vem sofrendo críticas da mídia francesa, baseado no mito do homem-negro, os estereótipos racistas. No

entanto, a dor do racismo quebra qualquer tipo de masculinidade, não tem macho que suporte. E se homem não chora! Neymar chorou!⁵¹

Vejam os poemas relacionados, discutindo essa questão. (São de minha autoria, exceto um, de Cidinha da Silva).

*Mexeu com a autoestima do menino-homem-rei.
Neymar sabe que do que o acusam não é verdade
mas o abalou
como o próprio afirmou, na frente da câmera
ao lado de Tite, o treinador
que atestou seu bom comportamento
boa índole e bom coração.
O acolhendo com carinho,
a cabeça no ombro amigo encostou.
E diante do povo brasileiro
Neymar chorou!*

*[...] O racismo abjeto mirava a ousadia do
menino
Chamando-o de macaco
Quebrava as pernas de Neymar
Aquele que nos outros dias do ano
Recusava-se a enxergar o racismo vivo*

(SILVA, 2016, p. 198).

(Ineildes Calheiro/ a pesquisadora).

Chorar é lamento. Muitas vezes resultado da violência sofrida, mas também lamentações, e supõe que não há nada a fazer, somente chorar, comer a banana ou engolir em silêncio o racismo. O balanço da raça e do machocentrismo. Chora não! Não somos macacos, somos humanos, vamos para a luta antirracista.

“Lágrimalamento”

*Corpo negro, cabeça branca
Cabelo alisado, mulher padrão
prole embranquecida
colonialidade, assimilação
mas não escapa
ao racismo genocida*

*Chora em vão e se vão lágrimas
sucede saída e lamento, lamentação
lágrimalamento
vômito dos olhos
chance de ver
capacidade de enxergar
o balanço da raça
o balanço do ma-cho-cêntrico*

*Chora não menino
Não somos macaco*

⁵¹Neymar, o famoso jogador de futebol brasileiro. O ídolo da nova era do povo brasileiro, compondo o elenco da seleção e integrante de importantes clubes europeu.

*Fique tranquilo
sem ofender os símios
somos humanos convidados a lutar
contra o racismo.*

*(Poema da minha autoria. Ineildes
Calheiro. A pesquisadora)*

3. MULHERES NO ESPORTE

Nessa parte, realizo revisão de literatura descrevendo e analisando sobre mulheres no esporte, discutindo essa esfera esportiva em sentido geral, destaco sobre mulheres negras e, do conjunto do material empírico insiro atletas corredoras negras, e faço uma síntese de um documentário, os quais utilizo como documentos. E, concernente às mulheres nos esportes brasileiros, começo descrevendo sobre os vetos sofridos pelas mesmas nos esportes internacionais, suas lutas e resistências, e como isto se deu no Brasil.

No mundo ocorreu a exclusão das mulheres nos jogos olímpicos modernos, e no Brasil existiram leis proibitivas, iniciadas em 1941. De cunho sexista, com maior resistência nos esportes de luta e no futebol (LESSA, 2005; SILVEIRA, 2013). A proibição da prática de mulheres aos esportes incompatíveis com as condições de sua “natureza”, – Lei 3.199, artigo 54, decreto extinto em 1979. A primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a segunda (1939-1945) afetou o mundo e não foi diferente no Brasil. Vivemos uma série de ditaduras militar na América Latina, que durou décadas, e o Brasil abraçou essa onda nos anos 1960. Esses atos tóxicos impactaram no desenvolvimento de gênero na sociedade e nos esportes.

[...] uma vez que, devido à recusa do misógino Barão Pierre de Coubertin de incorporar mulheres nos Jogos Olímpicos de 1924, a feminista Alice Milliat liderou a criação da Federação Internacional de Futebol Feminino (FSFI) e organizado em Paris nos Jogos Olímpicos Femininos, com a participação de 77 concorrentes de 5 países (Estados Unidos, Reino Unido, Suíça, Checoslováquia e França). Furioso com o uso da palavra "Olímpico" nos Jogos de Paris, o COI negociou a mudança de nome em eventos subsequentes da FSFI para a inclusão de 10 modalidades femininas nos Jogos Olímpicos de 1928, realizada nos Países Baixos (RIAL; GROSSI, 2016).

No Dossiê de Políticas para as Mulheres no esporte - Observatório “Brasil da Igualdade de Gênero” (edição de 2014) da SPM/PR – Secretaria Nacional de Política para as Mulheres, órgão da Presidência da República, a Ministra rememora sobre a 3ª Conferência Nacional de Políticas para as mulheres em 2011. O observatório relata e discute sobre os megaeventos ocorridos no país, como a Copa das Confederações e do Mundo em 2013 e 2014, respectivamente, relacionando outros da agenda, como as Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro.

A SPM vem se empenhando na temática gênero no esporte, e em 2008 promoveu um encontro discutindo Políticas Públicas, gerando pauta no caderno dos esportes do Ministério dos Esportes. O empenho da SPM fortalece a pauta de luta das mulheres nos esportes e resultou

em sair do discurso e do papel, e transformar-se em ações concretas, no que concerne ao fortalecimento do esporte de gênero e na criação do PNPM – Plano nacional de Políticas para as Mulheres (2013 – 2015).

Nesse processo ressurgiu o Campeonato Brasileiro feminino, em 2013. A SPM estabeleceu parceria com a CEF – Caixa Econômica Federal a fim de retomar esta competição, paralisada desde início do novo milênio, e passou a criar estratégias para os Clubes investirem no futebol de gênero. Há alguns avanços de gênero nesta esfera, mas nada está garantido e nem consolidado e nossa história é antiga, não está aquém da história dos homens nos esportes. Portanto, nossos passos e lutas vêm de longe.

Desde os jogos Gregos, na Antiguidade, a mulher é socialmente discriminada no esporte. [...] a mulher não podia nem assistir as competições [...]. Recentemente, o Comitê Olímpico Internacional (COI), recomendou aos Comitês Olímpicos Nacionais que colocassem representantes femininos nas suas composições (TUBINO, 2001, p.50).

Para Lessa e Votre (2013, p. 266) “a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos segue uma trajetória de rejeições e controles, desde o início desses jogos na era moderna [...]”. E, ainda que a desigualdade entre estas categorias se mostre exacerbada nesta esfera, essa estrutura tem sido equilibrada nas últimas décadas, variando de modalidade esportiva que se subdivide em esporte próprio para homens, próprio para mulheres e esporte de macho, como os de lutas e o futebol.

No território brasileiro as proibições para o sexo nos esportes tiveram fortes impactos, mediante o Estado novo e a ditadura militar além do silenciamento sobre a questão. Segundo os estudos as mulheres praticam futebol no Brasil desde 1920, sendo vetadas pelas leis proibitivas. Heloisa Reis e Osmar Moreira Junior (2014) apresentam uma série de acontecimentos referente ao futebol das mulheres.

Descrevem os avanços iniciais e estabelecem 28 de junho de 1921 como a data de estreia das mulheres na prática do jogo de futebol no país, em São Paulo; dez anos depois, o Rio de Janeiro as insere em preliminares de jogos masculinos oficiais; e na década seguinte começa a perseguição - com os argumentos (machistas) da medicina desportiva, dizendo que o futebol estraga o corpo e a natureza das mulheres (GOELLNER, 2003).

Conforme Patrícia Lessa (2005) em 1941, durante o Estado Novo, surge o Decreto Dentre o conjunto de modalidades esportivas com os vetos oficializados, insere lutas e o futebol (REIS; MOREIRA Jr., 2014) segundo os mesmos, em 1964 a ditadura militar imprime novas regras proibitivas. A história das mulheres no futebol assinala que a sua luta para as inserções

nos esportes só difere dos contextos mais gerais, do gênero, nos modos como se deu o seu apagamento. No mais, assemelha-se. O futebol de gênero no Brasil estava de “pés atados”, enquanto que os homens negros avançaram na sua modalidade.

Mourão e Morel (2005) afirmam que em 1983 e 1984 foi a vez do estado de São Paulo inserir o jogo das mulheres nas preliminares das partidas das equipes masculinas, ou seja, houve progressão, mas em seguida ocorre retrocesso com a falta de investimento, o não reconhecimento, a falta de políticas públicas, o descaso para com as mulheres do futebol, a falta de competições nas federações, o não reconhecimento profissional e o fim do campeonato nacional do gênero.

No Brasil foram quase três décadas de exclusão de gênero nos esportes. Segundo Fabiano Deivid (2005) os anos 1980 é o período que se inicia a participação mais efetiva das mulheres brasileiras nos diversos esportes, e também, é quando começa a onda das academias de ginásticas (LESSA, 2005). Crescem os músculos e a força física. As mulheres hipertrofiam e ameaçam a superioridade física dos machos. Mas, a fragilidade física nas mulheres cai por terra (LESSA, 2005). O corpo das mulheres no esporte coloca a biologia em cheque e afronta o androcentrismo nos corpos. O corpo pós-estruturalístico.

Embora ainda seja escasso no Brasil, a categoria “gênero” tem sido estudada no campo esportivo e “neste caso, as feministas estudam dentro da academia [...] analisando essencialmente questões que dizem mais respeito às mulheres” (NOGUEIRA, 2017, p. 46). A autora expressa que a categoria “mulher” é um terreno contestado e fraturado. Todavia, gênero não é sinônimo de mulher, conforme afirmam os estudos.

A história das mulheres nos esportes ainda está por ser contada (GOELLNER, 2014) e menos ainda se sabe sobre as participações de mulheres negras e LGBTQI. Portanto, pesquisas com diversas categorias identitárias ainda é tabu nos estudos de gênero nos esportes brasileiros e a interseccionalidade é um campo fértil para tais temáticas.

Em 1972 foi promulgado nos E.U.A a Legislação Federal que proibia discriminação entre os sexos em programas educacionais financiados com recursos nacionais. O resultado disso: seis anos depois “por volta de 90% das equipes femininas tinham mulheres como técnicas” (FERREIRA, 2012, p. 7-8). Algumas exceções abrilhantam a magnificência das leis quando cumpridas, e as políticas públicas são formas de melhorias sociais, mas também devem ser constantemente fiscalizadas – ficar de olho, pois existem terrenos movediços como o do gênero, da raça e das sexualidades.

A força do feminismo nesse território, o cumprimento da lei e as políticas afirmativas afro-americanas resultaram em ganhos significativos, como constatou a autora, mais não

impediu de ocorrer uma queda radical também significativa: em 1992 o percentual apresentado caiu para 17%. E em 2012 volta a crescer para quase 43%. (FERREIRA, 2012). Esse “sobe e desce” de mulheres no comando esportivo, como compreendo, se dar exclusivamente nas equipes de mulheres, porque, nas equipes masculinas tem sido intocável – limitada em 2 e 3% a participação das mulheres como treinadoras/técnicas, conforme aprecio no citado estudo.

Apesar disso, chamo atenção para os problemas no interior do gênero, como a racialização. As Olimpíadas de 2016 (no Brasil) foi uma lanterna na revelação desses dados, mostrando avanços de gênero, mas também, racismos, como os do tipo “pessoal” e “institucional”. Uma vez que o racismo institucional e o pessoal se fazem presente no campo, medidas de inclusão são acionadas.

[...] a preocupação com a diversidade étnica e racial também foi expressada na determinação do governo brasileiro que, em 2009, por meio da lei que instituiu as medidas para a realização das Olimpíadas, estabeleceu a "adoção de ações afirmativas para assegurar a reprodução da diversidade étnica do Brasil nas várias atividades relacionadas aos Jogos Rio 2016 "(RIAL; GROSSI, 2016).

Para Carmen Rial e Miriam Grossi (2016) os Jogos Olímpicos têm quase sempre um cenário que manifesta formas terríveis do racismo e as formas mais heroicas de resistência e luta contra a discriminação racial. As Olimpíadas são geralmente uma ocasião especial para observar, analisar e discutir sua relevância social, cultural e política.

Cresce a participação de mulheres atletas em várias modalidades esportivas no Brasil, havendo um marco nesse megaevento de 2016, e apesar da medida instituída de 2009, a participação continua racializada. E no setor de poder, no qual as mulheres são preteridas em geral, a questão é mais complicada para as não-brancas. No que concerne a diversidade, a categoria queer of colour sequer aparece.

3.1 MULHER NEGRA NO ESPORTE E O CORPO POLÍTICO

Fomenta-se a narrativa do corpo negro propício para o esporte, sob argumentos pautados na biologia, ou na ideia da construção cultural. O fato é que construção se naturaliza, como vimos com as feministas de estudos de gênero, mostrando que discursos e teorias consolidaram a limitação de gênero. Impulsionando a estas conceituarem biologicismo e tecnologias de

gênero como fundacionalismo e fundamentalismo, compreendendo que construtos sociais se cristalizam e se normatizam tornando-se a regra (SANTOS, 2016; CALHEIRO, 2017).

Discursos e teorias igualmente consolidam a exclusão das pessoas não-brancas das esferas sociais através da cientificidade, fortalecendo a ideologia da incapacidade, como visto com o francês Antonio Risério (2007) dedicando um capítulo de sua obra para tentar comprovar a inteligência cinestésica como exclusividade negra. Utilizando jogadores e criações do futebol-arte e artistas da música, comparando o branco e o negro, desfazendo deste primeiro. Uma ideia geneticista, tornando-se ambígua quando se utilizou dos jogos para as ideologias de superioridade territoriais a partir dos corpos dos atletas.

Os países vencedores viam nos jogos a possibilidade de construção e divulgação simbólica, por meio do esporte, de sua potência armamentista e econômica no cenário mundial, e para isso, os corpos das/os atletas foram o principal meio de conquista, principalmente entre os países do bloco oriental (DEVIDE, 2005, p.109).

Os anos 1930 marcaram o mundo com o Nazismo na Alemanha e a Segunda Guerra Mundial. Enquanto o Brasil, como uma nação nova, dirigia-se em busca de uma identidade que destacasse a supremacia branca, inclusive se utilizando do modelo de juventude nazista. Aqui colocou-se a desigualdade racial e o racismo debaixo do tapete, ao mesmo tempo desenvolvendo-as. Lá, Hitler buscava instituir a superioridade que faltava – a humana, ideologia advinda da teoria do racismo científico que perdeu seu valor em países norte-europeus (MATTOS, 2010). No entanto, o nazista não desistiu, formulando uma nova estratégia suja e o campo do esporte - os jogos olímpicos e o uso do Doping.

Em 1936 ocorre a 11ª edição dos Jogos olímpicos, em Berlim e Jesse Owens, homem negro norte-americano, velocista, representando a USA, enfrentou o Terceiro Reich nesta Olimpíada, quando a política nazista utilizou esta competição para demonstrar a superioridade racial Alemã. O atleta negro, Jesse Owens, como ato de resistência, desafiou a supremacia branca, nazista, e o principal mentor – Hitler.

Vencendo todas as provas com medalha de Ouro, além de participar de uma que foi incrementada como parte do jogo sujo, em que junta-se aos companheiros, os judeus norte-americanos, categoria igualmente excluída do esporte pelo nazismo. E, nesta prova - corrida de revezamento, Jessé também é vencedor. O corpo como resistência. Em uma única olimpíada batendo quatro Recordes.⁵²Negros e judeus unidos desafiando o nazismo. O projeto nazista da

⁵²Consultado em: <https://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2016/08/os-80-anos-da-facanha-esportiva-de-jesse-owens-7165406.html>>05/08/2016. Consultado em: 26/02/2017. (Leo Jerchmann).

superioridade humana e a raça ariana é desmoralizada diante dos olhos do mundo, com a força da mídia e a globalização permitindo que se testemunhassem em escala global.

Do lado de lá, o Doping foi utilizado como jogo de dominação humana – a superioridade racial, que se desmoralizou, e do lado de cá, a velada dominação de gênero, revelada no estudo de Viviane Silveira (2013), no entanto, se mantém na ordem do dia. Internacionalmente o campo esportivo tornou-se um local de confrontação cultural e político-social, de gênero e racial. A citação é uma síntese dos jogos olímpicos como resistência dxs atletas negrxs, visto com Carmen Rial e Miriam Grossi (2016):

A história dos Jogos Olímpicos está cheia de eventos que ressaltaram a existência do racismo e suas formas de reprodução sempre brutais: o corredor negro americano Jesse Owens e a equipe de futebol do Peru, cujas vitórias nos Jogos de Berlim de 1936 foram eloquentes resposta às teorias da eugenia nazista; O punho levantado no pódio dos atletas negros americanos Tommie Smith e John Carlos, nos Jogos de México de 1968, como expressão do movimento Black Power e em solidariedade com as lutas contra o racismo nos Estados Unidos (o que lhes custou as medalhas de ouro e bronze, retirados pelo Comitê Olímpico Internacional, COI); [...].

Desafiando a ditadura militar, mulheres negras brasileiras enfrentam o poder. E, para iniciar a luta das mulheres negras nos esportes do país, destaco duas atletas corredoras: Melania Luz e Irenice Maria Rodrigues, como forma de refletir sobre gênero e cor de pele nos esportes olímpicos nos anos 1940 e 1960 (No que concerne ao futebol, irei discorrer sobre a influência das mulheres negras no contexto baiano).

E nos remete à dois grandes feitos históricos: a Segunda Guerra Mundial e a onda efervescente de Ditaduras na América Latina, imposta ao Brasil no ano de 1964. As atletas citadas retratam um pouco das experiências das mulheres negras brasileiras nesses efervescentes períodos. Exclusão e silenciamento. A primeira atleta citada, Melania Luz, é uma mulher negra brasileira que rasura este espaço, o campo do esporte, as Olimpíadas e a modalidade de velocista. Junta-se ao grupo dxs atletas contra-hegemônicos, ativistas antirracistas pela via do corpo político.

Melania Luz



Melania Luz. Na foto quando foi a segunda colocada no Campeonato Brasileiro de Atletismo, Rio de Janeiro, década de 1940 | Coleção Particular de Melania Luz

Figura 4. Fonte: projeto memória Lélia Gonzalez (BARBOSA, 2015)

A figura é a imagem de 2ª colocada no campeonato brasileiro de atletismo em 1940. Os jogos olímpicos de Londres realizados em 1948 teve a sua participação, retratada na imagem. A atleta contribui na inserção de mulheres negras nas história dos esportes no pós-estruturalismo, com o corpo colocando em xeque a ideologia da inferioridade física das mulheres versus superioridade física dos homens.

Melania Luz é a primeira atleta negra do Brasil a participar de uma olimpíada (BARBOSA, 2015, p. 10). Melania nasceu em 1928, em São Paulo, e fez parte da equipe de atletismo deste Estado⁵³ conquistando diversos títulos em sua carreira, dentre eles, destaca-se: bronze, prata e ouro. Em 1948 a atleta entrou para a história das mulheres negras no esporte, participando da Olimpíada. A atleta olímpica não foi a única pioneira brasileira na competição, mas competiu na primeira equipe feminina do atletismo brasileiro, sendo a primeira mulher negra. Ela e as três colegas, bateram o recorde sul-americano, mas não chegaram à fase final da competição, não trazendo medalhas.

Mesmo após encerrar a carreira profissional, Melânia Luz continuou competindo, até 1998, em campeonatos para veteranas. Nesta categoria também quebrou recordes brasileiros, em 1995, 1997 e 1998, participando dos sul-americanos (CRUZ, 2020).⁵⁴ “Eu fiquei na história. Eu também competi. Não é que me deixaram.” Expressou a atleta (JOÃO, 2017). “Não é que

⁵³MELANIA LUZ. Consultado em: <https://tinhaqueserpreto.com.br/2017/08/21/melania-luz>.

⁵⁴Consultado em: www.uol.com.br/esporte/colunas/eliana-alves-cruz/2020/07/21/melania-luz-a-primeira-negra-na-delegacao-olimpica-brasileira.htm.

me deixaram” indica a dupla proibição; de gênero e raça, e na outra ponta a rasura. A ousadia. A resiliência.

Na primeira metade do século XX as modalidades e provas femininas nos Jogos Olímpicos foram admitidas por influências racistas, sexistas e classistas (DEVIDE, 2005, p. 127). Mas, afirma o autor que no final dos anos 1940, mulheres negras americanas tornaram-se as primeiras a entrar nos jogos, mediante instituições educacionais.

Encontrando Irenice



Figura 5. Imagem documentário

A imagem retrata o documentário “Procura-se irenice⁵⁵”, e farei uma síntese. Trata de refletir sobre o apagamento das mulheres negras brasileiras na história do esporte. O documentário resgata uma personalidade da categoria olímpica, invisibilizada, descartada e silenciada. É a busca simbólica por uma atleta esquecida. É a busca da visibilidade e memória. É a busca pelo direito. O direito de “estar” e de ser.

Irene Maria Rodrigues, atleta negra, brasileira, corredora olímpica de várias modalidades do atletismo. Competidora dos anos 1960. Ressalto que nesse período, no Brasil, práticas de esportes eram proibidas para mulheres. Insubmissa, a atleta fez parte da delegação de atletismo brasileiro, nas olimpíadas do México de 1968. Pela sua postura de empoderamento, foi punida por enfrentar a estrutura da ditadura militar, acusada de indisciplina e enviada de volta para casa, não participando das olimpíadas. Punida com o apagamento da história, esse documentário resgata, apresentando mais uma história de violência interseccionada em gênero, raça e classe.

⁵⁵Procura-se Irenice (documentário de 2016). Direção: Marco Escrivão e Thiago B. Mendonça (São Paulo/SP). Duração de 25min. ><http://www.cachoeiradoc.com.br/2016/mostra-competitiva/> e <http://www.cachoeiradoc.com.br/2016/speaker/procura-se-irenice/>.

Recortando esse caso, se revela o silenciamento das mulheres, mas a insubmissão é evidente ao desobedecer as normas da ditadura e imposições de gênero e raça – contudo, como manda as normas raciais, é ao mesmo tempo excluída: cortada da olimpíada, retorna. Humilhada, oprimida pelo sexo, raça e classe. A múltipla opressão flagrada no esporte reporta ao pensamento de Gayatri Spivak (2010) quando pergunta: pode o subalterno falar? “[...] refere-se à dificuldade de falar dentro do regime opressivo, do colonialismo e do racismo” (KILOMBA, 2019, p. 47).

Contar a história das mulheres negras no esporte faz parte da luta do feminismo negro. Interseccionando raça, classe e território, três dimensões são destacadas (SPIVAK, 2010, p. 110) criando-se uma espécie de pirâmide na categoria “mulheres”: 1) *a mulher* - sendo ainda mais subalternizada do que o sujeito subalterno generalizado; 2) *a mulher negra* (ou de cor – dupla submissão (por ser mulher e negra); e 3) *o Lugar na esfera global* – o território em que reside a mulher, estendendo a intensidade da subalternidade ao Sul, visto quando a autora entrelaça a discussão sobre o primeiro e o terceiro mundo inserindo a divisão do trabalho internacional.

A história das mulheres negras nos esportes é invisibilizada pelo racismo, e mediante as escassas políticas públicas é com o corpo que pessoas negras fazem política: “o corpo-político-autônomo” que constitui uma estrutura autônoma ao estarem largadas á própria conta. Xs atletas negrxs não revelam aquela força simplória, físico-corporal, mas a força-vital, o poder do corpo negro, não o poder de dominar, mas o poder de despoderizar, de desestururar a estrutura, o corpo político – de resistência, insubmissão, corpo-luta, corpo que rasura.

3.2 MULHER BRANCA NO ESPORTE E A VANTAGEM DA COR: O CAPITAL SOCIAL DE GÊNERO

Maria Lenk a atleta olímpica brasileira, branca e filha de alemães, exerceu forte influência no esporte e na Educação física do país. Reconhecida como a primeira brasileira e sul-americana a participar das olimpíadas. Iniciando em 1932, em Los Angeles (CASTELLANI FILHO, 2004; BARBOSA, 2015). A atleta teve uma série de inserções sociais importantes não somente no esporte, a partir de 17 anos de idade, mas na sociedade, no trabalho.

Participa do primeiro campeonato Interestadual de São Paulo e Rio de Janeiro, garantindo sua escalação na equipe para os jogos Olímpicos em Los Angeles (CASTELLANI FILHO, 2004, p. 163-4). Tornou-se professora, ingressou em administração pública e foi a

primeira mulher a fazer parte do CND – Conselho Nacional de Desporto. Lenk narra feitos e marcos da Educação Física, que vai tomando outros rumos nos anos 1960, ainda com o governo ditatorial em 1964. Dois anos depois, pela primeira vez professores de Educação Física e mulheres são inseridos para o mando do campo, antes militar.

A mesma revela os impactos do Estado Novo no Brasil dos anos 1930 para a Educação Física e os esportes, e destaca a influência do nazismo. O país acompanhou os acontecimentos na Europa, e lá, o nazismo valorizava a aptidão física na formação dos mais jovens - a juventude Hitlerista. Segundo a ex-nadadora, esse fator serviu de incentivo para nós, brasileiros, porque veio para o Brasil o reflexo de pessoa saudável. Foi na divulgação de sua importância e rigidez física que começou a haver interesse de introduzi-la nas escolas brasileiras (CASTELLANI FILHO, 2004, p. 164).

Segundo Lenk, a Educação Física chegou nas escolas brasileiras, mas sem adentrar a filosofia nazista. Como é possível o país se espelhar na juventude hitlerista e ao mesmo tempo a filosofia nazista não ter influenciado na formação da nação brasileira?

Nessa ambiguidade, a nadadora informa que começou os desfiles da juventude no Brasil, copiado do nazismo pelo governo brasileiro, tendo como princípio o jovem são e bonito “[...] e nós tivemos o Dia da Juventude, também conhecido como ‘Dia da Raça’, comemorado dia 05 de setembro [...]” (CASTELLANI FILHO, 2004, p. 164-5).

O que seria o “Dia da raça”, espelhado no nazismo, se não se trata da comemoração do dia do padrão tido como superioridade? E comemoração á perda dos valores inferiorizados? O fato é que o racismo institucional é perpetrado pelo Estado através dos estereótipos e com forte contribuição da Educação Física eurocentrada.

Os efeitos dos estereótipos dão guarida ao racismo, é o que o naturaliza (SILVA, 2004), logo, necessitando de leis efetivas que desfça esse feito tóxico – proposto na lei 10.639 (SILVA, 2017). O que significa desfazer o racismo e implica em mudanças nas desigualdades sociais. Os corpos espelhados em padrões europeus, bem como a sexualização nas modalidades esportivas, foram vertentes da Educação Física brasileira (MATTOS, 2010). E o dia 20 de Novembro, em comemoração à consciência negra, é uma forma de desfazer os feitos tóxicos e históricos do país.

Maria Lenk ocupa cargos de expressão e de poder. Sobre sua nomeação a ex-olímpica se espanta ao falar sobre o seu nome escolhido na lista: “Não sei porque caiu no meu, deveria ter caído no da Helenita, que era o segundo, mas escolheram o meu, não sei porquê, talvez porque eu tivesse mais projeção pública” (CASTELLANI FILHO, 2004, p. 168-9). Não sabendo o porquê, foi nomeada para dirigir a Educação Física e rasurar em espaços de poder

essa parte da história. Esta questão implica refletir na inserção de mulheres brancas nos espaços de poder e a perguntar: de que mulher estamos falando?

A história das mulheres nos esportes e nos espaços dos homens, sobretudo aqueles de mando e poder, é sem dúvida de luta e conquista, mas “[...] quando se observa os indicadores sociais no Brasil, historicamente o quesito raça/cor assumiu um caráter preponderante para análise das desigualdades [...]” (SANTOS, 2016, p. 26). Requer refletir sobre o capital social de gênero, em como se diferencia entre os sexos e entre as raças. Heidi Ferreira (2012) faz uma síntese do fenômeno do “teto de vidro”.

“Desde então, vem sendo entendida como a barreira artificial e invisível que impede o acesso de mulheres a cargos de liderança e hierarquia superior, considerando inatingíveis para elas”. Teto de vidro é uma expressão, metáfora e ao mesmo tempo fenômeno. Termo que surgiu em 1985, sendo importante utilizá-lo para pensar a “rasura de gênero” e o que chamei de “sobe-desce”: às inserções de gênero nos estratos de comando nos esportes nas sociedades, e o que se entende por “capital social” no esporte, que pode ser definido como uma rede de conhecimentos profissionais e de tutoria.

“O capital social é medido pela rede de contato que a pessoa possui” (NORMAN, 2010 apud FERREIRA, 2012, p. 16) e nos esportes as mulheres não dispõem desse recurso, são solitárias profissionais. Em parte, explica epistemologicamente “o status de minorias de treinadoras esportivas”, e não só esta função como as diversas de comando “[...] é explicado pelos baixos níveis femininos de capital social adquirido”. O fato é que participação parece não ser indicativo de inclusão, e um baixo percentual significa sub-representação.

Impulsionada pela pergunta: Como agregar mulheres, negrxs e queer/QOC nos esportes em suas diversas funções, e de que forma o Estado tem interferido? O capital social de gênero no esporte contribui para tais compreensões. A inquirição que também interessa questionar é se há participação de mulheres negras no comando desse “sobe e desce” generalizado mediante á rasura?

O capital social é um método que tem sido sugerido para melhorar a inserção de gênero nesta esfera, nos diversos territórios que pouco investem nesse quesito. Esse método, ao que me parece, pouco tem funcionado com as mulheres se tomarmos como referência a conjuntura, embora estudos relatem a competência das envolvidas, contudo, os conhecimentos e o convite são fundamentais para as inclusões, contribuindo para as inserções (FERREIRA, 2012; JORAS, 2015), mas, esse método não é seguro.

Os Jogos Rio-2016 registraram a maior presença feminina na história das Olimpíadas. Mais de 45% do total (RIAL; GROSSI, 2016). Conforme nos apresenta Ferreira (2012), os

Jogos Pan-Americanos de 2011 compunha 13% de mulheres integrantes da comissão técnica brasileira, em diversas modalidades – um número baixo obviamente, e concernente às modalidades consideradas do sexo. Como nota-se, há crescentes números. Fatores suficientes para assustar - Assustar o androcentrismo. O medo da perda do privilégio da raça e da vantagem do sexo – os homens brancos e a dominação imaginada nas mãos das mulheres. Assim, tudo indica que os retrocessos são medidas urgentes de cristalização de gênero.

O “capital social” no esporte, que pode ser definido como uma rede de conhecimentos profissionais e de tutoria. é medido pela rede de contato que a pessoa possui” (NORMAN, 2010 apud FERREIRA, 2012, p. 16), conforme Heid Ferriera, nos esportes as mulheres não dispõem desse recurso, e observei que, na categoria mulheres negras, igualmente não ocorre. Desta forma, funciona com os homens (brancos). Sua funcionalidade não é garantido para se pensar em inclusões das “ditas” minorias, Diante disso temos que buscar novas formas.

Trazendo projeto internacional da igualdade de gênero / ONU/CEDAW para o contexto, o que se vê é uma luz que conduz à igualdade entre homens e mulheres brancos e uma utopia no fim do túnel. “Uma falha irônica, porém, trágica, que teve como resultado a invisibilização e o silenciamento de mulheres negras dentro do projeto feminista global” (KILOMBA, 2019, p. 100).

4. BIOGRAFANDO AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS DO FUTEBOL DA BAHIA: A INTERSECCIONALIDADE NO ESPORTE

O quadro sinóptico que apresento neste capítulo, compila o grupo de interlocutoras do futebol da Bahia que contribuíram com suas narrativas de experiências. Desagregando os marcadores sociais da diferença: gênero, raça, classe, sexualidades, compreendendo a problemática pela via da “interseccionalidade no esporte”. São narrativas de mulheres negras, líderes do futebol na Bahia, que fizeram parte desse processo. E como pesquisadora desde dentro, insiro-me quando convier, pois também estava lá, no campo, desde os anos 1990. Mas, é a interlocutora Rosana que abre a narrativa informando-nos sobre a história do futebol de mulheres na Bahia. Nessa conjuntura discute-se conquistas, dores, decepções e expectativas.

Trataremos sobre as conquistas e perdas, sem direito a ter direito e a questão da raça, classe, sexismo e relações de gênero. Abordo o papel dessas mulheres que são mais voltados para a comunidade, por meio do amadorismo por ser o profissionalismo ainda um campo de luta, sem consolidação. E adentro as sexualidades com a temática queer, por esta abranger um conjunto de categorias: LGBTQI.

Analiso suas histórias de vida relacionadas ao futebol, como prática esportiva e como trabalho. As idades apresentadas é referente ao ano 2020, devido o período da entrevista. Todas foram jogadoras e exercem ou exerceram outras funções, como treinadoras, árbitras e gestoras em futebol. Desta forma, propus construir suas minibiografias destacando os principais pontos proposto neste estudo, versando sobre as temáticas em discussão. Todas se autodeclaram de classe média e negras, e exceto uma, elas se autodeclaram lésbicas.

Paul Thompson (1998) descrevendo sobre a origem da oralidade como método e as técnicas da entrevista e narrativa, nos situa no conhecimento teórico dos métodos qualitativos, bem como na história dos métodos, incluindo a arquivologia e documentos. Destacando dois tipos de história de vida: a completa, que retrata todo um conjunto da experiência vivida; e a tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão (SILVA, et al., 2007, p. 73).

Boni e Quaresma (2005, p. 75) afirmam que a entrevista é uma técnica de coleta de informações utilizada para captação de dados subjetivos (valores, atitudes e opiniões dxs sujeitos entrevistadxs), sendo a história de vida semiestruturada um dos tipos de forma de entrevista. A entrevista “é um instrumento privilegiado para denunciar, de dentro, os preconceitos, as práticas discriminatórias ou de exclusão, e as iniquidades de que podem se tornar objetos certos grupos [...]” (POUPART, 2008, p. 220 apud FERREIRA, 2012, p. 28).

Optei pela história de vida tópica, por focar o mundo do esporte por meio de entrevista semiestruturada, devido a esta combinar perguntas abertas e fechadas, e assim, construindo as biografias das interlocutoras, o que denominei de biografias da encruzilhada, fundamentada na experiência – os caminhos do corpo. Entrevistas-narrativas-biográficas é um método centrado em sujeitos, explicitado por Kilomba (2019). É um “study up” o que significa que é um estudo em que a pesquisadora investiga membros de seu próprio grupo social ou com status similar (ESSED, 1991; MAMA, 1995 apud KILOMBA, 2019, p. 82).

Esse caminho sugere a interseccionalidade como teoria e método. Uma forma hoje considerada muito importante no fazer pesquisa com sujeitos/as (NOGUEIRA, 2017). Para Kimberlé Crenshaw a interseccionalidade não é soma, é multiplicação tendo como eixos norteadores gênero e raça. E sem verificar identidade de gênero, cientes de que gênero não é homem/mulher, como haverá igualdade de gênero? Deveríamos concordar com Kimberlé Crenshaw:

Como ela referia, a experiência interseccional é maior do que a soma do racismo e sexismo e qualquer análise que não tome a interseccionalidade em conta não consegue de forma correta ter em consideração as formas particulares de subordinação de muitas mulheres, particularmente as mulheres negras [...] (CRENSHAW, 1989, p. 91 apud NOGUEIRA, 2017, p. 46).

Dado a desigualdade no Brasil e sua ênfase nos padrões, discutir os marcadores sociais da desigualdade: gênero, raça, classe, território e sexualidades pela via da interseccionalidade se faz urgente e requer visibilidade a este campo para fins de melhorias. Conhecer para o fazer. O “corpo-experiência-interseccional” tem como noções a ‘escrevivência’ (EVARISTO, 2006, 2017). Para Conceição Evaristo – escritora de literatura negra, a “escrevivência” é a escrita do corpo pautado nos marcadores que o cercam: sexualizado, racializado, identitário, classificado, territorializado.

O conceito do termo escrevivência é marcado no seu texto *Becos da Memória, como:* “[...] O que desvela o intuito de transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano, dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades” (EVARISTO, 2006, p. 621). Significa um espaço escolhido para o relato diário das experiências vividas e pensadas, a fim de socializar conteúdos diversos a serem discutidos, o que chamei de “corpo-experiência-interseccional”, ou seja, o corpo multimarcado pelas intersecções de gênero, raça, classe, sexualidade, território e geração – os corpos fora dos padrões.

A inscrição nos corpos é a escrita de si, o que trago como método epistemologizando o corpo complexo, com a pesquisadora participante-ativa, com a própria experiência historicizada. O corpo, o campo, a rua, o jogo, a bola-livro, o livro-bola. A experiência-ciência,

que é lógica, é razão. A razão de ser. Uma pessoa de dentro. “Ser uma pessoa ‘de dentro’ produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em sujeitos” (KILOMBA, 2019, p. 83) desde dentro significa estar implicada, é ser “ativa-participativa”. [...] (CHIZZOTTI, 2014, p. 77).

Destacando a influência das mulheres no futebol, a história assinala um contexto de proibições institucionais e resistência, bem como uma participação expressiva de mulheres negras nessa trajetória, sobretudo na formação da Seleção Brasileira de Futebol de gênero. Excluídas do processo histórico, onde somente aparece a história dos homens no futebol do Brasil, as mulheres passam a fazer parte do futebol brasileiro em termos de visibilidade nos anos 1980, década em que se forma a seleção.

A Bahia aparece com forte influência, com o campeonato baiano que surge nos anos 1970 e várias jogadoras desse Estado vão compor a seleção criada em 1986. Uma parte da história das mulheres no futebol baiano foi brilhantemente contada e pesquisada por Enny Moraes (2014) que centrou-se na função de jogadoras, contudo, mostrando outras categorias: os treinadores das mulheres eram os homens, a classe, a raça. Portanto, meu objetivo não é recontar essa história, mas inserir novos olhares, fortalecendo e acrescentando partes de nossa história, criticar, problematizar, mas também refletir e sugerir melhorias.

Tendo a voz, a experiência, os saberes “não como personagens que emprestam voz a cultura popular, mas como traços fundamentais que nos ajudam a compor [...] que no diálogo com o outro (a outra) vai se reafirmando (HOUAISS, 2009 apud MENEZES et al, 2014, p. 1252), vos apresento o quadro que gerou as narrativas. Sobre as interlocutoras, as entrevistas duraram em torno de duas horas de conversa, gravadas com auxílio de gravador e transcritas posteriormente. Junto com as narrativas foram produzidas quatro minibiografias, incluindo-me e autobiografando-me.

Por serem pessoas públicas e pelo cuidado ético, em algumas narrativas não as identifiquei, suprimo os nomes e deixo em sigilo. Vale considerar que não trabalhei com codinomes pelo objetivo da pesquisa em biografar-lhes. Assim, os nomes são de reais

Quadro 2. O quadro sinóptico das interlocutoras⁵⁶

| | Nome | Categoria | Função | Profissão | Idade | Raça/ Cor | Orientação sexual | Classe |
|---|--------------------|------------------------|-------------------------------------|----------------|-------|--------------|----------------------|-----------------------|
| 1 | Lívia | Amadora/ Comunidade | Jogadora Militante LGBT | ADM | 50 | Negra | Lésbica | C./média |
| 2 | Laura | Amadora/com unidade | Gestora Treinadora Jogadora | Letras/ EDF | 49 | Parda | Heteros- sexual | C./média |
| 3 | Rosana | Profissional | Treinadora Árbitra Gestora | EDF | 51 | Negra | Lésbica | C/média |
| 4 | Dilma | Profissional | Treinadora gestora | ADM | 56 | Negra | Lésbica | C. média |
| 5 | Neide/ Ineildes | Profissional | Jogadora Árbitra pesquisadora | EDF | 44 | Negra | Lésbica | C/menos favorecida |

Fonte: Quadro elaborado pela autora da pesquisa.

As perguntas norteadoras se deram refletindo tensionamentos e marcadores de diferenciação na esfera futebolística e no mundo social, focando desde suas inserções no esporte; seus relatos das influências na construção do futebol baiano, bem como esta modalidade como trabalho; os percalços, barreiras e conquistas; as relações e tensionamentos raciais e de gênero e as autodeclarações de raça/cor, classe e orientação sexual, que gerou conhecimento.

São cinco as interlocutoras, pertencentes ao mundo do futebol, experienciaram as funções de atletas e de liderança, sem um lugar estável e fixo perpassam entre a comunidade e a instituição, o público e o privado, o amadorismo e o profissionalismo. Dentre estas me incluo por fazer parte desta história onde discutimos sobre o limite do campo do futebol, que espaços queremos e quais são permitidos. As lutas, a nossa história focalizando a Bahia e as influências deste Estado e as mulheres negras.

⁵⁶As autorizações para participar da pesquisa e para utilizar as imagens foram assinadas pelas colaboradoras.

4.1. ROSANA VIGAS: CLASSE, TRABALHO E RACIALIZAÇÃO

Ex-jogadora, treinadora das mulheres, árbitra e gestora



Rosana Vigas. Salvador-Ba. 52 anos (período da pesquisa) nascida em 1967. Mulher negra, de classe média.

Oriunda de família de classe menos favorecida. Filha de Célia e José Wilson, criada pela mãe e a avó.

Funcionária pública, professora de Educação Física de rede Estadual da Bahia, primeira mulher a lecionar educação física na escola da Polícia Militar do Estado.

Ex-atleta de basquete e futebol. Foi preparadora Física do júnior do Clube Ypiranga/ em 1997.

Formou-se árbitra nos anos 90 e ingressa em 1997 na Federação Baiana. Ingressou na CBF, apitou jogos de mulheres no Campeonato Brasileiro desde o início e Copa do Brasil, apitou jogos masculinos intermunicipal (na Bahia), divisão de base e atuou como reserva (4º árbitra)

de jogos profissionais masculinos da CBF. Inaugurou a mulher no comando do apito na principal competição profissional do estado da Bahia – em 2007, o jogo Vitória X Poções, no estádio Manuel Barradas. Encerrou a carreira de árbitra, realizou cursos profissionais como treinadora e atua nesta função, em times de mulheres e lidera competições e equipes do sexo. Faz parte de instituições esportivas para o desenvolvimento do futebol de mulheres.

Figura 6. Rosana vigas. Autorizada (oficialmente) pela interlocutora

Tia Vicente, em memória

Olha, o futebol feminino aqui na Bahia começou na década de... 40, 50... Porque minha tia já jogava futebol. Minha tia jogou futebol pelo Bahia, tá? E eu comecei a conhecer o futebol na década de 80, quando eu assistia pela televisão, pelas manhãs de domingo. Passava no canal... No canal 5 da TV Itapoan. Raimundo Varela narrava esses jogos, Chico Queiroz era repórter, Pastore também era repórter. Esse pessoal todo da imprensa. Domingo de manhã era uma... Uma audiência estupenda o futebol feminino. O Campeonato Baiano feminino. Tinha Catuense, Ipiranga, Baiano de Tênis. Então, eu conhecia através da TV aquelas grandes jogadoras, como Helena Nova, Solange, Ana Rosa, Norminha, Tânia Meireles, Flor de Lis... E, aí, eu... Susi Oliveira, Susi Bitencourt, Fafá... Então, assim, eu via essas meninas pela televisão e achei que eu poderia fazer aquilo também.

Eu já fiz algumas pesquisas e tem algumas coisas que falam sobre isso, mas o que eu falo é a reprodução do que minha tia me falou. E ela sempre teve as lembranças do período que era moça. Dizia: “ah, quando eu era moça, joguei futebol, joguei na Fonte Nova. Todo mundo me chamava de Vicente”. Disse que ela jogava na zaga e tinha um jogador, Vicente, que era muito bom, que era... Como hoje, né? Até hoje, você tem a cultura de fazer analogia de, de... De... De jogadoras com jogadores, né? Então, ela parece que foi muito famosa na época dela. Então, tudo o que eu sei foi ela que me contou e umas outras pessoas também, umas amigas dela também, que chegavam e diziam: “ah, eu joguei futebol em tal ano, em tal clube”. Sem contar que algumas jogadoras

da minha época também tiveram mãe... Mães... Mãe ou tias que jogaram bola e relatos de minhas outras colegas também. (Rosana).

A ex-atleta de futebol e ex-árbitra profissional rememorando a tia Vicente, atleta comunitária, denota um arquivo de memória e um rico acervo – com as colegas da época e parêntes do tempo de tia Vicente, nome de um jogador da época. A correlação das mulheres com os homens são destacados e exclusivamente nos aspectos corporais e técnicos, como Marta é, às vezes, chamada de “Pelé de saia”, ou seja, a rainha negra, muitas vezes comparada à Neymar para indicar seu valor e malandragem corporificada – as habilidades, o corpo múltiplo-motor equivalentes aos homens mais destacados no futebol.

Mas, as mulheres vivem em situação política, social, cultural e econômica largadas á própria sorte e sob o manto da invisibilidade. Rosana adentrou a seleção baiana de futebol como goleira e também foi atleta de basquetebol na escola, chegando a monitora desta última modalidade na Universidade. Narra a história rememorando times de futebol de mulheres que existiram na Bahia, nos clube e relacionado aos bairros comunitários, ao mesmo tempo ao trabalho, a indústria, como o time “Usina”, uma certa semelhança com a trajetória do futebol dos homens.

As narrativas taratam do percurso do futebol e dos possíveis ou prometidos avanços. Muitas jogadoras baianas se construíram usando as próprias estratégias e algumas delas jogaram em times pelo Brasil e na Seleção brasileira, e a Bahia aparece como uma indústria de mulheres futebolísticas – sendo a base da seleção. Sisi é lembrada. O primeiro fenômeno do futebol de gênero do país.

Desde 86, que eu lembro que foi quando as meninas daqui, as meninas da Bahia começaram a participar. Que foi quando eu seria convocada também porque eu entrei na faculdade em 87... É, foi, é verdade. Em 86, mas ainda não tinha baiana na seleção. Aí, 87 pra 88 foi quando vieram fazer uma pré-seleção aqui. Foi quando levaram as nossas jogadoras... Sisi, Nalvinha, Flor de Lis... Foi uma leva de jogadoras e algumas ficaram, como Sisi, que foi uma das maiores meia-esquerda que o Brasil já teve e que hoje tá nos Estados Unidos. Então, ela participou de... Jogou no São Paulo, jogou na Portuguesa e tal. (Rosana).

O trabalho no futebol se dá com a industrialização, mediante capitalismo e globalização com a inserção das fábricas no Brasil, e como profissionalização relacionado aos anos 1930 e a Copa do Mundo. Fátima Antunes (1994), com “*O futebol nas fábricas*”, aborda a geografia do campo, com a natureza transformada em campo de futebol – as margens dos Rios, e aborda a expansão dos times de várzea fazendo essa relação com o trabalho, através da contratação de

trabalhadores para as fábricas, indústrias e visando compor, fortalecer ou construir times para o futebol.

O futebol das fábricas e a formação dos Clubes interseccionaram, no Brasil, futebol e trabalho, e as habilidades futebolísticas tornaram-se fator importante, levando os homens negros a terem este esporte como expectativa de inserção social. Muitos, desde a infância faziam dos quintais e terrenos baldios espaços de treinamento.

O período da inclusão racial no futebol brasileiro coincide com a participação da vida econômica e social da população negra, ainda que em pequena escala e para os trabalhos inferiores que começam mais contundente na região Sudeste. A participação da Bahia e do Nordeste na história do futebol é evasivo, invisibilizado. Não contada.

Apesar da existência do esporte Clube Vitória no final do século XIX, Bahia e Ipiranga nos anos 30 do século XX. “É no período que se estende de 1930 a 1950 que teremos o processo de urbanização e proletarização do negro do Sudeste” (HASENBALG, 1978, p. 14 apud GONZALEZ, 1979, p. 11).

(...) Joguei no Galícia, né, e... E Seleção Baiana. Tive a oportunidade de fazer teste pra Seleção Brasileira, mas, como eu tinha passado na... No vestibular, pra fazer o curso de Educação Física na Católica (UCSAL), eu preferi nem ir ao teste porque eu sabia que passaria e não poderia fazer isso, não poderia me ausentar. Muito menos trancar a minha matrícula porque eu tinha um financiamento estudantil, que eu não tinha condição de pagar minha faculdade (...). Então, eu preferi estudar do que ir pra Seleção Brasileira, mas não me arrependo.

Esta interlocutora relata suas múltiplas funções no esporte e que foi convidada para ser goleira da seleção brasileira, guardando o convite em seus arquivos pessoais. Mas, curiosamente, recusou, por optar pela universidade. E complementa: “*não me arrependo*”. Essa frase nos remete a situação histórica das mulheres futebolísticas no Brasil, e quando combinada com raça e classe vemos que Rosana se preocupa com a desigualdade social e a oportunidade de fazer um curso superior, e não dava para arriscar essa chance, pois o futebol de mulheres ‘vem se arrastando e a duras penas’. E só no fim dos anos 90 sugiu o apoio efetivo da Federação baiana, promovendo o campeonato.

Na verdade, a Federação Bahiana de Futebol só abraçou o campeonato feminino a partir de 98. Foi o primeiro campeonato oficial pela Federação Bahiana. Mas, antes disso, já na década de 80, década de 90, já existiam as competições. Tinham os campeonatos baianos que não eram feitos pela Federação, mas que eram bem vistos, né? As pessoas assistiam, as pessoas se interessavam, as equipes todas participavam. Naquela época, tinha o Baiano

de Tênis, Clube Cajueiro, de Feira de Santana, Flamengo de Feira de Santana, é... Panteras do Ipiaú. Tinha Cruzeiro, de Cruz das Almas. Tinha... É... Tinham muitos clubes, muitas cidades do interior participavam do Campeonato Baiano e a gente viajava muito. A Catuense... Eu lembro de ter viajado muito com a Catuense pra fazer esses jogos e... Eram televisionados, né? Então, era muito divulgado e as pessoas gostavam. Sempre existiu o preconceito de um lado, mas também sempre existiu apoio do outro. O que, na verdade, faltou foi apoio financeiro e interesse político pra que o esporte crescesse. (Rosana).

Relatando as atividades em futebol de gênero, ganhando impulso, viagens, competições e várias equipes municipais, ela rememora esse tempo bom na Bahia. Tinha até acompanhamento de TV, Raimundo Varela, o jornalista, e Chico Queiroz narravam o futebol do gênero, e dá o destaque da TV Itapuan. Rememorando sobre a sua tia - Tia Vicente, desde os anos 1940 jogou futebol, sugere que o futebol não nasceu na Bahia nos anos 70. Conforme a autora Enny Moraes, as jogadoras surgiram dos interiores da Bahia para constituir o campeonato baiano, dando chaves para a formação do elenco da seleção brasileira, tendo a Bahia forte influência no futebol das mulheres no Brasil. A classe, a raça, a sexualidade são destacadas:

O preconceito não se restringiu a orientação sexual das atletas, que sempre eram destratadas publicamente, mas também advinha em consequência da classe social que pertenciam, o que era acrescido pela etnia da maioria das jogadoras: negras, pobres, residentes em bairros periféricos (MORAES, 2014, p,158).

A classe é interseccionada neste debate e focalizada pelas interlocutoras – e Rosana classifica as jogadoras de classe “C”. Explicita e quantifica em números atuais as jogadoras treinadas por ela no time “Madre” e destaca faixa etária.

Hoje, uma média de 40. (...) A faixa etária delas? Ah. Entre 14 e 26 anos. Classe C, né? Muitas não tem dinheiro pra transporte. Muitas delas... Antes, a gente treinava três dias na semana, só que passou a treinar dois porque muitas não têm dinheiro pra vim três vezes, né? E, você sabe, mulher tem que ter dinheiro pra comprar outras coisas.

A gente precisa de tratar o cabelo, tratar as unhas... Roupa, é... Outros artigos de higiene que os próprios pais, por não ter essa condição... Pras meninas, é mais difícil. Se fosse pros meninos, até deixavam de comer pra pagar a escolinha, pra comprar chuteira. Pros meninos, né? Porque acham que a maioria deles vai virar profissional. Muitos não viram, né, mas eles investem. Eles passam fome pra investir.

Mas, as meninas eles não investem, eles não vê isso como uma profissão. Ou também não vê isso como uma atividade de lazer, que vai deixar seu filho muito mais seguro do que tá sozinho dentro de casa, à mercê do tráfico, que ronda suas casas, ou até à mercê da própria internet, se é que alguns tem

internet, né? Muitos não têm em casa, mas têm no celular, qualquer creditozinho que bota... Então, elas não têm essa condição. Muitas delas não têm condição.(Rosana).

Marcelo Nery (2010, p. 29) define classe econômica subdivididas pelas letras alfabéticas: A, B,C , D e E. Destas, a “C” é a central, consequência do boom da classe C. Segundo o autor tais subdivisões são concernentes ao crescimento econômico da população brasileira. Mas, quando é também vista em estudos analisados pelo autor como classe média baixa, a classe C não aponta o nível socioeconômico, por ter vários níveis dentro desta classe.

E a classe “C” é destacada na concepção da interlocutora voltada para o baixo nível econômico. Esta categoria é compreendida como a menos favorecida. Relacionando classe e cor da pele compara com a realidade do sexo oposto, recortando a questão da tecnologia de gênero.

Destacando a classe menos favorecida, Rosana destaca a falta de apoio financeiro das jogadoras desde seu envolvimento com este esporte e mostra que essa era também a sua realidade familiar. E Dilma narra sua adolescência expressando que lavava carro.

Eu lavava carro, não tenho vergonha de dizer isso... Na época, tinha aquela questão de vender... Ferro velho... Eu catava aqueles ferro velho e comprava geladinho pros meninos, pra eles me avisarem na hora se a polícia chegava. Então, quando a polícia estava pra chegar pra me tirar do baba, eles já me gritava de lá, eu tinha um assovio bem interessante e eu saía correndo e me escondia. Aí, ficava tudo beleza (Dilma).

Além de se preocupar com a questão da reprodução, a imposição de gênero e as drogas, questões de preocupação de todas as colaboradoras. Com o problema de que nada está ganho, essas mulheres buscam formas de manter e se manter no futebol. “Raça é a maneira como a classe é vivida” (DAVIS, 2016, p.12).⁵⁷

4.1.1. A racialização

A racialização é um problema recorrente no futebol das mulheres, visto nas narrativas. A saber a raça/cor/etnia das jogadoras e treinadoras da Bahia e do Nordeste, as interlocutoras

⁵⁷No prefácio desta obra de Angela Davis, apresentado por Djamila Ribeiro, que cita o artigo da autora publicado no portal da Geledés, no qual melhor explicita sobre interseccionalidade.

tratam desse tema em suas narrativas, atravessando entre o amadorismo e o tido como profissional.

Negras. Todas elas negras. Podem até não se definir, mas eram todas negras. Porque, assim, quando eu joguei em Goiás, no Campeonato Brasileiro, as treinadoras que estavam lá eram negras. E parece que o futebol feminino traz essa alavanca, né, da negritude. Por que é um... Futebol feminino, ele é da raiz, ele é da base, é do bairro, da rua. É um pouco isso. Então, a maioria que tá naqueles bairros, nas favelas, são negros e negras e a gente começa a identificar qual a sociedade, qual a classe que nós participamos (Livia).

As interlocutoras inserem a categoria “parda” nesse contingente de atletas, que aparece como problemática porque modifica a nossa história e é um risco de vetar esse campo para aquelas mais discriminadas – as de tez mais preta.

Eu classificaria em 60 por cento negras e 80 por cento pardas. Porque eu não tenho conhecimento, eu não conheço as pessoas, mas a gente tem muitos grupos no Whatsapp, que essas... Essas mídias e redes sociais são muitos interessantes e as pessoas colocam muito fotos e eu observo isso. A gente tem foto de times de tudo quanto é canto. Agora mesmo teve uma competição em João Dourado. Não sei nem onde é que fica, mas conheço a pessoa que tá fazendo a competição, conheço os times que foram pra lá. Olha, a gente sabe que o Brasil é um país muito diversificado, né? Então, se eu chegar lá por Rio Grande do Sul, eu não vou dizer que são as negras que tem seu percentual... Sua... Sua maioria, né, a nível de percentual (...).(Rosana).

Sobre a raça/cor das treinadoras do futebol de mulheres, na Bahia, no Nordeste, no Brasil Livia revela: *“Eu só vejo aqui na Bahia. Só aqui na Bahia. No futebol feminino, eu vi negra, mas no futebol como um todo, não vejo negras”*. E respondendo a perguntar se existe racismo no futebol, a partir de suas experiências no esporte, as interlocutoras ampliam o leque para mundo dos esportes – não é só no futebol.

Existe, sim. A gente vê isso o tempo todo, claro que existe. É... É ridículo, é... desagradável... É desonesto, né? Mas existe. Na verdade, não é no futebol em si, é na sociedade, de uma forma geral. A sociedade vê os negros de uma outra forma (...) A mesma pessoa que maltrata uma pessoa só porque a cor da pele dela é diferente da sua, ela maltrata num banco, numa academia, numa escola, ela vai no estádio e maltrata também. Entendeu? Então... Isso é cultural. É hediondo, é nojento, é patético, mas é cultural. (Sigilo).

Hoje, a gente tem a oportunidade que a mídia tem dois lados, o positivo e o negativo. Mas eu vejo sempre o lado positivo porque, quando tem qualquer problema de racismo, bota mesmo a boca no trombone. Naquela época, não, né? A gente não tinha como botar. A gente sofria e muitos sofriam calados. (sigilo).

A narrativa seguinte denuncia o privilégio racial no esporte presente no futebol das mulheres, nas escalas ou seleção das atletas para o jogo e a importância das funções de mando e poder como rememora uma das interlocutoras.

Acho que muito, porque teve uma época até no clube, em 1990... Em que a gente percebia que as pessoas que o treinador colocava para jogar, as meninas que colocava. (...) Você começa a ver a questão do racismo, né, que você fala aí. A gente começa a ver o sexismo, a misoginia, porque as mulheres dos caras... Que era do lado que iam sempre jogar futebol, que abre o espaço para a gente jogar futebol, os coordenadores... Elas ficavam por conta, né, e elas iam muito em cima da gente, que era mais negra, para ficar falando, dizendo determinadas coisas, né? (sigilo).

Ainda não bem elucidado para mim, pergunto-lhe: qual a raça/cor das mulheres desses caras? Ela responde: “*As mulheres eram brancas. Eram brancas. Todas brancas.*” As mulheres desses caras que abrem espaços para o futebol de mulheres, como afirmou a colaboradora: “*elas iam muito em cima da gente que era mais negra*”. Tem uma relação de opressão racial fora e intragênero, entre liderança e lideradas, mas, na perspectiva da oprimida opressora no contexto intragênero. Ela via, no futebol, elementos constatados na sociedade: sexismo, misoginia, privilégio racial do padrão branco e o racismo interseccionado.

Nota-se neste discurso a denúncia do androcentrismo e dominação dos homens sobre as mulheres nos esportes, mas também, em momento oportuno em que uma mulher substitui o homem ela deve estar adequada ao padrão racial. Além disso, o discurso remete à dominação racial intragênero, com o privilégio do padrão branco aparecendo como oportunidade para estas mulheres nos esportes e, como, no Brasil o padrão racial é documento de inclusão e de oportunidades.

As reflexões do entre lugar formuladas pelo feminismo negro levaram Patrícia Hill Collins a denominar esse sistema de opressão de matriz de dominação: as intrincadas articulações de gênero, raça e classe que permitem que mulheres, negros e pobres sejam dominadores e dominados nas mesmas relações (BRANCO, 2008 apud LUZ, 2012, p.212).

A citação permite dizer que podemos ser dominados/as e/ou prejudicados/as pelos nossos pares: negrxs por negrxs, mulheres por mulheres, pobres por pobres, queers por queers, e a substituição de um sexo, raça, ou orientação sexual pela outra não é solução. Ou seja, a substituição de gênero e raça não resolve o problema da dominação e colonialidade de poder, mas, a descolonização do pensamento que visa conscientizar para as noções de gênero, raça e sexualidades é o indicativo que mais se aproxima de melhorar essas problemáticas e reduzir os

tensionamentos, que leva a uma política de igualdade social de gênero, raça e classe, e que educa para a respeitabilidade das diversas sexualidades.

“Agente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma sobre a outra” (DAVIS, 2016, p. 12-3). O racismo no futebol aparece comparado à sociedade, regionalizado, ao mesmo tempo velado, mas, revelado nos discursos quando citam o padrão de beleza que se requer para as atletas/ jogadoras, a loira, o cabelo comprido, trazendo à tona a imposição de gênero e o conceito de feio e bonito. Vejamos as narrativas:

Aqui na Bahia, a gente não vê isso. Agora, a gente sabe que no Campeonato Paulista não foi mais uma questão de racismo, foi mais uma questão de... Eles... Como eu posso dizer? Eles decidiram que o Paulistano tinha que ter jogadoras bonitas. Claro que o padrão de beleza deles exclui as negras, né, porque eles não conseguem ver as negras como pessoas bonitas, como atletas bonitas.

Aí, eu lhe pergunto: pra jogar futebol, o homem precisa ser bonito ou tem que ter talento pra jogar futebol? Talento. Mas as meninas... Tanto que teve um ano que... O Campeonato Paulista ficou desativado. Ou seja, passaram-se alguns anos que o futebol... O Campeonato Paulista não foi realizado devido à exigência dos patrocinadores de que as atletas deveriam ser bonitas e femininas.

E eu acredito que isso aconteceu logo em seguida porque você vê cada vez mais jogadoras loiras, de cabelo comprido, mais femininas. Diminuiu-se os uniformes das meninas e isso se estendeu até à seleção também. (Sigilo).

Notamos hierarquizações na esfera esportiva nos esportes denominados da elite, como voleibol, tênis, ciclismo, hipismo, entre outros. A racialização se intersecciona com padrão de beleza e tem um caráter específico no Brasil – a nação polarizada e racista.

Esse problema de racializar e do racismo é combatido constantemente pelas interlocutoras da Bahia, onde se observa “o racismo cotidiano” (KILOMBA, 2019).

“A gente protestou dizendo: nós não vamos entrar e ninguém entra. Ou entra todo mundo, ou não entra ninguém”.

A frase é de uma interlocutora ao memorizar o enfrentamento das mulheres negras com o racismo no futebol da Bahia desde seu início no esporte como jogadora, e traz à tona um episódio racista do futebol deste estado, em um importante Clube baiano, respondendo sobre o racismo no futebol das mulheres:

Sempre. Sempre. Preconceito e racismo foi sempre.

Desde quando a gente foi a um grande clube em Salvador... Um clube social em Salvador... E eles proibiram os negros de entrar, né? (...) Um grande cantor na época, né... Porque eu sou daquela época de... de que não tinha tanta fama os grandes cantores, né? E ele pode até não ter esse entendimento ou não saber dessa história, mas eu tive a oportunidade de ser fã de Gilberto Gil... nem o conhecia, vim saber depois, muitos anos depois que era ele... Porque ele teve acesso... Ele tinha acesso a esse clube e, quando ele viu a situação de que as meninas que eram negras tinham que entrar pelo portão do fundo (...)

E aí, eu e mais algumas meninas, que sempre teve no sangue essa postura de direitos iguais, né, e que o céu e o sol foi feito pra todos, né, a gente resolveu não entrar nesse grande clube. A gente protestou dizendo “nós não vamos entrar e ninguém entra. Ou entra todo mundo, ou não entra ninguém” (...) Lá sempre teve isso e a gente não tem como provar hoje, então... (sigilo).

A interlocutora não cita o nome do clube, possivelmente porque, conforme expressa, não tem provas legais. Mas, segundo as novas determinações, para denunciar o racismo não é necessário testemunha (MANERA et al, 2015). Complemento essa história trazida da memória da interlocutora, grafadas no corpo como marcas de dor. Trata-se do Clube Baiano de Tênis. E o fato é que nos esbarramos com a objetividade como um mecanismo que visa desfazer as provas legais.

São dois anos de observatório da discriminação racial no futebol (2015 e 2016). Esta última versão retoma o racismo nos clubes brasileiros e relembra a denúncia de Gilberto Gil em forma musical, na canção “Tradição” de 1973. “O tempo que preto não entrava no Baiano nem pela porta da cozinha”.⁵⁸ A música, o método subjetivo, foi a forma utilizada pelo cantor e compositor para a denúncia, haja visto o período da ditadura, as proibições e censuras, e nos anos 2000 se tornou ministro da cultura no governo Lula (Luiz Inácio Lula da Silva).

O observatório citado mostra a modalidade do tênis como um esporte ainda elitista. Ou seja, racista. Utilizando fotografias, esse material assinala a existência do time da “Liga da Canela Preta”, da cidade de Porto Alegre - uma liga formada por jogadores negros no início do século XX e informa que até 1952 haviam clubes naquela cidade que não incluíam jogadores negros.

No Clube Baiano de Tênis ocorria jogos de mulheres, como vemos na narrativa de Rosana, e como observamos, o racismo chegava às jogadoras. Esse fator é notório quando a interlocutora revela que a proibição ao clube incitou a revolução das mulheres jogadoras negras,

⁵⁸<https://observatorioracialfutebol.com.br/a-incontornavel-liga-dos-canelas-pretas>.

boicotando o jogo que era uma atração na época. “*nós não vamos entrar e ninguém entra. Ou entra todo mundo, ou não entra ninguém*”.

Nos discursos, Livia retrata que a base e a origem futebol das mulheres é a juventude negra da periferia. Rosana classifica as jogadoras da Bahia como negras e pardas, e mostra que deve ser considerado a região para essa constatação, e assim, arrisca um percentual considerando as polarizações raciais, como vimos que no Brasil se classifica as pessoas negras como mais negra e menos negra compreendida pelo preconceito de marca, visto em Oracy Nogueira (2006), diferenciando o Brasil daquele tipo de preconceito baseado em duplo-negro/branco.

Laura se auto declara “misturada”, conforme narra, estimulando o debate da polarização racial como um fator que requer discussão.

“Eu sou misturada [risos]. Eu não me considero branca, não me considero parda. Sempre eu falo, né, que eu sou uma mistura mesmo. Uma mistura de todos os povos, né?”.

Para esse entendimento de cor polarizada, empreguei a metodologia usada pelas autoras Maria Olinto e Beatriz Olinto (2000), no texto “*Raça e desigualdade entre as mulheres: um exemplo no Sul do Brasil*”, no qual as autoras avaliam a variável raça conforme referência das entrevistadoras, classificando-se em branca, parda e negra. “Essa classificação foi construída a partir da percepção de características fenotípicas, como o tom de pele e características do cabelo, de forma racializada” (OLINTO; OLINTO, 2000, p. 1138).

Como parâmetros utilizados para a constatação racial, mediante a falta de consenso sobre a constatação da raça no Brasil e sem haver autodeclaração de raça/cor nas instituições esportivas, para concordar ou ver o perfil racial e classificar, utilizei a técnica da cor da pele e textura do cabelo, considerando branco o que caracteristicamente se encontra mais próximo do padrão de branquitude. Dando robustez a questão me baseei nas discussões e teorias das relações raciais.

4.1.2 O fim da safra “negrx mesmo” no futebol brasileiro

Ao problematizar a racialização polarizada como uma forma de complexificar as exclusões, invisibilizar e camuflar a cor predominante da seleção brasileira, percebi que tal questão foi observada e expressada pelas interlocutoras, notadamente quando desejei saber seus olhares sobre este fator a partir de suas experiências, envolvimento neste esporte e trajetória, acompanhando desde a origem a composição da seleção. Elas falam sobre a racialização do futebol de gênero tendo a seleção como parâmetro.

(...) Tanto no feminino quanto no masculino. Nos dois ... (sigilo).

A questão racial na Seleção Brasileira masculina. Dez por cento negra, 80 por cento parda. (...). É como eu coloquei, uma questão mais de região, né? Então, assim... Mas, cada dia que passa, os negros têm menos oportunidades. Os negros estão menos inseridos no futebol. Então, todos perceberam que o futebol é um meio onde o dinheiro é muito utilizado, o dinheiro é muito... Rola muito dinheiro. Então, assim, até no futebol, os negros estão perdendo as oportunidades. O Bahia, praticamente, é um time todo branco. O único negro, negro da terra, negro baiano é o Feijão. Ou seja. Então, a gente só tem o quê, 10 por cento de negro? Mesmo assim ele nem diz... Ele nem joga, ele nem é o titular, ele é o reserva. Então, assim, até na Bahia, a oportunidade pros negros da região tá diminuindo cada vez mais. O Vitória eu coloco dessa forma. O único negro do time do Vitória hoje é Kanu. (...) Parda e branca. Quanto mais pro Sul você vai subindo, Sul, Sudeste, eles ficam mais brancos. (sigilo)

Ah, a Seleção Brasileira clarificou de tal forma que você não vê mais uma negra no time. A última era quem? Era formiga, que já se aposentou. Então, o percentual de negras eu digo que é o quê, 5 por cento? Se você observar, quase não tem negras...

A gente pode ver... A mais negra é parda.

Então, hoje, a Seleção Brasileira não tem mais mulheres negras. Hoje, você só vê as meninas mais, bem mais novas. Antigamente, as jogadoras de futebol eram mais maduras. (sigilo).

Conforme a fonte consultada, com 21 anos integrante da seleção brasileira, a despedida da jogadora Formiga, da seleção, se deu em 2016 com Vitória de 5 X 3 sobre a Itália, no final do Torneio Internacional de Manaus, na Arena da Amazônia, tornando-se heptacampeão neste torneio, goleada que marcou a estreia de uma mulher técnica da seleção (Emilly Lima)⁵⁹ que substituiu o técnico Vadão.

⁵⁹ <http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2016/12/na-despedida-de-formiga-brasil-goleia-italia-e-e-hepta-de-torneio-internacional.html>. Acesso em: 09 de julho de 2019.

Formiga, participou de seis Copas do Mundo e seis Olimpíadas. Obviamente, sua despedida tem a ver com a idade limite para jogadores/as no futebol, pelo seus, 38 anos de idade, contudo, requer reflexões e amplos significados, um dos quais, requer refletir se se trata da despedida da “*negra-real*”, “a negra mesmo”, as mulheres pretas da seleção brasileira? Devemos refletir se, rompe-se também com a ideologia de ascensão do negro no futebol e o futebol bonito? Porque, beleza visa (ou deveria) inclusão: de raça/etnia, gênero, classe, região e sexualidades. Temos que prestar atenção no sexismo, no racismo, na racialização, porque o racismo chega sutil e se naturaliza nas diferenças de papéis.

“Emily precisa tá atenta, mas nos bastidores tem mais gente que precisa ver o racismo institucional que se fortalece no esporte e adentra ao futebol”.(sigilo)

Sobre a questão, como vemos na voz das experiências no assunto, que alertam sobre a força dos bastidores, mas entende que as lideranças, comissão técnica, treinadorxs, podem intervir. É um problema grave no futebol - o fim da safra “negra mesmo”. É um projeto de cor interseccionado com o sexo se desenvolvendo no país como o panóptico? “Negra mesmo” é a preta, que é a “negra real”. Trata-se da diferenciação da polarização racial; “negra entre aspas” também está associado a uma cor que no Brasil é mais aceita, e ao mesmo tempo é parte do preconceito quando se compara ao padrão branco. O debate remete à múltipla opressão de caráter intrarracial e intragênero, em que a “negra mesmo” experimenta preconceito, discriminação e racismo – tudo junto.

(...) Mas que é fato que, hoje, a Seleção de hoje e a Seleção das antigas clareou, isso aí é sem dúvida nenhuma, certo? Nós temos pouquíssimas meninas negras na Seleção e, com certeza, é uma das coisas que Emily precisa tá atenta. Porque nós temos, hoje, uma mulher que tem essa sensibilidade porque vivenciou isso nos clubes... Dos preconceitos, de tudo que o futebol feminino tem. Eu acredito muito que ela possa tá vendo com outros olhos essas convocações. A gente sabe que não depende só dela, por detrás dela tem muita coisa que pode rolar. É conversa de bastidores, que a gente sabe que a realidade do futebol é essa. Ainda não mudou, entendeu? (Sigilo).

(...) E, dos anos 90 pra cá, se você olhar até na própria seleção brasileira, né, quem são as meninas que estão jogando futebol? A maioria são meninas de cabelos lisos... Como é que chama? Lisos, escorridos... Brancas, da pigmentação mais clara. Eu também não sei como elas se... Questão de identidade, né, como elas se identificam, como elas se definem, raça, cor. Mas a gente percebe que muitas negras sumiram da seleção brasileira. A gente teve uma época em que tinha Pretinha, tinha a Formiguinha, que permaneceu... Maranhão, Teresa, né? Nós tivemos Flor de Lis, tivemos Tânia... (Sigilo).

Interpretando estes discursos, no Brasil a raça/cor se constitui como código de inserção/exclusão. Nesse ponto a mestiçagem está para além de mito — passa a ser uma estratégia política de diferenciação de raça/cor camuflada, tanto concernente à ideia de etnia que apaga a conotação de raça (FURTADO, 2012) quanto à ideia de pardo, que quanto mais escura a cor, maior o nível de exclusão. Vale notar que “em termos epistemológicos a categoria étnica vem passando por uma variedade de acepções históricas, tradicionais, políticas e de resistência” (VINHAS, 2014, p. 178).

Os discursos adentram a um terreno movediço, da raça e do gênero, implicando na discussão da exclusão dos pretos e pretas, a categoria racial mais desvalorizada na conjuntura da raça/cor polarizada no Brasil. Clareou e territorializou o futebol no Brasil? Esse projeto (velado) que tem como objetivo construir de forma estrutural um futebol de gênero heteronormativo e branco.

(...) Tanto no feminino quanto no masculino. Nos dois. Aliás, eu acho que na Seleção, não. Nos clubes. Nos clubes em geral (...) Não, eu acho que houve uma mudança muito grande. Com certeza. Muito grande. (...). Eu acho que a Seleção... para a Seleção feminina é uma coisa complicada. Você vê que, aqui na Bahia, tem muita gente que joga muita bola, muita bola, mas não consegue ir. Não consegue. Você vê que a maioria das meninas da Seleção é da onde? Rio de Janeiro, São Paulo... (Laura).

Laura insere a regionalização destacando o local de origem da maioria das meninas da Seleção. Rio de Janeiro, São Paulo... Mas, a seleção tinha em sua composição desde a origem uma força representativa da Bahia (MORAES, 2014), conforme indicou as interlocutoras. Mas, territorializou nos termos do valor do Norte/Sul Global, porquedeslocou a base - do Nordeste para o Sul e Sudeste, e este Sul é o nosso Norte.

Comentando os discursos, a jogadora olímpica é destacada como a última de uma safra, a geração das pretas. A ideia de perda deste espaço, que supostamente era garantido para os negros (pretos), foi estudado por José Jairo Vieira (2003) no futebol masculino. A volta dos brancos no futebol aparece nos resultados de suas análises, ponderando a diferença financeira das famílias e salários dos jogadores brancos, negros e pardos.

O futebol é hoje um espaço almejado pelos jovens brancos. E como expressou uma interlocutora: “é muito dinheiro”, é a mesma explicação encontrada pelo autor citado – os salários milionários, e obviamente, a rapidez de enriquecimento.

(...) percebe-se que o perfil dos jogadores de futebol está modificando a famílias brancas de classe média estão cada vez mais assistindo seus jovens

optarem pelo futebol como profissão (...) um primeiro olhar permite supor que a monetarização exagerada do futebol que passou a oferecer salários milionários é um dos possíveis causadores desta mudança (VIEIRA, 2003, p. 232-3).

O exposto põe em cheque a polêmica assertiva da inserção e ascensão social do negro no futebol como um dos pilares alicerçadores da democracia racial no Brasil. Certamente trata-se de uma ideologia. Desta maneira, convém questionar se a vez do “negro entre aspas” substitui “a vez do preto”?⁶⁰ O fim da safra “*negra-mesmo*”, “*negra real*” no futebol das mulheres é parte da reflexão. Essa assertiva leva ao debate da “estrangeira de dentro”, do feminismo negro proposto por Patrícia Hill Collins (2016). É estar dentro e ao mesmo tempo ser de fora.

⁶⁰ A vez do preto – utilizo a mesma expressão do título do capítulo da obra clássica de Mario Filho – “O negro no futebol brasileiro”. Em que o autor alude a ideia de que o negro quebrou as barreiras do racismo ocorrendo inserção e ascensão do negro e democracia no futebol brasileiro. Não nega o racismo na sociedade, mas no futebol, nesse campo não. Com a mesma expressão faço um trabalho inverso, um pensamento contrário.

4.2 DILMA MENDES (DILMINHA): ESTRUTURA DO FUTEBOL E TECNOLOGIAS DE GÊNERO

Ex-jogadora, Treinadora do masculino e feminino



Dilma Mendes/Dilminha. Camaçari/Ba. 54 anos de idade.

Mulher negra de descendência indígena.

Funcionária Pública da Secretaria de Esportes/Camaçari/Ba. Treinadora de futebol masculino profissional e do feminino. Foi treinadora da Seleção brasileira FUT-7 de mulheres, e da seleção de FUT-7 masculina de Camaçari, bem como de equipes do TRE, da Polícia Federal e de estudantes. É professora de escolinha de futebol e gestora da Arena 2 de Julho.

Com vasta experiência no futebol, morou um tempo nos Estados Unidos, em Kansas. É formada em Ciências Contábeis e Gestão em Eventos Esportivos, habilitada pelo Conselho de Educação Física/ CREF, como provisionada, Pós-graduada em psicologia esportiva. De classe média, é oriunda de classe social menos favorecida, cinco irmãos, filha de Hilda de Souza, descendente de espanhol, e pai negro, descendente de indígena, chefe de estação de trem em Camaçari.

Figura 7. Dilma Mendes. Imagem autorizada oficialmente pela própria.

Dilma começa jogando futebol em casa com seus cinco irmãos do sexo masculino, como a casa ficou pequena, ou ela cresceu, parte para a rua – para o Baba. Porém, tem que usar estratégias, como a mesma conta. Dos terrenos baldios, do campo com os meninos, da fuga da polícia para o encontro com as mulheres do esporte. A influência do Clube Ypiranga para as mulheres no futebol.

Era uma época que a gente tinha um trem que ia pra Salvador de manhã e outro que vinha de tarde. Porque ninguém tinha dinheiro pra ir de ônibus. E a gente não tinha tanto ônibus assim. Então, é... A gente ia jogar lá no Severino⁶¹, com as... Foi aí que eu conheci... Conheci o Ypiranga, né? Na época, né? Mas, o Ypiranga era em Valéria, pra depois ele ir lá... (Dilminha).

O futebol para mulheres é considerado uma prática desviante de normas de gênero. E em meio as proibições á insubmissão, como narram as interlocutoras ao memorizar suas inserções no mundo futebolístico, Dilma rememora a ditadura militar que foi árdua para as mulheres do esporte, pois os vetos e o policiamento eram constantes. Mas, não conseguiram tirá-la do campo, da várzea, descumprindo as regras normativas – muitas vezes, normas

⁶¹ Severino Vieira é uma escola Pública de Salvador/Ba.

perigosas. Arriscando-se para viver o futebol. Dilminha relata como começou o futebol de mulheres na Bahia, em termos de organização e destaca a influência do Ypiranga, da cidade do Salvador, que encabeçou o futebol das mulheres em Clube, mas o Campomar é considerado o berço, em termos de alavanca e organização, como ponte para atravessar fronteiras, com o Euro Sport.

Então, o Campomar é o berço do futebol feminino na Bahia. Porque apoio o futebol feminino... De seu Alfredo Vasconcelos, Seu Everaldo Vasconcelos... Foram dois caras assim que a gente não pode esquecer nunca. Nós tínhamos também, na época, Carlos Tavares, que era o presidente da Federação, que foi fantástico com a gente também. Porque foi o momento que mais a gente precisou e começou a ver que eles estavam com a gente, sim, entendeu? Não estavam só com a gente porque tinha um patrocinador bancando. Eles estavam com a gente porque eles queriam, porque eles eram do esporte. Eles não bancavam a gente, mas só o fato de deixar o espaço do Campomar... Da mesma forma, tinha um vestiário exclusivo naquela época...

Com isso, o Campomar foi campeão até 2000... Até 2000, o Campomar ganhou tudo, campo e salão, tudo. Primeiro título brasileiro, campo nós fomos várias vezes. Aí, a partir de 2000... A partir de 2000, eu disse: “eu preciso voltar pra minha cidade, eu preciso fazer um trabalho na minha cidade. Eu preciso...”. Na verdade, eu já vinha fazendo isso, mas, nesse momento, eu preciso sair da minha zona de conforto. Tava confortável demais em todo ano ser campeão. Então, assim...

Quando Dilma narra a história do futebol das mulheres na Bahia, destaca o Campomar em sua estrutura com patrocínio e apoio. Mas, a realidade era desigual no contexto do futebol de mulheres em geral. Essa equipe despontava, campeã em todos os campeonatos. Apesar disso, ela ressalta, só havia a estrutura física, o espaço de treinamento, as outras questões sociais e financeiras deixavam a desejar.

Ainda assim, a mesma entendia como um bom começo, apesar de dividir as mulheres, criar tensões de gênero internas, disputas, também influenciou para migração, da Bahia para outros estados e ou país, para outras equipes de fora e para revelação futebolística das baianas. E apresenta a resistência das mulheres ao adrocentrismo e a realidade. A base da seleção brasileira das mulheres nasceu no Dique do Tororó.

Na verdade, o Campomar, ele surgiu... É... Na verdade, por acaso... Nós juntamos algumas meninas na época, começamos a treinar. E ia ter um Campeonato Brasileiro de Futsal. E aí, um time profissional (ela pede para não inserir o nome do clube) quis que a gente fosse pra lá, pra jogar nesse time profissional. Só que, alguns anos atrás, nós tínhamos ido lá conversar com o seu presidente na época e ele disse que mulher... O que é que a gente tava fazendo lá? Que mulher era pra tá atrás de um fogão, fazendo comida. E, como

eu sempre tive no sangue a questão do respeito comigo mesma... Porque, pra gente ter respeito com as pessoas, a gente precisa ter respeito com nós mesmos.

Pra gente poder ensinar, a gente tem que ensinar pelo exemplo. Já pensando nisso, quando a gente teve a proposta que só podia ir pro Brasileiro se a gente fosse com o nome desse clube (ela evita citar o nome), eu preferi treinar no Dique do Tororó e usar a quadra daquela escola que tem ali no Dique do que ir pra esse clube profissional, onde me dava tênis, meião, camisa... Porque isso nunca foi, pra mim... Nunca foi essencial.

“Ficou comigo Val, ficou comigo Teresa Pilão... Didi... A base da seleção brasileira...”.

E aí, dividiu o grupo. Algumas meninas ficaram de um lado... Porque queriam. E algumas do outro. Nós fizemos uma grande... Era um grupo só. E aí, nós fizemos uma grande reunião com elas e algumas lideranças seguiram com outras lideranças. Foi bom porque se formou dois times. Então, a gente não tinha mais um. Nós tínhamos dois.

Isso, nesse aspecto, foi maravilhoso. Essa... Essa questão... Que, às vezes, o ruim você consegue enxergar algo legal. E isso foi legal. E aí, foi quando surgiu... Na verdade, no meu entendimento... É importante dizer que é o meu entendimento, é a minha visão... Eles tinham uma proposta pra o feminino naquele momento porque era interessante pra eles um patrocinador que vinha. Esse patrocinador, a exigência deles foi: ele tinha o feminino, mas o patrocinador também apoiaria o patrocínio no masculino. Bem depois a gente veio descobrir isso, pelo próprio proprietário da Euro Sports.

Mas, pra minha sorte, ficou comigo Formiga... Ficou comigo Solange, Soró. Ficou comigo Val, ficou comigo Teresa Pilão... Né? Ficou comigo Didi, Seleção Brasileira. Hoje, mora nos Estados Unidos. Enfim. Ficou do lado de cá a base da Seleção Brasileira que foi pras Olimpíadas de 96. Nós tínhamos em torno de... De... Ólha..., Didi, Formiga, Tânia, Maranhão, Soró... Tinha seis. Tinham seis meninas da gente que foi. (Dilma).

O Dique do Tororó, localizado em Salvador-BA, local hoje turístico, traz a força do candomblé, com várias imagens de orixás ao redor, ao mesmo tempo retrata a força do meio ambiente, da natureza, arrodado de rio e mato, local aberto, público, foi também berço do futebol de mulheres da Bahia, marcando o seu deslocamento do privado para o desvincilando-se das amarras do clube e criando uma autonomia nesse espaço livre.

Aí, quando eles viram a gente treinando no Dique, aí marcaram a reunião num hotel grande, aquele hotel que tem ali em Ondina. Aí, foram pra lá conversar, levaram... Eles foram bem vestidos e a gente... Nós fomos mal vestidas. Mas a gente foi com a cara da verdade, entendeu? Eu não tinha nem conhecimento o potencial financeiro que tinha essa empresa. Mas fui lá e disse: “eu não aceito isso. Eu não vivo disso”. Mas hoje tá aqui (...) certo? Eu tenho um fusca,

que até hoje eu não vendi. Meu Fusca rosa... Hoje, ele é rosa. [risos] Hoje, ele é rosa. E aí, a gente vive disso (Dilma).

Organização e classe se imbricam nesta história. A classe é evidente na expressão: “*mal vestidas*” e “*a cara da verdade*”, indicando também uma estratégia das mulheres, ao desejar revelar aos estrangeiros a realidade do futebol das mulheres da Bahia. E a mudança para o Dique do Tororó como novo local de treinamento se dá como ato de resistência e insubmissão. Enfrentamento e afronta ao poder. Resultado da ruptura com um clube profissional, fruto da indignação de ver em mãos androcêntricas o futuro do futebol de gênero conquistado com muito esforço.

(...) E aí, foi, através de Carlos Bittencourt, o nosso famoso, eterno presidente... É... Que era o vice-presidente da Confederação Brasileira. E aí, fez um contato com o Campomar, Seu Alfredo. O cara abraçou o futebol feminino. Eu vou lhe dizer, ele abraçou com dinheiro e sem dinheiro. Porque no dia que o dono da Euro Sports faleceu, os outros não quiseram seguir. Resolveu tanto terminar o projeto na Bahia como em São Paulo. E, após o término disso, nós continuamos mais quase oito anos dentro do Campeonato. Com a mesma pegada, como se tivesse pagando no final do mês. (Dilma).

O Campomar é um clube social e esportivo da Orla de Salvador que influenciou o Ypiranga tanto no futebol das mulheres quanto na formação para funções/atividades de poder no futebol. No seu entendimento, o Campomar foi o berço do futebol feminino na Bahia, em termos de organização de campeonato e intercâmbios, tanto o Futsal quanto o Campo. Ela informa que foi iniciado um campeonato forte na Bahia, patrocinado pela empresa Euro Sport. Mas, “o dono da Euro Sport faleceu e os outros não quiseram seguir patrocinando as mulheres, rompendo o projeto”.

O discurso ilustra que no futebol das mulheres nada está ganho. Não há seriedade da parte das instituições, resultando em retrocessos do futebol de mulheres, lembrados pelas interlocutoras ao fazer uma comparação dos anos 1990 aos dias atuais na Bahia. Enquanto ao fato de não ter nada garantido, se fortalece a influência da comunidade para o futebol de mulheres, a comunidade e a rua aparecem como laboratório, mas a modalidade se torna clandestina e sem valorização. Apesar disso, as mulheres não param de lutar e obter conquistas, que para elas são riquezas incalculáveis.

4.2.1 Refletindo sobre tecnologias de gênero

“*Meu Fusca rosa... Hoje, ele é rosa. [risos] E aí, a gente vive disso*”. (Dilminha)

O descaso, a desvalorização, o preconceito de gênero, imposições de comportamentos femininos pela sociedade através da estrutura social, mas tudo isso não é aceito por elas. Tecnologias de gênero e classe se intersecciona nesta frase. O “velho” fusca que hoje é rosa, retrata a ideia de classe, divisão sexual do trabalho e tecnologias de gênero resultando nos enfrentamentos aos direitos negados às mulheres nestes espaços proibidos para o sexo.

Longe do orgulho de classe, pois o carro simbolizou melhorias sociais, permuta de classe, e, logo, quando o Fusca tem um valor inestimável é por fazer parte de sua vida, da história de vida, trazer lembranças, rememorar as insubmissões de gênero no futebol, e ao primeiro momento de retorno financeiro com o esporte. Contudo, “[...] ainda que as mulheres tenham os mesmos direitos regulamentados, eles não são garantidos na prática, pois, se esbarram com as normas e o poder. Nesse caso, há o androcentrismo no controle do campo dos esportes [...]” (SANTOS, 2016, p.86).

O Fusca é representação e o rosa, cor da feminização que simbolizou subversão de estigma de gênero. Nesse caso específico: orgulho-mulher-insubmissa. A feminista nigeriana Chimamanda Adichie (2017), no livro “*Manifesto para educar crianças feministas*” através da sua experiência na Nigéria, discutindo tecnologias de gênero revela quando começa tais imposições. Destaca a cultura embebida de mudanças, as culturas dos povos africanos na modernidade e o tensionamento étnico e de gênero, com a desigualdade entre os sexos. Sobre as diferenças entre os sexos:

[...] Esta começa o quanto antes na vida e se apresenta nas cores e brinquedos.
 [...] “A moça do caixa me disse que era o presente ideal para um garotinho. Falei que era para uma menininha. Ela fez uma cara horrorizada: “Azul para uma menina?” [...] Seguindo, ao observar a seção dos brinquedos, a autora diz que esta era organizada por gênero, do tipo ativo para os meninos (trens, carrinhos), e para as meninas eram do tipo passivo (a maioria bonecas). O mundo começa a inventar papéis de gênero desde cedo (CALHEIRO; OLIVEIRA, 2017, p. 231/2).

Chimamanda, uma feminista nigeriana, apresenta o desenvolvimento social, econômico e intelectual entre nigerianas, desmantela pensamentos voltados para uma África homogêna, atrasada, presa á tradição, quer seja concernente a perfeição, quer seja imperfeita. Mostra categorias de mulheres bem sucedidas, com excelentes empregos, dirigindo a sua própria vida

e o seu automóvel. Mas, alerta que a submissão de gênero, feminizações, desigualdade entre sexos e tecnologias afins têm ganhado força nesse território, e advoga, clamando: “Sejamos todos feministas” (ADICHIE, 2015).

A autora nos apresenta tecnologias de gênero na Nigéria, ou seja, as armadilhas que naturalizam diferenças entre os sexos não é um fenômeno exclusivamente ocidental.

As experiências são importantes para pensar “povo” na história narrada por Chimamanda e Dilminha, trazendo um dado que aproxima mulheres negras brasileiras e nigerianas – a subversão de estigmas. A junção carro e a cor rosa (considerando a época – anos 90) aparece para subverter os estigmas e demonstra resistência às opressões.

“Hoje, elas tão cada vez mais novas, cada vez mais brancas, cada vez mais bonitas e cada vez mais com menos roupa” (Sigilo). Este discurso nos remete ao corpo/sexo, feminilidade, sensualidade e a tecnologia de gênero no futebol, em que é atribuída às mulheres como condição para qualquer articulação no mundo masculino e dos homens, e visa o corpo como documento para a inserção de gênero e desenvolvimento.

Ao “feminilizar” a aparência dos corpos e dos uniformes, o “habitus” do futebol feminino busca certa aproximação com o “habitus” feminino de outros espaços sociais, promovendo mudanças - lentas e dentro de um limiar permitido simbólica e tacitamente pelos agentes dominantes, salientando que existe uma balança de poder [...] (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 305).

A questão do corpo e sexualização com a expressão “diminuiu a roupa também”, refere-se aos uniformes das jogadoras mais desenhados, menos folgados, como era antes. Isso ocorreu também na arbitragem (SANTOS, 2016; CALHEIRO, 2017) quando apresentei essa mudança, com as árbitras na televisão também se exigiu a estética padrão e denominou-se a era das louras do apito. E as entrevistadas expressam como um dos problemas, no caso os apoios esporádicos para o futebol de mulheres, indicava que nada estava ganhando, apesar das conquistas. Deste modo, criticam a estrutura.

Na Bahia, sempre existiu os times clandestinamente. Mas a gente deu um boom, na Bahia, foi na... Nos anos 80, década de 80. Na década de 80, nós tivemos campeonatos na Bahia com Varela ainda repórter (...).(Dilma).

(...) Na década de 90, nos anos 2000, a gente não tinha espaço pra fazer isso. Não tinha espaço para treinar. Então, a gente vivia de campos em campos, né? Treinava um dia aqui, um dia ali. Eu já tive a oportunidade de ver homens gritando que lugar de mulher era na cozinha, que era pra gente sair do campo porque o campo era deles. ... E isso é mais recente, (...) Isso ano passado,

2016... (...) E eu levei o meu time pra fazer o amistoso contra as meninas da Boca do Rio e essa partida não terminou porque um grupo de homens chegaram e obrigaram essas meninas a sair do campo porque disseram que o campo era deles. Então, assim, mais sexista do que isso, impossível (...). (Sigilo).

Mas as equipes se estruturaram. Entre aspas, né? Se formaram, a duras penas, pra participarem das competições. Então... E... Hoje você já vê um Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil... 2017 foi o ano da série A, 2018 já tem a previsão da série B... Já tem previsão de Campeonato Brasileiro pra divisão de base... Então, a luta foi imensa, foi grande (Rosana).

Por se estruturar “a duras penas”, as jogadoras tornam-se “estrangeiras de dentro” (COLLINS, 2016)⁶², vivendo á própria conta, e a luta continua.

(...) Agora, nos times amadores, é... o que a gente teve, que foi, assim, que foi para seleção brasileira, que jogou fora, foi Viola... Elaine, que era daqui. E Viola estava jogando com a gente lá no Conjunto ACM, mas agora não está mais. Elaine a gente não ouviu falar. Tem uma outra garota chamada Gilmara, que foi... É naturalizada angolana, né? Que ela foi jogar no time de Angola... aí ficou um tempão aqui. Toda vez quando chega perto das competições, ela viaja, vai para lá para Angola e joga lá no time de Angola (Lívia).

Rosana fica triste quando vê muitas jogadoras que ela formou com seus recursos próprios, serem levadas para times/clubes, sem nenhuma conversa ou negociação com ela, tendo que assistir o desfalque de seu time e ter que fazer esse trabalho novamente, continuamente formadora de divisão de base para ter uma equipe em boas condições de disputar competições. Dilma coloca em prática o projeto de seu sonho, a Arena 2 de Julho, em Camaçari/Ba. É uma arena construída para os homens, como escolinha de futebol de formação para meninos, mas ela consegue inserir as mulheres e as meninas.

“Gênero está imbuído nesse processo de tecnologias quando [...] gênero como representação e autorrepresentação é produto de diferentes tecnologias sociais. Desta forma, o corpo e o gênero estão entrelaçados nos mecanismos de poder” (LAURETIS, 1987 apud CALHEIRO, 2017, p. 55). Dilma, no entanto, liderando este espaço, destaca a oportunidade dada, por ela, as mulheres, seja para arbitrar ou coordenar, como faz no grupo das “Veteranas do futebol feminino”, e fica subentendido que o papel de uma é puxar a outra. A sororidade, um dos elementos do feminismo negro, que discute a sororidade como união no interior da categoria, conduzindo a pensar, discutir e articular ações de desenvolvimento de gênero á partir

⁶²Texto intitulado – “*Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*”.

das experiências particulares, e coloca em pauta as experiências de mulheres negras (ou de cor), conforme várias autoras deste movimento explicitam (COLLINS, 2016).

As condições que a Arena nos dá hoje é uma bola por jogador. Eu tenho 35 a 30 atletas por turno, onde todos eles, cada um trabalha com uma bola. O que é diferente das meninas. [...] É.. aqui, por enquanto, a gente só tem menino. Mas vai ter um social aqui com essas condições... É um sonho que eu tenho que realizar, né, e as meninas já estão chegando, a gente já tem um horário para elas aqui e a gente vai tá administrando aqui esse trabalho. Porque a Arena foi inaugurada agora no dia 2 de julho... Está começando? E a gente não tem menos de dois meses, né? Vai fazer ainda. A gente começou a escola agora, dia 2 do 8. A escola dos meninos começou agora, no mês de agosto. Então, a gente tá no mês de agosto ainda, tá começando... (Dilma).

Em apenas poucos meses de existência da Arena, Dilminha mostra que tem pressa. É impressionante a força dessas mulheres, o empenho e a competência. Há o projeto das veteranas, de ex-jogadoras de futebol que ela encabeça em coletivo. Uma time de confraria e de solidariedade. As “Veteranas Futebol Feminino”.



Figura 8. Fonte: Acervo pessoal⁶³

⁶³As imagem de 9 e 10 foram por mim fotografadas (autorizada) em um encontro das veteranas do futebol, e a lista são nomes das jogadoras convidadas, ou por não serem conhecidas pela comissão, por, talvez, terem desaparecido do rol das mulheres do futebol, seguido outros caminhos.

A imagem ilustra a lista de nomes das jogadoras veteranas da Bahia. Não há exceção, seleção, não é um time de disputas, mas de união e integração, tem a força da geração de mulheres mais experientes em faixa etária. É um espaço aberto às ex-jogadoras. Muitas ainda não estão por não terem sido encontradas.

O Torneio das Veteranas e o projeto.

Torneio das veteranas de futebol no projeto socio cultural



Figura 9.
Arena Imbuí/Salvador. Fonte: Acervo próprio.

O jogo rolando no projeto. Na Arena Imbuí/Salvador.



Figura 10.
Mesma fonte (acervo próprio).

O encontro indicado nas imagens acima, ocorrido em novembro de 2016, ocorreu antes de realizarmos a entrevista, no ano seguinte. Fiz o primeiro contato, observei, registrei, fotografei com sua autorização e revi algumas colegas. Notei que o evento é para além de jogo, com shows musicais, jogos de tabuleiro, comes e bebes, e a música são com as atletas, inclusive outros encontros ocorreram e os acompanhei, como na associação do bairro do Marbak. Neste, por sinal, havia uma banda de pagode de mulheres negras. Conforme complementado na fala de Dilminha, mostrando a amplitude e relevância desta ação. Um espaço sociocultural, de saúde, bem estar e entretenimento, mas também político.

A gente tem o Veterana Fest. Vai ser ali na Associação do... Do Marback. É... 10 horas da manhã. (...) A gente já alugou ali... A comissão, né, que tem uma comissão... Tudo feito com nosso próprio dinheiro. E... Vamos fazer esse Veterana Fest. Na verdade, em prol do projeto que nós já temos em Salvador, de meninas de 13 a 16 anos... É escolinha. Só pra meninas. Na verdade, a gente tem pontos. A gente vai pra... Vila de Abrantes... Onde tem campo disponível, a gente faz. O que a gente tá fazendo? A gente encaminhou um projeto pra Sudesb, solicitou à Sudesb o Imbuí. Então, a gente vai tá concentrada no Imbuí duas vezes por semana, provavelmente terça e quinta (Dilma).

Vejamos o que diz Rosana sobre a associação cultural que administra:

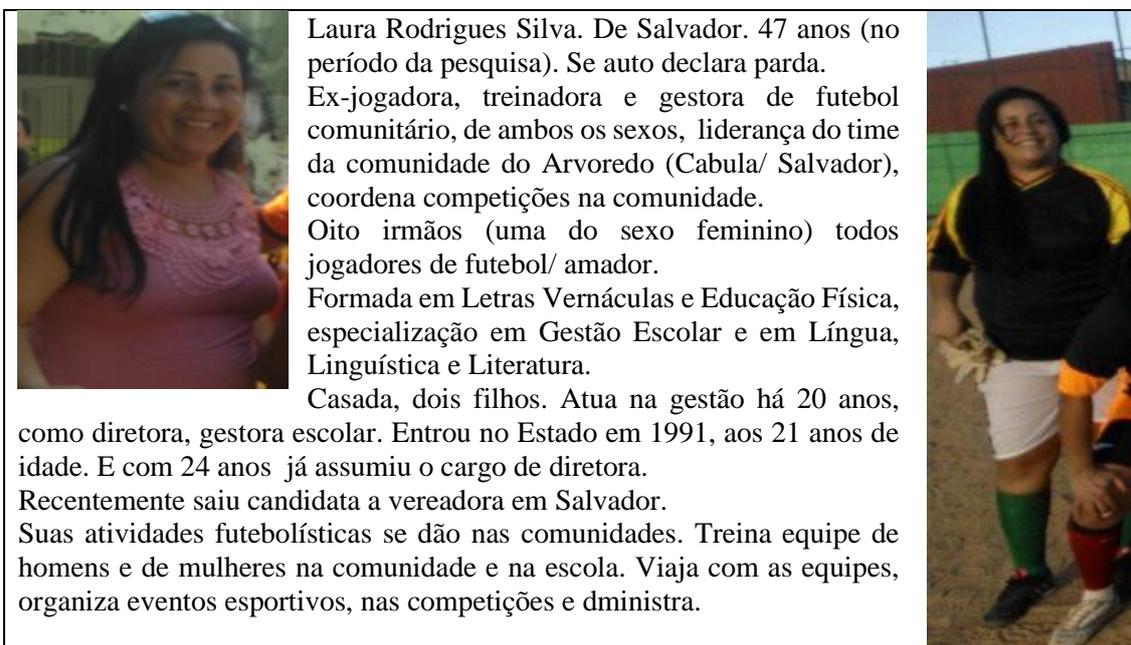
Dessa associação, eu tenho uma média de 60 a 80 meninas que treinam quartas e sextas na Associação dos Moradores do Marback. E como já temos dois anos treinando aqui e como não conseguimos jogar o Campeonato Baiano... Quando chega o campeonato, claro que todo mundo quer jogar, aí as meninas são convidadas, né, são muito assediadas e a gente acaba emprestando elas pra equipes como o Lusaca, como Camaçari, como Galícia, até o próprio Vitória (...)Então, a gente empresta, doa ou acaba dando mesmo essas jogadoras, que elas vão disputar a competição e, claro, o clube não devolve, já que fica inscrita na Federação. Então, a gente quer... Por isso, que há luta pra profissionalizar. Porque aí, no futuro, os clubes, é... Que são os formadores, né, das jogadoras, vão ter direito a algum percentual no caso de um outro clube quiser(...) (Rosana).

Rosana, por sua vez, revela parte do seu sonho com a criação da ASERCEM - A Associação Esportiva Recreativa Cultural e Educacional Para Mulheres, acreditando ser um caminho para reduzir as perdas e as lesões sofridas com o futebol. Ela se organiza e estrutura. Mesmo entendendo que precisam do apoio do Estado, seguem fazendo com as próprias mãos. Por fim, é notável que o futebol para estas mulheres é o sentido - o sentido da vida.

Essa aliança que as mulheres do futebol fazem como campo de luta e ativismo, é como uma rede que se torna familiar e permite interligar com o conceito de parentalidade na nova perspectiva – *a parentalidade socioafetiva*. Em que se interpreta a força e o poder do afeto (RODRIGUES; JESUS, 2019) e leva-nos a pensar em novas possibilidades de estreitar os laços de afeto para o enfrentamento aos tensionamentos e exclusões, de mãos dadas.

Dentro desse escopo temático *a multiparentalidade* melhor se acopla por reduzir a superioridade da biologia e da natureza (RODRIGUES; JESUS, 2019) e essa questão adentra a “*parentalidade homoafetiva*” (POTTKER; BIAZUS, 2013) em que o vínculo real é o vínculo afetivo. “O afeto muda a jurisprudência” (RODRIGUES; JESUS, 2019). O afeto supõe conjuntura, fortalecimento e ajuda a romper as barreiras. O esporte, quer seja trabalho, quer seja lazer, é um lugar de afeto. O laço de sororidade é o laço de amor.

4.3 LAURA RODRIGUES E A COMUNIDADE: DO CRUZEIRO AO ARVOREDO



Laura Rodrigues Silva. De Salvador. 47 anos (no período da pesquisa). Se auto declara parda.

Ex-jogadora, treinadora e gestora de futebol comunitário, de ambos os sexos, liderança do time da comunidade do Arvoredo (Cabula/ Salvador), coordena competições na comunidade.

Oito irmãos (uma do sexo feminino) todos jogadores de futebol/ amador.

Formada em Letras Vernáculas e Educação Física, especialização em Gestão Escolar e em Língua, Linguística e Literatura.

Casada, dois filhos. Atua na gestão há 20 anos, como diretora, gestora escolar. Entrou no Estado em 1991, aos 21 anos de idade. E com 24 anos já assumiu o cargo de diretora.

Recentemente saiu candidata a vereadora em Salvador.

Suas atividades futebolísticas se dão nas comunidades. Treina equipe de homens e de mulheres na comunidade e na escola. Viaja com as equipes, organiza eventos esportivos, nas competições e administra.

Figura 11. Laura Rodrigues. Autorizada oficialmente

A falta de oportunidade dos times, de alguém, né, ter encaminhado. Não tinha, naquela época. Era 1989, eu tinha 10 anos. Eu comecei a jogar bola... Acho que aos 7 anos de idade. Eu tava jogando bola. Eu tava na rua. Porque os meus irmãos todos eram homens. Só tinha uma irmã mulher, que não sabia de bola, não gostava de nada. Só eu. Então, onde meus irmãos iam, pro campo do Bom Juá... Ali onde tem o metrô agora, ali era um campo. Na BR-324, não existia a BR. Era areia, pedra, tudo. E a gente jogava bola lá, naquele campo do Bom Juá. (Laura).

Então, como meus irmãos iam jogar, eu ia atrás. Então, eu aprendi a jogar bola com eles, no meio deles. Na rua, pelada. Entendeu? Sempre. Então, fui crescendo, crescendo e continuei a jogar bola. É... Minha vida era bola. Arrumava a casa, ajudava minha mãe e ia pro campo. Eu tive... O meu primeiro time de futebol... Eu tinha 12 anos nessa época, foi o Cruzeiro, no Bom Juá.

Que eu tinha o professor Ari. Tinha o Cruzeiro masculino e ele fundou o Cruzeiro feminino. Então, era um dos melhores times que tinha lá, que tinha aqui em Salvador. Era o Cruzeiro. Jogamos muito, ganhamos muitos campeonatos. Nessa época já tinha, né, alguns... Não, o campeonato não tinha, tinha amistosos. Não tinha campeonato feminino, torneios. Só tinha amistosos.

Nas comunidades? Nos bairros? Poucos. Não tinha, não. Poucos. Na Fazenda Grande, a gente só tinha um time. Na Fazenda Grande, que era o Cruzeiro, lá no Bom Juá. São Caetano depois foi formando. E aí, a gente jogava com os times distantes, de longe, né? Que tinha alguns amistosos. A gente jogava ali onde é a Estação Pirajá hoje, que era o campo do Arenoso. Não é isso?(...) Não, Arenoso é cá, Tancredo Neves.

Ali na Estação Pirajá. Meu Deus, não posso esquecer, que minha vida foi jogando bola ali. Porque mudou agora, né? Colocaram os campos pra lá porque fizeram a Estação Pirajá. Eu lembro. A gente vinha andando do Bom Juá até ali todo dia.

Era nova, tinha 12 anos, por aí. Aí, pronto. Depois, eu fui pra outro time, que era o juventude, no São Caetano. Foi aí que eu comecei a crescer mesmo no futebol. Eu jogava muito, muito, muito. Eu jogava muito, eu era seca, um palito. Pense. Eu jogava demais. Eu jogava na Golmeia, tinha o campo da Golmeia, também no São Caetano. Muito bom, aquele campo. E joguei no Juventude por muito tempo. (Laura).

Bairro e comunidade trazidos pela interlocutora trazem uma relação de abandono do lazer/esporte, ao mesmo tempo parece se imbricar com o sentido de popular, e tem [...] uma noção de comunidade em que o conflito não é a antítese da comunidade, mas, ao contrário, um elemento constitutivo da comunidade e sentimento” (CRED, 2004, p. 57 apud SANTOS, 2014, p. 151).

Narrando como se inseriu no futebol, suas ações, os problemas de gênero neste esporte, as influências do futebol amador, a comunidade, e seus sonhos (pretensões), que são sonhos de colaboração social de gênero, quem abre a seção – comunidade, esporte lazer e amadorismo como potencialização de formas de vida, é Laura Rodrigues, jogadora, coordenadora e gestora comunitária em futebol de várzea e escolar, de ambos os sexos e várias faixas etárias abordando os projetos sociais desenvolvidos por elas mesmas, destacando as atividades e a trajetória.

(...)Viajo, faço viagens... Nós jogamos em... Nós fomos agora, tem as fotos, se você quiser, depois eu te dou. Levei o time feminino e o masculino pra Irará. Nós fomos de manhã e voltamos à tarde. Todo ano eu viajo com times. Os dois times, masculino e feminino. (...)

São 20 anos juntas. É história. É o Arvoredo. É o nosso time, nosso primeiro time aqui do Cabula foi o Arvoredo. Então, há 20 anos. (...) E também, eu fui convidada agora pra diretoria de esporte da Associação do Arvoredo, aí, eu vou assumir também.

O Arvoredo é um lugar, uma comunidade, um campo de barro disputado com os meninos, os homens jovens e os veteranos, e tem uma história de muitas influências na vida das jogadoras. Também passei por lá, joguei várias vezes a competição e apitei. Na época era Dona Dina a gestora do futebol desta comunidade, nos anos 90. Sobre esta líder, agente social do esporte, retomarei mais adiante.

Agora é falar desse lugar, comunidade, e falar desse lugar é falar de rua e memória grafadas no corpo. Para tanto, recorro á literatura negra-mulher, com Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Leda Maria Martins: o corpo-despejo; corpo-escrevivência; e afrografias. Corpo-memória. Carolina (2014), em “*Quarto de despejo*”, revela “o corpo” do despejo, o

corpo-lugar; Conceição Evaristo (2017) em “*Becos da Memória*” mostra o território do corpo e o não-lugar; e, Leda Maria Martins (1997), por sua vez, trata do corpo como registro, registrando as práticas coloniais, escravocratas, as perdas de tudo, as ressignificações, corpo registro da memória. Trazendo o “corpo-arquivo” conceituado por Derridá como escritura e testemunho (RIBEIRO, 2015). Não pensando cinzas, mas, a memória viva e o corpo testemunho. Corpos testemunho das múltiplas opressões. No entanto, é a corpografia.

O corpo-cartório, a cartografia do corpo. Com afrografias da memória a autora incita a pensar em o que os negros/as herdam. Essa tríade intelectual junta saber e corpo na ciência e torna corpo-experiência científicidade. É a rua como laboratório, e requer a indagação: O que tem na rua? Samba, capoeira, cultura popular, movimentos sociais, movimento negro, Bloco afro (SIQUEIRA, 2006), poesia, esporte de rua, futebol? Mas também tem violência e “necropolítica” (SANTOS, 2019). A violência da miséria e o corpo negro como território alvo. O que tem na rua? Conhecimento e memória. A “*sociovivência*”.

Lembrar do Arvoredo traz boas lembranças, mas, igualmente lembra a exclusão social, o desemprego dessas tantas mulheres, de baixa escolaridade, da vida sem rumo, sem apoio do Estado e sem projeto. E, apesar da rua sugerir liberdade, multiplicidades, as várias saídas, árvore, raízes, o chão aonde tudo se planta, o sucesso que não chegou às mulheres do futebol baiano, corrobora o outro lado da rua - como labirinto e lugar de despejo e de extermínio, o extermínio da dor.

O campo do futebol, para as mulheres negras significa a rua, que significa fuga desse corpo-quarto de despejo. Desta maneira, a rua é conhecimento, epistemologia do saber. É escola e forma, mas também modela o ser. Marcas de dor, sem profissionalizar o futebol, sem aposentadoria, sem organização e estrutura, sem reconhecimento, futebol para as mulheres é visto como lazer. Mas é investimento, dedicação, aprimoramento. É a vida delas. É projeto.

Tem que ter essa preocupação. Eu mesma... Eu... A minha intenção é fundar a escolinha de futebol. Masculino, né, e feminino. Eu farei isso, mas, quanto ao feminino, eu tenho que ter uma estratégia. Se preocupar com idade. Porque, hoje, você vê... O que que acontece? Babas femininos e campeonatos. Não existe escolinha (...) e as políticas públicas também, né? O incentivo ao esporte. A gente precisa disso. A gente não tem. Só tem o Campeonato Baiano, que não tem condições. Como é que a gente vai colocar um time no Campeonato Baiano, se não tem um apoio? A gente precisa de transporte, a gente precisa de água, a gente precisa de... De... De trajes, né? Não tem condições. Fizemos... Na época da Copa Vivo, que foi uma parceria com a prefeitura, foi bom que eles deram padrão, né? Deram padrão pra cada time, deram bolas... Foi ótimo, maravilhoso. Foi incentivo. Mas, hoje, a gente não tem. Se eu quiser colocar meu time no Campeonato Jardim Cajazeiras, eu

tenho que pagar mil reais.(...) A rifa rola solto. "Bora fazer rifa pra gente conseguir dinheiro pra inscrever o time". (Laura).

Visto nas narrativas, são as mulheres que tomam iniciativas de melhorias no futebol, não só na Bahia, mas em vários Estados, como Aline Pelegrino (JORAS, 2015) e tantas outras que organizam movimentos sociais e projetos para enfatizar o futebol de mulheres. São ativistas do esporte. Na Bahia ocorre várias atividades encabeçadas por essas e outras mulheres que lideram o esporte nas comunidades, cidades e /ou Estado. A dimensão e o nível de organização vai depender de suas experiências e contatos. Como exemplo, foi organizado por Dilminha uma competição Fut-7 de mulheres, na arena socyt, em Camaçari/Ba, com a participação de time estrangeiro.

Fui informada por ela, e como nós pesquisadoras/es costumamos fazer, fui lá, acompanhei, observei, anotei e registrei o evento, bem como fotografei, com o seu aval, é claro. Um dado importante que observei no time de fora, é que a treinadora e comissão eram mulheres, sendo uma luta nossa ver mulheres treinando as mulheres, quer seja no futebol, quer seja em outras modalidades. Mas, esse evasivo recorte não significa que o futebol de gênero de países norte-europeus tem igualdade de gênero, no entanto, os Estados Unidos e Europa tem sido o refúgio de jogadoras brasileiras.

Nessa época também, o Remo começou, né? (...). A gente começou assim, com amistosos. Depois disso, eu comecei a fazer assim, no Arvoredo... Quadrangular, torneio de seis times, né?Essas coisas. Depois que Nalva, Jardim Cajazeiras, começou a fazer. O campeonato feminino. Tivemos também um campeonato feminino pela Vivo. Copa Vivo. A Copa Vivo também realizou, a Coca-Cola também... Foi. Coca-Cola a gente tem quase todo ano. A Vivo que acabou. A Vivo só teve dois anos. (Laura).

Na sua trajetória Laura lembra do Remo, um time antigo no bairro do Uruguai que vigora até hoje, no comando de Rosane, conhecida no futebol como “Inha”. Jogamos lado a lado na UCSAL e GALÍCIA. Essas equipes, por serem de comunidade, sem apoio financeiro para participar de competições oficiais na Bahia, são invisibilizadas.

Desta forma, trazendo a tona a memória, a “sua prodigiosa capacidade de lembrar não se pronunciava na fala em si, mas por meio de valores, hábitos e experiências do vivido. Suas representações do passado emergiam em sintonia com o presente sempre referenciado [...]” (SANTANA, 1998, p.26.).

Laura aponta as influências das mulheres líderes das comunidade, como Nalva (assinada nesse percurso)⁶⁴ e Dona Dina, para as realizações de competições organizadas com grandes empresas, como as citadas. Entre os patrocínios citados promotores de competições, também participei como atleta e como árbitra, porém, essas parcerias são esporádicas, fases que passam, mas as competições das mulheres fomentadas por elas mesmas, ficam.

A força do futebol de mulheres nas comunidades e os clubes, o time “Status” de Pirajá, o embrião do Time “Bahia” formado naquela época é lembrado por Rosana.

Então, do bairro lá de Castelo Branco, eu já fui convidada pra jogar... Já fizemos um amistoso contra o time do Status, que era o embrião do Bahia, né, que era o Status de Pirajá. E, aí, eu fui convidada pra jogar no Status e, no Status, eu já conheci algumas meninas que jogavam na Catuense. Fui convidada pra jogar na Catuense também, onde fiquei até ir pra Seleção Baiana. E, da Catuense, eu fui convidada pra jogar em outros clubes também, Clubes pequenos que disputavam campeonatos de bairros. Como o Usina. Fui jogadora do Usina, com muito orgulho. (Rosana).

Dilma e Rosana, treinadoras, deslocam entre a comunidade e as instituições profissionais. As interlocutoras falam sobre a organização das competições das mulheres no futebol nas comunidades de Salvador: Existem? tem muitos? (Pergunto).

Existe, assim, vários times na Bahia... Que foi uma... Um dos pedidos nossos para a Sudesb, que é... Na verdade, quem fomenta o esporte amador no estado, é através da Sudesb, né... Seria bom que também nos ajudasse nesse cadastro. Porque nós temos vários clubes, várias ligas fazendo esse trabalho com o futebol feminino. Então, a gente tem vários (...) Porque cada bairro hoje, eu lhe garanto que tem um time de futebol feminino. Tem um projeto de futebol feminino. (...) São muitas mulheres jogando futebol hoje, né? Muitas meninas... (...) no geral... no Brasil. (Dilma).

Muitos, não. Mas tem alguns. Tem um, por exemplo, no Jardim Cajazeiras, que já tá no calendário há muito tempo, e tem outro no Arvoredo. Todos são feitos no domingo à tarde. Ou seja, no espaço e horário que os homens não estão dispostos a ocupar. Então, o campo tá lá vazio? “Ah, então, vamos deixar as meninas jogarem”. Mesmo assim, tem algumas restrições. Tem lugares que até domingo à tarde já tão começando a fazer a competição dos veteranos ou querem que os meninos, as crianças, fiquem batendo baba, já que os outros horários são ocupados pelos homens, pelos adultos. E, aí, as meninas que jogam futebol têm que se revezar com os veteranos, os idosos, ou as crianças, dispostas a bater baba de forma desorganizada, né? (Rosana).

Essa narrativa nos redireciona para o debate crítico-utópico do “esporte para todos!” e focando as categorias que estão fora, fomentado pela educação física no país, articulado com a

⁶⁴ Farei uma breve menção a respeito desta ativista negra, no decorrer deste estudo.

estrutura e o campo e o capital social. Esse capital que não insere mulheres, negrx e queer. A estrutura e o agenciamento mantêm a continuidade da hierarquização, como critica as feministas intelectuais, pelo fato de naturalizar o lugar sexuado na sociedade. No esporte se naturaliza a heteronormatividade, o sexo e a racialização.

A comunidade faz o torneio... Existe um torneio de Jardim Cajazeiras, né, mas é um torneio para dentro, não é um torneio para fora, né? Existe um torneio baiano, que poucas vezes a gente sabe que tá acontecendo. E, quando sabe que tá acontecendo, passa um jogo da final na televisão. Então, se a gente não tiver no meio do futebol, a gente não fica sabendo que tá acontecendo. (...) Então, é... Só em Cajazeiras, eu acho que tem dez times de futebol, entre Cajazeiras 10, Cajazeiras 8, Cajazeiras 11. Se a gente for pro lado da Estrada das Barreiras, a gente já conta quatro... Quatro ou cinco times. E, aí, você vai para outros espaços (...) Quando você vai na Bahia, aí você encontra mais ainda. Porque, agora mesmo, tem uma competição em... O Torneio Maria da Penha, em Vitória da Conquista, que foram oito times inscritos para o torneio. Porque ia ser um torneio quadrangular e, aí, passou para oito times. Oito times só naquela região de Vitória da Conquista. Aí, se você descer para Ilhéus, Itabuna, existe dois, três times (Livia).

O futebol das mulheres nas comunidades tem um grande contingente de várias faixas etárias e um número grande de equipes. E as ativistas deste esporte organizam as competições comunitárias para que o futebol das mulheres não se resuma em dois ou três meses como ocorre com o campeonato baiano e a Copa do Brasil, e ainda assim limitado para alguns times – e aqueles que não se enquadram nas normas, não tem verba para os mínimos gastos em uma competição oficial. Não permitindo a participação de todas ou da maioria das equipes existentes. E as mulheres querem jogar.

Mas, como apontou as interlocutoras, o futebol de mulheres amador ou comunitário não tem uma liga e registro, um problema que deve ser sanado para o desenvolvimento do esporte na Bahia. E isso dificulta quantificar esse contingente e até de elaboração de projetos associados a políticas públicas, que requer uma noção de custos e uma planilha orçamentária. Com base nisso, como é que os campeonatos nas comunidades ocorrem? De onde vem verbas e apoio?

Geralmente, os políticos, né? Então, os organizadores dessas competições, que geralmente são os presidentes das ligas... Porque todo campo de futebol tem uma liga. Oficial ou não, tem uma liga. Eles se organizam em ligas, né, até pra poder ter, dar nomes. E, a partir daí, essas lideranças comunitárias buscam os políticos. Às vezes, perto das eleições, os políticos que buscam essas lideranças comunitárias. Então, existe essa troca. Eles cobram isso. Eles fazem os seus projetos e colocam lá arbitragem e premiação, que é basicamente o que se precisa. Que, ao final do campeonato, tem que dar o troféu a quem foi campeão, a quem foi artilheiro e tal. E isso tem um custo.

Então, essas lideranças comunitárias conseguem através dos políticos isso aí e também cobram dos times, né? Os próprios clubes pagam uma média de 500, 600, 700 reais pela competição. E, aí, eles também colocam uma premiação em dinheiro, né? Às vezes, o time campeão geralmente recebe de volta o dinheiro investido (Rosana)

A gente não tem uma liga. Existe, assim, o Arvoredo, que faz campeonatos, que a gente tem uma base de times, né, que eu que organizo. E Jardim Cajazeiras... Hoje, eu estou fazendo um Campeonato que começa dia 7 de janeiro, aqui na Mata Escura. É outra comunidade que eu incentivei muito o esporte. (Laura).

Não tem calendário, mas elas inventam, elaboram e colocam as jogadoras em atividades, como processo político e autônomo, e as competições de futebol de mulheres nos bairros/comunidades de Salvador são, em termos de calendários, organizados por essas gestoras, sobretudo as veteranas e ex-atletas. Elas criam estratégias financeiras, e sempre na luta para mudar este cenário. Dilma e Rosana preparam, formaram e formam atletas em futebol.

Alguns bairros são tradicionais nos calendários das competições de futebol comunitário de mulheres, como Boca do Rio na liderança de Catita, um jovem negra, historiadora, que gere, coordena, promove competições e treina mulheres, e um dos mais antigos é o da Estrada das Barreira, que muito participei, sob a gestão de Dona Dina. Laura traz estas informações. Dona Dina:

Dina, lógico. Dina... Eu conheço. Na verdade, eu não me lembro, porque faz muitos anos que eu era... Jogava, né? Mas é uma pessoa que eu sei que tava ali, fazendo o futebol acontecer. Sempre influenciou o futebol feminino (...)Sempre. Na Estrada das Barreiras... Sempre ajudei, sempre estava junto com ela, né, nas atividades esportivas, que é no campo das Barreiras. Então, esse time pra mim é tudo. Até hoje, nós estamos aí.

Domingo a gente tem um jogo, vamos fazer uma preliminar dos homens, do Campeonato de Novos. Aí, nós vamos fazer... Todo ano a gente faz nosso baba. Tem baba de saia, tem baba de camisola, tem baba de baby doll. É tradicional (Laura).

Quando se reporta ao baba de saia (a conhecida pelada), de camisola e de baby doll, trata-se de práticas que ocorrem uma vez ao ano, no futebol dos homens nas comunidades, tradicionalmente conhecido como o baba do vinho, em que os homens usam como uniformes as roupas de mulheres, imitando-nas em termos de sensualidade. Momentaneamente transformando, simbolicamente, este esporte machocentrado em feminilizado, em que os homens afeminizam-se, brincam, tocam no dito intocável – o corpo do outro, a bunda do outro, humilha o adversário roçando na bunda, mas não há zangas, nem violência por isso. É tudo representação.

Trago essa lembrança devido ao fato de por vários anos consecutivos eu ter, com árbitra, apitado esses babas, seja em campo padrão, em futebol 7, seja em futebol de praia/areia. E as encenações de trejeitos seguem após o jogo, no momento da resenha, e na mesa da cervejaria. E senta no colo, ri e brinca. É a liberdade momentânea. Longe de casa, na confraria.

Em Salvador, a areia da praia é disponibilizada para o lazer futebolístico dos homens, em horários que têm poucos banhistas, embora as normas sejam descumpridas e se misturam banhistas e futebolistas. A competição de interbairros (que já insere as mulheres) é um modo de vida já estabelecido em Salvador, com o apoio da prefeitura e Sudesb, uma verba disponibilizada. Muito bandeirei nessas competições, sendo remunerada. Na arbitragem sempre fui remunerada, emtretamto, a questão é que as oportunidades eram dadas nessas pequenas competições e quando na FBF e CBF se limitavam a me escalar em jogos de base, de mulheres e juniores, como fazem com a maioria das mulheres, as quais lutam para adentrar aos jogos profissionais. Eu estava lá e cá, entre a comunidade e o campo oficial, entre amadora e profissional – esse entre lugar que resulta em exclusão. Como muitas colegas árbitras, excluídas do campo⁶⁵ (Ineildes/ a pesquisadora).

O futebol das mulheres nas comunidades tem uma simetria social com o futebol de homens, tanto de caráter de lazer, confraria, quanto concernente á saúde, ao prazer, mas também a ideia de portas abertas, caminhos possíveis e que visam mudanças de história de vida. Nossas diferenças são muitas quando nos esbarramos na questão do significado do gênero para a sociedade que não leva a sério o futebol das mulheres, mas no mundo dos homens até o baba é sério. É organizado, apitado por árbitros, tem calendário, espaço e é histórico.

Agora em 2017 mesmo, nosso time adulto participou de quatro campeonatos. Todos nós saímos na semifinal. Esse ano. Ainda estamos em um, que é em São Cristóvão, no campo de Orlandão. É um time de adultos. Eu tenho as fotos, vou mostrar pra você. E o feminino também, que a gente entra em várias competições. Faço também competições no Arvoredo. É o nosso campeonato, todo ano a gente tem. Aqui em Salvador, só tem no Arvoredo e em Jardim Cajazeiras. Os únicos campeonatos (...). (Laura)

As “Veteranas Futebol Feminino” o projeto social que vem exercendo importante influência, embora não haja um local próprio, ocorrendo em locais alternativos e contando com colaborações. Um espaço sociocultural, de saúde, bem estar e entretenimento.

A gente teve uma passagem de uma atleta que faleceu de alcoolismo. Negra, não teve oportunidades, entendeu? A gente tá rendendo uma homenagem a ela também...

⁶⁵ Apresentada na minha dissertação.

O que a gente faz hoje... Eu ouvir numa ligação, dizer assim: “você me salvou. Porque eu tava querendo já...”. Quando ela fala assim “você me salvou”, é as veteranas. Por que? (...) É. “Você me salvou... Isso aqui me salvou porque eu já dormia pensando em não acordar”. Isso é muito sério. (sigilo).

Viver pela própria conta tem prazo de validade, conforme interpreto esta narrativa de Dilma. Um fator que me chamou a atenção é a *solidão das atletas veteranas* e suas consequências – evidencia-se o fator gênero e sexualidade, classe, raça, gerontologia e saúde - Jogadas para o escanteio, dado “os vários ingredientes diferentes de identidade” (LORDE, 2019, p. 149), que pode ser degradante. “*Você me salvou*”.

4.3.1 O assassinato de Nalva: a morte dos sonhos?

“(...) Jardim Cajazeiras, você sabe o acontecido com nossa amiga Nalva? Nalva, que eu acho que você deveria colocá-la na sua pesquisa”.

As ações ativistas e o assassinato de Nalva, Gestora do futebol na periferia, é explicitado por uma das interlocutoras da pesquisa, por sua proximidade e parceria nas atividades com o futebol nas comunidades. “*Ela tinha convivência com uma pessoa, uma mulher*”. Mulher, negra, lésbica e da periferia, tem sua história de experiência em gestão de competições amadoras em futebol para ambos os sexos, na comunidade de Jardim Cajazeira, bairro periférico de Salvador.

Funcionária pública, trabalhava na prefeitura da cidade e era a presidenta da Liga de sua comunidade. Pouco antes de nossa agendada entrevista, Lindinalva – a Nalva do futebol comunitário, foi assassinada em 20 de novembro de 2017.⁶⁶

Recebi o informe de colegas e fui conferir o fato, quando vi no noticiário. Era real. Nalva foi assassinada. Lésbica negra, classe menos favorecida, de tez preta, cabelo curto e crespo. Ela era proprietária de um bar próximo ao campo de futebol e passava parte dos dias de jogos (fins de semana) entre o jogo e o bar, seu pequeno comércio. Conforme os noticiários, após o jogo, os ladrões chegaram e a alvejaram no próprio bar.

Visto nas redes sociais, uma semana antes, ela estava divulgando a abertura do campeonato do futebol feminino da comunidade, mais uma etapa de sua realização, dentre

⁶⁶Tailane Muniz. Jornal Correio, Salvador. Consultado em 18/12/2017.>
<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/lider-comunitaria-e-morta-a-tiros-em-jardim-cajazeiras/>

tantas. Estávamos dialogando pelo celular, via whatsapp, meio pelo qual ela me informava sobre as suas práticas no mundo do futebol comunitário. Ela me enviava as imagens dos jogos e me dava informações. Imagens de suas atuações, eventos e campeonatos que organizara em modalidades masculinas – dos homens, e de mulheres.

Conversamos um pouco, em um evento na Câmara dos Vereadores, em homenagem as melhores jogadoras de comunidade/amadoras: “Solenidade de premiação da liga Jardim Cajazeiras”, realizado dia 02 de junho de 2016, no Centro de Cultura da Câmara Municipal de Salvador.⁶⁷ Equipe campeã: BOCA DO RIO, treinadora Catita (Kátia) – uma jovem mulher negra, professora, formada em história, e que surge com força na comunidade de Boca do Rio. Nesse evento, várias mulheres líderes e apoiadoras do futebol de mulheres fizeram parte da mesa, inclusive eu e Nalva. Foi nesse encontro que marcamos uma entrevista.

Desmarcamos várias vezes pela sua “decuplicação” de trabalho. Dentre suas muitas atuações, Nalva promovia competições, acompanhava os jogos, era presidenta da liga, elaborava regulamento, arbitrava, cuidava do bar e tinha emprego fixo. Diante de várias tentativas, decidi que faria a entrevista no bar após o jogo que me convidara. Como eu morava numa rua próxima a Arena Fonte Nova (no Dique do Tororó), havia um jogo do Bahia e o local foi interditado, dificultando a passagem dos transportes, e devido ao congestionamento, fluxos, algazarra e perigos na rua, decidi remarcar para um dia mais tranquilo.

O que não aconteceu, pois sucedeu o triste ocorrido e a notícia do jornal. Sobre suas atuações no futebol, as interlocutoras contribuíram com informações. Laura, muito próxima de Nalva, pelas parcerias esportivas, deu as informações precisas. Apreciemos a conversa entre ambas em função da competição que iria iniciar.

(...) Jardim Cajazeiras, você sabe o acontecido com nossa amiga Nalva? Nalva, que eu acho que você deveria colocá-la na sua pesquisa. Eu sempre tive as minhas atividades esportivas no Arvoredo. Sempre. E sempre fazia torneios lá. Torneios, campeonatos. Então, Nalva começou a fazer Jardim. Quando ela começou a fazer Jardim, o feminino, porque lá tinha sempre o masculino... Ela me convidou pra participar com o meu time. (...) Tem tempo (...) Eu conheci ela aí. Não sei a vida dela anterior qual era. Sempre conheci Nalva como organizadora do Campeonato Jardim Cajazeiras.

Então, eu... Ela me chamava e eu ia todos os anos. Ia com ela. E, aí, ela vinha pro meu. Eu ia pro dela e ela vinha pro meu. A gente se ajudava, a gente trocava ideias, regulamentos, tudo. Sempre. Este ano, eu disse a ela que eu

⁶⁷Convidadas presentes na mesa: Lindinalva (gestora comunitária); Livia (ex-atleta, militante LGBT); Rosana Vidas (ex-atleta e árbitra, treinadora e gestora); Ineildes (ex-atleta, ex-árbitra e pesquisadora); Quinho/Francisco (treinador do Vitória feminino, no período); Larissa Moraes (candidata a vereadora) e Tamara Batalha (Vereadora).

não ia voltar em Jardim Cajazeiras. "Não vou. Eu gastei muito com meu time, com o futebol, né? Masculino. Muito, Nalva, eu não tenho condições, sabe, essa crise difícil. Vou fazer meu mestrado, é caro. Não posso". (Laura).

Nalva reunia muitas atletas amadoras e também as que são profissionais, fazia competições para mulheres e homens. Conforme as interlocutoras, Nalva conduzia com brilhantismo o futebol amador, sem fundos, rendas e apoio financeiro, ela elaborava formas de adquirir verbas para tocar a competição, utilizando-se de sua experiência e contato. Ambas as lideranças, Laura, Nalva, e as mais jovens como Catita na Boca do Rio, nas suas respectivas comunidades, faziam uma rede com o futebol de mulheres de vários bairros de Salvador.

"Você vai, você vai. Vai ser meu último ano aqui, não vou fazer mais". (Nalva).

Pense... "Vai ser meu último ano aqui, não vou fazer mais, não vou". (rememora a frase de nalva). "Não tenho dinheiro, não posso. Mil reais a inscrição. Você tá louca?" É mil. Mil reais. Imagine. "Não vou". (Laura).

"Vou fazer uma coisa com você. Venha, mulher. Venha, você me dá a metade". (Nalva).

"Eu não tenho, eu não vou. Não vou". Rodou, rodou. Essa mulher todo dia. "Venha, que você não vai pagar inscrição". Pronto. [Risos] "Você só vai pagar a arbitragem". Assim. Pra não me deixar de fora. Aí, eu: "tá certo, Nalva. Beleza, eu vou". (Laura)

"Seu jogo é dia 19". (Nalva)

"Eu: Nalva, não posso, que é o chá de fraldas da minha cunhada, vai ser em minha casa. Troque meu jogo pra outro dia". (Laura).

"Não posso, Laura, venha pra estreia, pra minha abertura". (Nalva).

Eu transfere o dinheiro pra ela, da arbitragem. "Mande sua conta, que eu transfiro". Transfere o dinheiro pra ela, e falei com ela o tempo todo:

"Laura, seu time tá um a um". A gente conversava direto ligando. Quando terminou o jogo, "seu time perdeu, dois a um. Aquele desgraçado do Heitor mudou a menina que tava jogando demais". (Nalva).

Heitor que foi, meu amigo, porque ele sempre me ajuda também... Aí menina... Quando dá sete horas da noite, as meninas tava lá, algumas do meu time... Aí, me ligam: "Laura, mataram Nalva". Meu Deus... (...) Nesse dia. Na estreia do campeonato. Neste mesmo dia, pense. Aí, as meninas lá... Rapaz, eu perdi a... Perdi, foi terrível pra mim...

O assassinato de Nalva, gestora do futebol de Jardim cajazeiras: a morte dos sonhos?

Eu fui pra o sepultamento dela. Eu dei entrevista também na Record, sobre ela. Foi uma pessoa muito... Na vida esportiva... Eu não tinha contato com ela, que eu não tinha tempo e tal, mas, na vida esportiva, a gente sempre estávamos

juntas. Ela sempre incentivou o esporte, sempre, sempre lá na comunidade dela. (Laura)

Os trechos revelam o envolvimento e importância das mulheres negras na liderança do esporte, lazer e entretenimento, ao mesmo tempo na expectativa de progresso. Bem conhecida pelas jogadoras de Salvador, árbitros e árbitras como eu, atuantes no campo profissional e nas comunidades. Inclusive apitei jogos em Jardim Cajazeiras, porque muitos campeonatos amadores não tem assistente/bandeirinha.

Haja vista o histórico de violência de gênero, feminicídio (BRASIL, 2017) e genocídio negro em nosso país, em que as mulheres negras são as mais afetadas entre as mulheres, e a necropolítica é um conceito que permite compreender a violência da morte da população negra por assassinato.

O feminicídio é a forma que evidencia o ódio crucial dos homens à ideia de autonomia e liberdade das mulheres, quer seja em relação ao direito ao próprio corpo, à condução da própria vida social, à escolha de outro ou outros parceiros, à opção pelo rompimento da relação afetiva, quer seja pela recusa ao comando das mulheres nos estratos de poder – o comando nos diversos seguimentos que vem ocorrendo no novo milênio tem aumentado o ódio e a misoginia.

Mas, a violência de gênero não é a única na pauta da luta do feminismo negro, combate-se também a igualdade de gênero utópica.

Os dados do relatório e Atlas de Violência de Gênero comparam o índice de violência entre mulheres negras e brancas. O Atlas da Violência de 2017 (recorte do período de 2005-2015), aponta a taxa de redução de 7,4% para esta segunda citada categoria racial, e aumento de 22% para o grupo “negro”.

Em suma, a taxa de homicídio cresceu entre a categoria “mulheres negras” e reduziu para a categoria “mulheres brancas”. Nesse sentido, refletismo com a necropolítica - a política da raça, relacionada com a política de morte (MBEMBE, 2018, p. 18). A necropolítica - Morte do outro e morte de si.

De certa forma, permite refletir sobre o feminicídio como a interdependência, mas também o controle do homem à vida da mulher. Feminicídio se constitui como o fim da vida-mulher, por, tornar-se mulher. Significa o assassinato que toma o corpo-mulher como alvo. Que é a concretude da violência de gênero (SAFFIOTI, 2004).

Luiz Carlos Santos, em sua tese sobre o poder de matar e recusa de morte, dialogando com Achille Mbembe e Grissant, afirma:

O eco da violência é a perpetuação nos imaginários. A necropolítica é um imaginário que tem sua construção política fundamentada pelo paradigma ético-estético do alterocídio. O eco da violência moderna ocidental faz-se presente nas violências cotidianas, as quais agem subterrâneas nos guetos, subúrbios, periferias. São lugares que a violência é exercida no seu sentido total (SANTOS, 2019, p. 22).

O autor faz alusão a Édouard Glissant (2011, p. 187 apud SANTOS, 2019) compreendendo este fenômeno de violência localizada como a “selva das cidades”, e afirma que violência da miséria não é uma vocação.

Em suma, fecho esta seção com esta guerreira lésbica negra, refletindo sobre sonhos, vidas e morte. Com esse triste caso, pensando sobre as práticas de violência de gênero, feminicídio, genocídio negro e o silenciamento. De um lado refletindo na importância das pessoas negras para dentro das comunidades, e de outro, vidas negras importam! Lésbica negra assassinada.

Em seguida, apresento um debate sobre lésbica negra, queer latinx, me inserindo, costurando os estudos com experiências.

4.4 INEILDES CALHEIRO (A PESQUISADORA): LÉSBICA NEGRA E O QUEER OF COLOUR

Ex-jogadora e árbitra assistente (bandeirinha)

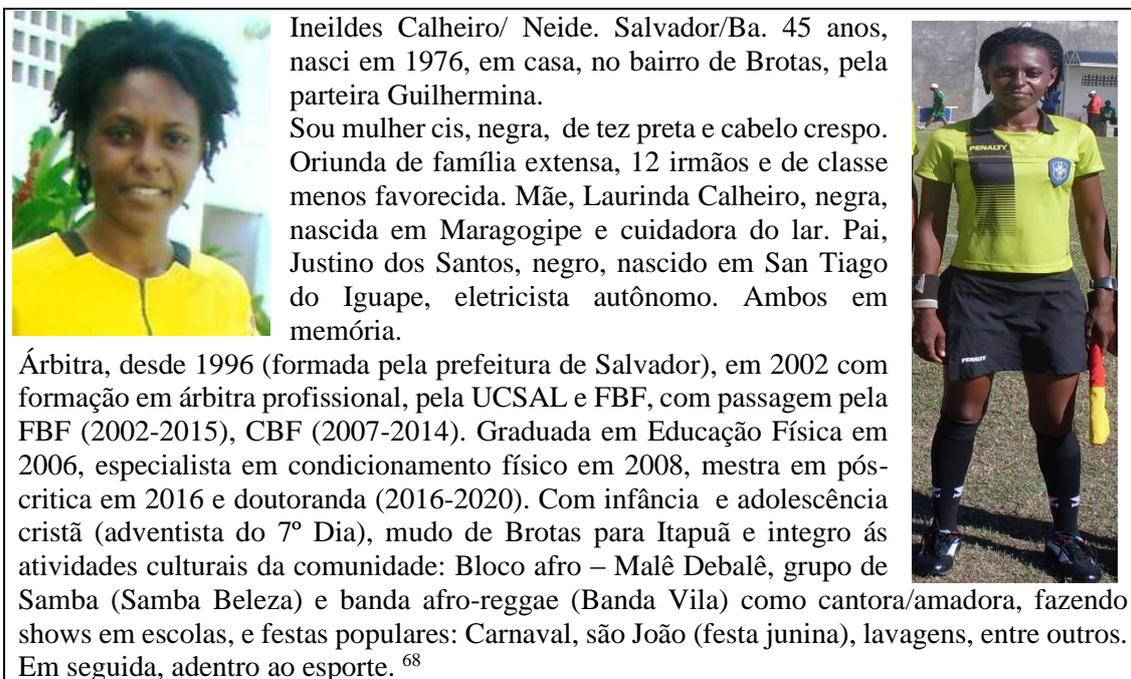


FIGURA 12. Imagens da pesquisadora em atividade de árbitra - acervo próprio.

Autobiográfico-me inserindo meus relatos e experiências, por ter feito parte dessa história. Rememorando a influência do Clube Ypiranga para o futebol de mulheres, por onde, de certa forma, comecei. O Ypiranga é um clube esportivo, de Salvador, com 114 anos de história⁶⁹, representado nas cores amarelo e preto que funcionava em uma periferia em Vila Canária. O time do mestre Pastinha, mentor da capoeira Angola, que tem no padrão da capoeira as cores do time. Conto como me inseri.

Fui jogadora de futebol e iniciei na UCSAL, uma junção de categorias de mulheres, oriundas do Ypiranga - time sob o comando de Rosana Vidas. Devido este clube não dar quase apoio nenhum ao time das mulheres, foi migrado para Universidade Católica – UCSAL, nos trâmites de Rosana com o diretor, Prof. Pimentel. Foi quando eu ingressei como jogadora - Neide. Integrei outras equipes de comunidade, como em Itapuã (liderado por Katia)

⁶⁸ Parte da autobiografia e trajetória (a infância, a escola, o trabalho e o esporte) narrei na dissertação de mestrado. Ver: SANTOS, Ineildes, 2016.

⁶⁹ O Ypiranga, com mais de 100 anos de existência e em situação precária, faz parceria com o Governo, e passa por reforma (Período da pesquisa). Ver: Correio. Giulliana Mancini. ><https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ypiranga-deixa-parte-da-sede-com-o-estado-e-recebera-ct-reformado/>< consultado em: 24/02/21.

e Jardim das Margaridas, com seu Correia como treinador, e participando de outras equipes de periferias de Salvador.

Eu jogava em casa, com meus irmãos, tinha um espaço na varanda. Um dos meus irmãos tentou ser jogador, não conseguiu, mas ao aventurar nos clubes, percebeu que havia time de mulheres e me falou. Daí que eu fui atrás: no Clube Bahia, porque era mais perto de onde eu morava, e lá o porteiro me disse que não havia mais time de mulheres, que eu fosse ver no Ypiranga. Eu fui.

Enny Moraes (2014), em sua pesquisa que abordou o futebol das mulheres dos anos 1980-1990 na Bahia, revelou que as equipes das mulheres neste estado, tinham o comando dos homens. Essa questão vivenciei na prática, tanto quando atleta, havendo como diferencial Rosana e Dilma, quanto como árbitra. Até aí nada mudou no comando, quer seja em termos de comunidade, quer seja em termos de instituição (Clubes, prefeituras/municípios).

Quando cheguei perto, havia um rapaz caminhando na rua, indo ao clube, era um jogador. “Aispilha”, bem destacado na época, no juniores do Ypiranga. Nos aproximamos, ele me apresentou a Beto – diretor, que me informou do paradeiro do futebol das mulheres: “estão treinando na UCSAL, em Patamares” com Rosana. Aispilha me levou e me apresentou a Rosana, que me tratou de forma especial pelo seu carinho com o jogador, este que contribuiu com transporte para eu ir aos treinos, e logo partiu para um clube em outro Estado.

Era anos 90 e as mulheres não estavam treinando mais no Ypiranga, sem verba para as mulheres. Persistente, Rosana encabeçou o movimento de migração para a UCSAL, em seguida, para o Galícia. Ainda UCSAL fomos treinadas por um ex-jogador do Esporte Clube Vitória (homem negro). Mas, não durou muito, porque suas condutas misóginas e machistas nos levou a organizar um abaixo assinado para a sua saída, e exigimos que o treinador fosse escolhido por nós – o nome de Mário Augusto da divisão de base do Galícia masculino foi cotado e o aceitamos, o qual se manteve por mais de uma década no comando das mulheres, cuja equipe foi migrada para o SFC – São Francisco do Conde.

Neste momento rompi com a função de atleta para seguir a arbitragem com mais determinação. E não me arrependo. Foi quando me dediquei a pesquisa no campo, iniciando a investigação da função de árbitra. (Ineildes Calheiro. A pesquisadora).

Vivenciando entre o amadorismo e o profissional, certa de que, para as mulheres e o futebol de gênero o conceito profissional é instável, por não ter o mesmo reconhecimento e direitos iguais ao sexo oposto. Ao mesmo tempo que estamos dentro estamos fora. Nesse sentido, nada é garantido, somos esquecidas, invisibilizadas, e até mesmo nossos registros, muitas vezes são apagados e as comprovações oficiais nos são negadas. A imagem seguinte, é referente a minha atuação em competição amadora promovido pela Coca Cola, na cidade de Lauro de Freitas.

A pesquisadora em jogo



Figura 13: Ineildes Calheiro em atividade no futebol. Fonte: acervo próprio.

Sobre o objeto pesquisado, a pesquisa em gênero e raça neste campo passou a ser o carro propulsor para minha trajetória na academia, temática que venho estudando desde a graduação, no início dos anos 2000. Nos estudos que abordam a divisão das modalidades esportivas por sexo e também racializadas (MATTOS, 2010) no âmbito escolar, corpo negro, esporte e a educação física, o futebol aparece como esporte para os homens e o voleibol para as mulheres, mas também o padrão de beleza é elemento constituinte deste componente curricular com os esportes. Fugir dessa norma é sempre difícil e mais escasso ainda são os estudos que interseccionam gênero, raça, classe e sexualidades nos esportes. A interseccionalidade no esporte.

O debate sobre gênero e raça assinalam a existência de outras etnias no futebol da Bahia – mulheres indígenas. As descendentes indígenas aparecem no futebol como havia no grupo em que fui integrante e em outros na Bahia, sendo comum serem apelidadas de índia. Lívia, preocupada com a diversidade racial e exclusão, insere as indígenas nesse debate, lembrando, quando foi jogar bola e as viu jogando no Sul da Bahia. Apesar da raça/etnia determinante do futebol de mulheres na Bahia ser a negra, outras etnias são invisibilizadas.

Para além de negras pretas, claras e brancas, descoberta no deslocamento e intercâmbio dessas mulheres do futebol. Nessa rota chegamos, simbolicamente, ao continente africano e percebemos que o futebol de mulheres tem se alavancado nesse território, sendo importante incentivar pesquisas que adentre com afinco a este lugar.

Dou um mergulho no campo, a perceber o Estado da Arte sobre o objeto. Não obstante a escassez das pesquisas sobre racismo e sexismo no esporte, esta temática já ocorre no país, com os estudos iniciados sobre o tema e que começa a surgir no final dos anos 90, como destaca Marcos Souza (1996). E sem considerar gênero aparecem mais estudos, como o de Jairo Vieira (2003) que discute o preconceito no futebol, com o recorte exclusivo de jogadores masculinos profissionais.

A temática da masculinidade e homossexualidade não são estranhas ao mundo do esporte, nem mesmo ao futebol, considerado esporte mais macho, apenas se nega por não ser a norma, o padrão e a regra. Francisco Costa (1994) faz alusão á homossexualidade no futebol dos homens, apesar de não aprofundar. A homossexualidade (COSTA, 1994, p. 89-90) é discutida por dentro do futebol brasileiro na sua tradição, no fim dos anos 1950 e com os jogadores do futebol-arte, que era a modalidade futebolística da época.

Trazendo ao debate um estudo de João Saldanha intitulado “*Nos subterrâneos do futebol*”, publicado em 1994, que relata a relação homoafetiva no futebol masculino brasileiro, recortando um time durante uma excursão fora do país, na Venezuela, em 1957. Destaca o sigilo sobre estes feitos e o silêncio.

Adentro ao debate da homossexualidade destacando as lésbicas e a questão da raça/cor como diferenciação, por entender que, assim como na categoria mulheres, lésbicas e queers não vivenciam as mesmas experiências.

4.4.1. Lésbica negra: queer of colour/ QOC, queer latinx⁷⁰

As colaboradoras dão seus testemunhos sobre a homossexualidade no futebol. VApreciemos:

(...) Não só a questão do racismo, como homofobia também, né? Teve aquele caso daquele jogador mineiro, negro, mineiro, que o estádio, o ginásio todo chamando ele de bicha. Entendeu? Então, assim, as pessoas acham que isso é correto e a melhor forma de tá torcendo pra sua equipe é denegrindo uma imagem, ofendendo um atleta da equipe contrária à sua, entendeu? E isso... Isso é uma falta de educação, sabe? (sigilo).

⁷⁰Uma versão desse debate QOC/ queer latino, discutindo como queer nas fronteiras, pode ser vista em: Ineildes Calheiro. Revista Dados de África(s), Vol.01. Nº. 01, Ano 2020.

Á luz interseccional flagra-se tanto o racismo quanto sexismo e homofobismo no esporte. Acontece de forma interseccionada, porque não se separa os marcadores sociais do corpo, como raça, sexo e sexualidades, como frisou Audre Lorde (2019) e como frisa Crenshaw (1989 apud NOGUEIRA, 2017) para quem a interseccionalidade não é soma, é multiplicação de marcadores.

As mulheres masculinizadas no futebol, reportadas a seguir, na fala da interlocutora sobre homossexualidade, lesbianidade e o enfrentamento das mulheres fora dos padrões de gênero - *as bofinhas*, que são as lésbicas masculinizadas, vivenciando preconceito e violência na própria pele. A lesbo-homofobia. “*Olha, a senhora que quer agarrar igual a homem, começe a agarrar igual mulher*” (Lívia).

Eu fui jogar no [suprimo o nome do lugar], como goleira. Foi num time bem fraquinho, mas eu fui para ajudar as meninas porque eu tenho pouco disso. Quando eu cheguei lá, eu disse para as meninas: “olha, não existe ninguém que joga melhor que ninguém”. E as meninas do grupo que eu estava eram todas femininas. Dentro dos padrões de beleza, todas femininas. E do outro grupo, as Meninas eram tudo bofinho, né, como o pessoal fala. E elas, as meninas, ficaram assustadas, né, porque as meninas do outro time vinham pra cima. Toda hora jogava, chutava a gol.

Os meninos atrás do gol disse para mim: “olha, a senhora que quer agarrar igual a homem, começa a agarrar igual mulher. Porque, se você não agarrar como mulher, você vai sair daqui corrida”. E, aí, começaram a me ameaçar. No [suprimo o nome no lugar] tinha um lixão, assim, do lado do campo, grandão. E eles só: “tá vendo aquele lixão lá? Eu vou jogar você”. Então, eu acho que tem muita exclusão. (Lívia).

Ameaçada pelos homens, a ser lançada no lixão, Lívia destaca a categoria conhecida como “Bofinho”: é um dos termos dados á lésbica masculinizada que a difere da lésbica feminilizada, ou seja, a tolerada e a intolerada. Apesar de que nenhuma é aceita na sociedade porque ambas estão fora das normas, mas a feminilizada é tolerada.

Audre Lorde, inserindo as mulheres negras no campo da criatividade foi rememorada por Nilto Luz, ao pronunciar que “as diferenças devem provocar força de mudança, ‘polaridades necessárias entre as quais nossa criatividade pode faiscar como uma dialética’ (LORDE, 1984 apud LUZ 2013, p, 223), sugere pensar corpo politizado, sexualidades como elemento força.

Ao interseccionar sexualidade desviante e raça, a lésbica negra experimenta a força da múltipla opressão. O termo denota que as categorias “negra, mulher e classe” não são nossas únicas lutas, conforme a abordagem de Ochy Curiel (2002) quando se trata de lésbica ou gay negro temos outras lutas empenhadas.

Se a luta é reforçar a negritude, outras subordinações ficaram de lado na intervenção política, se a luta é contra o racismo, temos que ter em conta outros sistemas de opressão como a do classismo, o sexismo, a lesbofobia, e necessitamos fazer uma luta articulada. (CURIEL, 2002, p. 108. Tradução minha).

Explicitando que: “Lesbianizar é preciso” (SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 229). Estas autoras revisitaram a teoria política de Monique Wittig (feminista lésbica, escritora e acadêmica, branca, francesa, clássica nos estudos de lesbianidade) fortalecendo a desuniversalização da categoria mulher e a crítica da invisibilidade lésbica na ciência. Sendo relevante enegrecer o feminismo lesbiano, para discutir a categoria lésbica negra recorro a Nilton Luz (2013), que discute de forma crítica a homossexualidade e adentra à lesbianidade negra.

Em sua análise sobre a francesa e a estadunidense queer, Nilton Luz entende que Wittig desmascara o essencialismo subsumido na identidade feminina – e Butler critica esta primeira autora, por recair em um novo essencialismo. Assim, confronta-se a noção de identidade, porque “nenhuma identidade está isenta dos esquemas normativos” (LUZ, 2013, p. 214).

“Ser negro e gay é habitar não lugares” (LUZ, 2013, p. 191) e pertencer a lugar nenhum, reflete sobre habitar em si mesmo – fazer do seu corpo-lugar. A arte de ser muda a ideia de encenar a arte. O ato de representar esconde a representatividade, pois, se “queers brancos-ocidentais” encenam, vivem seus corpos parodiando, os queer negros não. Podem até (e fazem isso) utilizar os espaços de encenação, o mundo da arte, mas ali está a realidade da sua vida – a exclusão de tudo.

Embora o feminismo lésbico hegemônico entende que a lésbica não é uma mulher, devido ao fato de “mulher” ser uma categoria construída, como mostra a lesbianidade, a existência lésbica evidencia que a divisão da sociedade entre homens e mulheres é política (WITTIG 1978⁷¹ apud SILVA; ARAUJO, 2013, p. 248), sendo que a “lésbica é a categoria revolucionária, por estar para além das categorias mulher e homem” (p. 252). Porém, estudos também mostram a ambiguidade em gênero e que esse fator tem auxiliado nos trâmites e avanços de gênero (SANTOS, 2016; CALHEIRO, 2017).

O fato é que as categorias “mulher” e “homem” são depositadas na subjetividade do corpo, e as utilizamos quando e como queremos. Temos, ao mesmo tempo, mulheres e homens em nossos corpos como cabide no guarda-roupa, e escolhemos a roupa que vamos vestir,

⁷¹ Wittig, autora clássica no estudo em lesbianidade é considerada discípula de Simone de Beauvoir, defendendo que “não se nasce mulher, torna-se”. No texto “O pensamento heterossexual” analisado pelas autoras citadas no corpo do texto.

optando, a maioria, pelo socialmente aceitável. E tem escolha que é difícil, política e ativista. “Negar-se a ser mulher não significa querer ser homem” e “para ser homem é preciso mais que uma aparência de homem, é preciso ter consciência de homem” (WITTIG, 1981 apud SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 250).

Certa de que “gênero não é sinônimo de mulher”, e “mulher não é uma categoria universal”, bem como “lésbica não é mulher” e a “mulher negra é meio humana”, o que é ser lésbica-negra? Nada? Esta existe para o sistema e para a Outra? Contudo, igualmente, homem não é uma categoria universal, nem masculinidades se encerram em hegemônica versus marginais e fechadas na heterossexualidade. Há, inclusive, gays-homens de verdade, os não afeminados e as bichas (FRY; MACRAE, 1985; MESSEDER, 2009).

No Brasil, notamos que são divergentes as experiências e as opressões, seja como lésbica branca, negra, de pele clara, mulata ou preta. Portanto, mesmo que as cores racializadas não sejam fechadas em branca e negras em todas as sociedades, lésbica negra e branca diferem no que diz respeito às experiências. Para Jurema Werneck (2010 apud CARDOSO, 2012), se gênero é capaz de informar uma mesma lógica sexista de organização social para negros e brancos, raça define esses princípios organizativos e altera a posição de homens e negros na hierarquia social.

O feminismo hegemônico parece entender a lesbianidade globalmente, de maneira universal, embora também não ignore a diferença na diferença – noção que consiste o pensamento lésbico negra discutindo o ser lésbica e negra. Sabendo-se que “o branco é o referente e o negro é o outro” (WITTIG, 1978 apud SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 247), a lésbica branca (e a que vive como tal) experiencia a opressão da orientação sexual não respeitada e odiada, mas, também, experiencia o privilégio da cor. Ser lésbica negra, no entanto, é experienciar a opressão da identidade sexual e da raça odiadas pela sociedade.

Beatriz Preciado (2011) em “*Multitudes queer*”, mostra as formas dupla, tripla e multidimensional das opressões de gênero. Refere-se à temática da múltipla opressão, categoria em que se pauta o feminismo negro (COLLINS, 2017), conceituando de interseccionalidade (CRENSHAW, 2002) os marcadores sociais em gênero, raça, classe, sexualidades, entre outros, tendo na categoria raça o seu principal vetor de opressão (CRENSHAW, 1989).

Nesse sentido, a lesbianidade é, também, fuga? Tentativa de fuga do sexismo, normatizações, imposição de gênero? A lésbica negra como fuga é a tentativa de fuga do racismo, da exploração sexual e do encontro com o espelho, assimilação e narcisismo, estes dois conceitos discutido por Gislene dos Santos (2004) em “*Mulher Negra, homem Branco*”. A autora averiguou o episódio que resultou em morte, consequência do narcisismo em uma mulher

negra brasileira (na Inglaterra) numa relação hetero-inter-racial. Amante de um homem branco inglês, mas que não se via como amante, isto é, a outra, mas sim, como legítima, isto é, a esposa.

Ao mesmo tempo desvalorizada e em seguida descartada, foi trocada por outra negra, porém, mulata. Percebendo-se objeto de troca, diante do espelho, feriu-se no âmago racial. O narcisismo foi constatado pela autora, e as sequêlas fatais, resultando em morte social, seguido da morte letal. Narcisismo que enlouquece, assimilação que adocece, racismo que mata. No episódio fatal, morte letal. A mulher morreu. (Conforme o relato da autora SANTOS, 2004).

Entre a branca, a mulata e a preta no Brasil de polarização racial, a branca é para casar, a mulata para transar e a preta para trabalhar (GONZALEZ, 1988). Ochy Curriel entende “raça” não como classificação biológica, mas como social, construção simbólica, cultural e sobretudo política. Assim, se percebe a lesbianidade em algum momento como recurso, utilizado como perspectiva de fuga. Um modo de fugir da realidade e da sina que afeta a maioria das mulheres negras em várias partes do mundo e na estrutural desigualdade racial constituída no Brasil. É nessa perspectiva que lesbianidade é parte da luta nacional, para além de prazer.

Como lésbica negra experienciei nos espaços lésbicos e no próprio corpo, relações racialmente conturbadas, pela adesão das pessoas desta categoria, muitas vezes pautadas em assimilação racial – conceituada como a interiorização negativa do ser negro (GONZÁLEZ, 1979; MUNANGA, 2006), desvalorização da outra-igual e narcisismo intra/inter-racial, interétnico/intragênero.

Relacionando sexualidades e raça, ser lésbica negra, preta, mulata ou branca em meio a força da ideologia e (des) valorização racial – a representação da afetividade na sociedade heterossexual racializada acompanha a relação lesboafetiva, quando, de um lado, a lésbica branca é igualmente vista para uma relação estável e respitada, isto é, para casar, a lésbica mulata para fornicar e a preta para trabalhar.

Do outro lado, aparece a heterossexualidade lésbica binarizada: ativa/passiva; penetrada/penetrante (associado as experiências da categoria gay explicitado por Peter Fry), a real e a representada, como sendo efeitos de subjetividades (im) perfeitas. Peter Fry e Edward Macrae (1985, p.101-2) em “O que é homossexualidade” veem as lésbicas como uma pedra no sapato “das feministas e das bichas”, compreendem que o nosso problema (das lésbicas e feministas) era dentro e fora, e expressam que, no Brasil, as lésbicas relutaram para aderir a luta junto com as feministas. Contudo, os autores entenderam que esse problema já foi superado.

A respeito do QOC -Queer of colour/ e queer latinx, me fundamento em pensamentos de autoras/es africanxs e latinxs e realizo uma discussão nesse sentido. A mexicana Glória Anzaldúa insere a América Latina no protagonismo da teoria Queer/LGBTQI, abordando a

categoria “queer-mestiça”, relacionando fronteira e hibridismo. A autora chicana desloca a ideia de armário, autodeclarando-se lésbica-mestiça, e traz a noção de orgulho lésbico, ao mesmo tempo em que coloca em pauta o peso lésbico maior que o racial: “como mestiza, eu não tenho país [...] como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita [...]” (ANZALDÚA, 2005, p. 707). Essa assertiva permite interpretar “nenhum lugar” no pensamento lésbico-mestiça.

E como também é interpretado com a autora, antes de ser vista como mestiça, ela é tida como lésbica e, assim, enfrenta a violência homofóbica como sendo a mais contundente, sobrepujando a sua porção racial, mestiça. E, diante da sexualidade desviante, esta “meio sujeita”, “meio abjeta”, aparece com certo grau de valor que, no Brasil, de gradação de cor proporcional à forma de vida, certamente lhe permitiria viver a experiência sociorracial como branca.

A autora destaca as categorias homossexuais, lésbicas de cor/negra, étnica, frisando as contribuições destas/es sujeitas/os nas lutas nacionais, como a da libertação. Essas noções de movimentos relacionados à LGBTqueer na América latina vai de encontro com a teoria QOC/africanx, queer of colour (REA et al, 2018), em que tais categorias sexuais são vistas para além de liberdade sexual e de desejo, mas como formas de combate à colonização. QOC critica experiências ocidentais que universaliza o queer.

Essa perspectiva se dissocia radicalmente das vertentes ocidentais.

A teoria queer é discutida no Brasil com vários autores/as e encabeçada por Guacira Louro (2001, 2014) introduzindo esse debate na educação. Teorizado por Judith Butler (2013/1990) por meio da paródia subversiva, a teoria queer é considerada originada por Teresa de Lauretis, portanto, há quem diverge dessa assertiva.

[...] a temática queer é recente na perspectiva da diversidade - queer africanx/QOC (queer of colour), queer-negrx, queer-andinx, bem como são escassas tais pesquisas, as quais se centram em queer-ocidental/universal. Nessa vertente pensa-se na des-universalização LGBT-Queer refletindo sobre “queer ainda mais queer” (CALHEIRO, 2020).

Nessa perspectiva se insere as categorias raça/etnia e interseccionalidade, dialogando com o queer latinx, constituído nas experiências territoriais da América latina e adentrando à descolonização do pensamento, a fim de refletir sobre o queer mais queer. Carla Akotirene (2019) traz uma percepção que se encaixa nesse pensamento, abordando o problema da múltipla opressão no interior da categoria LGBTI queer, com os queer-negrx em regime de reclusão. “[...] parece que há uma tripla reclusão: social-corporal; sexual e racial. Ou seja, tripla negação

de ser, além do descumprimento dos Direitos humanos na questão da identidade de gênero [...] (CALHEIRO, 2020, p. 146).

Caterina Rea et al (2018) problematiza queer com o QOC concernente aos queers africanxs trazendo a ideia da resistência á colonização, inserção na luta pela libertação colonial. Rebatendo ao conceito queer-africanx associado á liberdade sexual e objetivos de visibilidades. Mostram as autoras o QOC na complexidade, pluralismo e diversidade e embebidos de lutas. LGBTI Queer como outras lutas, são assim apresentadas em África (s) (BLESSOL, 2018).

[...] *Queer African Reader* pretendem resgatar as vozes de intelectuais e militantes queer do continente africano. Trata-se, assim, de “documentar não só a resistência nas vidas e nas lutas diárias das comunidades queer da África” e de “valorizar a complexidade da maneira com que a libertação queer é enquadrada na África e pelos africanos” (REA et al, 2018, p.16).

Uma das influências dos estudos queer-africanos é articular com a interseccionalidade e a raça possibilitando aproximar o debate das sexualidades queer-LGBTcom o Brasil, em termos de QOC / Quer-negrx. QOC é a radicalização da luta contra o racismo e o sexismo interseccionados, e tem o corpo e a sexualidade como ferramentas políticas e embebidas de luta. Queer-africanx carrega toda uma luta relacionada á sua própria história, colonização, escravidão e racismo.

Concernentes ao queer latinx-americanx, a chicana igualmente insere o debate da masculinidade e compreende como uma das contribuições queer o fato de os homens gays desafiarem o modelo de masculinidade, questionando, desta forma, a violência de gênero a partir da masculinidade. Adentrando ao problema no interior da categoria raça, chamando a atenção aos pares (negros) do sexo oposto, a autora expressa a sua raiva à violência de gênero: “[...] nós não desculpamos, não perdoamos e não iremos mais tolerar” (ANZALDÚA, 2005).

É possível ver a sua compreensão referente à origem do ódio de gênero e misoginia como medo dos sujeitos masculinos portadores de masculinidades tóxicas às mulheres em libertação, como se dá na ideia assombrosa do termo “feminista” e queers/ LGBTQI. Este último, uma conjuntura para além de grupos, visto, todavia, como “multidões” (PRECIADO, 2011) que supõe um movimento político de gênero compartilhado.

Vale considerar que o debate e conceito queer trazido por Glória Anzaldúa (2005) se deram ainda nos anos 1980, sendo queer na América latina ou queer latinx uma ideia de vastidão queer. Em comunidades de etnia andinas flagra-se corpos queers-LGBT (SEGATO, 2012), sexualidades discutidas como tradição e modernidade, não como afronta e insubmissão, mas

como processo de subjetividade interseccionadas nos corpos, inerente às relações e vivências ao processo humano.

A vastidão queer aproxima-se do conceito de “multitudes”/multidões queer (PRECIADO, 2011). A crítica à performance e a paródia da teoria queer ocidental (PELÚCIO, 2012; LIMA, 2018)⁷² já é uma realidade e contribui para esta compreensão voltada para colonialidades, imperialismos e descolonização do pensamento. Para Ochy Curiel (2007 apud CARDOSO, 2012, p. 95) a relação entre raça, classe, gênero e sexualidade, bem como “colonização” e “escravidão” já foram estabelecidas e estudadas pelas feministas negras de diversos países, porém, esbarrou-se com a colonialidade de poder sem ser citada por muitos/as cientistas sociais (de ambos os sexos e sexualidades). O que quer dizer que a escrita é política.

Analisar as trajetórias das interlocutoras foi importante para perceber que as mulheres negras, nos mesmos contextos que as lésbicas negras no esporte mostram que o fato de ser negra compromete suas vidas sociais, trajetória, desejos e projeto de vida, e que a racialização desmantela suas (nossas) competências, e no Brasil, devido ser no corpo/cor o lugar do registro, o corpo como documento de inclusão/exclusão.

⁷² Gustavo Lima (2018) faz uma análise comparativa entre Butler e Preciado, e inserindo a crítica de Pelúcio instiga-nos a pensar queer na perspectiva brasileira.

4.5. LÍVIA FERREIRA E O ATIVISMO LGBTTQI: QUEER NO ESPORTE

Jogadora, liderança e ativista



Lívia Ferreira da Silva. 48 anos (período da pesquisa), nascida em 1969, natura de Salvador/Ba. Mulher negra, de classe média, lésbica negra, mãe de um filho adotado. Oriunda de classe menos favorecida. Morava no interior da escola aonde a mãe era funcionária pública - merendeira de escola. Trabalha desde a adolescência, o primeiro trabalho na Arquidiocese de São Salvador. Graduada em

Administração. Coordenadora administrativa da Federação dos Comerciários do Estado da Bahia. Atriz, ativista, liderança LGBT. Defensora dos Direitos Humanos, presidenta da UNALGBT/Rede Sapatá/ Coletivo LesbBahia. Jogadora de futebol desde 1988, ainda atuante. Participou de vários jogos, em diferentes esferas, seja nos âmbitos municipal, estadual e nacional. Jogou em Goiás, no Serra Dourada, Campeonato Brasileiro, no final dos anos 90. Foi coordenadora da divisão de base do Clube Adla Costa Verde, e atualmente atua na coordenação de futebol de mulheres de comunidade: time Avassaladoras e time do Arvoredo Futebol Feminino, da Estrada das Barreiras.

Figura 14. Lívia Ferreira em atividade no esporte e LGBT. Imagem autorizada oficialmente

Lívia, a interlocutora ativista LGBT e militante negra declara ser ainda jogadora, tem uma trajetória de ativismo no campo e como atleta das comunidades, com vasta experiência no amador, mas entendendo que nenhuma jogadora no país é profissionalizada, todas são limitadas no campo do amadorismo. Jogando em diversos locais, ultrapassando o Estado, jogando e militando, fala de raça interseccionando com sexualidades.

A destaquei para dialogar sobre sexualidades, LGBTQI, transexualidades, trazendo a categoria queer para o esporte e o futebol pela sua competência nesse assunto, bem como seu envolvimento político neste movimento, como ilustra a fotografia na qual lhe apresento.

A interlocutora, lésbica negra, como se autodeclara, se dedica ao movimento e ativismo. E agreguei este marcador na pesquisa por ser uma lacuna que aparece como um problema que requer discussão e atenção, ao mesmo tempo vendo o esporte como movimento, lugar do ativismo. Sobretudo como movimento de mulheres negras/étnicas.

O movimento de mulheres negras nasce articulando “raça”, gênero, classe e sexualidade como categorias políticas para explicar as realidades das mulheres negras frente ao racismo, sexismo, classismo e o heterossexismo. A política

de identidade tem sido uma das estratégias prioritárias dos grupos coletivos que se dedicam a combater estes sistemas de dominação. Consiste em uma série de ações que buscam reafirmar uma subjetividade contextualizada nos efeitos de fatos históricos tais como a colonização e a escravidão que fazem que o “ser negra” seja uma situação desvalorizada, depreciada e muitas vezes negada (CURIEL, 2002, p. 97. Tradução minha).

Para Ochy Curiel (2002) o movimento de mulheres negras se articula com vários sistemas de dominação. O ativismo, como o termo já indica, é atitude política e ação de intervenção, ganhando força no movimento feminista. Contudo, estamos diante de uma série de tensionamentos. “O movimento feminista hegemônico é surpreendido na América Latina contra o desenvolvimento e em conjuração com o neoliberalismo, mercantilização e capitalismo e, contraditoriamente contra a luta e história feminista, isso, pela ânsia ao poder” (ALVAREZ, 2014, p. 59).

É preocupante em como se procederá ou se procede a inserção de mulheres negras, não-cis e não-mulheres (LGBTQI) nos esportes como atleta e nos espaços de liderança, mando, poder. A problemática das exclusões crescem, como crescem as identidades, já conceituadas em termos críticos como “Sopa de Letrinhas” (FACCHINI, 2005).

Sobre a sexualidade das jogadoras as colaboradoras arriscam os percentuais:

“Setenta por cento é homossexual”. (sigilo).

E, assim, todas as pessoas que estão no futebol feminino hoje, a maioria delas são lésbicas. Você sabe. (...) E de todos os campeonatos... Todos os times dos campeonatos elas são, né? (sigilo).

Oh, uma das coisas que eu sempre falo, que dentro do grupo de esporte, o futebol feminino, eu, tipo... Eu estou falando por mim... As meninas, na sua maioria, são lésbicas. (sigilo.).

Regina Facchini (2005) marca as segregações identitárias, quanto a crescente demanda dessas categorias que tem a/as letras como código, e por tornar-se também um problema de dentro como uma necessidade de lavar as roupas sujas. Pelo excerto, queremos incluir-nos excluindo os que chamamos de “xs outrxs”. O problema é que o Brasil é “[...] o país do futebol masculino” (JORAS, 2015, p.119) e heterossexista, com a heterossexualidade compulsória na escola (DORNELLES, 2013) e em campo. Além disso, no futebol, mulheres, negrxs e queer não tem direito a ter direitos, o de ser profissional, em igualdade com os homens, nem direito ao campo para trabalhar.

As pessoas negras não podem ser mais do que atletas, e as queers, por sua vez, só no armário, debaixo de sete capas. O futebol é um lugar de macho, por isso, as mulheres do futebol são lidas de “moleque-macho”.

A gente falou antes, têm muitas meninas que querem jogar bola, os pais não deixam por conta disso. Da discriminação, da opção sexual. Muitas. Você acha que se não houvesse discriminação, tudo... Já tinha muitas escolas de futebol aí. Muitas. Muitas. (Laura)

As interlocutoras listam o que tem no futebol, similar ao que há na sociedade: “*A mesma coisa que tem no masculino tem no feminino*”. No futebol tem tudo.

Sim, no masculino também. Com certeza. Com certeza. (...) A mesma coisa que se tem no feminino se tem no masculino. A gente tem gente quem usa droga, tem gente que não bebe, tem gente que bebe, tem gay, tem... É... homossexual... Tudo. (sigilo).

Enny Morais (2014) menciona a sexualidade das mulheres no futebol, mas, como tabu – em que se percebe a vigilância, o segredo e o tensionamento nessa questão. Tanto abordado no estudo citado, quanto nas narrativas das colaboradoras desta pesquisa a homossexualidade é a sexualidade de maior força no futebol de gênero, apesar da proibição. Isso não significa que não exista no futebol dos homens como destacado na narrativa acima.

Eidi Ferreira (2012), ainda que não tenha destacado a orientação sexual das interlocutoras do seu estudo, mostrou os comportamentos masculinizados na conduta das treinadoras dos esportes masculinos no Brasil, sendo a masculinidade importante para o respeito dos atletas treinados por elas e para a confiança profissional, bem como para se manter na função, no sentido de adquirir credibilidade no campo destinado aos homens. Desta forma, sendo ou não lésbica, elas são vistas como homossexuais, seja pela semelhança comportamental ao homem (treinador), seja como é percebida pela sociedade. Como relata esta interlocutora:

Aí, eu fui em um restaurante que tem lá, (suprimo o nome) e perguntei... Pedi a ele pra ir no banheiro. “Seu X (suprimo o nome), deixa eu ir no banheiro”. “Você quer ir no banheiro de homem ou no de mulher?”. Hum, pense. Pense que subiu, né, aquele... Aí, eu olhei pra ele assim: “Que é que você acha? Eu posso ir no qual? Você acha que eu posso ir no qual, diga aí. Olhe pra mim. O que você achar que eu devo ir, eu vou”. Assim mesmo. Aí, ele foi, pegou a chave, me deu, do feminino, e eu fui. Não respondi nada. (Sigilo).

Enfim. Então, não é porque eu sou mulher que eu não tenho que jogar minha bola. Eu sempre disse: eu sou homem daqui pra baixo. Do meu joelho pra baixo, eu sou homem. Pego minha pelada, jogo, não paro. Tenho seis meses

assim sem jogar porque eu abri a virilha, né, no futsal, aí eu dei uma paradinha. Tou tomando medicação e tudo. (Laura).

A homofobia é presente no esporte, que não tolera sexualidades, radicalizando a sexualidade normativa. A homofobia sonora: “Goleeeeroooo, viaaado! goleeeero, viaaado...” Não somente as criatividades futebolísticas e invenções diversas e ricas se deram com a inserção dos negros no futebol, como: “bicicleta, voadora, chapéu, lençol, folha seca, carrinho, cortaluz” e tantas outras, voltadas para a experiência dos negros. Também as expressões agressivas, que se popularizaram e que ainda hoje se mantêm com certa naturalidade, dizem respeito as violências contra os não brancos, a exemplo dos termos macaco, ladrão, maluco e viado.

Pra um homem que é gay participar de um jogo de futebol amador em um bairro, numa comunidade. (...) No campeonato profissional, teve aquele garoto (suprimo o nome do jogador)... Que eu acho que até parou agora de jogar futebol. Ele estava jogando num time até do Nordeste ... Que ele é gay e que se assumiu e que as pessoas, é... Fizeram... Ele sofreu muita homofobia no futebol. Era um ótimo jogador, meio campista pra frente. E, simplesmente, as pessoas o maltrataram várias vezes, chamando de viadinho e tudo mais. (Lívia).

Viado - tem uma correlação com o sexo feminino nos termos da oposição ao masculino: fraqueza, mole, inferior. Viado ou bicha é a natureza da homofobia no futebol. Os termos parecem sinônimos, mas tem diferença: o primeiro é uma classificação homogênea á categoria gay, aquela que se relaciona com o mesmo sexo, e sem classificar se se trata de afeminado ou masculinizado. Enquanto “bicha” classifica com a semelhança a mulher, construída como o padrão, a mulher feminilizada.

Foi construído na ideologia do futebol que goleiro se encaixa em uma das duas opções: maluco ou viado: o primeiro termo é relacionado á coragem em demasia, como: arriscar tudo para pegar a bola, voar, trocar de mão, fazer ponte, cair e levantar. Termo direcionado ao jogador goleiro branco, ou ao goleiro macho negro até que não seja vazado e responsabilizado pela derrota do time. Para início de conversa, homem negro, raramente é goleiro (VIEIRA, 2003). O autor elenca as características dessa função e mostra a incompatibilidade com as características estereotipadas dos negros, criadas pelo racismo.

Vários autores enfatizam a discussão da época, sobre a escala de Bigode – o goleiro negro, na seleção de 50 e a “ vitória perdida”, fator que desencadeou a crítica dos torcedores, cronistas, meios de comunicação esportiva da mídia, a imprensa, os radialistas do esporte, de que o erro partiu em selecionar um goleiro negro. Bigode deve ter morrido-vivo, pois até hoje se rememora o feito - A Copa de 50. Experimentei esse fato na pele, conforme relato:

Iniciei a jogar como lateral esquerda, mas tinha habilidade com as duas pernas, a esquerda também. Mas, diante da minha coragem e pela escassez de mulheres goleiras, fui convidada a treinar nesta função e tornei-me goleira. Viada e maluca, eu era tudo junto (Ineildes/A pesquisadora).

Relacionado á Rogério Ceni, ex-goleiro branco do São Paulo, sendo homem branco escapa ao racismo aonde se insere a força da violência do futebol, e certa feita, é chamado de bicha, em coro pela torcida rival (MANERA, et al., 2015, p. 34). “Goleeeeroooo, viaaado! goleeeero, viaaado...”

O programa “Fantástico”⁷³ revelou uma reportagem com 80 atletas, ex-atletas de várias modalidades esportivas. E desses, 40 atletas e ex-atletas afirmaram que foram vítimas de abusos sexuais do treinador. Na ginástica, ocorreu com o ginasta famoso que decidiu sair do silenciamento. “Clube afasta técnico de ginástica artística por denúncia de abuso sexual”.⁷⁴ Homofobia e violência sexual é tema de debate e preocupação, uma vez que essa categoria – Queer/ LGBTQI não se traduz como ínfimo percentual nos esportes.

É muito comum. E principalmente nesse 30 por cento que não é homo, mas temos também um percentual grande de bissexual, mas também tem as héteros que jogam bola e que tiveram filhos. O percentual de jogadoras que tiveram filhos é imenso. (sigilo).

Esconder ou dissimular identidades Queer (LGBTQI)⁷⁵ não significa “estar no armário”, mas é resultado da proibição das identidades de gênero nos esportes e assinala um processo de violência de gênero e raça nesta esfera. O que já pressupõe a força da heterossexualidade, a invisibilidade ou o armário – que também implica em enfraquecer os orgulhos gay, lésbico e queer. A discussão das sexualidades possibilitou refletir sobre casamento e reprodução como normas de gênero, não como opção, mas como imposição, e os produtos da heterossexualidade normativa (e não a optativa) como parte da prisão de gênero e limitações de desejos.

⁷³ Jornal Nacional (Edição do dia 30/04/2018).

⁷⁴<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/04/clube-afasta-tecnico-de-ginastica-artistica-por-denuncia-de-abuso-sexual.html>. Consultado em 05/05/2018.

⁷⁵ Nos últimos anos surgiram reportagens sobre abuso sexual de homens treinadores á jogadores do sexo masculino em várias modalidades esportivas, inclusive no esporte mais macho – o futebol. Ver Jornal nacional (Edição do dia 30/04/2018). Consultado em 05/05/2018. E site. <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/04/clube-afasta-tecnico-de-ginastica-artistica-por-denuncia-de-abuso-sexual.html>.

Têm. Eu tenho casos, eu tenho casos que têm filhos. São poucos casos, mas existe. Teve filho e, depois, que fez a opção. Ou está e engravidou. Tem casos assim. (...)Tem também bissexuais, né? A gente sabe que existe bissexuais (sigilo).

Relatando que, mulheres do futebol, lésbicas e têm filhos, as narrativas mostram que lesbianidade não significa fim da reprodução, mas também não quer dizer que reprodução, neste caso, é sempre opção e, tanto a heterossexualidade quanto a bissexualidade e/ou homossexualidade é construção, criando assim, homem e mulher de verdade.

4.5.1 Transexualidade no esporte

Sobre a mulher de verdade versus feminilidade duvidosa, em 1936 nas Olimpíadas de Berlim, inicia a inspeção da suspeita de mulheres não serem mulheres e em 1966 se institucionaliza a fiscalização da genitália com os testes de feminilidade introduzidos - atletas femininas eram expostas nuas e submetidas a exames ginecológicos (SILVEIRA, 2013; LESSA; VOTRÉ, 2013).

Anos depois, em 1968 a olimpíada se realiza pela primeira vez na América Latina (apesar dos conflitos que ocorriam), iniciando o teste de feminilidade “[...] testes de gênero e testes de sexo, que conferiam às atletas consideradas aptas a carteira rosa. Esse documento era uma espécie de passaporte para as mulheres participarem [...]” (LESSA; VOTRÉ, 2013, p. 266). Conforme xs autororxs a partir desse período, semanas antes do início dos jogos, para as mulheres atletas, eram transformados em período de terror.

Escândalos olímpicos foram selecionados e utilizados nesse sentido. Uma corredora tcheca, de 1930, chamada Zend Koubrova, viu uma fotografia de seus genitais ambíguos publicados. Ela retornou para sua casa e assim permaneceu reclusa por anos. Vários são os exemplos de humilhação pública e desconforto com relação aos testes (LESSA; VOTRÉ, 2013, p. 266).

As suspeitas de feminilidade duvidosa começaram na era Hitler, nas olimpíadas de 1936, conforme sx supracitadxs. Foi quando os médicos entraram em cena para tais averiguações. A americana Helen Stephens ganhou a prova de 100 m, ganhando da já conceituada Stella Wash (Alemã), e foi acusada por um jornalista que cobria o evento de ser um homem. Os médicos averiguaram os seus genitais e comprovaram se tratar de uma mulher (LESSA; VOTRÉ, 2013).

Apesar das proibições, limitações de gênero na esfera esportiva e imposições em que se exige cumprimento de tecnologias para as classificações de gênero, a diversidade ambiciona inserção, consolidação e igualdade nos esportes. O recorte do esporte de luta ilustra este campo como espaço de desejo de pessoas transexuais/atletas. Contudo, mostra problemas de gênero vivenciados pelas mulheres em esportes masculinizados, para além do futebol. Os campos de esportes masculinizados, por terem sido destinados ao sexo masculino, impede, dificulta e/ou exclui mulheres⁷⁶.

É preocupante a falta de inserção das mulheres nos espaços de mando, poder nos esportes, mas também preocupa a exclusão das pessoas que estão fora dos padrões de gênero. Quem está faltando entrar? (POCAHY, 2013, p.59) “Não quero muito, apenas a radicalidade do estado democrático e democracia epistemológica” (p.62). Carla Grespan (2015) contribui historicizando o gênero neste campo esportivo em que as atletas competem em MMA⁷⁷ desde os anos 1990 e a contratação de mulheres no UFC iniciou em 2012.

Visto nas investigações da autora, a inserção de mulheres neste campo não é relativo á mudanças de conscientizações de gênero, mas de caráter de consumo e capital. O corpo capitalístico. Destaca a categoria queer no esporte de luta relatando o enfrentamento de uma transexual para inserir-se no Octógono, como é chamado este espaço da modalidade. E conceitua queer como “um modo de pensar, de estar em trânsito, em indefinição, em deslocamento, ao mesmo tempo, divide e aproxima, assombra e fascina, escapa” (GRESPLAN, 2015, p. 63).

No seu estudo observei que há categorias e as classifico para melhor ilustrar. Destas, três estando em trânsito (em circulação) e uma de fora: 1) *A mulher de verdade* - a feminina, representada por Miesha Tate e a totalmente aceita; 2) *A mulher corporalmente masculinizada* - representada por Ronda Rousey (Rowdy) e mais ou menos aceita, tolerada pela raça/cor. “O rosto bonito” e loira, apesar de criticada pelo corpo de homem, é aceita pelo padrão combinado entre raça/cor/cabelo. Ambas naturais dos Estados Unidos, na disputa, os internautas torcem pela primeira – a mulher de verdade.

A terceira categoria 3) *A categoria fora/excluída*: a Cyborg, a brasileira Cristiane Santos, conhecida como Cris Cyborg devido ao uso de anabolizantes. Esta é demitida da UFC não pelo uso do anabolizante, mas por ser considerada corpo irrelevante (GRESPLAN, 2015, p.

⁷⁶ UFC (Ultimate Fighting Championship) e MMA (Mixed martial arts/Artes Marciais Mistas) , tema de pesquisa de Carla Grespan (2015).

⁷⁷ Prática corporal e esportiva moderna - Esporte que iniciou nas últimas décadas do sec. XX e com poucas fontes de pesquisa. O que a motivou a utilizar a cibercultura como método (Grespan, 2015, p.27).

80), talvez pelo excesso de masculinidade. A brasileira não tem combinação que lhe permita pertencimento a este esporte de mando e dominação americana: território e corpo. Não há nada que permita relacionar e aproximar-se ao padrão (a imagem não é apresentada no seu estudo).

A masculinidade no corpo das mulheres é como um código de exclusão, desencadeando-se como produto da desigualdade social de gênero. Porque, reflete na divisão sexual do trabalho (MESSEDER, 2012). Na atividade de árbitras de futebol (SANTOS, 2016; CALHEIRO, 2017) elas também são masculinizadas, porém, é uma masculinidade especial e estratégica, de característica subjetiva-comportamental, sendo recurso para dar conta do jogo de futebol. Ao mesmo tempo, na atualidade, a maioria aparece feminilizada – na estética, nos uniformes, no cabelo, como uma exigência deste setor para pertencer a este campo de trabalho. Em suma, combinando masculinidade com feminilidade.

E a quarta categoria 4) A que nem entra: *a transexual* representada por Fallon Fox, uma lutadora, mas que não é contratada pela organização (GRESPLAN, 2015, p.85), por isso não pode ser demitida sequer é admitida. A sua existência é aí ignorada - fora de circulação. Sobre o termo “transexual”, não existe a possibilidade de dizer em termos universais o que é transexualidade, tanto a feminina quanto a masculina (ALMEIDA, 2012, p. 515). Berenice Bento (2006) esclarece que a experiência transexual é identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero.

Refletindo sobre a transexualidade no futebol, *mulher trans* foi vista no futebol argentino⁷⁸, questão que se inicia no futebol profissional de mulheres na Argentina e mostra que essa categoria vem tentando adentrar ao espaço esportivo e, ao mesmo tempo significa o “orgulho Queer”. Conforme a web, Mara Gomez torna-se a primeira transgênero a competir na liga profissional na Argentina. E também é a primeira jogadora de futebol transgênero.

Nessa categoria ocorre a mudança de sexo/corpo e, igualmente ocorre mudança de desejo por pessoas do mesmo sexo? E é instigante a inquisição: ao mudar de sexo muda-se de subjetividade? Essa pergunta implica refletir sobre a experiência de ser homem-trans no meio social de homens-cis, e mulher-trans no meio social com mulheres-cis considerando as novas e grafadas apreensões.

Para ser homem é preciso mais que masculinidade, e para ser mulher é preciso mais que sexo. Para ser trans é preciso mais que corpo e refletir na subjetividade. Contudo, trago uma reflexão sobre o fenômeno: mudar de corpo/sexo é mudar a subjetividade?

⁷⁸Consultado em:

<https://www.dw.com/en/argentinas-first-transgender-soccer-player/av-52266253>. Notícias de TV/DW.

Desse modo, numa sociedade padronizada e dicotômica, sociedade não dupla, mas dividida em dois (homem/mulher), caberia o homem trans no grupo dos jogadores de futebol ou, em trabalhos de liderança futebolística? Como, por exemplo, na arbitragem, uma vez que este “outro” homem pode ser identificado como alguém que está entre o “ser e o “não ser”, não sendo nem um “homem legítimo” (o verdadeiro), nem mais uma mulher. (SANTOS, 2016, p. 52).

Tentando compreender meus próprios questionamentos, pessoas trans têm grafadas nos corpos comportamentos socioculturais anteriormente aprendidos, cujas culturas de gênero estão apreendidas? Nesse sentido, tornar-se não homem ou não mulher (cis) adentra-se a novos modos de vida? Naquele momento da pesquisa comecei a pensar sobre a questão articulando com Rolnik e Guattari (2010) por discutirem o agenciamento coletivo e em como é produzida a subjetividade. Os autores explicitam que a individuação do corpo difere da multiplicidade do agenciamento da subjetivação, cuja subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social.

O exposto pelos autores não quer dizer que ocorra automaticamente o abandono das apreensões anteriores. Desta forma, seria esse novo sujeito duplo? “Queer” apreende os dois campos de subjetividades? Aquelas impostas e desejadas e, assim, transforma em subjetivação, ampliando a potenciação?

Pensando o queer of colour, como o queer mais queer, categoria ainda mais oprimida na interseção da sexualidade desviante e a raça – a bicha preta, a lésbica negra, a trans que era alguma coisa e não é mais nada. Talvez invisível por estar no entre-lugar. nem mulher, nem homem. Vejamos como essa categoria aparece nos conhecimentos do futebol brasileiro, na visão das interlocutoras, diante da pergunta se tem pessoas trans no futebol:

Trans, não. Mas, homossexual tem uma média de 60 por cento, apesar de muita gente achar que futebol é coisa de macho, não é mesmo. Só que eles são muito corporativistas e aqueles que queriam ou teriam a condição de sair do armário, eles simplesmente não deixam. Na verdade, eles são muito machistas. Eles não querem ser vistos como gays, mesmo porque isso interfere de forma negativa sobremaneira na sua remuneração e na sua relação com o torcedor.

Na verdade, eles morrem de medo dos torcedores e da sua própria família, né? Que muitos não têm o nível educacional e intelectual suficiente pra entender que eles têm direito de ser o que eles quiserem ser. Certo? Não do ponto de vista de se assumir, mas eles são, eles se sentem à vontade e fazem coisas... Inclusive, tem relatos aqui (...) Mas eu não vou tocar nesse assunto. (sigilo).

O assunto da homossexualidade no esporte é ainda tabu. Parece perigoso para quem toca nesse tema: “*mas não vou tocar nesse assunto*”, frisou a interlocutora seguinte. E por outro

lado o conceito de transexualidade ainda é muito incipiente no senso comum, fora do campo acadêmico/científico e da linha de gênero e sexualidades.

Nós tivemos uma experiência de uma pessoa que treinava com a gente. É...
 O nome dela é Porrete. Ela era mulher trans.
 [Era um homem que virou mulher? Pergunto.
 É, mulher trans. É. Só que o que aconteceu... Ela era do candomblé e passou a ser cristã.
 Trans homens, mulheres que se tornaram homens, dentro do futebol feminino, a gente tem... Tem pessoas jogando, mas não se autodenominam como transhomens. Homem trans. Não se autodenomina, se denomina como lésbica (sigilo).

Sobre a questão da trans reconhecida exclusivamente como lésbica, Berenice Bento (2006) mostra que há transfemininas que se definem como lésbicas, e masculinos como gays (p.154). E em relação xs cirurgiadx e não cirurgiadx, a autora aborda o discurso do “verdadeiro trans” (p. 133), compreendendo que há “x Outrx trans” no interior desta categoria identitária.

O fato é que, o mundo LGBTQIA+ está embebido de legitimidades, embora lutem contra isso na sociedade heterossexista e binária. Contudo, gostaria de fechar esse debate trans/LGBT no esporte, mostrando que há tensionamentos, mas, também, há orgulho: “O pênis dela”, p.ex., é o relato da trans não cirurgiada que não esconde o pênis, como é comum ocorrer, para mostrar que é transexual de verdade.

“Voce viu Bárbara? Você viu que ela não esconde o pênis?” (BENTO, 2006, p.53).

O pênis de Bárbara não tem relação com masculinidade.

É O orgulho trans.

5. TREINADORAS, GESTORAS E O ANTIPANÓPTICO: FUNÇÕES DE PODER NO FUTEBOL, O LIMITE DO CAMPO E A INSUBMISSÃO

Fechando o esporte panóptico, a fim de adentrar ao capítulo do contexto antipanóptico voltado para corpos e ancestralidade, essa parte conclui a trajetória das mulheres, retomando a pergunta de partida: Por que “nem mulheres, nem Negras, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol?”

Esta parte, exclusivamente, trata da função de treinadoras trazendo as narrativas das interlocutoras sobre suas trajetórias nesta função específica. As interlocutoras são multi-especialistas: Jogadoras, treinadoras, árbitras e gestoras, com atuações em outros setores de trabalho, o que garante sua estabilidade financeira – funcionárias públicas ou privadas. Portanto, não é o mundo do futebol que lhes mantém. Essa assertiva vai de encontro com os achados em outras pesquisas sobre jogadoras e treinadoras (FERREIRA, 2012; JORAS, 2015).

Em relação as funções de liderança, mando e poder nos esportes, nos últimos anos têm ocorrido participações de mulheres em espaços profissionais no futebol, como árbitras (REIS; ARRUDA, 2011; MOURÃO et al, 2015; MONTEIRO; 2015; SANTOS; MESSEDER, 2016) e, ainda que em menor número, já aparecem mulheres na comissão técnica como treinadoras. Esses números são insignificantes, exceto quando se agrega diversas modalidades esportivas (FERREIRA, 2012, FERREIRA et al 2013).

Retratando o campo oficial com a categoria olímpica, Ferreira (2012) em “*O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil*”, assinala em sua dissertação (método quali/quantitativo) com entrevistas e outras fontes, um percentual de 7% de mulheres na categoria de técnicas esportiva no país. Considerando que o seu estudo incluiu a função de treinadoras/técnicas em diversas modalidades esportivas, e não exclusivamente em futebol.

No recorte da autora foram entrevistadas 13 treinadoras, dentre estas apenas duas eram do futebol (uma de campo e uma de futsal). Sete do total treina a categoria masculino adulto - incluindo a treinadora do futebol de campo, e atesta a sub-representação de mulheres no comando do esporte, em sua amostra quantitativa (considerando todas as modalidades. Ela afirma que “71,4% das federações esportivas possuem 100% de homens filiados como técnicos” e as mulheres são na maioria treinadoras das mulheres, e conclui que a carreira de comando esportivo no Brasil ainda se encontra voltada para os homens.

As interlocutoras revelam esse mesmo problema na Bahia, a partir de suas experiências, contam a dedos, na mão, e só conseguem quantificar quando inserem a comunidade. Só

avaliando os Clubes da Bahia, não se encontra mulheres como pertencentes a este espaço, mesmo no futebol de gênero.

Hoje, nós temos eu... Eu sou do masculino e feminino. Daniela é do masculino e do feminino. Dani agora. E do feminino a gente tem Rosana, tem Jose também, que Jose é do Unidos Castelo Branco. E tem Catita, que é do Unidos da Boca do Rio. (Laura)

Então, eu fico muito preocupada com isso porque são profissões ditas para homens. Porque foi criado esse... Esse parênteses, né? Ditas para homens. Porque a gente não quer estar em profissões dita para homens, a gente quer estar em profissões que é feita para todos os cidadãos e cidadãs brasileiras. Isso me entristece né? (Livia).

Esse problema de gênero no futebol é preocupante para o campo do trabalho/ocupações e renda limitante para as mulheres. Como preocupou-se as interlocutoras. A autora Pamela Joras (2015) revela esse problema também. A autora é ex-atleta de futebol e sua interlocutora Aline, ex-jogadora olímpica desta modalidade, treinadora (de mulheres) e comentarista desta modalidade e sexo. A autora destaca a sub-representação de mulheres neste esporte no Brasil, bem como a invisibilidade, e a negação á profissionalização, além da falta de inserção no comando técnico e em gestão, nesta esfera, como também como a permanência quando ocorre alguma rasura, e obviamente é negação de direitos. Nesta transação, o topo é a utopia?

Na função de gestão no esporte o topo aparece como utopia em que se observa o limite do campo para as ditas minorias. A pergunta: “o topo é a utopia?” reflete sobre a função de gestão de mulheres, negrxs e queer nas instituições esportivas. Quando o poder é maior a oportunidade é ainda menor para estes/estas. O limite das mulheres nos espaços de poder é visível como algo não efetivo quando a função é gestão no esporte, para além do amadorismo e das comunidades.

Essa função na gestão de clube foi também experienciada pela interlocutora Dilma, que nos informa sobre sua passagem na administração do Clube Palmeiras. No entanto, caiu na invisibilidade e, apesar das participações, não ocorreu a igualdade com os homens (brancos). Foi passageiro, esporádico, não efetivo. Vejamos:

(...) em 97, eu trabalhava no Palmeiras (...) como diretora administrativa do Palmeiras. Saí daqui como treinadora porque levei a maioria das minhas atletas pra lá. E o treinador era um homem (...). Mas a gente conseguiu, no Palmeiras, botar uma mulher. Quando eu assumi a diretoria administrativa, que vi que Filpo Núñez já não tinha mais a idade, né? Que Deus o tenha. Foi quem criou a academia do Palmeiras. A gente conseguiu colocar a professora

Valesca, ela era preparadora física. Como também no São Paulo a gente tinha preparadora física, diretora ... (Dilma).

“A ausência de mulheres em cargos de destaque na gestão esportiva dos clubes é um ‘reflexo contextualizado’ da ausência das mulheres em ambientes públicos e políticos do final do século XIX” (SALVINI; MARCHI Jr., 2016, p. 308). O avanço de gênero vem se dando em vários seguimentos, no novo século, mas, por que no esporte não? Apesar de que, há rasuras, quando há está sempre pautado em uma categoria exclusiva, a partir do pensamento racial com o padrão de beleza instituído - Brancas e loiras. Nesse sentido, a (não) presença de mulheres no Brasil no espaço de liderança esportiva é ainda mais insignificante para as mulheres rejeitadas, as não brancas: negras, indígenas e as demais etnias.

Na parte mais alta da hierarquia do poder a única gestora do futebol dos homens, de que temos conhecimento foi Patrícia Amorim, ex-presidenta do Clube de Regatas Flamengo, com mandato de 2009-2012 (GOMES et al, 2012). Entendendo que não foi o objetivo das autoras refletir sobre a questão racial na gestão esportiva, mas é importante ressaltar a raça, sendo esta gestora da categoria mulheres brancas, podemos inferir um pensamento sobre a questão do privilégio e da vantagem.

Contudo, a permanência é outro ponto de enfrentamento destacado por elas, o que significa dizer que nada está ganho sem consolidar gênero no campo. Enquanto as mulheres brancas são sub-representadas nestas rasuras, as mulheres negras ainda precisam entrar. E, embora hajam excessões não se concretiza a conscientização, mas uma válvula de escape (de dominadores) de uma possível prestação de contas, daqueles que dominam este setor, forjando-se uma suposta democracia, quando se tolera a participação da mulher. Mas, é a falsa democracia em jogo. Sobe-desce e retrocesso. A instabilidade do campo. Quem comanda, treina as equipes das mulheres na Bahia? São mulheres?

Existe mulheres, mas a gente percebe que a maioria dos times os homens estão na frente treinando. São, assim, poucos times de mulheres que na comissão técnica, a gestão são mulheres. Mas, existe mulheres que estão aí. Só nas equipes de bairro... Tive a gestão de algumas mulheres. Mas, nas equipes, assim... que participou de campeonato oficial, não. Sempre foram homens. Na maioria, homens. (Lívia).

(...) Você quase não via mulheres treinando aqui. E eu acho que esse meu interesse partiu... A partir daí, dessa situação de eu ver que os homens, por mais interessados e esforçados que fossem, não eram qualificados para aquilo, tá, e não tinham uma compreensão do domínio do mundo da mulher, né? (Rosana).

Sendo o amadorismo ainda vigente, muitas vezes, as ex-jogadoras se tornam as treinadoras das equipes comunitárias, no entanto, quando estas equipes crescem ou as atletas passam a jogar em equipes de Clubes ou prefeituras, estas mulheres líderes não acompanham suas atletas, são vetadas para este trabalho e a função passa a ser legítimas dos homens, como corroboram os relatos e os estudos.

As interlocutoras informam sobre o comando dos times de mulheres das comunidades e a comissão técnica, e que há uma diferença quando as equipes são de clubes e participantes de competições oficiais. Há treinadoras (mulheres) nos times das comunidades, mas quando são times dos clubes ou se tornam times dos clubes o comando é dos homens. Isso é histórico, porém, afirmam que há mulheres treinadoras capacitadas e profissionais na Bahia. E isso é igualmente histórico.

Os técnicos são homens, a comissão técnica são homens. Por exemplo, os massagistas também são homens e, às vezes, a gente nem se sente bem com aquele massagista. A gente tá ali e ele tá passando a mão no nosso corpo, na nossa perna e tudo mais. E tem muitas piadinhas, né? Eu estou falando porque eu já passei por isso, né? Não vou citar nomes porque eu acho que não vem ao caso, mas já vi também com algumas amigas de futebol feminino. Então, a comissão técnica, por ser só de homens, eles demonstram poder masculino (sigilo).

Em seu estudo, Enny Morais (2014) ressalta que os treinadores das equipes (amadoras) da Bahia, nos anos 80/90 eram do sexo masculino, e como mostram as interlocutoras, isso não mudou. A saber a participação de mulheres treinadoras em futebol no Brasil e nas competições oficiais masculinas, as respostas são unânimes:

Não, não tem. Hoje só... Você só ouve falar de Emily, que tá na Seleção Brasileira. Finalmente, a CBF acordou e percebeu que tem que ter uma mulher treinando equipe feminina. Como eu te falei, isso é uma vontade da FIFA. Então, com certeza, pra CBF fazer isso, já é... Na verdade, já chega a ser imposição, né? Você vê grandes países, que são as grandes seleções sendo treinadas por mulheres. A Suécia, com Pia, os Estados Unidos, a Alemanha e por aí vai. Muitas seleções sendo treinadas por mulheres. E o Brasil não podia ficar de fora, né? Então, finalmente, depois desses anos todos [...] (Rosanaa).

“Não vi, não vi, não vi, não vi. Não me recordo, não vi. Acho que não vi mesmo nenhuma mulher treinando futebol”. (Lívia).

Sabe, a gente tem poucas mulheres que são técnicas hoje. Praticamente não existe. Hoje, só a Seleção Brasileira, né? Ela hoje, né? E só mais na arbitragem. (Laura).

A falta de políticas públicas de gênero para o campo do trabalho no esporte é uma preocupação para as interlocutoras, a falta de consolidação do gênero mantém o androcentrismo

no setor. Mesmo assim, Dilma frisa: “estamos caminhando”. Na sua visão, a convocação de Emily para o comando da seleção brasileira de mulheres, é uma prova que “estamos caminhando”.

Estamos caminhando (...) Eu acho, assim... que, primeiro, foi uma luta de todos. De todos os segmentos. Na verdade, é aquela história assim... Tem uma hora que... que... pede. A situação pede. E já tava feio pra CBF ficar insistindo de que a mulher não teria condições de assumir. É uma excelente treinadora, tem uma qualidade de conhecimento muito boa. Não é porque teve duas derrotas agora que a gente vai... O mal do brasileiro é esse, né? Subjugar pelos resultados imediatos (...). Porque os homens perdem e continuam (...) A gente precisa continuar dando apoio a ela, lógico. Eu conheço ela. ... Eu trabalhei no São Paulo, no ano de 97... Na Paulistana (Dilma).

Dilma viu de perto a competência da colega, e entende que temos que exercer a sororidade, dar apoio. E a sub-representação de mulheres no comando dos esportes, uma questão desigual com os homens, é trazida por ela que vê estranhamento quando se trata mulheres, diferentemente dos homens: perdeu, saiu. “*O mal do brasileiro é esse, né?*” Mas, essa regra de perdeu, saiu, ocorre com as mulheres e com os homens negros, como vimos nesse estudo. Indicando resistência às políticas de igualdade.

A falta de oportunidades e o número irrisório de mulheres, no Brasil, como treinadoras no futebol oficial das próprias mulheres, não é sinônimo de inclusão. Pois, não há garantia de permanência, como ocorreu com Emily treinadora da seleção brasileira de futebol das mulheres, em 2016. Sua contratação foi uma espécie de “cala a boca feminismo”, pois, além de ficar tão pouco tempo na função, substituída, ocorreu a contratação de outra mulher. Embora que tenha sido por uma mulher, se trata de uma norte americana, esta, com contrato estável. Como uma espécie de: “você quer mulher no comando e agente escolhe com base na colonialidade de poder”. A ascensão social das mulheres do futebol, está nele próprio?

O futebol, não. A minha vida profissional enquanto gestora, enquanto professora. O futebol, não. Não ganhei nada com o futebol, em termos de recursos financeiros. Não ganhei. Nunca. Só gastos. Só gastos. Já saí candidata à vereadora pelo PCdoB. Tem uns dois... Três anos... Na outra... Não, tem uns quatro anos que eu saí candidata à vereadora, sem um real no bolso. Eu não tinha um real. Me deu na cabeça. Por quê? Pra ajudar o futebol. Pra ajudar o futebol. Eu digo, a minha intenção era os meus projetos de futebol. Mas, menina, eu não tinha um real. Não tinha nada. Pense uma loucura na minha vida. Mas conheci muitas pessoas. Eu tive mil votos. Mil votos eu tive, sem um real. (Laura.).

Com estratégias, a luta continua....

5.1 A TRAJETÓRIA DE “DILMINHA” COMO TREINADORA DOS HOMENS

Dedicando-se à categoria “treinadora dos homens” e também das mulheres, além de gestora, com passagem por clube de elite em setor de base e administradora, coordenando a Arena 2 de Julho em Camaçari/Ba. Nesta narrativa, Dilminha mostra retrocessos nos progressos das mulheres no trabalho de mando no futebol. As mulheres estavam quase ocupando o mesmo espaço que os homens no futebol, na liderança, mas tudo cai por terra.

As mulheres estavam ficando com o mesmo espaço. E eu sempre tive isso, essa revolução, né, dentro de mim. De nunca me conformar de tá o tempo todo em zona de conforto. Eu vou partir pra trabalhar com o masculino. Quando... É... Em 2000, eu assumi um time no Campeonato Baiano... É... Juvenil. Era o pessoal até 18 anos. Masculino. No Campomar. E aí, comecei a trabalhar no Campomar como treinadora do masculino também, que era época de Felipe, que é... Hoje é... Foi goleiro do Vitória. foi goleiro do Corinthians. (...) Que fizemos uma grande equipe de treinadores no Campeonato. Aprendi muito com eles também, né? E aí, passei a trabalhar com o masculino.

Crendo que ao se tratar do mundo do futebol é preciso estar de fora para brigar politicamente. Sai do campo e segue pelo Fut-7, percebendo mais liberdade, e foi aí que adentrou ao comando da seleção dos homens do fut7. É a única mulher do Estado oportunizada no futebol profissional (fut-7), mas, antes teve uma trajetória nesta função, treinadora de estudantes, chegando a treinar a polícia federal masculina por quase oito anos, e treinadora do TRE. Ela narra essa trajetória.

É. Eu já vinha, na verdade, em Camaçari, trabalhando com o masculino nas categorias menores, né? Categoria de sub-14, sub-13 masculino. Mas um campeonato forte masculino foi lá no Campomar. Numa competição internacional, foi junto com René, e que foi aquele Brasil X Austrália, né? Nós tivemos, trouxemos a Austrália, em 93. Já tinha tido uma primeira experiência em 93, mas com mulheres, né? De amadora. Que a gente fez o desafio Brasil X Austrália e trouxemos a Austrália para cá porque as Olimpíadas na Austrália ia ser em 2000.

Aí, nós trouxemos as meninas com a faixa etária de 15, 16 anos. E elas também já estavam fazendo um trabalho para o futuro, né? Para a futura Olimpíada, de Sydney, e aí elas vieram à Bahia, né, em 93. O jornal A Tarde cobriu... Eu tenho que até ir na escola buscar esses recortes de jornais porque a gente tem esses recortes de jornais todos... Eu emprestei pra uma feira de cultura aí e preciso ir lá buscar.

Eu fui treinadora da Polícia Federal (...) Participei dos Jogos da Polícia Federal do Brasil. (...) Eu era treinadora de futsal e futebol society. Masculino. Nós não tínhamos, na época, feminino. (...) Eu fui contratada por eles. Também fui treinadora do TRE, né, Tribunal Regional Eleitoral do Estado da Bahia. do masculino, futebol society. Tive essa experiência belíssima. Não posso

esconder que a experiência que eu tive em escola também. Eu trabalhei 16 anos como treinadora de futebol e futsal no CEMA.. (...) Aí, eu tenho um curso de pós-graduação em psicologia esportiva... Porque eu acredito que é extremamente necessário a gente está equilibrada para poder equilibrar.

Essas experiências lhe possibilitou treinar a seleção brasileira de fut7, fruto de sua competência e luta, pela sua experiência com o esporte nas esferas estadual, nacional e internacional. Lembro que há muito tempo atrás, bandeirei um jogo internacional, amistoso, de mulheres, em Salvador, em clube com Dilma treinadora do time brasileiro. Do outro lado, o treinador era um homem e branco. Dilma fala sobre sua experiência no mundo masculino e treinadora da seleção brasileira no Fut7 – futebol Society, contratada pela Confederação Brasileira, e com orgulho discorre sobre as classificações e do objetivo alcançado, mas embebido de lutas.

Em 2016, a gente foi pro Brasileiro... do Futebol 7 masculino e ficamos... É... Na Copa dos Campeões, nós ficamos entre os oito melhores do Brasil. A gente disputou essa competição com clubes como o Flamengo, como o Vasco, como... É... América, Grêmio, né? Grandes clubes. E a gente ficou entre os oito melhores do país. Então, pras condições logísticas e condições até, inclusive... porque nossos atletas, eles trabalham. Eles trabalham no Polo. São profissionais do campo, muitos que estão sem contrato terminam indo para as empresas, para o chão das empresas. Então, para as condições que nós estávamos, nós traçamos um projeto da gente estar entre os quinze melhores do país e nós voltamos pra cá entre os oito melhores. (Dilma).

Então, o objetivo foi mais do que alcançado. E, neste mesmo ano, nós fomos com o feminino. Dois meses depois, nós viajamos com o feminino pra disputar o Campeonato Brasileiro, sem nenhuma condição. Se a gente já não tinha patrocinador com o masculino, imagine com o feminino. Nós dividimos, sem vergonha de dizer, um cachorro-quente e um Tampico pra dois.

Essa final foi televisionada pelo Esporte Interativo, ao vivo... E a gente conseguiu... Nós empatamos um jogo onde tinha cinco atletas da Seleção Brasileira no outro time, onde tinha uma estrutura que as meninas todas ficaram em hotel e a gente ficou dois dias dormindo em vestiário. Vestiário. E a gente conseguiu ser vice-campeão do Brasil.

Então, por todos esses feitos, eles tiveram o entendimento... Até pela condição que nós tínhamos e pelo potencial técnico, eu tive um convite em 2016 pra assumir a Seleção Brasileira de Futebol 7 feminino.

Mas, como faz parte da vida das mulheres, participação não significa consolidação na função, após o competição finda o contrato. Ela está fora, mas resolve lutar pela sua inclusão na função de treinadora. Envia uma carta informando o seu interesse em continuar. Afinal de contas, ela foi muito bem: qual é o problema? O problema é que nossas conquistas não tem garantias. Nem a democracia é garantida. Precisamos de garantias. Continuar a luta, usar

estratégias: carta, explicações, compartilhar a dor, buscar a rede e as conexões, seja lá como for, mas não deixar retroceder.

Eles perguntaram: “o que é que você quer?” “ E eu falei assim: Eu queria que na convocação saísse que eu sou treinadora do Camaçari F7”.

E aí, nós tocamos um projeto, em dezembro nós tivemos a eleição da nova diretoria, né? A nova diretoria assumiu agora, em 2017. Eu, até por questões democráticas... Eu fiz uma carta e entreguei livre pra que essa nova diretoria ficasse à vontade, lógico, para convidar novamente, pela nova diretoria, ou não. Até agora, não teve nenhuma convocação de Seleção Brasileira. Mas também eu continuo vivendo da mesma forma.

Mas, a experiência que eu tive realmente pra o currículo é de extrema importância. Como mulher, como treinadora, como filha e moradora de Camaçari, isso é muito importante. [...] **Eles perguntaram: “o que é que você quer?”**. E eu falei assim: “Eu queria que na convocação saísse que eu sou treinadora do Camaçari F7.[...] E eu fui convocada através do trabalho realizado com o futebol 7 feminino de Camaçari. Então, isso foi de suma importância. Foi um dos pedidos (Dilma)

Não dá para ficar esperando um convite que não chega para as mulheres. Tem que abrir a boca. Dilma abriu a boca e participou do campeonato baiano masculino.

Estamos na final contra o Imbuí... Vai ser um grande jogo, se você quiser ir lá... (...) Então, assim, eu sou treinadora dessa equipe adulto, onde esses atletas são profissionais do futebol de campo. E muitos podem... Assim, até tem contrato. Tem atletas, como Fausto, de Camaçari, como Glauco, como Fernando, Marcelo, Fagner, Fábio... Nós temos... Quase todos eles são atletas profissionais de futebol de campo.

Eu resido aqui. Em Camaçari. E lá, na Secretaria, eu sempre fui treinadora do masculino e feminino. Sempre tive feminino. Hoje, eu tenho um projeto, que também é um projeto social particular meu, que é o projeto Camaçari F7, onde nós temos uma comissão... Um dos nossos coordenadores é Fábio... Meire, Dilma, Fábio e Marcelo.

Meire que foi a árbitra? (Pergunto).

Não. Meire, ela também foi árbitra, mas não é aquela Meire... Ela foi jogadora, Rosimeire Brito. A outra é nossa grande estrela do futsal, que ela foi confederada, inclusive (...). (Dilma).

É... Campeããã!

A treinadora Dilma em exercício de treinadora no profissional masculino



Figura 15. Fonte da internet⁷⁹

A treinadora em exercício de gestão, na Arena em Camaçari/Ba e seus vários troféus



Figura 16. Fonte: Acervo próprio

A treinadora tem acervo próprio fotográfico, troféus em quantidade que se perde as contas, certificados de qualificações, documentos diversos que me foram apresentados, muitos destes encontram-se em sua sala de diretora da Arena 2 de Julho, em Camaçari.

O Fut-7 dos homens é recém-chegado na Federação Baiana, e o primeiro campeonato ocorreu em 2013 mas vem ganhando espaço. E a modalidade das mulheres no fut-7 segue a lógica do gênero do mundo do futebol: sub-representadas (MONTEIRO, 2016). O autor flagrou no seu estudo o papel menor desenvolvido pelas árbitras destas modalidades em futebol, o auxílio, e isto, quando as mulheres rasuram esse setor.

A treinadora continua no campo, porém, “fora do campo”, no fut-7 e no Futsal, é estar “dentro-fora”, posto que sejam modalidades ainda em construção no Brasil, no que tange aos aspectos simbólico e profissional, e na categoria mulheres o problema ainda é maior. Essas denúncias são unânimes e isso vale para todo o Brasil quando aprecio outras pesquisas. E quando passamos a falar de retorno financeiro como treinadora, vemos que a realidade ganha diversos contornos: É muito desgastante viver décadas sem ver mudanças efetivas no futebol das mulheres.

A falta de retorno financeiro e essa desigualdade com os homens é um grave problema. Apesar de que, remuneração “*na Seleção, sim (...)*” (Dilma). Quando o assunto é retorno financeiro para as mulheres no esporte brasileiro, esse caso não é isolado, há mulheres que

⁷⁹ Extraído da Federação baiana de Fut-7. Imagem da seleção masculina adulta de Camaçari/Ba. A imagem ilustra o jogo final do campeonato baiano. Vitória de 3X2 no Real Uruguai em 08/07/2017 na Arena Imbui, em Salvador-Ba.

recebem apenas 20% do que ganha os seus atletas, e há também quem não recebe nada (FERREIRA, 2012, p. 67). Isso mostra em parte, porque decidiu abandonar o futebol das mulheres de campo oficial e migrou para o fut-7.

Tive o convite de vários clubes hoje profissionais da Bahia pra assumir como treinadora de futebol feminino. Mas, eu não aceitei... Então, eu fiz a opção de ser treinadora de futebol 7, de futsal, mas não ser treinadora de futebol de campo. Porque eu preciso defender a bandeira do futebol de campo feminino. Profissionalizar o futebol feminino.

A ascensão social das mulheres negras não está no futebol.

5.2 A TRAJETÓRIA DE ROSANA NO COMANDO

Ainda na faculdade, ainda jogando futebol, eu consegui conciliar a função de atleta e de treinadora. Fui campeã baiana em 92 pela primeira vez, pelo time de Camaçari, Associação Desportiva de Camaçari... Acumulando a função de goleira e de treinadora. Isso em 92, né? E, algum tempo depois, formei um time na Universidade Católica, a pedido do coordenador de esportes... Do coordenador do curso de Educação Física da Universidade Católica, em 95 ou 96. Na época, era o professor Carlos Pimentel. Eu também era treinadora e era goleira do time.(Rosana).

Eu fui preparadora física do júnior do Ipiranga. Inclusive, naquela época, eu fui a primeira mulher preparadora física e conseguimos um grande feito, já que a equipe profissional do Ipiranga foi rebaixada pra segunda divisão do Campeonato Baiano e o júnior passou pras semi-finais.(...) Hoje não é mais assim. Mesmo porque hoje se chama sub-20, né, é uma outra competição e que é disputada em momento diferente do calendário da Bahia. Mas, naquela época, o júnior jogava na preliminar do profissional.

Fui remunerada em alguns meses, mas não em sua totalidade, né? Quando terminou o campeonato, o clube, que ficou de pagar, não tinha dinheiro, perdeu dinheiro... Enfim, não tinha como remunerar (...).

De jogadora tornou-se árbitra, e após deixar esta função dando cartão vermelho ao preconceito e ao androcentrismo no comando do futebol, tornou-se treinadora das mulheres, realizando cursos na função. A imagem é da interlocutora colaboradora, e retrata sua primeira escala para apitar jogo profissional masculino no campeonato Baiano, em 2007.

Rosana em atividade de poder/arbitragem



Figura 17. Entrevista. Fonte: Jornal á Tadrde/Ba, 08/03/2007⁸⁰.

Recortando sua trajetória, estratégias, decepções, conquistas e expectativas, além de árbitra da FBF e CBF, Rosana foi diretora do Dpto feminino da Região do Nordeste, em 1994/95 foi preparadora física do time masculino de juniores do Esporte Clube Ypiranga (em Salvador/BA), classificado entre os quatro primeiros colocados. Ela discorre sobre a função na equipe técnica do Ypiranga e dos ganhos financeiros.

(...) De lá pra cá, desde quando eu saí da arbitragem, eu tenho feito cursos, tenho sempre me aprimorado. E tenho colocado isso em prática também. Porque, de lá pra cá, eu já treinei o Galícia, o Bahia, o Vitória, o Lusaca. Sempre coloquei essas equipes entre os quatro primeiros das competições de que eu disputei. E sem contar que duas vezes fui vice-campeã(...). Nunca recebi um tostão, nem pra jogar nem pra treinar essas equipes. Só vim ganhar alguma coisa como treinadora no Vitória, em 2010. (Rosana).

Aí, eu já tinha largado a carreira de arbitragem... E, aí, fui pro Rio de Janeiro fazer curso internacional de treinadora de futebol, pela Associação Brasileira de Treinadores de Futebol. Durante esse curso, eu recebi convites pra... Para o Canadá, que eu falo inglês... Recebi convite para treinar uma equipe de futebol profissional em Palmas, no Tocantins. O presidente desse clube estava lá fazendo esse curso, mas eu não aceitei.

É... Nesse mesmo curso, estavam lá Preto Casagrande... Valter Casagrande... É... Carlos Casagrande, que é, hoje... Que é um ex-jogador do Bahia e do Vitória (...) Foi meu colega de curso daquela época. Quando eu retornei também, fiz o curso de treinador de futebol da Federação Baiana de Futebol, né. E, como sempre, nesses dois cursos, eu era a única mulher participante. (Rosana).

⁸⁰ O recorte do jornal, de acervo de Rosana, foi cedido para a pesquisa.

As mulheres começam a pensar que o problema é qualificações e fazem muitos cursos pensando em sanar esse problema. Com o tempo descobrem que não há “buraco mais embaixo”, o buraco está em cima e em todos os lados – o buraco do gênero e da raça. Apesar disso, todas são unânimes em acreditar que os estudos, a educação pode ser determinante na vida das jogadoras. E dizem: tem que jogar e estudar. No entanto, Sueli Carneiro (2011) elucida uma questão que mostra o racismo como barreira.

Para a autora celebra-se um contínuo crescimento da presença feminina no mundo dos negócios, nas esferas do poder em atividades secularmente privatizadas pelos homens. Mas, ela alerta que as negras não experimentam essas melhorias. Desta maneira a migração aparece como um caminho tomado pelas jogadoras e jogadores.

Rosana fala dos convites que recebeu e da sua recusa: Começou convidada para goleira da seleção brasileira quando atleta – recusou; recebeu convite para treinar uma equipe de futebol profissional no Tocantins - não aceitou, e recusou treinar time de futebol no Canadá, além de outros convites como o de fazer comentários sobre futebol, em rádios locais. Todos recusados. Os convites pode ser um resultado de conscientização de gênero, fruto das lutas feministas, e o reconhecimento da luta das mulheres. E por que as recusas?

Para entender a recusa, requer discutir com aprofundamento, analisar outros elementos, saber mais dela sobre isso, perceber as angústias, dores, sequelas, medos e desejo, e não se descarta as assimilações de autonegação concernente ao sexo e á raça. Ou até mesmo se o avanço de gênero neste campo é desacreditado. Por fim, ela aponta mudanças no campo, e como fruto de seu desejo segue treinando mulheres, em seu próprio território, monta seu próprio elenco de futebol e sua comissão técnica também constituída por mulheres.

A Madre.

A minha (equipe) que é Madre, a minha comissão é feminina. Lauro de Freitas, que a minha comissão é feminina. Em Lauro de Freitas, tá surgindo um boom de equipes e que, vamos dizer assim, a cada dez... Eu posso lhe dizer assim, a cada dez times de futebol feminino, um é treinado por mulher. É isso que eu posso lhe dizer hoje. O número de mulheres é muito pequeno, mas eu acho que a tendência é crescer cada vez mais. Agora, o problema disso tudo não é que tenha mulher treinando. O que eu acho é que tem que ter mulher qualificada pra treinar. (Rosana).

Juntas: em atividade de comando.



Figura 18. Rosana Vigas e Ineildes Calheiro. Fonte: acervo próprio.

A imagem é de um jogo internacional de futebol feminino infantil, na Bahia, em que atuamos juntas, como árbitras, pela Confederação brasileira de Fut-7. Modalidade que também nos especializamos. Fizemos uma história juntas, uma puxando a outra, mas, o esporte é um lugar androcêntrico, ainda sem efetivação para os não-homens “de verdade”.

A ex-goleira, torna-se árbitra⁸¹, e sair desta função se dedica a treinadora das mulheres, mas não é no futebol que se faz financeiramente. Quer seja no campo profissional quer seja na comunidade, o mundo do futebol para as mulheres não se insere como meio de trabalho/renda estável, e por isso, elas (nós) transitam por ambas as categorias e fazem muita coisa para sair “de baixo” e se tornarem classe média. Mas, a luta continua.

5.3 O ANTIPANÓPTICO NO ESPORTE E A MULTIRREFERENCIALIDADE NOS CORPOS: A SIMBIOSE – FUTEBOL, CAPOEIRA E DANÇA

Findo esse estudo com esta seção que permite pensar o esporte como espaço antipanóptico e pensar formas de intervenções. Mas não é o fim do jogo. Apenas mostro formas de confrontação relacionando o antipanoptismo com os saberes do corpo com a memória corporal, ancestral e a multirreferencialidade. As estratégias. A ancestralidade aqui é interpretada no aspecto crítico a ideia de uma África redentora, lugar dos deuses, da magia e do

⁸¹ Sua história na arbitragem é parte da pesquisa com as árbitras de futebol. Dissertação de mestrado (SANTOS, 2016).

axé, mas a ancestralidade como aspecto corpo-vida-saberes, construído na experiência com tudo – a “sociovivência”.

A multirreferencialidade é explicitada como “uma leitura plural, supõe a quebra das fronteiras disciplinares [...] a quebra da monorracionalidade na compreensão, análise, explicação, articulação, construção do nosso objeto. Supõe a leitura plural de diversos ângulos [...]” (BORBA, 1998, p.13). Este conceito é desenvolvido desde os anos 1960 por Jacques Ardoino, considerado o teórico da multirreferencialidade “[...] mais do que uma posição metodológica, é uma posição epistemológica” (ARDOINO, 1993 apud BORBA, 1998, p. 14). Conforme este último autor, multirreferencialidade equivale mostrar como o mesmo objeto, a mesma situação pode ser lido em campos de referências diferentes.

A concepção de multirreferencialidade é expressa ligada inseparavelmente àquela de referência, compreendida como um núcleo de representações de que é portador cada ator social, incluindo como autor outros pontos de vistas que são deixados de lado, com referência ao sagrado, ao transpessoal, à auto-superação, às características míticas, simbólicas e artísticas, irreduzíveis a toda interpretação científica e inseparável do núcleo de referência e de valores do sujeito (BARBIER, 1992, apud BURNHAM, 1998, p. 45).

Neste território a trajetória data-se dos anos 1990, quando foi realizada uma série de conferências em universidades federais brasileiras sobre multirreferencialidade e complexidade nos espaços de formação. O conceito está pautado na crítica à cultura. Burnham (1998, p. 37) articula complexidade, multirreferencialidade e subjetividade, e intersecciona pluralidade de linguagens: verbais, imagéticas, míticas, rituais, mímicas, gráficas, musicais, plásticas, etc., e acrescento as corporais. Nesse sentido, o corpo é ressignificado como o lugar da memória (MARTINS, 1997). Nessa perspectiva notamos que o corpo é referência: corpo-multirreferencializado.

Segundo Teresinha Burham (1998), as linguagens são referenciais de leitura de mundo, o conhecimento sistematizado, o saber popular, o senso comum, em que os sujeitos, intersubjetivamente constroem e reconstroem a si mesmos, o conhecimento já produzido e que produzem as suas relações entre si e com a sua realidade, mas que pela ação transformam essa realidade num processo multiplamente cíclico, contendo a face da continuidade e a construção do novo.

A multirreferencialidade é relevante para repensar a teoria do ser - Teoria dos sujeitos na alteridade e conduz a pensar na multirreferencialidade desfocada da teoria e focada nos corpos construídos na rua, na desigualdade social, no chão, na subjetividade, na experiência imbrincada com tudo. Nesse pensamento crítico pauta-se a decolonialidade (BALESTRIN,

2013) – epistemologia que foca o sujeito localizado, o território não-ocidental, os autores (des)autorizados e a experiência, os movimentos sociais, os sujeitos-comunidade. Desta forma, a decolonialidade dialoga com a multirreferencialidade.

E recorro ao corpo-arte no construto da vida social da exclusão de tudo, compreendendo corpos negros construídos nos tensionamentos. A força se dá para suportar as desigualdades que vem do engano da ideia de democracia racial, social, política e cultural. Nessa conjuntura a arte corporal-negra é para a sobrevivência. O corpo como arte para sobreviver. Vive gingando, fazendo finta, esquivando-se. Esse é o corpo negro no mundo do engano. E a capoeira traz essa epistemologia como código brasileiro.

Permito-me entender a construção desses corpos socioculturais, na sociovivência, na rua, no duro, no chão, descalços. Sendo o corpo tudo o que se tem. É com o corpo que se combate a falsa democracia, ao panóptico, aos projetos tóxicos. O antipanóptico é compreendido como as formas de resistências ao panóptico. É o que ameaça e estrutura o poder. É o jogo que leva a desestruturação da estrutura.

Desestruturar o racismo, o sexismo, o homofobismo. É o despoderizar. E o corpo é o método. O corpo-experiência. O corpo-memória. O corpo-ancestralizado. A magia do corpo. A capoeira, o samba, a dança, o futebol-arte, a estética-afro, o axé, os saberes corporificados, a multirreferencialidade são os caminhos do corpo. Esta poderia (pode) ser a representação e “identidade” de DaMatta (1994) e a “potente lição de demoracia”, se houvesse (ou houver) inserção e ascensão real.

A nossa história é embebida de proibições: do samba (SODRÉ, 1998), da capoeira (ARAÚJO, 2015), da religião (LUZ, 2002; SIQUEIRA, 2006), mas é o corpo excluído construído na rua, campo estratégico, da arte, do saber, é Jogo (SODRÉ, 1988). O lugar da força traduzida como energia vital. *Energia vital* é o que unifica todos os seres humanos na comunhão entre o Orum e o aiyê (céu e terra). A força vital se refere àquela energia inerente aos seres que faz configurar o ser-força ou força-ser, não havendo separação possível entre as duas instâncias (LEITE, 1984, p. 34 apud OLIVEIRA, 2003, p. 43).

Notamos a força vital como um elemento presente em intersecção com outros elementos como a dança, o ritmo, forma os complexos corpos, na arte de driblar, gingar, não de ser, mas sendo. No futebol brasileiro, o futebol-arte, bem como na capoeira, muitos desses elementos são presentes. Momentos da história do futebol notou-se a tradição da cerimônia religiosa “a macumba, o candomblé” (MÁRIO FILHO, 2010; ROSENFELD, 2013).

A dança dos deuses presentes antes dos treinos, nos campos das comunidades entre jogadores e curiosos/torcedores, e antes dos confrontos importantes os jogadores negros que

compunham os times brancos convenciam os dirigentes para consulta com representantes religiosos do axé, os quais cediam, e, após a consulta as oferendas eram postas nas encruzilhadas. A Simbiose no futebol é a arte de capoeirar reinventando-se dançar o ritmo do próprio corpo, na incorporação da força, ginga, a finta no engano, os dribles na vida de exclusão e o esporte antipanóptico refere-se ao esporte desconfigurado como palco de guerra e tensionamentos raciais, sexuais e de gênero, utilizados como meio de aflorar o ódio á diversidade, desarticulador de movimentos.

Dança, corpo e ancestralidade é criatividade, é arte, conforme a compreensão de Inaicira Falcão dos Santos (2017) imbricando corpo e criatividade, reverberando uma comunicação que se consolida com identidade corporificada. É reconfigurado como ferramenta de luta, revolução, insubmissão e combate aos estereótipos, os racismos, sexismos, homofobismos, meio de denúncia e de conquistas, sendo os corpos antipanópticos, movimento. Um investimento do corpo como projeto de estrutura política autônoma, como resistência e combate. Combatendo as desigualdades e os padrões instituídos.

As experiências corporificadas fortalecendo a ancestralidade nos corpos construídos no abandono, na desigualdade, na rua, obriga reinventar-se constituindo-se como arma contra-hegemônica. O antipanóptico surge na criatividade e na sociovivência – corpos marcados na experiência com tudo, e ao ministrar seus próprios atos visando igualdade e respeito e se desvencilhar dos estereótipos negativos, das colonialidades, do que é feio, inferior, das miniaturas. É mistura ministrada -*MINISTURA*.

Como fenômeno a dança representa as tendas dos orixás. Canto, dança, ritmo, movimento do corpo (SIQUEIRA, 2006, p. 71). No Brasil, a dança ganhou uma dimensão de complexidade, com o samba como um elemento africanizado. O samba é uma mistura de cultura musical, de saberes e de sentidos, tendo como mistério a síncopa interativa, a batida completada pelo corpo: a palma, os gestos, etc. Samba é o dono do corpo e Exu é o dono do Samba (SODRÉ, 1998, p. 11).

Capoeira, samba, pagode e axé, entre outros são reveladores do imaginário que norteiam a presença e continuidade africana no seu cotidiano (ARAÚJO, 2015, p, 104). Os elementos do samba constituem parte intrínseca da capoeira angola, sem o samba ela não seria: o molejo do corpo, a mandinga, a capoeira angola transforma o golpe em dança, ginga. O ritmo, o samba, a capoeira e “a síncopa” como afirma Muniz Sodré (1998) é o gesto corporal, o que faltava para a totalidade. A vida negra entrecruzada com exclusão e dor de que tudo lhe falta tem a ginga, finta como síncopa. No jogo da vida se reproduz, rasura espaços proibidos.

A capoeira dá a compreensão deste corpo, pela sua forma de ser arte-ginga-força-negaceio. A capoeira foi revisitada aqui para compreender esse corpo simbiótico. Capoeira e futebol, samba e axé. A capoeira tem duas vertentes: força e arte e se aproxima, dialoga ou intersecciona com as vertentes futebolísticas. A capoeira angola é retratada como arte. É conhecimento concebido enquanto filosofia de vida (ARAÚJO, 2015, p.13).

Similar a história das mulheres nos esportes brasileiro, como no futebol, quando a autora salienta que a capoeira ainda está por ser contada e não se sabe sobre a participação das mulheres, exceto como mães de Santo na atividade de fechar o corpo dos capoeiras (ARAÚJO, 2015, p.111).

Refletindo sobre o androcentrismo na capoeira – lugar de macho, Sara Abreu Machado e Rosângela Araújo (2016, p. 125) discutem sobre o machismo na capoeira, bem como um espaço predominantemente masculino, e igualmente ao futebol, elas mostram que na capoeira também tem mulher, apesar das tensões, desigualdades, barreiras e os enfrentamentos vivenciados. A capoeira se dividiu. Explicita a supracitada: em Capoeira Angola e Regional, levando em conta os conflitos existentes entre ambas.

A capoeira Angola foi desenvolvida pelo Mestre Pastinha. Além de educador é filósofo, poeta, pintor (ARAÚJO, 2015, p. 23). É arte e luta a um só tempo, dentre os elementos que a caracteriza a autora destaca: a mandinga e a malícia, a predominância das mãos, o prazer, a beleza, o ritual e a teatralidade com o fingimento e a dramatização. Esse destaque da autora aproxima a relação capoeira e futebol-arte.

Ivanildes Sena (2015) entende que capoeira Angola não significa que teve origem na África, em Angola. Com essa autora pós-crítica, compreende-se que a capoeira é desterritorializada, isto é, originada no corpo. Em seu estudo discutindo capoeira, corpo, relações de gênero e mostra o fenômeno do corpo na capoeira angola e esclarece que “Angola” (capoeira) não se trata de um pedaço da terra africana e nem da África universal. A mesma crítica a ideia de África romântica no trato com a tradição, ao mesmo tempo que assinala seu pensamento no trato com a ancestralidade, para ela esta não é sinônimo de tradição mas, de corpo.

A autora critica a desigualdade de gênero, a violência, a perda do foco da capoeira Angola, a hierarquização voltada para o poder e não para uma ideia de vivências e convivências - a cosmovisão, e fala da mudança de rota do caminho dos ensinamentos ancestrais, que indicados na cosmovisão africana e na capoeira como união, harmonia nas relações, inclusão, acolhimento e a intersecção sagrado e profano.

Para Inaicira Falcão dos Santos (2006, SANTOS, s/d), baseada em corpo dançante, bailarino, corpo e ancestralidade é intertextual, criativa em relação as ações humanas cotidianas, dissociando-se da tradicional abordagem focada na cópia do rito, volta-se para o corpo dx intérprete por meio de memórias ancestrais, com ações corporais carregadas de significados, trazendo-as para o presente e ressignificando-as por meio da arte do movimento criativo.

Pelo exposto, interpreto que “ancestralidade” é movimento, ação que tem no corpo o território. Não tem cor, tem forma, não é exatamente invisível, porque é sentido. A forma de sentido - cada arte e cada agente a agencia e a codifica com base em sua própria experiência: O jogo de Pelé (Edson), Garrincha (Manoel Francisco), o jogo de Sisi, Pretinha (Delma), o jogo de Edilson-capeta, da estratégica Formiga (Miraildes), o jogo de Marta, o jogo de Neymar, o jogo... o código do corpo.

A arte corporificada é a marca da ancestralidade ressignificada. Sendo a ancestralidade inerente ao ser humano, como expõe Inaicira falcão, logo, não é racial. Em vista de que a ancestralidade se forma, se não a usa, se deforma. Se perde no tempo, se esvai. Ancestralidade é treinamento. Treinamento faz parte do jogo, se não treina, cai no esquecimento da memória corporificada.

5.4. POLÍTICAS PÚBLICAS NO ESPORTE: CHEGA DE PROMESSAS! COTAS – O PROJETO QUE QUEREMOS?

Gritos de muitas mulheres de várias categorias e queer/s ecoaram ao longo da história do gênero nos esportes, e em particular no futebol, enfatizado neste estudo, e elas (nós) “abre a boca” - efeito do empoderamento que o futebol possibilita ao grupo dito minoritário, e hoje, estamos diante de avanços, bem recentes, que vem ocorrendo no Brasil – fator importante ressaltar, e que são resultados de uma luta histórica e conjunta, efetivada pelas ex-jogadoras e as atuantes em depoimentos e entrevistas, como destaca-se Formiga/Miraildes, Cristiane e a rainha Marta⁸² (entre outras) na mídia e em diversos meios de comunicação, reiterando as dificuldades e cobrando do Estado, CBF e Federações, as melhorais, planejamento, salários e a profissionalização.

⁸²http://www.espn.com.br/noticia/298103_jogadoras-reclamam-de-falta-de-salario-e-marta-cobra-mais-investimento-no-futebol-feminino.

O Norte _ Estados Unidos, Europa, e atualmente o Barcelona abre as portas para as mulheres⁸³, é ponto de fuga das jogadoras brasileiras. Do lado de lá, comprometidas e preocupadas, estão de olho do lado de cá. As cobranças e as expectativas continuam na “cabeça” de Marta, eleita seis vezes a melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA, e embaixadora da ONU-MULHER⁸⁴, cobrando igualdade de condições, principal motivo que leva as jogadoras a migrarem para fora do Brasil, porque, o país, não só tem se fragilizado na democracia, mas, no esporte também: 7X1 Alemanha (Copa masculina de 2014) - Olé no Brasil. Que leituras podemos fazer desse acontecimento?

Largadas à própria sorte, as jogadoras buscam um lugar para jogar que lhes deem valor, tanto monetário, quanto em reconhecimento. Destacando a Angola, por ter Baianas jogando por lá, mostrando a relação futebol e comunidade, visibilizando o Bairro da Mata Escura (em Salvador), Laura revela, orgulhando-se da atleta que joga na África:

Sabe quem é Gilmara? Já ouviu falar? Ela joga no São Francisco do Conde (...). Jogou na África, ela jogou na África, né? Ela joga até hoje em São Francisco do Conde. Foi pra África, jogou na Seleção da África, jogou no time, né? Desde cedo. E mora aqui na Mata Escura e, hoje, elas têm uma escolinha de futebol. Montaram essa escolinha... (Laura).

A luta empreendida e que hoje insinua progresso, tem muitas parcerias, inclusive de homens também, e principalmente das feministas e instituições, estas que têm mulheres no comando, como o movimento negro, inclusive o feminismo negro abraçou a causa do racismo no esporte brasileiro, o movimento feminista e em especial o acadêmico também abraçaram a causa do gênero, fazendo chegar à SPM – Secretaria de Política Para Mulheres, Órgão do Governo que, com a crise política e a ameaça à democracia, resiste ao seu banimento, que pode significar o aniquilamento das pautas e ações de gênero que vem ocorrendo no PT (Partido do trabalhador) no Governo Lula, dando sequência no Governo Dilma.

A interlocutora Rosana, esteve presente no encontro de gênero no esporte, em 2008, promovido em Brasília pela SPM - Secretaria de Políticas para Mulheres, com o objetivo de discutir Políticas Públicas no esporte.

Vejamos uma síntese de como foi essa experiência:

⁸³JULIANE SANTOS. .> <https://esporte.ig.com.br/futebol/2019-03-08/futebol-feminino-andressa-alves.html>.> Consultado em 17 de maio de 2020.

⁸⁴<https://cidadeverde.com/noticias/294972/embaixadora-da-onu-mulheres-jogadora-marta-cobra-igualdade-de-condicoes>

Eu já fui pra Brasília discutir políticas públicas para o futebol feminino, com a presença de dirigentes da CBF, com presença de dirigentes do Ministério do Esporte e a secretária... A ministra de Políticas Públicas Para as Mulheres. Então, a partir dali, se foi formado um... um ato, né? Nós passamos um final de semana longo, discutindo e decidindo o futuro do futebol feminino no Brasil. E a gente espera... Eu espero que o mais tardar 2018, finalmente a profissionalização do futebol feminino ocorra. Tá? Quando eu era árbitra também, participei ativamente das reuniões da ... Do Encontro Nacional dos Árbitros de Futebol. Da Associação Nacional dos Árbitros de Futebol. (Rosana/ árbitra/treinadora).

Devido o “sobe-desce”, o “vai e volta”, e volta mais do que vai, me refiro aos retrocessos, invisibilidades e desvalorização que as atletas experienciaram ao longo da história do futebol, lembrado pelas interlocutoras, esses progressos ainda é desacreditado por muitas mulheres do Brasil que acompanharam a trajetória do futebol do gênero. Estou chamando de “futebol do gênero” porque, futebol não é só para macho, nem tampouco restrito a homens e mulheres, o futebol e os esportes em geral, não é patrimônio privado, é patrimônio público - É de todos nós.

Apesar de nossa história futebolística ser embebida de engano e violências simbólicas, com promessas e discursos, como brilhantemente e dolorosamente expressou Solange/ Soró, ex-atleta da seleção brasileira, interlocutora do estudo de Enny Moraes (2014), que ouvia no interior da CBF esse discurso, muitas vezes: “ganha a competição e será profissionalizada”. Essa identidade malandra, às vezes se constitui como violência simbólica. E, todavia, cansa. Como afirma a interlocutora Rosana, que foi jogadora, preparadora física dos homens, árbitra profissional/CBF, diretora e atua como treinadora.

Então, isso assim já me deixou com um alento. Porque, na verdade, chega um momento na nossa vida que a gente vai cansando de tanta espera, de tanta expectativa, de tanta... Tanta promessa, né? Mas eu, agora, estou cheia de expectativa. Eu quero, no futuro, que todos os clubes de futebol feminino tenham mulheres nas suas comissões técnicas. Nas suas diretorias, tá? E que as partidas de futebol feminino sejam arbitradas por mulheres, na sua maioria. Porque as mulheres não podem trabalhar no masculino, mas os homens podem trabalhar no feminino. Isso eu não consigo aceitar. Então, a minha luta agora é: futebol feminino para as mulheres, feito por mulheres e para as mulheres em sua totalidade. (Rosana/árbitra e treinadora).

Desacreditada, mas, com expectativa se houver estratégia, é o que está posto no pensamento de Rosana sobre o futebol e as promessas. A estratégia: “Então, a minha luta agora é: futebol feminino para as mulheres, feito por mulheres e para as mulheres em sua totalidade”. Como atletas e/ou ex-atletas, sabemos que ganhar um jogo não é ganhar o campeonato, pois, vencer não é triunfo.

Desta maneira, os progressos só serão acreditado por todas nós, quando forem solidificados, contudo, chamo atenção para este momento em que estamos fazendo gols, e utilizemos estratégias dentro das estratégias, para participar, fiscalizar e intervir, quando convier. Fortalecendo a unidade – portanto, lembremos do lema da sororidade: “*companheiras, vamos juntas. Sem você eu ando bem e com você ando melhor!*”. Não acreditemos neles, no androcentrismo, mas, acreditemos em nós, na democracia real, que deve se erigir, e na cidadania. “*A gente precisa tá de olho*” (Dilma/treinadora).

Rosana explicita o porquê temos que ficar de olho e sugere ajustes nas ações.

(...) e eu acho que com essa coisa... Essa lei do Profut, que obriga todos os clubes de futebol profissional que queiram ter sua isenção ou sua... suas dívidas trabalhistas revistas e fracionadas, pra que eles possam pagar... Em contrapartida, eles tem que ter, criar o seu departamento de futebol feminino. Não só o departamento de futebol feminino, como a sua base também, tá? Porque, mesmo que eles terceirizem a equipe profissional, eles tem que fazer a base do futebol feminino. (Rosana. Árbitra/treinadora)

Observando que já ocorre políticas públicas no futebol de gênero, esclarece o motivo: “*Porque a FIFA entende que, hoje, o futebol masculino não tem mais pra onde crescer e o feminino tem pleno campo pela frente*”. Ou seja, as políticas públicas de gênero no esporte não se trata de igualdade de gênero, nem de conscientização, nem que o androcentrismo abre mãos da dominação no esporte, mas, conforme sua compreensão, porque os homens não tem mais para onde crescer.

*Sim, a própria CBF criou um grupo de estudos, um grupo de discussão e um grupo voltado para o futebol feminino. Mesmo porque a FIFA decidiu que vai apoiar... Hoje, o esporte onde ela pretende apoiar e que ela quer mais de 40 milhões... Quer chegar ao número de 40 milhões de mulheres no mundo jogando futebol. Por quê? **Porque a FIFA entende que, hoje, o futebol masculino não tem mais pra onde crescer e o feminino tem pleno campo pela frente.** Então, há muito tempo que ela já promove... Há muito tempo que ela já faz isso. A FIFA... Todas as competições femininas da FIFA são mulheres jogando e mulheres arbitrando. Ela, infelizmente, não conseguiu comissões técnicas, né, cem por cento femininas. Mas a tendência é que isso ocorra também.*

Pesquisadoras, ex-atletas e órgãos comprometidos com a questão de gênero, visando formas de melhorias para as mulheres nos estratos de poder dos esportes, em especial o futebol, intervém e propõe medidas de melhorias, conforme destaque uma importante ação, no documento intitulado: “Proposições para o desenvolvimento no futebol feminino no Brasil”.

Analisando esse documento, trata-se de uma Carta/ofício de outubro, de 2017, enviada à CBF, por iniciativa e organizado por um grupo de ex-jogadoras da seleção brasileira e uma

pesquisadora do esporte, com o intuito de manter o diálogo com a instituição nacional e propondo agenda, considerando as determinações da FIFA de 2016, em prol do desenvolvimento do futebol feminino, com 10 princípios chave, e com a criação do Comitê de reformas do futebol brasileiro, desenvolvendo plano de ações priorizando algumas, como a criação do departamento específico de futebol feminino na CBF, cursos para treinadoras, divisão de competições, entre outras.

Hoje, vemos alguns resultados. No entanto, cada Estado precisa desenvolver micros projetos locais, baseado em realidades próprias, com a adesão dos Estados e prefeituras, para que, a união fortaleça o Governo representado na figura da CBF, do Ministério dos Esportes e das SPM estaduais. Evitando que este momento chave se torne políticas públicas que não dão certo e que eu chamo de “políticas frouxas” ou “escorregadias”.

Sobre projeto local, necessário para a Bahia, a treinadora Dilma tem propostas, e que já vem tentando implantar em sua cidade de Camaçari. E explicita o que é política pública de gênero, a partir de sua vasta experiência com o esporte, recortando a categoria mulheres, para a melhor compreensão, e articulando sobre a tecnologia de gênero, como fator que ocorreu nesta sociedade causando profundas desigualdades físicas e subjetivas, “*porque, infelizmente, o menino nasce com a bola e a menina vai brigar por essa bola*”.

Você pegar, fazer um projeto e você querer misturar as meninas com os meninos não é política pública para mulheres no futebol feminino. Você tá fazendo um projeto comum a qualquer outro. Que a menina, você precisa ensinar. Porque, infelizmente, o menino nasce com a bola e a menina vai brigar por essa bola. Então, é diferente. Então, por conta disso, eu te dou toda a certeza que a gente não tem ainda políticas públicas para meninas e mulheres que praticam futebol feminino. É disso que eu tenho buscado. Hoje, a gente precisa ter, dentro da Secretaria de Esportes de Camaçari, políticas públicas para mulheres, uma escolinha de futebol para meninas, que é isso que a gente faz aqui. Exclusivamente para elas, o horário delas. Isso que a gente precisa. Salvador, a gente não tem isso feito pelo estado, nem pelo município. Então, eu estou buscando isso. Eu estou lutando por isso. (Dilma/treinadora).

As mulheres desenvolvem ações políticas autônomas no esporte, se unem, se organizam e vão à luta. Cada uma delas se utiliza de suas experiências e conhecimentos e fazem o que o Estado e o município não conseguem fazer. Dilma em Camaçari e Rosana na cidade de Salvador e Lauro de Freitas também faz a sua parte, monta sua equipe, suas estratégias e mostra como desenvolver a sororidade no esporte uma vez que o capital social não nos chega, e dar sugestões, quando revela seu planejamento futuro.

Porque eu sou presidente da ASSERCEM, Associação Esportiva Recreativa Cultural e Educacional Para Mulheres. A minha diretoria é toda composta de mulheres e a gente faz as atividades... A gente treina a equipe, disputa competições e, agora, a gente já fez o projeto pra

fazer um curso de arbitragem voltado para mulheres, só mulheres no curso. E a gente quer abranger ex-atletas. De preferência, ex-atletas. Aquelas que já jogaram com suas equipes e, hoje, não se sentem mais à vontade pra jogar (...) (Ronana/treinadora).

Faz-se relevante incluir nas propostas estratégias que impeçam a atuação do racismo, sexismo e homofobismo, imposições de padrões de beleza, em vista de que, vivemos numa sociedade que entende beleza no modelo de branquitude, magreza e feminilidade. Ou reproduziremos espaços “heterocétera⁸⁵ de gênero”, aqueles exclusivos para mulheres cis e heterossexuais.

Nossa preocupação é também pensar a inclusão das demais categorias, mulheres negras, indígenas, queer/s e os territórios esquecidos – as regiões desvalorizadas, deixadas de escanteio, como o Nordeste brasileiro em comparação ao Sul, o ambiente rural/ o campo em comparação á cidade e ao urbano.

Nesse sentido, a parte comprometida da academia “está de olho” e atuando – Silvana Goellner, Sebastião Votré, Ludmila Mourão e Márcia Figueira (2009) elaboraram um material intitulado “*Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer*”, guiando as ações que visam compreender e incluir a diversidade nos programas de esporte e lazer desenvolvidos pelo Ministério do esporte, bem como, tratam de discutir políticas inclusivas, sem deixar ninguém de fora.

Ainda que o Ministério dos Esportes tenha inserido a pauta do gênero destacando mulheres, negrx e indígenas e inserido a comunidade no chamado projeto “Os 10 mais”, porém, não houve alcance das metas, não houve os progressos de gênero. As Políticas Públicas precisam acontecer, alcançar a meta, se assim não for, não são Políticas Públicas, são enganos.

E quem mais está faltando entrar?

As mulheres que vem das favelas, nas comunidades de base, né, e as indígenas também. Tem muitas mulheres indígenas que jogam futebol... Eu não sabia, eu vi outro dia um torneio delas jogando.

— *Mas aqui em Salvador? (pergunta).*

— *Não, no Sul do estado. (Lívia/LGBT).*

Nesse setor de liderança, de mando, as indígenas também precisam entrar, de fato, de forma real.

⁸⁵Me apropriado do termo cunhado por Audre Lorde (2019), como indicativo de espaços constituídos de/ e para o sexo masculino e heterossexual.

(...) A gente precisa tá de olho porque esse... Esse... Essa lei que diz que 2019 todos os clubes precisam ter o seu departamento feminino, ele ainda não está certo. Porque tem alguns clubes, grandes clubes do país, de camisa, que tão buscando isso ser promulgado. E a nossa busca agora também é a gente chegar e solicitar de que esse departamento tenha pelo menos 50% de mulheres. É essa a nossa luta agora. Além de efetivar essa lei, buscar isso. (Dilma/treinadora).

5.4.1 “(...) Solicitar que esse departamento tenha pelo menos 50% de mulheres”: Cotas de gênero - O projeto que queremos nos esportes?

Vendo que em meio aos retrocessos há os riscos de perdas, Rosana pensa em garantir espaços de mulheres exclusivamente para as mulheres, para não perder o que já se tem garantido. E Dilma, pensa em garantias, através de lei para a inclusão das mulheres nas instituições esportivas. E deixa explicitado que devemos solicitar Cotas para as mulheres, quando assegura, que tem que garantir 50% para a inclusão, e sobre esse percentual igualitário, se supõe que há quantitativo humano o suficiente e preparado para ocupar tais funções. Possivelmente, enquanto se prepara a base substituta. Pois, se elas fazem sozinhas, porque o Estado não pode fazer?

A fim de compreender sobre políticas afirmativas, busquei nesse espaço fazer um breve debate sobre o tema focando as Cotas, para pensá-la nos esportes: é o projeto que queremos? Para a sociedade como um todo, Hélio Santos (2004) sugere em um modelo de desenvolvimento com inclusão social, porque, como entende o autor, ao recuperar a fase de prosperidade perdida nos anos 70, os “não competitivos”, os excluídos, continuarão de fora.

Crescem as expectativas de mudanças no trato com as desigualdades raciais no Brasil, e as políticas afirmativas vêm a ser uma grande aposta para o desenvolvimento social para o povo negro e a desestruturação da desigualdade racial no Brasil, tendo como espelhos os vários países que adotaram tais medidas de caráter racial ou étnico e tiveram resultados satisfatórios (CARNEIRO, 2011).

Considerando que nessas medidas de reparação não são exclusivas para negrxs, incluindo mulheres, indígenas, imigrantes, contudo, os resultados é o que tem interessado aos movimentos sociais negros buscando adotar no Brasil. Sueli Carneiro (2011, p. 27) lista em torno de quinze países que adotaram políticas afirmativas e apenas um não teve êxito. No Brasil, “na tentativa de corrigir essas injustiças, a primeira Lei de Cotas se dá pela educação superior, entrou em vigor na seleção de 2002/2003 no Rio de Janeiro” (MOEHLECKE, 2002,

apud CARDOSO; ROSA, 2018, p. 79), em seguida, na Bahia (SEGATO, 2006). Contudo, não tem sido sem oposição e resistência, sobretudo institucional.

Haja vista a força da resistência como nos apresenta Rita Segato, é curioso saber: como as mulheres feministas brancas pensam as Cotas para as não-brancas? Seja na Educação, em concurso público, seja no Parlamento. Se assim fosse. Esta última autora, envolvida na luta pelas Cotas encabeçada pelos movimentos negros, e Ana Célia da Silva (2017), apontam a força do racismo institucional que impede o desenvolvimento das políticas afirmativas para negrxs, e explicitam sobre a relevância desta política, com destaque para as Cotas para negrxs, como uma forma de reduzir as desigualdades raciais.

As políticas afirmativas, quer sejam para raça/etnia, quer sejam para as mulheres, visam reparar as desigualdades, e melhor seria se incluíssem as sexualidades, pois são estratégias para o alcance da igualdade, ou para reduzir exacerbadas disparidades, e, nesse caso específico, racial. Deve-se compreender que são para incluir excluídos, por não serem encontrados nos espaços em questão, como protagonistas. E nesse processo de exclusão no Brasil há os mais excluídos, aqueles que não são vistos nos espaços mais privilegiados.

Negrxs de tez mais escura são as maiores vítimas do desemprego e que experienciam preconceito, discriminação e racismo — tudo junto. Logo, as sequelas são multiplicadas. Contudo, faz-se necessário reparar. Desta forma, medidas em formas de Cotas nos esportes incrementariam o que já temos em outras esferas na sociedade, apesar da inconsistência: Cotas na educação e nos concursos públicos, como mostra o Estatuto da Igualdade Racial, Lei Nº 13.182 de 06 de junho de 2014.

Fica instituída a reserva de vagas para a população negra nos concursos públicos e processos seletivos para provimento de pessoal no âmbito da administração pública [...] correspondente, no mínimo, a 30% (trinta por cento) das vagas a serem providas.

Nas linhas que seguem converso com Ana Célia da Silva, professora, escritora, pesquisadora das relações raciais no Brasil, ativista, militante, que teve muitas participações nos trâmites sobre as Cotas para afrodescendentes na Bahia, trazendo o seu olhar, no qual selecionei um recorte da entrevista concedida.⁸⁶ Ana Célia mostra que, de um lado, as Cotas incluem, mas, de outro, há um boicote às cotas, do tipo indireto, velado.

⁸⁶ Entrevista concedida a autora da pesquisa — Ineildes Calheiro, em 31 de agosto de 2017.

Eu acho que há um boicote muito grande às cotas. Os professores se organizam pra identificar quais são os alunos cotistas, pra perseguir, pra exigir coisas que eles sabem que eles não tiveram no Ensino Médio, pra não dar esse conhecimento que está faltando e, principalmente, não existe uma política de... Permanência. Condições de permanência. Você vê que eles não incentivam a permanência. Não dão condições de permanência, como uma forma do aluno cotista não chegar. Nunca me esqueço que um dia quase eu choro, não chorei porque eu não tenho lágrima, eu perdi as lágrimas com o que aconteceu com uma irmã minha, uma morte assim terrível... [...].

As cotas são importantes, é a primeira medida de ação afirmativa que teve êxito no Brasil, com muita reação. A UNEB foi a segunda universidade do Brasil que adotou as cotas... Ivete, Valdério e aquele... Matos..., mas, os professores não apoiavam, não. Eles fingiam que apoiavam. Mas eles eram contrários mesmo às cotas. A Federal você viu a resistência tão grande... (ANA CÉLIA DA SILVA, ENTREVISTA, 31/08/2017).

“Eles fingiam que apoiavam”, remete ao “branco velado”. Mas, nem todos precisam fingir. Eu vi (respondo):

— Porque participei dessa manifestação que pressionou a UFBA, que rejeitou as cotas. Antes disso, tudo começou diante de uma solicitação feita pelo Instituto Steve Biko às duas instituições: UFBA e UNEB. Conto em detalhes como se deu:

Eu era Office Girl da Biko, e era uma girl chique, daquelas que faziam contato direto com representações institucionais. Levei a solicitação para a reitora Ivete e para o reitor da UFBA. Este último, homem branco, não me recebeu, a secretária logo me dispensou, informando para protocolar o documento no setor indicado. Assim o fiz. A da UNEB, Ivete Sacramento, mulher negra e militante, me recebeu e logo deu retorno positivo para o que era solicitado em medida de urgência: isenção para o exame do vestibular aos 200 estudantes do cursinho da Biko. Muitos dos alunos, devido um levantamento informal da instituição, não tinham grana para pagar a taxa; outros só poderiam fazer inscrição de uma: UFBA ou UNEB. Foi isso que levou a essa iniciativa da Biko. Precisamos das cotas! (INEILDES CALHEIRO, A PESQUISADORA).

Vivemos diante de uma perseguição às cotas, como aponta Ana Célia nessa entrevista, e Rita Segato (2006) bem descreve, e Sueli Carneiro (2011) mostram toda essa trajetória, em que, antes do Brasil, vários países adotaram políticas afirmativas, tendo resultados positivos, contudo, os contrários as políticas de reparação racial utilizam o único caso (em meio a muitos que deram certo) que fracassou, como exemplo, e ignoram todos os que deram certo. As cotas, que visam promover a inserção de negros, fazem parte desse acordo: reconhece-se o racismo, a discriminação e o preconceito contra pessoas negras.

As formas como os racismos operam são complexas, porém há meios de combatê-los. Preocupados/as, pesquisadores/as e militantes pela causa buscam formas de combate: “[...] se somos ‘formados’ nesta sociedade racista, não será possível mudar essas relações em sociedade somente pelo discurso; é preciso analisar as formas como esse racismo opera [...]” (LIMA, 2007, p. 66). Trata-se, acima de tudo, do nosso enfrentamento com um racismo específico — que se apresenta de muitas formas, mas é, sobretudo, institucional, que também é disfarçado.

Esse debate sobre cotas nos leva a defender políticas afirmativas como uma das formas que podem melhorar a inserção de minorias nos espaços de poder nos esportes. Entretanto, não seria experimento, e precisa-se que as medidas implantadas não sejam combatidas, direta nem indiretamente. Pensemos com afeto em termos de igualdade de gênero no esporte.

Ainda que rasuras tenham ocorrido no trabalho nos esportes, ocorrendo alguns avanços, não há garantias de seguridade e efetividade, sendo necessárias estratégias para melhorar e consolidar o campo esportivo nos termos da igualdade social com os homens (brancos). Desta forma, pensar em políticas afirmativas interseccionando gênero, raça, classe, sexualidade, e de certa forma, região, é uma possibilidade. E solicitamos 50% para o gênero, subdivido entre as raças, etnias.

Se há democracia real, fica o desafio: as cotas nos esportes, é o projeto que queremos? Mulheres, negrxs e queer/s?

6. CONCLUSÃO

Versando sobre a interseccionalidade no esporte, investigando racismo e sexismo através da modalidade futebolística por estar ligada aos tensionamentos sociais e ser o esporte nacional do Brasil, envolvendo a esfera política e suas categorizações, esta pesquisa mostra que os conflitos reverberam no esporte, utilizado como palco de tensionamentos, de guerra e de estratégia de manutenção da estrutura androcêntrica e cis-heterossexualizada no poder como a norma. Além de evidenciar que há um limite no campo para as ditas minorias – implicando na exclusão da diversidade racial e sexual.

Teórico-metodologicamente fui envolvida pelos estudos de descolonização do pensamento, retomando criticamente os estudos sobre esportes no campo da Educação física, apoiada na corrente multicultural e abordando a interseccionalidade e feminismo negro, teorias de gênero e raça, literatura negra, estudos lésbicos e queer latino americano, o que se denomina de teorias alternativas. Perante as narrativas, revisão de literatura e os materiais empíricos secundários que inseri como documentos, fui envolvida pela multirreferencialidade como perspectiva decolonial, interpretando:

Corpos, ações, subjetividades e interconexões
 Experiências, afetos, desafetos, dores, conquistas
 Artes, saberes, ancestralidades e ancestralização
 Ressignificando nos termos da transdução
 Para além de análise e mera interpretação
 Teoriza-se a AnCo – Análise Cognitiva
 Conhecimento e Difusão.
 A alquimia da vida, fazendo das dores produção.

Começou “o jogo” (no fazer da pesquisa) com a cartografia do futebol, que evidencia o esporte panóptico e a colonialidade de poder, na qual, a bola do jogo não é murcha, é cheia, mas, de projetos tóxicos: colonialidade de poder, superioridade/inferioridade, racismo, sexismo, homofobismo, interseccionalidade, controle dos corpos, dicotomia, e o olho do poder - olha sem ser visto.

Indicado na cartografia do campo-futebol-jogo, mostrado na contemporaneidade sua forma panóptica, bio e necropolítica, e a exigência do poder-colonialidade da remodelagem do futebol arte para o futebol força. Está o país na globalização, esta, que não é para todxs, como

visto em Milton Santos (2001). A colonialidade do poder é presente em todas as esferas sociais, cercado por todos os lados – Não ficou de fora dos estádios - O “estado de sítio” no jogo e o campo/esporte sitiado.

Os conceitos de biopolítica (FOUCAULT, 2004) e necropolítica (MBEMBE, 2018) foi importante para compreender como a “colonialidade de poder” (QUIJANO, 2002, 2005) ocorre no esporte brasileiro. E nesta cartografia do jogo, em sentido global o triunfo histórico é para o Norte: triunfa e trunfa – em que um prevalece sobre os outros. Vence em detrimento dos valores, por meio de subjugação e aculturação. O termo remete à subjugações culturais, implantação de culturas hegemônicas em detrimento de culturas locais. E no contexto local, a violência entra no jogo – de caráter social, cultural e política. Os megaeventos palco de guerra. Conflitos, tensionamentos: raça, gênero, classe, exclusão, prisão e morte. O jogo panóptico é o jogo do poder. E o retrato do futebol, não é representação, dramatização, é real.

Apesar de que o objetivo não foi centrar no trabalho, mas na exclusão/inclusão e no processo identitário, observando os setores informais do futebol, como o amadorismo e as práticas cotidianas, a categoria trabalho foi de grande relevância, seja, por estar entre as categorias básicas da sociedade (saúde, educação e trabalho/renda), seja, pela sua correlação com as funções de mando, liderança e poder, bem como sendo esta a forma estruturada do futebol masculino, longe do amadorismo, apesar dessa tradição, entretanto, separada e diferente da estrutura do futebol de gênero, desigual entre os sexos.

A categoria “trabalho” revelou que no esporte brasileiro se mantém segregado por raça e sexo: trabalho de homens e de mulheres. E quando, o futebol em especial, é exclusivamente comandado pelos homens brancos, e as funções de poder como as de treinadorxs, gestorxs não se consolida para as mulheres, negrx e queer/s, escapulindo algumas participações, não é inclusão, nem ascensão, porque não há concretude solidificada na estrutura.

Na trajetória do futebol é evidente que esta modalidade contribuiu na inserção e, em parte, como vimos com as mulheres negras da liderança da Bahia, apresentadas suas minibiografias, combate a desvalorização racial e o racismo, contudo, o futebol não significou ascensão dxs negrxs brasileirxs. A “biomitografia” no esporte assinalou os discursos “verdadeiros. Fazendo-se necessários relacionar os estudos dos esportes aos debates pós e decoloniais, observando as colonialidades de poder, relacionado com os aspectos de gênero, sexualidades, racismo e sexismo.

Não comparando como método, todavia utilizando o futebol dos homens como parâmetro a fim de perceber o nível de desigualdade entre os sexos, as raças e as sexualidades neste campo, compreendendo que não dá para comparar o incomparável: mulheres com os

homens; raça/cor; classes; sexualidades com a heterossexualidade, vendo que não dá para mensurar as sexualidades das categorias numa sociedade que pune pessoas fora das normas e impondo a heterossexualidade compulsória. No entanto, o racismo no esporte impera com mais força e mais agressividade. As cenas, os recortes com jogadorxs, treinadorxs, protagonistas negrxs - indicaram tipos de racismos que se misturam: do institucional ao mais agressivo.

O esporte reverbera o retorno do racismo explícito. A velha arma é disparada – macacos. Esquecendo-se a democracia racial. Cadê a democracia? E por onde anda a harmonia racial? A mídia, o protagonismo, diferenças de papéis hierarquizadas, ou a recusa dx negrx nos espaços de maior prestígio e poder, denota que entre representação e representatividade aparece o “real”, e a encenação torna-se a própria representação que se despede de si. O real toma esse lugar. Naturaliza-se a estrutura desestruturada.

Igualmente, analisar as trajetórias das interlocutoras pela via da narrativa foi importante, ao perceber que as mulheres negras em conjuntura com as lésbicas negras no esporte mostram que o fato de ser negra compromete nossas vidas sociais, trajetórias, desejos e projeto de vida, e a racialização desmantela suas (nossas) competências. Resulta-se que ser mulher, QOC e/ou lésbica negra não é somente entender que não somos todas mulheres, mas, compreender como não podemos ser o que queremos, nem ter o direito a legitimidade.

Descartadas, largadas à própria sorte, porque, apesar das conquistas para o gênero, na trajetória do futebol brasileiro nada está ganho, sobretudo pela ocorrência de retrocessos. Logo, o que se entende por progresso para as minorias nos esportes pode ser percebido como rasura - há rasuras apenas, pois, nada está garantido. Neste sentido, não poderá haver igualdade de gênero sem erradicar o racismo.

Assim, com o racismo, sexismo e lesbo-homo-queerfobismo no esporte constitui-se a tese: nem mulheres, nem negrxs, nem queer/QOC no futebol, e que o esporte brasileiro segue antidemocrático, comprovando-se que a democracia no futebol nunca existiu, no entanto existiu esse discurso, bem como se mantém forte o discurso que não há racismo no Brasil, e a força dessa violência se apresenta nos esportes, nas redes sociais e nas instituições com a baixa representatividade ou a não participação de pessoas negras, sobretudo nas funções de poder.

Apesar disso, há o orgulho negro, o orgulho lésbico e orgulho queer no mundo dos esportes, ainda que negado e combatido, no que tratei com a temática “Diversidade no esporte”. Queer negrx revela que tais categorias fora do esporte, não estão por falta de atração e desejo, mas, por serem ainda mais vetadas e excluídas. Essa constatação indica a urgência por políticas públicas para a diversidade nas funções de mando, liderança, direção, gestão, para a inclusão, bem como, demandada intervenção, afim de ninguém ficar de fora. Fiscalizar e consolidar o que

já se tem, para que não haja retrocessos, e observando que as políticas afirmativas já se constitui como um começo possível, as Cotas vem a ser uma proposta a se discutir, visando reparações e redução de disparidades em gênero, raça, classe, sexualidades e território.

Diante do problema da falta das (chamadas) minorias nos espaços de mando e poder nos esportes brasileiros, desenvolver esta pesquisa pela via da interseccionalidade resultou no alcance dos objetivos, confirmando-se a hipótese: “nem mulheres nem negrxs, nem queer/ QOC of colour nas funções de poder no futebol brasileiro”. O destaque QOC (negrx) no interior do gênero, sexualidades e queer se deu porque há um entendimento neste campo, designado pela via da descolonização do pensamento.

Estudos específicos da teoria queer decolonial com autorxs da perspectiva de epistemologias do Sul, e autorxs africanxs detectaram o queer mais queer, ou seja, desuniversaliza esta categoria universalizada como se “queer” fosse todxs iguais, experienciando a mesma opressão. Logo, se discute que há os queers mais queer quando se remete ao Sul global e regional, á raça/cor, etnia e corpo mais desvalorizados, desclassificados, descartados. E como constato que a divisão racial, territorial (regional) e sexual impera no esporte, os grupos socialmente minoritários (mulheres, pessoas negras/étnicas, indígenas e queer/LGBTQI) constituem as categorias que aparecem lesadas em vários aspectos no âmbito do futebol.

Privilégios e vantagens existem no Brasil com a raça/cor sendo utilizada como fator de inclusão/exclusão, como documento de identidade e de valor, valorizando a raça/cor branca e a tez mais clara, ainda visto como superior e legítima. Não obstante, privilégio e vantagem não é a mesma coisa, como se denota no capital social de gênero no esporte: enquanto homens brancos são privilegiados, as mulheres brancas levam vantagem. Vantagem porquê, p.ex., na função de atletas, elas crescem em números, mas não tem igualdade com os homens, não tem os mesmos direitos. E nas funções de mando, poder (treinadoras, gestora), quando há rasuras, são as mulheres brancas representadas - Pelo padrão de raça/cor e ideal de beleza instituído, contudo, não tem os mesmos reconhecimentos, não experiencia a igualdade. Entretanto, e isso não é menos importante, é relevante compreender que no Brasil se cria o padrão branco à brasileira, que pode não ser caracterizado como branco em outros territórios.

Contudo, a polarização racial, de certa forma fortalece a mestiçagem no Brasil. Esse fator igualmente aparece no esporte brasileiro - o branqueamento, e o futebol, de ambos os sexos, vai aderindo, ainda que lentamente, a essa prática. Pardx é a mestiçagem que continua no Brasil, país que considera a polarização racial, mas, não inclui todas as cores nas oportunidades – Pardagem, no entanto, se constitui como um projeto velado, contudo, se revela com o embranquecimento em tudo o que é de valor, e o futebol, não haveria de ficar de fora.

A isso se deve o clareamento do futebol. Este que precisa combinar cor e cabelo para possibilitar avanços de futebol de gênero no país.

O que significa dizer, que as “negras-pretas” tendem a ficar de fora dos progressos se (e/ou quando) este ocorrer de fato, consolidando-se. Nesse sentido, devemos prestar atenção quando se generaliza a raça, pois, hoje, no Brasil afrodescendente, e de autodeclaração de raça/cor, todos podem se autodeclarar negrx, afinal de contas, quem não é negrx no Brasil? Mas, é fato que nem todos são negrxs-pretxs. Nem todos têm o corpo-cor-identidade de exclusão.

A desigualdade nos esportes, em especial no futebol revela não tão somente a falta de inclusão da diversidade, mas também a violência da negação de direitos. E embora as mulheres sejam preteridas nos espaços de poder no esporte, quando há rasuras na categoria do gênero há simetria com o padrão de beleza – de um lado brancas e loiras (esta última é mais comum na arbitragem), e do outro, há vantagens territoriais para as regiões mais valorizadas do país (Sul e Sudeste) combinando raça/cor e região.

É preocupante quando se constata a colonialidade de poder no esporte brasileiro, um projeto do tipo velado, o panóptico adaptado, mantendo a hierarquização, classificação, e aqui adaptou-se sexismo, heterossexualidade e racialização. Isso é notório quando na perspectiva do trabalho se vê o limite do campo, quem fica e quem pode seguir adiante nos diversos setores e em todas as funções, seja como atleta, na comissão técnica, administração e na gestão/direção – naturalizando o modelo, a estrutura de normatização, sobretudo visando masculinidades tóxicas e feminização, tecnologias que impedem a libertação, utilizando-se do esporte como estratégia e excelente meio de sua execução.

A história entre negrxs e mulheres nos esportes no Brasil, narrada em meio a ideologia e falsa democracia, ainda está por ser contada e se reflete na múltipla opressão com os marcadores de diferenciação, comprovando racismo e, além do androcentrismo, o sexismo. No interior do gênero os tensionamentos, a separação e diferentes formas de opressão, com a raça sendo um marcador de diferenciação, o racismo não é experimentado por todas, com a sexualidade balizada no padrão, a lesbo-queerfobia igualmente não é vivenciada por todas, assim como com a colonialidade de poder interna, a desvalorização por região não é experienciada por todas.

Na outra extremidade os estudos queer/s vem revelando os mais queer, isto é, os corpos que causam mais estranhamentos, seja por sua matriz territorial não-ocidental, seja por seu corpo-cor mais inferiorizado - QOC, e isso não significa dizer que dá para dosar o nível de opressão entre os oprimidos, no entanto, significa que quanto maior for os marcadores de

diferenciação maior a probabilidade de exclusão por conta desse fator – é o que explica as múltiplas diferenças resultando em opressão por multiplicidade de categorias socialmente denegadas, nomeada de múltipla opressão. Diante desse pensamento, o orgulho queer, o orgulho negrx, que é individual, torna-se coletivo, vira movimento e contribui para enfraquecer a denegação, mas, não escapa aos riscos.

Posto isso, a interseccionalidade vislumbra categorias multiplamente lesadas, e os estudos raciais do feminismo negro assinalam desenvolvimentos desiguais no interior do gênero e da raça. No Brasil, pesquisas (GÓES, 2014), relatórios e censos demográficos revelam que é histórico a pirâmide do desenvolvimento social relacional ao valor da polarização racial: branx, pardx, pretx, bem como a sexualização: o homem em primeiro plano. Essa última afirmação não é comungada pelos estudos do feminismo negro – ao interseccionar gênero, raça e classe evidencia que em algum momento da história, e em certas categorias sociais, mulheres brancas ultrapassaram os homens negros, ainda que estes tenham aliança com o “patriarcado branco”, por conta do racismo não lucram em termos de igualdade com os homens brancos (KILOMBA, 2019).

Deste modo, ser negrx no Brasil é complexo, tem diferença no interior do gênero, tem diferença no interior da raça. Internamente - de mulheres para mulheres, nos esbarramos com as especificidades: corpo/raça/cor, sexualidade, classe e território; e, de negrx para negrx, quando experienciamos o nível do racismo à partir do nível da cor da pele e textura de cabelo, que resulta em exclusão e/ou morte, quer seja no contexto social, quer seja no contexto letal.

A múltipla opressão articulada com a polarização racial me levou á discussão do neologismo “negrx real”, negrx mesmx” e “negrx entre aspas”, nos depoimentos e entrevistas na conjuntura do ativismo e do movimento, que indica que “negrx mesmx, negrx real” e/ou “entre aspas”, não é advogar por legitimidades, nem por ressignificar mestiçagem, raça, nem cor, é destacar negrx real na experiência com tudo - preconceito, discriminação e racismo. Tudo junto e interseccionado.

A história do futebol de gênero e das mulheres no futebol insere a história sociopolítica e aspectos socioculturais, cuja crítica, pela via multicultural vê a hegemonia no conceito e teorias culturais próprias do jogo de poder, e a percepção de rua, corpo e experiência mostra a concepção do corpo contra hegemônico, o corpo-fuga, o corpo-político-autônomo construído, não exclusivamente nas culturas, sendo estas elemento para a dominação, mas, construído no que chamei de “sociovivência” - A experiência do corpo e a criação caminhando inter-entrecruzada com a subjetivação.

As experiências e memórias corporificadas fortalecem e atualizam a ancestralidade nos corpos, o corpo-artístico que funde na fusão, na incorporação do malandro, do capeta, da força, do axé e da incognição. Construído no abandono, na desigualdade, na rua, o que obriga a reinvenção, reinventar-se constituindo corpos complexos, permitindo múltiplas interpretações. Corpos antipanópticos, arma contra hegemônica. Eis a munição. E nesse percurso investigativo gerou-se alguns conceitos criativos: “*sociovivência, cismoldura e ministura*”. Uma vez que cultura é entendido aqui como jogo de poder, a sociovivência tende a explicitar a construção da vida de outro modo, desconfiando da cultura, confiando na ancestralidade e na unidade.

“Ancestralidade” é movimento, ação que tem no corpo o território. Não tem cor, tem forma, não é exatamente invisível, porque é sentido. A forma de sentido - cada arte e cada agente a agencia e a codifica com base em sua própria experiência: o código do corpo. E o antipanóptico nasce no corpo, no ato de criar e de experimentar e surge na “*sociovivência*” com a simbiose, a arte de dançar, sambar e capoeirar no campo do jogo, campo da vida. Na ação. A força (vital), a ginga, a finta, brible e esquiva, enviesados no construto sociocultural e sociopolítico no trato com a desigualdade social - são os corpo da rua, dos becos, da favela, do barro, do chão, os pés descalços e os dribles à vida de exclusão.

A força vital é a que vem do horizonte, imbricada com o céu, o chão – Elementos da memória ancestral, na arte de criar, cria-se. Aprender com a vida. A dança. O jogo que dança e faz dançar. A arte corporificada é a marca da ancestralidade ressignificada. Sendo a ancestralidade inerente ao ser humano, e não a cor. Mas, ancestralidade se forma, se não a usa, se deforma. Se perde no tempo, no espaço e se esvai. Ancestralidade é treinamento. Treinamento faz parte do jogo, se não treina, cai no esquecimento da memória corporificada.

Ser negro é um exercício político, ministrando seus próprios atos, o fazer, suas influências e sororidade. O laço de sororidade é o laço de amor. Não é requerer mulatismo, mestiçagismo, pardismo, etnicismo, branquismo, nem pretismo (para legitimidades), é não se intoxicar de narcisismo e assimilação, é se desvencilhar dos estereótipos negativos, do que é feio, inferior e miniaturas. Portanto, ser negro real é união, unidade, multiplicidade - mistura ministrada, que eu chemei de “*MINISTURA*”.

Verifica-se que os tensionamentos raciais, sexuais e de gênero no esporte brasileiro impacta a igualdade de gênero e raça, ou seja, impede o alcance dos objetivos dos projetos internacional/ONU, e descumpra as leis dos direitos iguais e dos direitos humanos quando limita as participações de todas as categorias de pessoas e segrega por funções, adrocentrificando e racializando de forma estrutural as funções e setores de maior valor, tornando o projeto Internacional da igualdade de gênero – CEDAW, utópico.

Por “mulheres, negrxs e queer nos esportes brasileiro” – sem utopia. Por esse viés, com o termo “cismoldura”, criado, discuti o androcentrismo para além da ciência, trazendo uma crítica à ciência cis-generificada, revelando que, colonialidades racial, de gênero, território e sexualidades como atualizadoras do racismo e do sexismo no Brasil implica sua continuidade nos esportes. A falta de oportunidades e o número irrisório de mulheres, no Brasil, como treinadoras no futebol oficial das próprias mulheres, não é sinônimo de inclusão, é: “cala a boca feminismo!”.

A desigualdade no esporte comprova o androcentrismo e se justifica como: o medo da perda do privilégio da raça e da vantagem do sexo – o homem (branco) e a dominação imaginada nas mãos das mulheres. Assim, tudo indica que os retrocessos são medidas urgentes de cristalização de gênero. Contudo, a força do ativismo e a criatividade mostra que não há como voltar atrás. Como p.exp., o “panelaço” - trata-se de uma ação realizada pela população revolucionadora, que, por diversos motivos, inclusive de proteção à saúde, não pode estar nas ruas, no entanto, o protesto acontece dentro de casa, e ocorre pelas janelas, fazendo barulho, batendo panela e gritando palavras mudas que significam posicionamento político contra as perdas e/ou ameaça à perdas de direitos e da democracia.

O panelaço configura-se como feminismo, remetendo, rememorando, criticando a onda de violência política que aflorou a população – e se traduz na seguinte mensagem: *Panela não só faz comida, também faz barulho! Faz política, faz democracia, revoluciona.*

Conforme o objetivo, foi construído minibiografias das mulheres negras do futebol baiano, contribuindo na visibilidade dessa categoria – mulheres líderes e atuantes, quer seja no âmbito profissional, institucional, trabalho, quer seja no âmbito amador/comunidade, lazer. Destarte, o estudo contribui para a história do gênero, em particular as mulheres no esporte brasileiro e na história das mulheres negras da Bahia, bem como se destaca o âmbito do futebol baiano e suas influências, enfatizando a comunidade e o ativismo que é onde está a força do futebol de gênero brasileiro, o qual começa a apresentar melhorias, porém, através da seleção brasileira como parâmetro e as narrativas, ao mesmo tempo em que observamos o crescimento da presença de mulheres que tem a cor mais clara, concomitante a drástica redução das pretas.

Além disso, o estudo contribui cientificamente com o objeto da interseccionalidade no esporte, no Brasil, mostrando a desigualdade iterseccionada como reflexo da desigualdade na sociedade, camuflada em ideias de democracia e inserção, preso em ideologias raciais e biologicistas voltados para o corpo-negro-força, disseminado simbolicamente o esporte como lugar do negro, em particular o homem negro, contudo se esbarra com o limite do campo, limitado na função de atleta. E ao ponderar neste campo como trabalho/ ocupação e renda para

as ditas minorias, chama a atenção para a divisão sexual e racial do trabalho no esporte. E espera-se refletir na importância de fomento de pesquisas que corroborem em estudos de interseccionalidade nos esportes. Visando buscar alianças institucionais para intervir nesses problemas, e que o racismo, sexismo, homofobismo tem como propósito se estruturar e se enraizar no esporte brasileiro. Pois, a modelagem brasileira modela o esporte, a vida e o ser, limitando espaços e participações efetivas sem incluir a diversidade: “Nem mulheres, nem negrxs, nem queer/QOC na liderança do futebol brasileiro” se estende ao conjunto dos esportes.

Fim do jogo.

O fato é que o jogo não acabou, se encerrou sem fim, mas com formas de combate da parte da sociedade estranhamente dita minoritária, armada de projetos, o projeto-corpo-arte, corpo-insubmisso, corpo de estrutura-política-autônoma, que se complementa ou mira complementar-se com políticas públicas, em seu direito de exigir ação do bem, rememorando a responsabilidade do Estado com a sociedade como um todo e não em parte. Sem incluir negrx, mulheres e queer não há democracia, mas dissimulação, disfarce.

Por outro lado, participação não é inclusão e inclusão não é ascensão, e quando se escapole algumas participações destas categorias nestes espaços, é resultado de rasuras, logo, não se constitui como efetividade nestas funções – com possibilidades de possíveis retrocessos, sendo constatado que as conquistas não é garantia de estabilidade nas relações de gênero e raça nesta esfera. Desta maneira, o esporte é desconfigurado e reconfigurado como palco de guerra e tensionamentos raciais, sexuais e de gênero no Brasil.

Como testemunha e partícipe desta história, experienciei a interseccionalidade e estereótipos no próprio corpo, vivenciando a múltipla opressão na própria pele. O racismo é um dos elementos que mais articula as desigualdades históricas. Contudo, chamo de transdução o ato de transformar marcadores de exclusão em ato de criação.

Compeendo que para além do debate faz-se necessário interferir, agir, atuar, e incluir interseccionalidade no esporte, bem como no currículo em formação de educadores nos cursos em Educação Física, assim como nas matrizes curriculares de cursos que visam a comissão técnica de um esporte, ou dos esportes, e arbitragem, funções de mando e comissão. O que pode trazer transformações sociais, a fim de pensar nas intervenções do racismo, homofobismo e sexismo nesta esfera, que não caminham separadamente, mas de mãos dadas.

Assim, ao erradicar o racismo e sexismo no esporte, adotando medidas de inclusão da diversidade em todos os setores e em particular nos de liderança/poder o tornaremos o esporte brasileiro bonito. Combatendo racismo, sexismo e homofobismo no esporte de forma conjunta

e compartilhada, paralelamente se combaterá esses elementos na sociedade. Em vista de que o futebol é um esporte de grande aceitação e audiência.

Por fim, a tecnologia computacional, a cibernética, o ciber-espaço, redes sociais e a website como um todo, exerceu nesses megaeventos esportivos de cenário de crise política, grande influência, mostrando-se como uma poderosa ferramenta para destruir em tão pouco espaço de tempo. No entanto, tais ferramentas devem ser igualmente poderosa para auxiliar na reconstrução de nações destruídas, pensando em um mundo sem fronteiras para se erigir uma arquitetura única de paz. Um monumento antipanóptico que caiba mais que 10 mil, caiba todas as sociedades. Porque, esporte e sociedade não se dissocia.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução Denise Bottman. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Guilherme S. Homens Trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? **Estudos feministas**. Florianópolis, 20 (2): 256, p. 513-523, maio/ago, 2012.

ALTMANN, Helena. **Educação Física Escolar: relações de gênero em jogo**. Coleção Educação e Saúde. São Paulo: Cortez, 2015.

ALVAREZ, Sonia, E. Engajamentos ambivalentes, efeitos paradoxais; movimentos feminista e de mulheres na América Latina e/em/contra o desenvolvimento.

Revista Feminismos. Neim/UFBA, v.2, n.1, p. 57-77, jan./abr, 2014.

AMADIUME, Ifi. Theorizing Matriarchy in África: Kinship Ideologies and Systems in África and Europe. In: Oyèwùmí, O. (Org.). **African gender studies: a reader**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

ANTUNES, Fátima M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista USP, Dossiê Futebol**. N. 22, p. 102-109, jun./ago.1994.

ANZALDÚA, Glória. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. Tradução: LIMA, Ana Cecília. **Estudos feministas**, 13 (3): 320, p. 704-719, set./dez.2005.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: SENAC, 2000.

ARAÚJO, Rosangela. **É Preta, Kalunga: A capoeira Angola como prática Política entre os angoleiros baianos - anos 80-90**: Fundação Gregório de Matos, 2015.

BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK et al (Org.). **O livro das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000.

BALLESTRIN, Lucina. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 11. Brasília, p. 89-117, maio./ago. 2013.

BARBOSA, LÍCIA M. L. **Feminismo negro: notas sobre o debate norte-americano e brasileiro**. Fazendo Gênero 9. Diáspora, diversidade, deslocamentos. 23-26 de agosto de 2010.

BARBOSA, Paulo Corrêa. **Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história**. Brasília: Abrevídeo, 2015.

BARBUJANI, Guido. **A invenção das raças: existem mesmo raças humanas? Diversidade e preconceito racial.** (Trad. Rodolfo Ilari). São Paulo: Editora Contexto, 2007.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BLESSOL, Gathoni. Lutas LGBTI Queer como outras lutas em África. Trad. Caterina Rea. Izzie Amancio e equipe do FEMPOS. (In) REA, C.; PARADIZ, C.; AMANCIO I. (Orgs.). **Traduzindo a África Queer.** 1ª Edição/ Salvador, Ba; Editora Devires, 2018.

BONI Valdete; QUARESMA, Silvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em tese, **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em sociologia Política.** UFSC, v.2, n. 1 (3), p. 68-80, jan./ jul. 2005.

BORBA, Sérgio da C. Aspectos do conceito de multirreferencialidade nas ciências e nos espaços de formação. (in) **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial.** (Org.). Barbosa, Joaquim, G. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), p.329-376, 2006.

BRASIL. **Presidência da República.** Secretaria do Governo. Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017. São Paulo: Fórum brasileiro de segurança pública, 2017.

BURNHAM, Teresinha, Fróes. **Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar.** (in) Reflexões em torno da abordagem multirreferencial. (Org.). BARBOSA, Joaquim, G. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

_____. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação a distância e Gestão/Difusão do conhecimento.** (Org.). BURNHAM, Teresinha e Coletivo de autores. Salvador: EDUFBA, 2012.

BUTLER, Judith. (1990). **Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: 6ª Ed. 2013.

CABRERA, Olga. Gênero, sexo e raça e a formação de subjetividades femininas em Cuba, século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25 (1) 442, p. 117-145, jan./abr. 2017.

CALHEIRO, Ineildes. **As mulheres árbitras de futebol: tecnologias de gênero e divisão sexual do trabalho.** International Book Market Service Ltda: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

_____. Queer nas fronteiras e representações não-ocidentais: queers-africanx, QOC/of colour, queer-latinx-americanx. **Dados de África(s)**, Vol.01, Nº. 01, p. 137-159, 2020.

CALHEIRO, Ineildes; MESSEDER, Suely A. A diferença do Desempenho físico e esportivo entre homens e mulheres: um estudo sobre inserção das mulheres no mundo da arbitragem do futebol brasileiro. In: **VII Congresso Internacional de Estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura - ABEH.** SEFNER, Fernando; CAETANO, Marcio (Org.). Rio Grande do Sul: Editora Realize, p. 501-515, 2016. Disponível em: <<http://www.abeh.org.br>>. <http://www.editora realize.com.br/revistas.php>.

CALHEIRO, Ineildes; OLIVEIRA, Eduardo David. Olhar africano no tornar-se feminista: Por uma nova geração no mundo de Chimamanda. **Revista Tabuleiro de Letras**, PPGEL. Salvador, Vol.: 11; nº. 02, p. 230-235, Dezembro, 2017.

_____. Igualdade ou desigualdade de gênero na África? Pensamento feminista africano. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**. Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 93-110, jul./dez. 2018a.

_____. O Brasil preto, o Brasil branco e os racismos: mestiço ou pardo, o projeto continua... (Anais). **XIV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador, Bahia-Brasil, p-1-16, 07-10 de agosto.2018b. Acesso > <http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/edicao-2018-xiv-enecult/2018>.

_____. Força-drible-ginga: ancestralidades, africanidades e corporalidades no esporte na perspectiva interseccional de raça, gênero, classe e sexualidades. (In.) ANDRADE, Luma Nogueira (Org.). **Diversidade Sexual, gêneros e Raça: Diálogos Brasil-África**. Realize Editora: Campina Grande-PB, p. 767-773, 2019.

CAMPOS, Flavio de. Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o conforto. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (orgs). **Futebol Objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

CARDOSO, Claudia P. **Outras falas: feminismo na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. Tese de Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos — Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2012.

CARDOSO, Silná Maria B.; ROSA, Isabela S. C. A cor da sua pele faz alguma diferença? Uma proposta de ensino interdisciplinar antirracista a partir do estudo da melanina. In: PINHEIRO, Bárbara C. S.; ROSA, Katemari. (Orgs.). **Descolonizando Saberes: A Lei 10.639/2003 no ensino de ciências**. São Paulo: Livraria da Física, p. 75-88, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Cartão vermelho**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cartao-vermelho/>>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

_____. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, José J. de. Exclusão racial na universidade brasileira: um caso de ação negativa. In: DELCELE, Queiroz (Org.). **O negro na universidade**. (Programa a cor da Bahia). Salvador: Novos toques, 2002.

CASTELLANI Filho, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 2004.

CEVA, Antonia. et al. Mulheres em Campo Driblando Preconceitos. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Mulheres no Esporte. Secretaria de Políticas Para as Mulheres da Presidência da República, Brasília, ano IV, nº 6, p. 19-24, dezembro de 2014.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo SP: Boitempo Editorial, 2008.

COSTA, Ana Alice Alcântara. “O movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política”. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, p. 9-35. 1º sem, 2005.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de Poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COLLINS, Patrícia H. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Trad. Juliana de Castro Galvão. **Revista Sociedade e Estado** V.31, n. 01, p. 99-126, jan./abril. 2016.

_____. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. Tradução: Ângela Figueiredo e Jesse Ferrell. **Cadernos Pagu** (51), 2017.

COSTA, Francisco. A bola na ponta da caneta. **Revista USP, Dossiê Futebol**. n. 22, p. 84-101, jul./ago. 1994.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 10, p. 171-188, 1, 2002.

CURIEL, Ochy. Identidades essencialistas o construccion de identidades politicas: el dilema de las feministas negras. Universidade de Los Angeles, Mérida, Venezuela. **Otras Miradas**, v. 2, n. 2, p. 96-113, diciembre. 2002.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA; et al (Org). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMATTA. Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado do futebol brasileiro. **Revista USP. Dossiê Futebol**. n. 22. p. 10-17, jun./ago. 1994.

DAMIANI, Cassia. Avanço da participação das mulheres nas políticas públicas de esporte. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Mulheres no Esporte**. Secretaria de Políticas Para as Mulheres da Presidência da República, Brasília, ano IV, nº 6, p. 44-52, dezembro de 2014.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **Mulheres, cultura e política**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

DEVIDE, Fabiano P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DORNELLES, Priscila Gomes. **Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na Educação Física Escolar na perspectiva de Gênero**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. **A (hetero) normalização dos corpos em práticas pedagógicas da Educação Física escolar.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza Edições. Edição especial, Primavera, 2003.

_____. **Becos da Memória.** Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. **Becos da Memória.** Florianópolis: 1. ed. Rio de Janeiro: PALLAS, 2017.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidade coletivas nos anos 1990.** Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

FANON, Franz. **Pele negra máscaras branca.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____.; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1985.

FARIA, Marcelo. Milton Santos: construção epistemológica da Geografia e alguns efeitos da geograficidade. Em busca do tempo perdido. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; TOLEDO Jr., Rubens (Orgs.). **Encontro com o pensamento de Milton Santos: o homem e sua obra.** Salvador: EDUFBA, 2009.

FERREIRA, Heidi J. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil.** 2012. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

_____. et al. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 103-24, jul./set. 2013.

FERREIRA, Lola. Menos de 3% entre docentes da pós-graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia. **Gênero e Número**, 20 de junho, 2018.

FIGUEIREDO, Cândido. Novo Dicionário da língua Portuguesa, 1913. (online). **Dicionário Online** de Português: <https://www.dicio.com.br/>.

FLORENZANO, José Paulo. Brasil e África do Sul: o futebol-arte no campo do Apartheid. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Orgs.). **Futebol Objeto das ciências humanas.** São Paulo: Leya, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a Vontade de Saber.** Tradução: Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Microfísica do Poder**. 20 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FRANCO JÚNIO, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n 50, p. 315-328, 2005.

FURTADO, Cláudio A. Raça, classe e etnia nos estudos sobre e em Cabo Verde: as marcas do silêncio. **Afro-Ásia**, 45, p. 143-171, 2012.

GALEFFI, Dante A. **Filosofar & educar**. Editora Quarteto, 2003.

_____. A. Educação e Filosofia: o filosofar como atividade formativa transdisciplinar na educação básica — Considerações Polilógicas. **Revista da FAEEBA**. Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 39, jan./jun., p. 41-54, 2013.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI Marcelo; LUCENA, Ricardo. (Orgs.). **Esporte, história e sociedade**. Campinas, SP: Autores associados, 2002.

GOELLNER, Silvana. V. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí. **Coleção Educação Física**, 2003.

_____.; et al. **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do esporte/Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

_____. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, p. 71-83, mar, 2010.

_____. As mulheres, o esporte e o direito de ser. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Mulheres no Esporte. Secretaria de Políticas Para as Mulheres da Presidência da República, Brasília, ano IV, n° 6, p. 15-18, dez. 2014.

GOES. Emanuelle F. **Mulheres negras e brancas, níveis de acesso aos serviços de saúde: uma análise sobre as desigualdades**. Novas Edições Acadêmicas, 2014.

GOMES, Elza et al. As representações da mídia sobre a gestão feminina no Clube de Regatas Flamengo. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v.1, n.1, p.146-166, 2012.

GONZALEZ, Lélia. “Cultura, etnicidade, trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher”. Comunicação apresentado **no VIII encontro Nacional da Latin American Studies Association**. Pittsburgh, Pensilvânia, abr. 1979.

_____. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GRESPLAN, Carla L. **Mulheres no Octógono: performatividades de corpos, de gênero e de sexualidades**. Curitiba: Appris, 2015.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. (Org.). Liv Sovik. Belo Horizonte: editora UFMG; Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade na pós-modernidade**: Tradução Tomaz Tadeu & Guacira Lopes Louro, 12ª Ed. Lamparina, 2015.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. Tradução: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v, n. 132, p. 595-609, set. /dez. 2007.

HOLLANDA, Bernardo B. O fim do estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (orgs). **Futebol Objeto das ciencias humanas**. São Pauli: Leya, 2014.

HOLANDA, George Ivan et al. A Educação Física na BNCC: desafios da escola republicana. **Motrivivência** (Florianópolis). Universidade Federal de Santa Catarina, v.33, n.64, p.01-08, 2021.

HOKECH, Awino. “**Sobre sororidade e solidariedade**”: tornando queer os espaços feministas africanos. Tradução de Clarice Paradis; FEMPOS/UNILAB. (In). Traduzindo a África Queer. (Orgs). REA, Caterina et al. 1ª ed. Salvador, Ba: Editora Devires, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libanio. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOUTONDJI, Paulin, J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos; duas perspectivas sobre os estudos africanos. 2008. **Revista crítica de Ciências Sociais**, 80, março, p. 149-160, 2008.

JERCHMANN, Leo. 80 anos da façanha esportiva de Jesse Owens. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2016/08/os-80-anos-da-facanha-esportiva-de-jesse-owens-7165406.html>>05/08/2016. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

JESUS, Carolina Maria de. (1960) **Quarto de despejo: O diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2014.

JESUS, Jaqueline, G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

_____.; et al. **Transfeminismo: teorias & práticas**. Rio de Janeiro: METANOIA, 2014.

JOÃO. TINHA QUE SER PRETO. (JOÃO). **Melania Luz**. Disponível em: <<https://tinhaqueserpreto.com.br/2017/08/21/melania-luz/>> Acesso em: em 21 de agosto de 2017.

JORAS, Pamela Siqueira. **Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KILOMBA Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEAL, Mara Lúcia. Anjo negro: cor e desejo. **IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil, 2008.

LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Revista Motrivivência**, Florianópolis: UFSC, ano XVII, n. 24, p, 157-172, junho, 2005.

_____. VOTRE, Sebastião J. A tecnofabricação dos corpos sexuados nos Testes de feminilidade na Olimpíada de 1968. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 2, abril/junho, p. 263-279, 2013.

LIMA, Maria Nazaré. M. **Identidades e cultura Afro-Brasileira: a formação de professores na escola e na universidade**. Tese (Doutorado em Letras e Linguísticas) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas, Bahia, 2007.

LIMA, Gustavo R. de. **Do queer ao cu: inter-relação entre Judith Butler e Paul Beatriz Preciado**. (TCC) Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2018.

LOPES, José Sérgio L. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP, Dossiê Futebol**. n. 22. Jun./ago./p.64-83, 1994.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: ensaios e conferências**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOURO, Guacira. **Teoria Queer – Uma Política Pós-identitária para a Educação**. Estudos Feministas, ano 9. p. 541-553. 2º sem 2001.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LUZ, Marco Aurélio. **Do tronco ao Opa Exim: memória e Dinâmica da tradição afro-brasileira**. Rio de Janeiro:Pallas, 2002.

LUZ, Nilton. Reflexões do entrelugar. in: GIVIGI, Ana Cristina; DORNELLES Priscila. (Orgs). **O Recôncavo baiano sai do armário: Universidade, gênero e sexualidade**. Cruz das almas: Editora UFRB, 2013.

MACHADO, Sara; ARAÚJO, Rosangela. Jogo de muleke na capoeira angola: educação para a diversidade. In: PIRES, Antonio; FIGUEIREDO, Francine; FILHO, Paulo; MACHADO, Sara. (Org.). **Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, Coleção Uniafro, 2016.

MANERA, Débora M. da S. [et al.] Relatório anual da discriminação racial no futebol, 3 Relatório de Discriminação racial no futebol. **Observatório da Discriminação Racial do Esporte**, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, 2016.

MANSUR, Gabriel; LIMA, Silvio Lima. Na despedida de formiga Brasil goleia italia e é hepta de torneio internacional. Consultado em:

><http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2016/12/na-despedida-de-formiga-brasil-goleia-italia-e-e-hepta-de-torneio-internacional.html>. Acesso em: 09 de julho de 2019.

MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, L. O hibridismo no Atlântico Negro do Sul: o exemplo de Chombo.Travessia. **Revista de Literatura. Crítica Cultural Latino-americana**. n 38, Florianópolis, p. 125-143., jan./jun.1999.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MATTOS, Ivanilde G. **Estética Afirmativa: corpo negro e educação física**. Salvador: EDUNEB, 2010.

MBEMBE. Achille. O mundo em estado de sítio. (entrevista). **Mutamba. Sociedade, cultura e lazer**. Novo jornal, p.6-7, 17 de janeiro de 2014. Consultado em: <https://www.novojornal.co.ao/>.

_____. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**, tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, D. Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008.

MESSEDER, Suely A. **Ser ou não ser: uma questão para pegar a masculinidade. Um estudo sobre a performatividade pública da masculinidade de rapazes negros na cidade do Salvador**. Salvador: EDUNEB, 2009.

_____. O mundo do trabalho das mulheres masculinizadas: um estudo sobre as masculinidades em corpos femininos. XVIII ABEP – **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Águas de Lindóia/SP – Brasil, novembro, 2012.

MODELLI, Lais. Esporte: Escanteio no machismo. **Revista CAROS AMIGOS**. Ano XIX, N 234, Setembro de 2016.

MONTEIRO, Igor C. Saindo da “posição de impedimento”: As árbitras brasileiras no futebol profissional. **Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – COMBRACE**. Vitória-ES, 08-13 de set, 2015.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade. Novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007.

MORAES, Enny Vieira. **Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90**. Salvador: EDUFBA, 2014.

MOURÃO, Ludmila et al. O perfil das árbitras brasileiras do futebol profissional. Livro de Atas do 1º congresso da Associação Internacional das Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa (**XII Congresso Luso-Afro-Brasileiro - CONLAB**). Lisboa, p. 4958-71, fev, 2015.

_____.; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino, o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.26, n. 2, p, 73-86, 2005.

MOUTINHO, Laura. Raça, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. **Cadernos Pagu** (23), jul-dez, p.55-88, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. Nosso racismo é um crime perfeito. **Revista Fórum**, 77, agosto de 2013. . Acesso em: 11/11/2013.

MUNIZ. Tailane Lider comunitária é morta a tiros em Jardim Cajazeiras. **Jornal Correio**: Salvador, 20 de novembro de 2017. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/lider-comunitaria-e-morta-a-tiros-em-jardim-cajazeiras/>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2017.

NABUCO, Aray; et al. No ninho dos conservadores. Entrevista com Jandira Fegali, Deputada Federal. **Revista Caros Amigos**. Ano XIX, n. 219, p. 11-14, junho, 2015.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo. um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, ELISA L. (Org.). **Afrocentricidade uma abordagem epistemológica inovadora**. Coleção Sankofa, vol.4, 2009.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador, Bahia: editora Devires, 2017.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, v. 19, n. 1, novembro, p. 287 – 308, 2006.

NERY, Marcelo Côrtes. **A nova Classe Média: o lado brilhante dos pobres**. Rio de Janeiro. Nery, Marcelo Côrtes (coord.) Rio de Janeiro FGV/CPS, 2010.

OYĒWÙMÍ, Oyeronké. **La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género**. Tradução de Alejandro Montelongo González. Bogotá, Colombia: Editorial: en La Frontera, 2017.

OLINTO, Maria T; OLINTO, Beatriz. Raça e desigualdade entre as mulheres: um exemplo no Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 16 (4), p. 1137-1142, out-dez, 2000.

OLIVEIRA, Amauri A. B. et al. (Orgs.). **Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo Tempo**. Volume 1. Maringá: Eduem, 2011.

OLIVEIRA, Eduardo D. de. **Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.

_____. **A ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

_____. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**. Ano 3, n. 28, p. 609-633, set./dez. 2013.

OSSOME, Lyn. Discursos pós-coloniais do ativismo queer e de classe na África. Tradução REA, Caterina. (In). **Traduzindo a África Queer**. (Orgs). REA, Caterina; PARADIZ, Clarisse G.; AMANCIO Izzie M. 1ª Edição/ Salvador, Ba; Editora Devires, 2018.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismo, feminismos e estudos queer. **Contemporanea**. v.2, n.2, p. 395-418. Jul./dez./2012.

PEREIRA, Leonardo A. M. Identidades em jogo: Brasileiros e argentinos nos campos de futebol (1908-1922). In: CAMPOS, Flávio; ALFONSI, Daniela (Orgs). **Futebol Objeto das Ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

PERROT, Michelle. **O inspetor Bentham**. Tradução de Louro, Guacira. In: O Panóptico: Jeremy Bentham (Org.). Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autentica, p. 127-172, 2008.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19 (1): 312, p. 10-20, janeiro-abril, 2011.

PINTO, Valdina. **Meu caminhar, meu viver**. Sepromi: Salvador, 2ª edição, 2015.

POCAHY, Fernando. Por um direito ao devir. Derivas de uma educação libertina. In: GIVIGI, Ana Cristina N.; DORNELLES, Priscila G. (Org.). **O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade**. Cruz das Almas-Ba: UFRB, 2013.

POTTKER, Isis C; BIAZUS, Camila B. Parentalidade homoafetiva: Novas possibilidades de ser família. **Revista de Psicologia do IMED**, num. Espec. v.5, n.1, p.4-9, jan-jun.2013.

PRIMI, Lilian et al. Entrevista com Eleonora Menicucci. Feminismo de Classe. **Revista Caros Amigos**. Ano XIX. N. 234, Setembro de 2016.

QUEIROZ, Delcele M. Desigualdades raciais no ensino superior no Brasil: um estudo comparativo. (In) **O negro na Universidade**. Salvador: Novos Toques, p, 16-55, 2002.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, v.17, n..37, p. 4-28, 2002.

_____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: **CLACSO**, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf.

REA, Caterina A.; AMANCIO Izzie M. S. Descolonizar a sexualidade: teoria queer of colour e trânsitos para o Sul. **Cadernos Pagu** (53), p,1-38, 2018.

REA et al.; (Orgs.) **Traduzindo a África Queer**. 1ª Edição/ Salvador, Ba; Editora Devires, 2018.

REIS, Fábio Pinto Gonsalves. ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu. Mulher, futebol e arbitragem: um espaço de conquista, tensão e resistência. **EFDportes. com, Revista Digital**. Buenos Aires, año 16, nº 162, Noviembre de 2011. Acesso em: 21/4/2014.

REIS, Heloisa H. dos. MOREIRA Jr., Osmar. A invisibilidade e a trajetória das mulheres no futebol feminino. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Mulheres no Esporte. Secretaria de Políticas Para as Mulheres da Presidência da República, Brasília, ano IV, nº 6, p.25-35, dezembro de 2014.

RIAL, Carmen; GROSSI, Míriam. **Gênero, raza y violencia en las Olimpiadas de Río**. Caderno de las olimpiadas 2. Setembro de 2016. http://www.clacso.org.ar/cuadernosdelasolimpiadas/co2_Carmen_Rial_e_Miriam_Grossi.php

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte – MG: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Elano J, C. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, n. 25, janeiro a junho, p.1-15, 2015. ><http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>.

RIOS, J. A. Entrevista: a emergência da análise cognitiva. **Poiesis**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação — Mestrado. Santa Catarina, Unisul, Tubarão, v. 5, n.9, jan/junho, p. 173-195, 2012.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo, Editora 34, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mário. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro; Editora do autor, 1963.

_____. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro; Mauad, (2003). 5ª edição, 2010.

RODRIGUES, João A. C.; JESUS, Waldir T. de. Parentalidade Socioafetiva e Multiparentalidade. **Revista do curso de Direito do Centro Universitário Brazcubas**. v.3, n.2, p. 112-132, dezembro. 2019.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SACRAMENTO, Marcos. No sorteio da Copa a mulata Globeleza não tem vez. ><http://www.diariodocentrodomundo.com.br/no-sorteio-da-copa-a-mulata-globeleza-nao-tem-vez/>. (Postado em) 06/12/ 2013. Consultado em 04/12/2016.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª reimpressão. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SALVINI, Leila; MARCHI Jr., Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, Abr-Jun, 30(2),p. 303-11, 2016.

SANTANA, Charles D’ Almeida. **Fartura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações – Bahia: 1950-1980**. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Cristiane B. S. **Festas negras: nação, identidade e festividade sob o império escravista no sul baiano**. In. CARVALHO, Maria R. de et al. (ORGS.) Estudos étnicos e africanos: revisitando questões teóricas e metodológicas .Salvador EDUFBA, 2014.

SANTOS, Gislene Aparecida. **Mulher negra, homem branco**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SANTOS, Hélio. Desenvolvimento e inclusão social. **IV Biennial International Workshop “Advances in Energy Studies”**. Unicamp, Campinas, SP, Brazil. June 16-19, p, 175-180, 2004.

_____. Discriminação racial no Brasil. 2008. **PDF**. >http://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2008/10/discriminacao_racial_no_brasil.pdf.

SANTOS, Inaicira Falcão dos. **Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. 2ª. Ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

_____. Corpo e Ancestralidade: Tradição e Criação nas Artes Cênicas”. **Rebento**, São Paulo, n. 6, p. 99-113, maio 2017.

_____. Corpo e ancestralidade: resignificação de uma herança cultural. **Universidade Estadual de Campinas**, p. 1-4, s/d.

SANTOS, Ineildes C. dos. **As mulheres árbitras de futebol: um estudo sobre tecnologias de gênero e perspectivas da divisão sexual do trabalho**. Dissertação (mestrado em Crítica Cultural) — Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Alagoinhas, Universidade do Estado da Bahia, UNEB, 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, Luiz C. F. dos. **O poder de matar e a recusa em morrer: Filopoética afrodiaspórica como Arquipélago de libertação**. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

SANTOS, Milton. **O espaço do Cidadão**. São Paulo: NOBEL,1987.

_____. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro, 3. Ed. Record, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Espectáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SEGATO, Rita, Laura. Cotas: Por que reagimos? **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p, 76-87, dezembro/fevereiro, 2006.

_____. **Los cauces profundos de la raza latinoamericana: una relectura del mestizaje**, 2010.

_____. Gênero e Colonialidade: em busca de chave de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos-CES**, 18, p, 106-131. 2012.

SENA, Ivanilde T. de. **No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira Angola**. Dissertação (mestrado em Crítica Cultural) — Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Alagoínhas, Universidade do Estado da Bahia, UNEB, 2015.

SILVA, A. P. et, al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida. **Revista Mosaico: estudos em psicologia**. Minas Gerais: UFMG, v. 1, n. 1, p.25-35, 2007.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2004.

_____. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. **Retrospectiva de uma trajetória de ações afirmativas precursoras à Lei nº 10.639/03**. Salvador: Hetera, 2017.

SILVA, Carlos A. F. da.; VOTRÉ, Sebastião J. **Racismo no futebol**. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2006.

SILVA, Cidinha da. (Org.). **Africanidades e Relações raciais: Insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

_____. **Parem de nos matar!** São Paulo: Ijumaa, 2016.

SILVA, Maria Cecília de P. **Do corpo Objeto ao Sujeito histórico: perspectivas do corpo na história da educação brasileira**. Salvador: EDUFABA, 2009.

SILVA, Zuleid P.; ARAÚJO, Rosângela C. Lesbianizar é preciso, não somos todas mulheres: a teoria política de Monique Wittig revisitada. In: GIVIGI, Ana Cristina N.; DORNELLES, Priscila G. (Org.). **O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade**. Cruz das Almas-Ba: UFRB, 2013.

SILVEIRA, Viviane T. **Tecnologias e a mulher atleta: novas possibilidades de corpos e sexualidades no esporte contemporâneo**. Tese (Doutorado) __ Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, SC, 2013.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Siyavulma: uma visão africana de mundo**. Salvador: Ed. Autora, 2006.

SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção de tradições no campo do futebol, **Estudos históricos**, v.13, n.23, p. 119-146, 1999.

_____. Identidade nacional e racismo no futebol brasileiro. In: PRONI Marcelo; LUCENA, Ricardo. (Orgs.). **Esporte, história e sociedade**. Campinas, SP: Autores associados, 2002.

SOARES, Carmem L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 4 ed. Campinas, SP: Autores /associados, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A verdade Seduzida**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1988.

_____. **Samba o dono do corpo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Maud, 1998.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex**, ano XIX, nº 48, p 52-68, agosto, 1999.

SOUZA, Marcos A. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. **Cadernos Pagu** (6-7) p. 109-152, 1996.

SPORTV. GLOBO. COM. **Edilson relembra embaixadinhas o ruim é que eu fui cortado da seleção**. Disponível em: <[http://sportv.globo.com/site/programas/arena-sportv/noticia/2011/10/edilson-relembra-embaixadinhas-o-ruim-e-que-eu-fui-cortado-da-selecao.html/26/10/2011 18h21/](http://sportv.globo.com/site/programas/arena-sportv/noticia/2011/10/edilson-relembra-embaixadinhas-o-ruim-e-que-eu-fui-cortado-da-selecao.html/26/10/2011%2018h21/)>. Acesso em 14 de novembro de 2017.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003.

THOMPSON, Paul, **A voz do passado. História oral**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

TONINI, Marcel, Diego. **Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)**. Dissertação (Mestrado em história social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, São Paulo, 2010.

_____. **Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu**. Tese (doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Programa de Pós-graduação em História Social, São Paulo, 2016.

TUBINO, Manoel J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. Edição. São Paulo: Cortez, 2001.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria e pesquisa**, 42/43, jan./ jul/, 2003.

VILLEN, Patrícia. **Amílcar Cabral e a crítica ao colonialismo: entre harmonia e contradição**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VINHAS, Wagner. Revisitando questões irreduzíveis: o problema das organizações sociais em termos étnicos. In. CARVALHO, Maria R. de et al. (ORGS.) **Estudos étnicos e africanos: revisitando questões teóricas e metodológicas**. Salvador EDUFBA, 2014.

SITES CONSULTADOS

BLOG NEGRA SOUL BLOG. COLLINS, Patrícia H. **Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. (1993).** Tradução Carol Correia. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/mapping-the-margins-intersectionality-identity-politics-and-violence-against-women-of-color-kimberle-crenshaw1.pdf/>>. Acesso em: abril de 2016.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **A incontornável Liga dos Canelas Pretas.** Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/a-incontornavel-liga-dos-canelaspretas/>>. Acesso em: 23 de abril de 2020.

CLACSO. CADERNO DE LAS OLIMPIADAS. **Carmem Rial e Miriam Grossi.** Disponível em: <http://www.clacso.org.ar/cuadernosdelasolimpiadas/co2_Carmen_Rial_e_Miriam_Grossi.php/>. Acesso em: 2 de agosto de 2016.

SUPERESPORTES. **As Olimpíadas das mulheres em especial das mulheres negras.** Disponível em: <<http://www.df.superesportes.com.br/app/noticias/especiais/olimpiadas/jogos2016/jogos2016-noticias/2016/08/15/noticia-jogos2016,61261/rio-2016-as-olimpiadas-das-mulheres-e-em-especial-das-mulheres-negras.shtml/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2016.

EPOCANEGOCIOS. **Marta e Neymar desigualdade de salários e apoio no futebol brasileiro.** Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Dilemas/noticia/2015/06/marta-e-neymar-desigualdade-de-salarios-e-apoio-no-futebol-brasileiro.html/>>. Acesso em: junho de 2017.

WIKIPEDIA. **ESPORTE CLUBE VITÓRIA.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Clube_Vit%C3%B3ria/>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

WIKIPEDIA. **ESPORTE CLUBE BAHIA.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Clube_Bahia/>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

WIKIPEDIA. **ESPORTE CLUBE SÃO PAULO.** Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_FC/>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

FUTEBOL PAULISTA E CLUBES. Disponível em: <<https://futebolpaulista.com.br/>>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

CACHOEIRA. MOSTRA COMPETITIVA. **Procura-se Irenice.** Disponível em: <<http://www.cachoeiradoc.com.br/2016/mostra-competitiva/>>. Acesso em; 2016.

ESPORTES. TERRA. COM. BR. **Santos. Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na arena do Gremio.** Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/santos/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio,a35122e4c2f18410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html/>. Acesso em: 18 de julho de 2016.

ARENA RUBRO NEGRA. Com. Artigos. Fala rubro. Ba x Vi. **Racismo não é motivo para piada.** Disponível em: <https://arenarubronegra.com/artigos/fala-rubro-negro/ba-x-vi-racismo-nao-e-motivo-para-piada/>. Aceso em: 28 de julho de 2018.

UOL. COM. BR. ESPORTE. FUTEBOL. **Roger fala sobre racismo em coletiva. Existe porque so eu estou aqui.** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/10/12/roger-fala-sobre-racismo-em-coletiva-existe-porque-so-eu-estou-aqui.htm/>>. 18 de dezembro de 2019.

BRASIL EL PAIS. COM. **O primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470695638_790195.html. >Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

JORNAL NACIONAL. NOTÍCIA. **Clube afasta técnico de ginástica artística por denúncia de abuso sexual.** Disonível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/04/clube-afasta-tecnico-de-ginastica-artistica-por-denuncia-de-abuso-sexual.html>. >. Acesso em: 13 de maio de agosto de 2018.

DW.COM. **First transgendersoccer player.** Disponível em: <https://www.dw.com/en/argentinas-first-transgender-soccer-player/av-52266253>>. Acesso em: 21 de março de 2020.

JORNAL CORREIO. Giulliana Mancini. **Ypiranga deixa parte da sede com o estado e receberá ct reformado.** Disponívem em: ><https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ypiranga-deixa-parte-da-sede-com-o-estado-e-recebera-ct-reformado/>< consultado em: 24/02/21.

ESPN.COM.BR. **Dilma critica Vila Olímpica e explica o porquê de não ir à abertura do Rio 2016.** Consultado em:> http://www.espn.com.br/noticia/616833_dilma-critica-vila-olimpica-e-explica-o-porque-de-nao-ir-a-abertura-do-rio-2016. em: 27/07/2016.

GZH. COPA 2014. William Volcov (repórter). **Dilma é xingada por torcedores após abertura da Copa no Itaqueração.** Consultado em:> <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/copa-2014/noticia/2014/06/Dilma-e-xingada-por-torcedores-apos-abertura-da-Copa-no-Itaquerao-4524983.html>. em: 18/07/ 2018.

G1.GLOGO.COM. **Temer, foi vaiado durante a cerimônia de abertura da Olimpíada do Rio.** Consultado em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/temer-e-vaiado-durante-abertura-da-olimpiada-no-rio.html>. Acesso em: 13/9/2018.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

Pesquisadora: Ineildes Calheiro dos Santos

“Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour /QOC na liderança do futebol brasileiro!: A interseccionalidade no esporte”.

Sequência e organização das perguntas

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome
2. Idade
3. Raça/cor
4. Escolaridade
5. Estado civil/ opção (orientação) sexual
6. Classe social;
7. Função no esporte
8. Ocupação/profissão.

RELATO DA TRAJEÓRIA DE VIDA

Relatar a trajetória de vida na infância/adolescência, Juventude e maturidade, situando as experiências de gênero, sexismo, poder, saúde, violência e racismo, na escola, na família, no esporte, no trabalho.

Os blocos temáticos:

- 1) Relação sociais e de gênero/poder;
- 2) Relações raciais na trajetória de vida e no esporte
- 3) Relação com o esporte, a Educação física, a história do futebol das mulheres na Bahia: a questão do racismo, sexismo e homofobismo.
- 4) Relação com o trabalho neste campo esportivo; participação e enfrentamentos
- 5) Relação com o corpo, saúde e sexualidade das mulheres do futebol

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é **Ineildes Calheiro dos Santos**, Licenciada em Educação Física, Mestra em Crítica Cultural e Doutoranda do Programa Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC, locado na Universidade Federal da Bahia – UFBA (Brasil). Sou pesquisadora responsável pela pesquisa intitulada: “*Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour /QOC na liderança do futebol brasileiro!: A interseccionalidade no esporte*”. Esse trabalho está sob a orientação do Profº. Dr. Ivaldo Marciano França, e na Linha de Pesquisa Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (in) formação.

Com o objetivo de investigar racismo e sexismo no esporte, analisando a relação de gênero e raça nas funções de liderança futebolística, bem como averiguar as influências dos discursos, práticas socioculturais e políticas que influenciam nas desigualdades entre os sexos e entre as raças nessa esfera, conto com a colaboração de praticantes ou ex-praticantes de atividades esportivas, em diversas funções, a fim de escutar suas experiências e analisar suas histórias de vida.

A sua participação será voluntária, sem custo e não receberá pagamento pela sua contribuição. Consiste em narrar sua experiência de vida na relação com o esporte respondendo questões sobre 6 eixos: sexismo, racismo, trabalho, educação, sexualidade e saúde no cuidado com o corpo, enfocando os períodos infante-juvenil e maturidade. E, será gravada com ajuda do gravador para transcrição fidedigna da fala.

Considerando os riscos para as/os participantes, com o propósito de evitar e/ou minimizá-los, como ação, após transcrição será devolvida para você, a fim de que confira e ateste o que poderá ser publicado, e se está de acordo com a forma que constará no estudo, além do posicionamento de minha parte, por meio institucional e legal sobre quaisquer equívoco.

Certa de que, também minimizam os riscos a atitude de confidencialidade, por meio do anonimato, protegendo legalmente a identidade pessoal das sujeitas participantes da pesquisa, conforme a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, quando houver falas/denunciadoras será mantido o sigilo, pois, **como parte do objetivo e método optei em utilizar a biografia a fim de biografar as interlocutoras invisibilizadas no esporte, se consentida e assinado**, e será utilizado como parte do produto final da pesquisa e retorno.

Este projeto foi analisado e aprovado pelo CEP - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres humanos da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (cepee.ufba@ufba.br), o mesmo acompanhando as atividades. Está localizado na UFBA, em Salvador, Rua Augusto Viana S/n, 3º andar, Canela. (71) 3283-7615.

Caso não deseje participar, sinta-se à vontade para não assinar este documento. Além disso, o seu consentimento de participar deste projeto poderá ser retirado em qualquer momento, não havendo prejuízo para você, caso deseje fazê-lo. Ciente de que os **Benefícios** associados à sua participação neste estudo é de grande valor, e pertinentes à realização da pesquisa de campo deste estudo, além da relevância social dessa pesquisa.

Por fim, caso tenha alguma dúvida e desejar maiores informações você poderá entrar em **contato** comigo (ildafrica@yahoo.com.br), estarei à disposição, ou, **se preferir, poderá procurar o Programa:** Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, na Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação – FACED, Avenida Reitor Miguel Calmon, S/n, Canela, Salvador, Ba. Ou nos Contatos: (71) 3283-7287, e-mail: dmmdc@ufba.br.

Se você concorda em participar, assine este documento em duas vias, uma lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora.

Eu, _____,

Ciente do objetivo da pesquisa “Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour /QOC na liderança do futebol brasileiro! A interseccionalidade no esporte”, concordo em participar da mesma. As informações dos relatos cedidos, como trechos falas, poderão ser usadas em relatos da investigação, em artigos e livros, bem como em participação de eventos acadêmicos- científicos.

Assinatura da participante

Documento de Identidade _____

Ineildes Calheiro dos Santos / Pesquisadora Responsável

Local _____ data: _____ de _____ de _____.

APÊNDICE C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,

(nome)

(nacionalidade)

portador da Cédula de Identidade RG nº _____,
cidade/Estado _____.

AUTORIZO o uso de imagens a pesquisadora Ineildes Calheiro dos Santos, imagens estas desempenhando atividades de cunho esportivo, cujas fotografias são para o desígnio da pesquisa e poderá ser utilizada para divulgação da mesma, exposições e acervos documentais, a serem para divulgação pública, em território nacional e no exterior. A presente autorização é concedida a título gratuito, sem haver reclamações futuras a título de direitos conexos à minha imagem, e assino a presente autorização.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do fornecedor

ANEXO
PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA – CEEP

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA - UFBA



Continuação do Parecer: 4.319.969

NEM MULHERES, NEM NEGRXS, NEM QUEER OF COLOUR (QOC) NA LIDERANÇA DO FUTEBOL BRASILEIRO! A INTERSECCIONALIDADE NO ESPORTE".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Anexado documento com solicitação.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugere-se parecer de aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|----------------|---|------------------------|------------------------------|----------|
| Outros | declaracao_alteracao_no_titulo_da_pesquisa.docx | 12/08/2020 09:24:24 | Ineildes Calheiro dos Santos | Postado |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 05 de Outubro de 2020

Assinado por:
Márcia Maria Carneiro Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br